



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre
em **Psicologia da Família**

Joana Araújo Avelino de Sousa Ferreira



JULHO 2015



Universidade Católica Portuguesa
Centro Regional de Braga

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Local do Estágio: APAC - Associação de
Pais e Amigos de Crianças

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família**

Joana Araújo Avelino de Sousa Ferreira

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**



JULHO 2015

Agradecimentos

O caminho percorrido durante o estágio em psicologia apresenta-se como uma de muitas jornadas na nossa vida que, enquanto tal, nos faz encontrar, aprender, falhar, persistir, ter sucesso, cair e levantar. Este agradecimento é dirigido a todos aqueles que foram imprescindíveis nesta viagem e a quem devo um eterno agradecimento.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a constante motivação e disponibilidade da orientadora local Dra. Marta Simões e da supervisora Dra. Fabrizia Raguso, que confiaram no meu trabalho e me permitiram tomar decisões de forma autónoma, mostrando-se sempre abertas à minha forma peculiar de trabalho. Acima de tudo, agradeço a capacidade de escuta, a exigência e a transparência na formação, fundamental ao meu crescimento enquanto profissional e pessoa.

De seguida, um importante agradecimento à APAC e a toda a equipa técnica que me apoiaram desde o meu primeiro dia, mostrando-se sempre disponíveis para receber as minhas dúvidas, os meus receios e as minhas aprendizagens. Foi graças à humildade e sabedoria da equipa que pude realmente sentir-me parte da família APAC.

Por último, agradeço a todos os que de alguma forma me apoiaram, ajudaram e motivaram durante este processo.

Resumo

O presente relatório insere-se no 2º ano do Mestrado em Psicologia da Família lecionado pela Universidade Católica de Braga – Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, visando apresentar as atividades levadas a cabo no âmbito do estágio curricular. O estágio foi desenvolvido na Associação de Pais e Amigos de Crianças (APAC), na valência do Apoio Ambulatório, cuja missão contempla medidas de apoio, capacitação e (re)habilitação de crianças/jovens em situação de risco, com problemas de desenvolvimento ou deficiência de qualquer ordem, bem como as suas famílias. Decorreu entre outubro de 2014 e junho de 2015, e tinha como principais objetivos: o desenvolvimento de competências profissionais na aplicação das diferentes abordagens teóricas apreendidas ao longo da licenciatura e do mestrado aos diversos contextos da prática psicológica, assim como de competências pessoais para o exercício da profissão.

O presente relatório tem como estrutura integrante, a caracterização do contexto institucional do local de estágio e das respostas sociais do mesmo, a descrição e fundamentação teórica das atividades de observação e intervenção, a discussão de seis casos clínicos e por fim, uma conclusão/reflexão sobre as experiências e atividades desenvolvidas.

Palavras-chave: psicologia; família; relação de ajuda; modelo relacional; divórcio

Abstract

This report is part of the second year of the Masters in Family Psychology by the Catholic University of Braga – Faculty of Psychology and Social Sciences. It aims to present de activities carried out under the Curricular internship. This internship was developed in Associação de Pais e Amigos de Crianças, specifically in the valence Apoio Ambulatório, whose mission includes support measures, training and (re) habilitation of children/young people at risk, with development problems or disability of any kind, as well as their families. It took place between October 2014 and June 2015, and it main purpose was the development of professional skills through the application of theoretical models, learned during the bachelor's and master's degree, inherent to the subject area, along with the relevant traits for the exercise of the profession.

This report has as its integral structure, the characterization of the institutional location and its social responses, description and theoretical background of intervention and observation activities, the discussion of six clinical case and finally, a conclusion/reflection on the full range of experiences and activities developed.

Keywords: psychology; family; helping relationship; relational perspective; divorce

Índice

Resumo.....	II
Índice de anexos.....	VI
Índice de Tabelas.....	VII
Índice de Quadros.....	VIII
Glossário de abreviaturas e siglas.....	IX

Introdução.....1

1. Caracterização do contexto institucional de estágio.....3

1.1 Respostas Sociais.....	3
1.2 Serviço de Intervenção Multidisciplinar (SIM).....	4
1.3 Centro de Acolhimento Temporário (CAT).....	4
1.4 Centro de Atividades Ocupacionais (CAO).....	4
1.5 Rendimento Social de Inserção (RSI).....	5
1.6 Intervenção Precoce na Infância (IPI).....	5
1.7 Apoio Ambulatório (AA).....	6

2. Papel do psicólogo.....6

3. Avaliação das Necessidades.....8

3.1 Metodologia utilizada na avaliação das necessidades.....	8
3.2 Identificação das necessidades.....	8
3.3 Identificação dos alvos de intervenção.....	10

4. Propostas de Intervenção.....10

4.1 Ação de Formação “Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: <i>um olhar relacional</i> ”.....	10
4.1.1 Fundamentação teórica da atividade.....	11
4.1.2 Planificação das sessões.....	13
4.1.3 Avaliação e Reflexão Pessoal.....	14
4.2 Intervenção em grupo “ <i>Leões Fortes</i> ”.....	18
4.2.1 Fundamentação teórica da atividade.....	20

4.2.2 Descrição sumária da intervenção.....	22
4.2.3 Avaliação e Reflexão Pessoal.....	25
5. Observação com coterapia e Acompanhamento individual.....	30
5.1 Observação com coterapia.....	30
5.1.1 Acompanhamento da família C.....	30
5.1.2 Acompanhamento da família T.....	33
5.1.3 Acompanhamento com a J.....	36
5.1.4 Acompanhamento com a D.....	37
5.1.5 Acompanhamento com o G.....	39
5.1.6 Reflexão Pessoal.....	40
5.2 Acompanhamento individual (Família M.).....	44
6. Outras atividades institucionais.....	53
Conclusão/Reflexão.....	54
Bibliografia.....	60
Anexos.....	64

Índice de anexos

Anexos.....	64
Anexo A: Organigrama e Respostas Sociais.....	65
Anexo A1: SIM.....	65
Anexo A2: CAT.....	66
Anexo A3:CAO.....	66
Anexo A4: RSI.....	67
Anexo A5: IPI.....	67
Anexo A6: AA.....	68
Anexo B: Entrevista semiestruturada destinada ao levantamento de necessidades da instituição.....	69
Anexo B1: Consentimento informado para a realização das entrevistas.....	73
Anexo C: Estrutura da Ação de Formação “Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: <i>um olhar relacional</i> ”.....	74
Anexo C1: Questionário Pré-teste utilizado na ação de formação.....	82
Anexo C2: Temas e materiais da 1ª sessão da formação.....	83
Anexo C4: Temas e materiais da 2ª sessão da formação.....	101
Anexo C5: Questionário Pós-teste utilizado na ação de formação.....	133
Anexo D: Carta de Explicação e Consentimento da Intervenção em Grupo.....	136
Anexo D1: Estrutura do Programa de Intervenção “Leões Fortes”.....	138
Anexo E: Relatórios de observação com coterapia realizados em contexto de atendimento.....	177
Anexo F: Relatórios de intervenção em contexto de intervenção de atendimento individual.....	259

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Funções do Psicólogo.....	7
Tabela 2 – Identificação das necessidades.....	9
Tabela 3 – Objetivos gerais e específicos da intervenção em grupo.....	19
Tabela 4 – Hipóteses de Trabalho (acompanhamento com a D.).....	39
Tabela 5 – Tabela 1 - Linhas orientadoras da intervenção (acompanhamento individual).....	48

Índice de Quadros

Quadro 1 - Avaliação quantitativa global da ação de formação.....	17
Quadro 2 - Avaliação quantitativa individual da ação de formação.....	17

Glossário de abreviaturas e siglas

APAC – Associação de Pais e Amigos de Crianças

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

SIM – Serviço de Intervenção Multidisciplinar

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CAO – Centro de Atividades Ocupacionais

RSI – Rendimento Social de Inserção

IPI – Intervenção Precoce na Infância

AA – Apoio Ambulatório

Introdução

O estágio curricular foi realizado na Associação de Pais e Amigos de Crianças (APAC) na valência do Apoio Ambulatório (AA), entre outubro de 2014 e junho de 2015, e tinha como principais objetivos a aplicação da abordagem teórica relacional sistémica e simbólica aos diversos contextos de prática psicológica proporcionada pelo local, bem como promover o contacto e a aprendizagem de boas práticas de forma a desenvolver competências profissionais adequadas e autónomas. O presente relatório de estágio contempla o desfecho de um percurso de aprendizagem e crescimento (pessoal e profissional) inerente à integração numa experiência específica de observação e intervenção na área da Psicologia. Este enquadra-se dentro do percurso formativo em Psicologia da Família, com a conseqüente particularidade da especialidade, mas com abertura para a integração de outros modelos teóricos e a complexidade da realidade institucional.

A APAC, sediada em Barcelos, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos. As instituições particulares de solidariedade social (IPSS) são constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico (Instituto da Segurança Social, I. P., 2014). Estas podem desenvolver várias respostas sociais: apoio a crianças e jovens; apoio à família; apoio à integração social e comunitária; proteção dos cidadãos na velhice e invalidez e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho; promoção e proteção da saúde, nomeadamente através da prestação de cuidados de medicina preventiva, curativa e de reabilitação; educação e formação profissional dos cidadãos; resolução dos problemas habitacionais das populações (Instituto da Segurança Social, I. P., 2014).

Contemplando como missão apoiar, capacitar e (re) habilitar crianças, jovens e famílias com vulnerabilidades diversas, disponibilizando serviços especializados às reais necessidades, numa perspetiva de intervenção transversal, a APAC integra várias respostas sociais entre as quais o Apoio Ambulatório, que perspetiva assegurar que todas as crianças/jovens em situação de risco, com problemas de desenvolvimento ou deficiência de qualquer ordem, bem como as suas famílias, recebam os cuidados de que necessitam.

Ao longo dos meses de estágio procedeu-se a um processo de conhecimento e compreensão da instituição através de metodologias que permitiram aceder à sua profundidade. À luz do modelo relacional enveredou-se num percurso de reflexão, de crescimento pessoal e de desenvolvimento de competências, que, e apesar dos obstáculos que

o acompanham, culminou na construção positiva da experiência perspectivada, tendo sempre no pano de fundo a compreensão das crianças e adolescentes enquanto *seres* inseridos num contexto relacional que, gradualmente, *traçam* o seu *lugar* no mundo. Esta forma de *olhar o outro*, tem subjacente um trabalho de reflexão e intervenção que vai para além dos *sintomas* apresentados, carentes de significado, envolvendo a história relacional de cada realidade.

Desta forma, o presente relatório versa sobre o trabalho desenvolvido, toda a planificação e implementação das atividades realizadas no local, as conclusões e reflexões sobre toda a panóplia de experiências vivenciadas.

Numa primeira parte realizar-se-á uma breve descrição da instituição onde decorreu o estágio, sendo dado relevo ao papel do psicólogo e respetivas áreas de intervenção. Posteriormente proceder-se-á à exposição das metodologias utilizadas para o levantamento e avaliação das necessidades, seguindo-se a exposição e fundamentação das mesmas, bem como os critérios utilizados para a identificação dos alvos de intervenção.

A segunda parte debruça-se sobre a descrição teórico-prática das propostas de atividades desenvolvidas, nomeadamente, uma intervenção em grupo destinada a filhos de pais divorciados/separados, uma ação de formação dirigida a técnicos de diferentes serviços visando a sua introdução no presente modelo teórico e, ainda, a descrição/reflexão sobre seis casos clínicos. Para finalizar apresentam-se as conclusões a que foi possível chegar no final deste estágio e do trabalho levado a cabo, assim como uma síntese reflexiva acerca da experiência alcançada.

1. Caracterização do contexto institucional de estágio

A Associação de Pais e Amigos de Crianças (APAC), sediada em Barcelos, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública, constituída no dia 24 de Maio de 1995. Fundada há cerca de vinte anos e alicerçada em valores como a Inclusão, a Cidadania, a Ética, a Inovação, o Compromisso, a Excelência e a Transparência, a APAC tem como missão promover ações de reabilitação, orientação, integração e apoio a crianças/jovens com paralisia cerebral, deficiências neuromotoras, com problemas de desenvolvimento e/ou em situação de risco, integrando atividades de orientação e apoio psicossocial, médico-funcional e terapêutico (APAC - Associação de Pais e Amigos de Crianças, 2008).

Nasceu da iniciativa e união de pais e amigos de crianças portadoras de Paralisia Cerebral, preocupados com as desvantagens e necessidades diferenciadas dos filhos, ao nível da reabilitação, e que não estavam a ter resposta adequada à respetiva patologia. Assim, em 1994 iniciaram-se os contactos com os diversos Organismos, Instituições e Comunidade em geral, no sentido de viabilizar a criação de uma Unidade de Reabilitação, apoio e orientação às referidas crianças e jovens dos Concelhos de Barcelos e Esposende. Considerando a existência de um número elevado patologias diferenciadas que também necessitavam de apoio na área da reabilitação, o grupo dinamizador enveredou esforços para que, a Associação a criar, englobasse essas crianças e jovens com outras patologias. Sempre numa perspetiva de crescimento e através de um *olhar* centrado na pessoa, na família e na sociedade em geral, a APAC tem vindo a enriquecer o seu leque de ofertas, procurando proporcionar as melhores respostas a cada realidade específica.

1.1 Respostas Sociais

Atualmente a APAC dá apoio a um total de cerca de 500 utentes e integra seis respostas sociais (anexo A): Apoio Ambulatório; Intervenção Precoce na Infância; Centro de Acolhimento Temporário; Centro de Atividades Ocupacionais; Rendimento Social de Inserção; Serviço de Intervenção Multidisciplinar. A intervenção baseia-se num trabalho multidisciplinar de equipas qualificadas que promovem e garantem as melhores práticas nas áreas psicossocial, médico-funcional e terapêutica. Além dos serviços médicos de Pediatria, Neuropediatria e Fisioterapia, fazem parte da equipa: Psicólogos, Técnicos de Serviço Social, Educadora Social, Terapeutas Ocupacionais, Fisioterapeutas, Terapeutas da Fala, Técnicas de Psicomotricidade, Educadora de Infância, Professora, Funcionárias Administrativas, Auxiliares de Ação Educativa, Auxiliares de Ação Direta, Auxiliares de Serviços Gerais e

Motorista. A equipa visa obter um espírito de cooperação, no qual se congregam diversos *saberes* e experiências.

1.2 O Serviço de Intervenção Multidisciplinar (SIM)

O Serviço de Intervenção Multidisciplinar (SIM) é uma resposta social destinada ao apoio e intervenção de pessoas com doenças neurológicas congénitas ou adquiridas, problemas de linguagem, comunicação e fala, e problemas psicológicos e/ou familiares, através do desenvolvimento de atividades de avaliação, orientação e intervenção. Tem ainda como objetivo a promoção de formação e investigação a todos os intervenientes (famílias, técnicos e comunidade), usando a prevenção e a minimização das consequências da deficiência, bem como a inclusão social, sensibilizando a sociedade para a criação de condições indispensáveis para receber, em situação de igualdade, todos os concidadãos. A prestação dos serviços (anexo A1) destina-se a pessoas maiores de 18 anos sem restrição geográfica, a crianças dos 0 aos 6 anos de qualquer área de residência e a qualquer pessoa independentemente da faixa etária, desde que fora da área de residência dos concelhos de Barcelos e Esposende, que necessite e pretenda usufruir de intervenção deste serviço.

1.3 O Centro de Acolhimento Temporário (CAT)

O Centro de Acolhimento Temporário (CAT) (anexo A2), “Casa dos Sonhos”, enquanto resposta social para vivências de maus tratos, negligência, violência emocional e psicológica, e abandono tem capacidade para acolher dez crianças, dos 0 aos 18 anos, provenientes de qualquer parte do país. É uma estrutura de transição entre famílias disfuncionais ou ausentes e as famílias recuperadas ou de substituição, procurando alternativas que minimizem os problemas e as carências emocionais. As crianças permanecem no CAT em regime de internamento, sendo asseguradas as condições e meios para o seu crescimento físico, intelectual, cultural e profissional, visando a sua integração na comunidade e a ligação ao contexto familiar de origem. O mais recente desafio prende-se com a construção de uma obra de raiz do CAT, que proporcionará um ambiente de maior qualidade com a disponibilidade de espaços físicos ajustados às necessidades e com alargamento da resposta para 20 crianças.

1.4 Centro de Atividades Ocupacionais (CAO)

O Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) destina-se a desenvolver atividades ocupacionais, socialmente úteis, para jovens e adultos com deficiência grave e/ou profunda, a partir dos 16 anos, com vista a estimular e facilitar o desenvolvimento das suas

potencialidades motoras, cognitivas e sociais através da aquisição de regras de socialização e integração e, assim, permitir o desenvolvimento de valorização pessoal e o aproveitamento das suas capacidades (APAC - Associação de Pais e Amigos de Crianças, 2008).

As atividades e serviços (anexo A3) visam estimular o desenvolvimento possível das capacidades das pessoas com deficiência grave ou profunda; facilitar a integração social através de atividades culturais e recreativas; promover o encaminhamento para programas adequados de integração socioprofissional; e desenvolver atividades de acompanhamento e intervenção com a família.

1.5 Rendimento Social de Inserção (RSI)

O Rendimento Social de Inserção consiste num mecanismo de combate à pobreza que perspetiva assegurar aos utentes e respetivos familiares recursos que contribuam para a satisfação das suas necessidades mínimas e favorecer a inserção social, laboral e comunitária. As principais linhas orientadoras de atuação da equipa técnica (anexo A4), definem-se através dos seguintes objetivos de intervenção: compreender cada pessoa/família na sua individualidade, o seu sistema social, as condicionantes que afetam o seu comportamento, ajudando a identificar e interpretar as suas necessidades sociais; promover a integração social dos indivíduos e do sistema familiar que se encontrem em situação desfavorecida; minorar ou suprir a situação de carência económica do indivíduo/família; despoletar atitudes, nas famílias, que as façam investir numa melhoria da sua qualidade de vida.

1.6 Intervenção Precoce na Infância (IPI)

Esta resposta social consiste num conjunto organizado de entidades institucionais e de natureza familiar, com vista a garantir condições de desenvolvimento das crianças entre os 0 e os 6 anos de idade com funções ou estruturas do corpo que limitam o crescimento pessoal, social, e a sua participação nas atividades típicas da faixa etária, bem como das crianças com risco grave de atraso no desenvolvimento e respetivas famílias.

Integra a Equipa Local de Intervenção ELI 7 operacionalizada pela APAC em conjunto com o Agrupamento de Centros de Saúde Cávado III e o Agrupamento de Escolas Gonçalo Nunes. A equipa integra os técnicos da APAC (anexo A5), o Pediatra do Hospital St^a Maria Maior Dr. Humberto Fernandes; Enfermeiras do Centro de Saúde de Barcelos e Esposende e Educadoras do Ministério da Educação. As avaliações são realizadas na USF St^o António para as crianças de Barcelos e no Centro de Saúde de Esposende para as crianças de Esposende.

1.7 Apoio Ambulatório (AA)

O Apoio Ambulatório foi a primeira valência a ser implementada, e destina-se a crianças e jovens dos 6 aos 18 anos (residentes no concelho de Barcelos e Esposende) que, devido às suas características derivadas de Paralisia Cerebral, deficiências neuro-motoras e/ou problemas de desenvolvimento, ou com outro tipo de necessidades, necessitam de acompanhamento e intervenção terapêutica, psicossocial e médica especializada. Tem como missão assegurar que todas as crianças/jovens em situação de risco, com problemas de desenvolvimento ou deficiência de qualquer ordem, bem como as suas famílias, recebam os cuidados específicos de que necessitam. Perspetiva e oferece intervenções diversificadas e abrangentes no âmbito da (re)habilitação no sentido de ir ao encontro dos interesses e necessidades dos utentes familiares e, assim, promover maior participação individual e acesso aos recursos existentes na comunidade pelas pessoas portadoras de deficiência. Para além do apoio direto ao utente e à família, a equipa (anexo A6) promove a inclusão da criança/jovem no meio educativo regular, estabelecendo um plano de ação conjunto com os professores. Focando o contexto das crianças/jovens, pretende-se ajudar a família a ultrapassar os aspetos negativos da deficiência e a criar um olhar positivo sobre os recursos.

2. Papel do Psicólogo

Cada psicólogo procura adequar as suas funções às necessidades mais emergentes com a finalidade de dar resposta às necessidades específicas daqueles que procuram ajuda. O profissional de Psicologia tem as seguintes tarefas a desempenhar (tabela 1).

Funções do Psicólogo
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar, avaliar e diagnosticar os utentes cujo plano de intervenção passe pela consulta psicológica; ✓ Participar nas avaliações diagnósticas multidisciplinares e setoriais, tendo em vista a elaboração de Programas de Intervenção (nas diferentes valências); ✓ Participar nas avaliações diagnósticas, na definição e avaliação dos Planos Socioeducativos Individuais e nos Planos Cooperados de Intervenção (CAT); ✓ Colaborar na elaboração do projeto educativo (CAT); ✓ Intervir na instituição e/ou nos contextos de vida da criança/jovem; ✓ Desenvolver programas e ações de intervenção individual e/ou em grupo; ✓ Prevenir, avaliar e tratar disfunções psicológicas nos utentes com problemas físicos, emocionais, comportamentais e sociais; ✓ Tratar reações psicológicas às doenças físicas e motoras, com incidência particular na experiência vivida na deficiência e suas limitações; ✓ Prevenir e/ou tratar condutas desajustadas consequência ou parte integrante das deficiências ou outros tipos de transtornos psicológicos; ✓ Acompanhar e apoiar em situações de desajuste familiar; ✓ Apoiar em regime de consultoria a intervenção da restante Equipa; ✓ Representar a Instituição ✓ Articular com os serviços da comunidade no âmbito do acompanhamento do utente; ✓ Supervisionar e promover a realização de ações que direcionem os indivíduos no cumprimento dos seus contratos de inserção (RSI); ✓ Realizar atendimentos e visitas domiciliárias aos agregados familiares no sentido de diagnosticar a sua realidade e elaborar ações de intervenção necessárias à alteração das problemáticas detetadas (RSI); ✓ Orientar e/ou acompanhar estágios académicos e profissionais; ✓ Participar em ações de formação numa perspetiva de melhorar as competências profissionais; ✓ Participar ativamente nas reuniões de equipa e nas atividades de âmbito geral da Instituição.

Tabela 1 - Funções do Psicólogo

3. Avaliação das Necessidades

Foram realizadas atividades de observação e avaliação que permitiram identificar possíveis alvos de intervenção. Quando pretendemos compreender uma pessoa, uma família, uma empresa ou instituição, vemo-nos perante a exigência de conhecê-la em todas as suas dimensões. Por esta razão, recorreu-se a uma metodologia flexível (qualitativa), que de seguida apresentamos.

3.1 Metodologia utilizada na avaliação das necessidades

Para a avaliação das necessidades recorreu-se a três metodologias: a observação participante, a entrevista semiestruturada e a consulta de documentos institucionais.

A entrevista semiestruturada é um dos instrumentos privilegiados para conhecer fenómenos, para introduzir-nos nas suas experiências, sentimentos e opiniões, para conhecer o mundo onde vivem. Foram aplicadas nove entrevistas (anexo B), a técnicos e familiares, com a finalidade de conhecer/compreender o contexto envolvente, partindo da perspetiva de cada entrevistado, as principais problemáticas, as suas dinâmicas de funcionamento, o tipo de acompanhamento realizado e as dificuldades sentidas. Paralelamente, foi construído um consentimento informado (anexo B1).

Outro método utilizado foi a observação participante. A observação permitiu a construção de uma imagem completa do cenário e suas dinâmicas, ao mesmo tempo que ofereceu informação descritiva acerca da organização e estrutura institucional. A entrevista permite recolher informações relativas aos factos, ideias, comportamentos, preferências, sentimentos, expectativas e atitudes, contudo, apoia-se nos testemunhos dos indivíduos facilitando o acesso senão ao material que os indivíduos consentem disponibilizar (Fortin, 1999). A observação participante ultrapassa a descrição das características de uma situação, permite a identificação do sentido, orientação e dinâmica de cada momento, facilitando a apreensão da realidade.

A análise documental dos processos foi utilizada para averiguar as principais problemáticas com que a instituição se deparava.

3.2 Identificação das necessidades

Atendendo às leituras das entrevistas, à observação do trabalho desenvolvido pela equipa e à análise dos processos, foram identificadas áreas mais sensíveis que se apresentaram como focos de possível intervenção. Estas foram agrupadas em três grupos (tabela 2): as necessidades logísticas; as necessidades dos profissionais; e as necessidades das famílias.

Necessidades Logísticas	Necessidades dos profissionais
<p>a) Aquisição de um meio de transporte disponível para as visitas domiciliárias, especificamente, no que se refere aos utentes com limitações físicas significativas;</p> <p>b) Aquisição de uma maior diversidade de recursos/materiais de intervenção/produtos de apoio, no sentido de ampliar o tipo de resposta às diferentes patologias;</p> <p>c) Desenvolver o Marketing, com a finalidade de dar a conhecer a instituição à comunidade e desmontar o mito de que a APAC é um centro para a deficiência.</p>	<p>a) Otimizar o tempo disponível para a análise/reflexão das problemáticas e medidas interventivas a aplicar junto das famílias;</p> <p>b) Aumentar os recursos humanos para dar resposta à extensa procura de ajuda;</p> <p>c) Conseguir parcerias com hospital ou clínica, para uma articulação direta entre a Psicologia e a Pedopsiquiatria;</p> <p>d) Desenvolver uma visão relacional que permita a compreensão do <i>sintoma da criança/jovem</i> como forma de comunicação do contexto relacional e social;</p> <p>e) Investir na formação contínua das psicólogas em áreas de crescimento e temas relacionados com a psicopatologia da criança e do adolescente;</p> <p>f) Ampliar o leque de recursos terapêuticos no serviço de Psicologia, facilitadores de intervenções familiares</p>
Necessidades das Famílias	
<p>a) Maior diversidade de atividades planeadas (e.g. intervenções em grupo; grupos de apoio; grupos de auto-ajuda);</p> <p>b) Proporcionar um espaço de partilha de experiências associadas às suas realidades;</p> <p>c) Dificuldade em conciliar a vida pessoal, profissional e familiar devido às limitações das crianças/jovens;</p> <p>d) Dificuldades económicas que colocam as famílias perante obstáculos em suportar as despesas (sobretudo nos casos de deficiência);</p> <p>e) Obter um maior esclarecimento acerca dos seus direitos (nos casos de deficiência).</p>	

Tabela 2- Identificação das Necessidades

3.3 Identificação dos alvos de intervenção

Algumas necessidades mereceram especial atenção pela possibilidade de atuação através da introdução de projetos de cariz sistémico e relacional.

Apesar do reconhecimento da importância de envolver a família no processo de intervenção é ainda vigente um *olhar* que perspetiva a pessoa como uma *ilha isolada*, destacada das suas ligações significativas. A maioria dos profissionais são formados para *ler* a realidade das pessoas em termos de psicopatologia, deixando de lado o enquadramento dos problemas numa perspetiva ecológica, evolutiva e relacional (Andolfi, 2013). Assim, considerou-se que poderíamos dar o nosso contributo ao nível da formação dos técnicos. O alvo da ação de formação foram vários membros da equipa técnica do Apoio Ambulatório (e outras valências), com a finalidade de dar a conhecer o Modelo Relacional Simbólico e apresentar dois instrumentos de intervenção familiar. Numa instituição cuja missão é assegurar que todas as famílias recebam os cuidados que necessitam, a reflexão sobre estes aspetos *deve* estar *dentro* dos profissionais, e se já *dentro*, repensados e reavaliados.

Definiu-se como público-alvo, de uma intervenção em grupo, crianças e/ou pré-adolescentes (dos 6 aos 12 anos de idade), filhos de pais separados/divorciados. A experiência de divórcio é uma realidade muito presente, surgindo *mascarada* pelos habituais *sintomas* desenvolvidos pelos *pequenos pacientes identificados*: problemas de comportamento, medos, dificuldades escolares, instabilidade emocional, entre outros. O excelente trabalho realizado acontece, contudo, num registo individual. Através da narrativa grupal cada participante pode encontrar *trechos* da sua história, identificar-se e perspetivar um cenário de diferentes trajetórias e experiências; desenvolver uma perceção diferente e realista da separação e das mudanças envolventes, compreender e assimilar a nova realidade (Simon, Marzotto & Montanari, 2010), identificando o seu papel na nova *geografia* familiar.

4. Propostas de Intervenção

4.1 Ação de Formação - “Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: *um olhar relacional*”

Esta atividade teve como principal finalidade desenvolver junto da equipa técnica uma visão relacional facilitadora da compreensão do *sintoma* da pessoa como forma de comunicação do contexto envolvente, bem como ampliar o leque de recursos terapêuticos no serviço de Psicologia através do conhecimento teórico-prático de instrumentos facilitadores da integração ativa do sistema familiar no processo terapêutico.

Os intervenientes foram 15 técnicos: quatro psicólogas; três terapeutas da fala; três fisioterapeutas; uma terapeuta ocupacional; um terapeuta de psicomotricidade; duas assistentes Sociais; e a coordenadora técnica do CAO.

A ação teve como **objetivos gerais**: dar a conhecer o Modelo Relacional Sistémico e Simbólico; refletir sobre os desafios e as exigências do Modelo no contexto de intervenção; e apresentar dois instrumentos de intervenção com famílias. Em relação aos **objetivos específicos** pretendeu-se: dar a conhecer os pressupostos subjacentes ao Modelo; refletir sobre o contexto relacional da criança/adolescente; compreender as particularidades e pertinência do diagnóstico relacional; compreender as especificidades subjacentes à relação de ajuda que parte desta chave de leitura, e ao papel do psicólogo; refletir sobre as vantagens da utilização de medidas de desempenho como o jogo e o desenho; e desenvolver habilidades de implementação de dois instrumentos do Modelo Relacional (*Family Life Space* e *Dupla Lua*), úteis na intervenção com famílias, para que todos tenham um papel ativo na relação de ajuda.

4.1.1 Fundamentação teórica da atividade

O Modelo Relacional Simbólico tem como base a exigência de compreender o desenvolvimento do ser humano ao longo do seu arco existencial, bem como a procura de uma visão dinâmica do *peessoa* inserida no contexto vital das suas relações significativas. O enfoque relacional simbólico situa-se entre a psicologia clínica e a psicologia social, colocando no centro da sua reflexão a relação (Jaramillo, Tamanza & Molgora, 2010). Parte-se do pressuposto de que nenhuma experiência humana acontece num vazio relacional que lhe confere significado e consistência, sendo significativa porque é uma experiência enraizada num mundo de significados e de relações (Raguso, 2008).

Scabini e Cigoli (2006) definem a família como a organização que organiza relações, que vincula as diferenças fundamentais da humanidade, que são o género (masculino e feminino), as gerações (pais e filhos) e as estirpes (materna e paterna); ou seja, vincula os laços conjugais, fraternos, parentais e comunitários, tendo como objetivo intrínseco a geratividade. O *corpo familiar* vive e transforma-se ao longo do tempo, desdobrando-se em três registos distintos: a interação (o *aqui e agora* da ação recíproca), a relação (constituída pelas vivências durante as diferentes gerações) e o simbólico (que conecta os dois planos anteriores, como um tecido de significados e de valores ao qual está ligado o património narrativo da família) (Cigoli, 1992).

Na perspetiva sistémica, uma dimensão essencial é focalizar a consciência que a matriz

fundamental da identidade individual é a família (Minuchin, 1982). A experiência humana de identidade engloba um sentido de pertença e um sentido de ser separado. Deste modo, a família não é apenas um intermediário entre o indivíduo e o mundo exterior, mas o *lugar* onde se dão as primeiras relações, influenciando a forma como cada elemento percebe o mundo e a si próprio (Minuchin, 1982). A forma como a família se relaciona e organiza, nas suas diferenças, pode encorajar o crescimento e individuação dos seus membros ou impedi-lo.

A este respeito, o Modelo Relacional diz-nos: um problema de uma criança é sempre um problema familiar, pois a sua identidade afetiva e social depende de como se tem vindo a forjar na família (Andolfi, 2013). Oferece-nos um modo diferente de apresentar o *problema*: ver o *sintoma* da criança/jovem como algo que adquire um sentido dentro do seu mundo relacional. O *sintoma* não está apenas *dentro dela*, mas adquire um sentido mais abrangente: uma expressão de um problema contextual (Minuchin, 1982). Assim, não é entendido como indicador de um defeito ou patologia apresentado por uma pessoa ou família, mas reflete o seu estado presente determinado pela história do grupo familiar, pelos processos que dentro dela atuam e pelos desafios aos quais se deve ajustar (Papero, 1989).

Esta chave de leitura subentende exigências ao nível da relação terapêutica, do diagnóstico e da formação do psicólogo. O objetivo prioritário da relação terapêutica consiste em conceder mais espaço para a escuta e compreensão do sofrimento de cada membro do sistema e de todos no seu conjunto, não concentrando a atenção apenas no *doente* e nos *seus* sintomas. Acontece frequentemente que o *pequeno paciente* venha indicado com o nome da *sua doença*, tornando-se uma etiqueta perigosa e castradora da sua subjetividade (Andolfi, 2013). Perspetivando a *pessoa* enquanto *ser* em relação e o *sintomático* como porta-voz da dificuldade familiar, as dificuldades assumem significados diferentes (Andolfi, 2013). Daí a importância de conhecer o espaço dinâmico psicológico da vida familiar.

A escolha do instrumento *Family Life Space* (Gozzoli & Tamanza, 1998) é uma mais valia na intervenção, na medida em que permite aceder à informação complexa inerente à família e ao contexto social mais alargado. É um instrumento projetivo de análise qualitativa e/ou quantitativa aplicável na intervenção familiar e individual, com crianças e/ou adultos.

O instrumento *Dupla Lua* (Greco, 2006) reflete-se na sua aplicabilidade em muitos casos do contexto (e.g. famílias reconstituídas, de acolhimento, separadas ou divorciadas, situações de luto ou emigração). É um instrumento de carácter gráfico-simbólico, focalizando-se na dimensão das representações individuais, nas interações familiares, nas dinâmicas relacionais e no plano simbólico, numa perspetiva temporal.

A estrutura da ação encontra-se em anexo (C).

4.1.2 Planificação das sessões

Inicialmente a ação estava pensada para ser desenvolvida em três sessões, contudo conseguiu-se duas datas favoráveis. O elevado número de participantes e a diversidade de áreas de intervenção exigiu a reformulação do projeto inicial para ir de encontro às características e necessidades do público-alvo. Para rentabilizar o tempo disponível e realizar as reformulações, a recolha das expectativas e o preenchimento do questionário de avaliação pré-teste (anexo C1) foram efetuados na semana precedente. As sessões foram organizadas da seguinte forma: os técnicos supramencionados estiveram presentes em ambas as sessões, à exceção da última parte da segunda sessão relativa à apresentação dos instrumentos de intervenção, destinada apenas às Psicólogas, pelo carácter específico ao nível da intervenção.

A primeira sessão (anexo C2), “*Os desafios e exigências do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico*”, decorreu no dia 25 de Abril no Ginásio. Deu-se início à sessão partindo da apresentação da estagiária, do âmbito em que a ação estava inserida e dos objetivos da formação. A reflexão versou sobre seis temas principais, os quais introduziram o grupo aos desafios e exigências do presente modelo no contexto de intervenção.

Partindo do primeiro tema, “*O indivíduo é ele próprio e as suas circunstâncias*”, levantou-se o diálogo sobre a pessoa (e o seu desenvolvimento) enquanto um *ser histórico*, inserido num enredo relacional e história de vida que o acompanha ao longo do percurso vital. Refletimos sobre os três registos pelos quais a família se desdobra (o relacional, interacional e simbólico) e a identidade individual como fruto da matriz familiar, remetendo para o conceito de diferenciação de Bowen (1998) e o conceito de fronteiras familiares de Minuchin (1982).

O segundo tema, “*O sintoma como significado da problemática familiar*”, ofereceu uma nova visão sobre o *sintoma*, como algo que adquire sentido dentro do mundo relacional, contrastando com a habitual leitura da realidade em termos de psicopatologia, que deixa de lado o enquadramento dos problemas numa perspetiva relacional.

Passando para o terceiro e quarto temas - “*Diagnóstico relacional: o contexto é o horizonte*” e “*A relação de ajuda: rumo ao terceiro planeta*” - refletiu-se acerca da dicotomia entre o diagnóstico clássico e o diagnóstico relacional, os diferentes horizontes contemplados na intervenção e, não menos importante, sobre o *lugar* do profissional na relação de ajuda. Este momento engloba a visualização de um filme (anexo C3): um anúncio Russo que representa, metaforicamente, a visão da pessoa enquanto um *ser* repleto de recursos internos e externos que independentemente dos obstáculos, bloqueios e *feridas* vivenciados, consegue transformar-se e realizar-se plenamente

Quanto aos últimos dois temas, “*Contributos da abordagem relacional sistémica e simbólica na intervenção*” e “*Perturbações na Infância e Configurações Familiares Distorcidas*”, estes proporcionaram um espaço de análise teórico-prática de realidades frequentes no contexto. Primeiramente, o diálogo incidiu sobre o contributo da abordagem relacional na intervenção na violência familiar, através da análise do cruzamento entre as dificuldades relacionais atuais e a história familiar, bem como do significado dos *sintomas*. No segundo ponto, a reflexão incidiu sobre casos em que, desde o nascimento ou uma etapa precoce do crescimento de uma criança, surge uma doença de natureza orgânica ou genética. Partindo do contacto diário dos participantes com esta realidade, refletimos sobre o que acontece com estas famílias ao nível relacional e estrutural, e como podemos intervir do ponto de vista da criança, do casal, pais e família.

A segunda sessão (anexo C4), “*Se também o terapeuta soubesse brincar...*”, decorreu no dia 2 de Maio na sala de reuniões. Primeiramente, pretendeu-se facilitar a reflexão sobre as vantagens subjacentes à utilização de métodos projetivos, como o jogo e o desenho, e de que forma podemos utilizá-los não como “testes” ou técnicas acabadas, mas como meio de entrar em diálogo com a realidade interna e externa da pessoa. O segundo momento, destinado às psicólogas, incidiu sobre o desenvolvimento de habilidades de implementação dos instrumentos *Family Life Space* e *Dupla Lua*, com lugar para analisar a aplicabilidade dos mesmos aos casos das psicólogas.

No final da sessão disponibilizou-se um dossiê (Psicologia da Família) com artigos e capítulos de livros associados aos temas abordados para possibilitar o aprofundamento individual. Foi também entregue uma ficha de avaliação de cariz quantitativo e qualitativo (anexo C5), para rentabilizar o tempo e possibilitar uma reflexão individual mais cuidada.

4.1.3 Avaliação e Reflexão Pessoal

A ação de formação decorreu consoante as expectativas, tendo sido muito significativo o número de participantes para gerar o diálogo e a interação na troca de opiniões e experiências. O elevado número de participantes e a diversidade de áreas de intervenção constituiu um primeiro desafio, exigindo uma reflexão cuidada e flexível acerca da estrutura inicialmente delineada. Contudo, considerando o público-alvo, composto por técnicos que trabalham diariamente com famílias, seria de todo o interesse dos mesmos participar ativamente na compreensão do modelo relacional sistémico e simbólico.

A complexidade subjacente à preparação da ação versou sobre a presença de técnicos de diferentes áreas com elevado grau de conhecimento e experiência profissional, exigindo

maior capacidade de refletir e responder a questões mais complexas, uma preparação rigorosa dos materiais e a adequação do tipo de linguagem capaz de permitir a transmissão de conteúdos de forma clara e coerente, sem descuidar o rigor e a formalidade exigidas.

Compreendeu-se que a complexidade contextual dos utentes é reconhecida como dimensão crucial no processo terapêutico, no alcance da relação terapêutica e da mudança. Contudo, carecem de formação especializada e facilitadora de uma reflexão e intervenção fundamentada sob um prisma relacional. A novidade que emergiu, de forma mais evidente, foi o reconhecimento do desenvolvimento da pessoa tendo sempre um quadro relacional no pano de fundo das suas relações e interações. *Olhar* a pessoa dentro do seu contexto relacional significa *acolher* e *utilizar* a família com as suas preocupações como recurso. Esta perspetiva possibilita, na intervenção, utilizar um acontecimento, uma patologia infantil ou um problema de comportamento, para torná-lo numa oportunidade de crescimento emocional. Perceber os utentes (um indivíduo, um casal ou uma família) como segmentos de um sistema familiar mais amplo muda a forma de refletir e responder às suas exigências (Bowen, 1998).

O recurso às histórias familiares através das quais refletimos sobre diferentes dinâmicas relacionais e a relação estreita entre a história familiar e as dificuldades atuais/e ou futuras foi bastante positivo. Implicaram um nível de reflexão mais complexo, denotando-se, a partir da avaliação efetuada (escrita e verbalizada), que compreenderam as dificuldades/*sintomas* como reflexo de uma história familiar e social. Além de ter permitido ultrapassar a complexidade de conceitos técnicos da Psicologia. Focou-se com relevância a exigência de enquadrar os problemas numa perspetiva relacional e da impossibilidade de ajudarmos os *pacientes identificados* sem envolvermos o contexto onde o problema cresce e vai-se afirmando. O grupo salientou que esta visão contextual da pessoa faz sentido em todas as áreas de intervenção, pois o sucesso da intervenção encontra-se sempre dependente da forma como a dificuldade é vivenciada pelo sistema enquanto um todo e individualmente. Pretendeu-se desconstruir a compreensão dos familiares e/ou outras figuras de referência enquanto espectadores passivos e impotentes, a quem são apenas fornecidas estratégias e orientações, mas como protagonistas de uma história e dificuldade comum.

O envolvimento dos técnicos enriqueceu a atividade na medida em que trouxeram a lume realidades que foram analisadas sob o prisma do presente modelo, ampliando as grelhas de leitura acerca do papel da família na vida da pessoa e na intervenção.

Os instrumentos apresentados têm como principal objetivo explorar com a família as suas dinâmicas, de forma a ajudar a refletir sobre a sua história. Um dos temas discutidos versou sobre as diferenças entre modelos e a forma como estes instrumentos não se

apresentam como meios de avaliação, mas de exploração e um mediador para a família refletir sobre as suas dificuldades que já transforma ao colocá-la a *repensar a sua história*.

Foi notável o interesse e o envolvimento das psicólogas, através da abertura e flexibilidade perante instrumentos que partem de um modelo teórico pouco familiar. Um dos aspetos positivos foi o facto da apresentação ter sido teórica e prática, devido à disponibilidade das psicólogas para ultrapassar o horário de saída. Considerando a menor familiaridade com o modelo e respetivos instrumentos, foi importante uma apresentação teórica exaustiva. Contudo, houve lugar para a análise de aplicações práticas (realizadas na licenciatura e no contexto de estágio), enriquecendo a compreensão dos mesmos. O facto da cotação dos instrumentos ter como base o modelo qualitativo foi um dos maiores desafios sentidos, a forma de cotar os resultados, que exigem um maior espaço de reflexão sobre o que foi realizado, o produto final e o processo da aplicação, ou seja, como se sentia a pessoa durante a aplicação, o que dizia, qual a sua linguagem não-verbal, e o confronto entre a dimensão gráfica e a dimensão comunicativa. Houve também lugar para discutirmos a aplicabilidade dos instrumentos junto de alguns utentes das psicólogas.

De forma global, os participantes descreveram a experiência como positiva e enriquecedora para a sua prática onde a família está sempre presente direta ou indiretamente. Para algumas psicólogas foi uma oportunidade para “reciclar” e aprofundar conceitos.

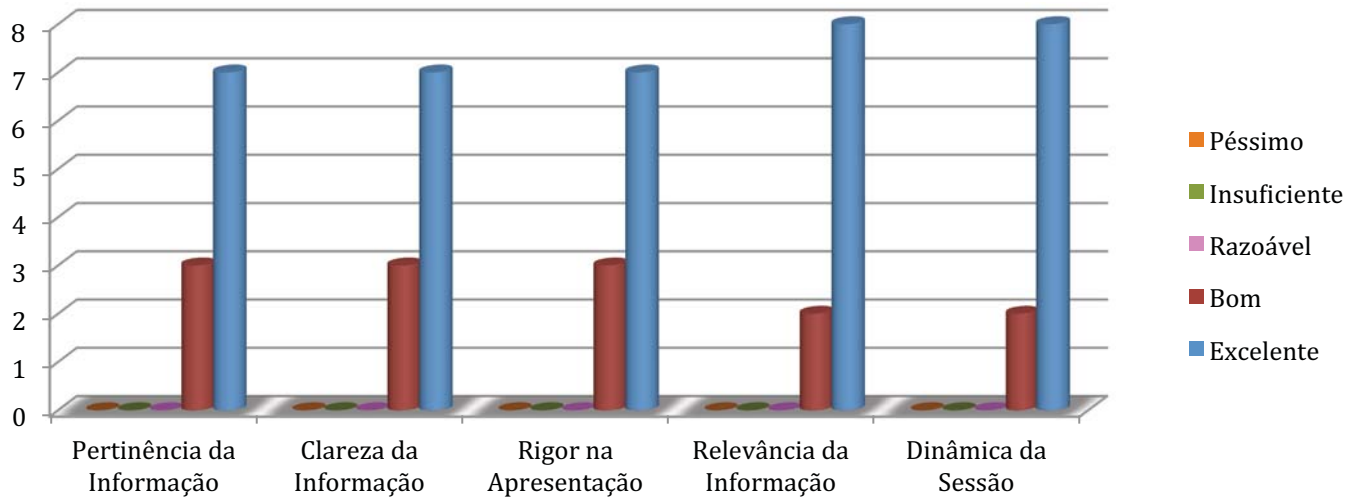
No que concerne à avaliação qualitativa global destacaram como aspetos mais interessantes da ação: a pertinência dos temas; o foco direcionado para a família; a exposição prática de casos e o espaço proporcionado para a respetiva análise; compreender a dinâmica familiar e sua influência no bem-estar da criança; ter conhecimento de novos instrumentos; a partilha de experiências e a riqueza da dinâmica da atividade. Quanto aos temas que os técnicos gostavam de aprofundar estes estão relacionados com o tema da Mediação familiar, do diagnóstico relacional, outro tipo de configurações familiares distorcidas e o jogo livre. Seria importante dar continuidade a esta formação realçando estes temas de interesse.

Relativamente à avaliação qualitativa individual avaliaram o desempenho como muito positivo, realçando as seguintes dimensões: a interação estabelecida com o público-alvo; o conhecimento demonstrado no âmbito da temática apresentada; a clareza e coerência do discurso; a autoconfiança e segurança demonstradas na transmissão da informação; boa capacidade de adaptação às necessidades do público-alvo; facilidade de expressão e captação da atenção; facilidade em adequar os pressupostos teóricos à realidade institucional.

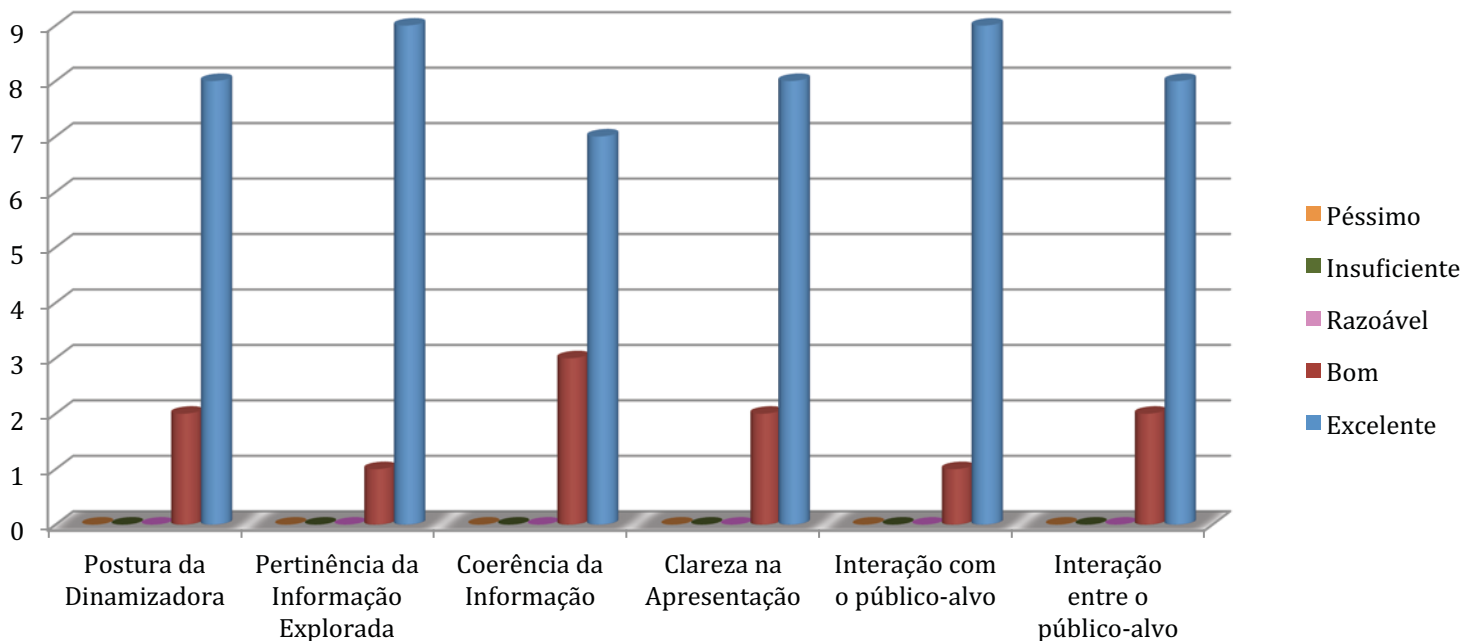
O único aspeto negativo destacado foi a gestão do tempo, a qual foi sentida como a principal dificuldade. Em ambas as sessões o tempo foi ultrapassado devido à grande

disponibilidade e capacidade interventiva do grupo.

Em relação à avaliação quantitativa (global e individual), os resultados obtidos foram os seguintes:



Quadro 1 - Avaliação Quantitativa Global



Quadro 2 - Avaliação Quantitativa Individual

Tal como se verifica nos quadros 1 e 2, os resultados mostraram-se positivos em todos os parâmetros, variando entre o Bom e Excelente, ainda que dos 15 técnicos presentes apenas 10 questionários tenham sido entregues e analisados. Considerando a presente avaliação, a ação parece ter ido de encontro com as necessidades e expectativas do grupo.

4.2 Intervenção em grupo “Leões Fortes”

O programa de intervenção “*Leões Fortes*” foi pensado para crianças e/ou pré-adolescentes que tivessem vivido uma experiência de separação ou divórcio e funcionou como um grupo de reflexão, de partilha de experiências e de crescimento pessoal. Os objetivos gerais e específicos são os que a seguir se apresentam na tabela 3.

A atividade foi realizada segundo a modalidade de intervenção em grupo e foi dirigida a um grupo de 4 crianças e pré-adolescentes, dos 6 perspetivados, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. Foi desenvolvida em 8 sessões de duas horas (incluindo um momento final de lanche) e decorreu numa sala preparada que proporcionou uma disposição circular e a proximidade desejada (Vinogradov & Yalow, 2012). Quanto à periodicidade, decorreu entre o mês de Março e Maio de 2015 num regime semanal, tendo sido entregue a carta de explicação e consentimento (anexo D) aos responsáveis durante o mês de Março.

A intervenção teve como base os pressupostos do modelo relacional simbólico. Parte-se do pressuposto que as dificuldades surgem e afirmam-se num certo contexto relacional, pelo que sem envolver os protagonistas da história não se pode ajudar os primeiros. Por essa razão, os pais foram convidados a participar no desfecho das sessões, foram solicitadas tarefas familiares e planeado um encontro individual com cada família no final da intervenção em grupo, perspetivando-se a integração ativa e que se sentissem parte integrante do percurso.

O programa de intervenção e a descrição das sessões aparecem no anexo D1.

Sessão/Tema	Objetivos gerais	Objetivos específicos
1. “ <i>Quem somos?</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a integração e um sentido de pertença ao grupo - Criar um espaço de confiança e harmonia de modo a favorecer a partilha 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover o conhecimento mútuo dos membros - Apresentação do grupo e objetivos dos encontros - Fomentar a coesão, respeito e sigilo do grupo
2. “ <i>A minha família...</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar a expressão de emoções/sentimentos e percepções sobre o conceito de família e o seu contexto familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar a reflexão sobre o tema da família - Facilitar a reflexão acerca da relação com as suas famílias
3. “ <i>A separação dos meus pais: Parte I</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar a expressão das emoções, sentimentos, preocupações, receios e desejos associados à nova realidade familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a partilha das emoções, sentimentos, preocupações, receios e desejos associados à separação dos pais
4. “ <i>A separação dos meus pais: Parte II</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender o casamento e o divórcio, como fases integrantes do ciclo vital das suas famílias 	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre os conceitos de casamento e divórcio - Refletir sobre os motivos subjacentes ao divórcio dos pais - Compreender as fronteiras entre a relação conjugal e parental
5. “ <i>O que mudou na vida da minha família: o antes e o depois</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar a aceitação da perda da união familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar/refletir sobre as principais mudanças decorrentes da nova realidade familiar, e sentimentos associados; - Facilitar a leitura realista sobre as experiências positivas e menos positivas decorrentes da transformação familiar
6. “ <i>As famílias não são todas iguais</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> -Facilitar a aceitação de novos elementos na constelação familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as diferentes tipologias de família - Refletir sobre a entrada de novos elementos na família
7. “ <i>A nossa história: passado, presente e futuro</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> -Facilitar a integração da situação familiar nas suas histórias de vida 	<ul style="list-style-type: none"> - Facilitar e consolidar a aceitação da vivência da separação - Fomentar competências de projeção no futuro
8. “ <i>Leões Fortes</i> ”	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão do percurso realizado em conjunto - Breve avaliação da intervenção em grupo 	<ul style="list-style-type: none"> - Partilhar experiências e sentimentos vivenciadas no grupo - Obter um <i>feedback</i> sobre a participação no programa

Tabela 3 – Objetivos gerais e específicos da intervenção em grupo

4.2.1 Fundamentação teórica da atividade

A *pedra de toque* para a vida familiar ainda é o legendário: *e assim eles casaram e viveram felizes para sempre* (Minuchin, 1999). Contudo, este final feliz dos contos infantis nem sempre corresponde à realidade. O divórcio e a separação conjugal são cada vez mais prevalentes na sociedade, transformando o cenário tradicional da família.

O divórcio é um processo dinâmico e complexo que obriga a mudanças individuais e familiares, sendo descrito como uma crise imprevisível de elevado *stress* psicossocial para toda a família (Cigoli, 2002; Simon et al., 2010). Uma vez que as transformações de um membro do grupo ou subsistema repercutem-se sobre o sistema de relações no seu todo (Minuchin, 1982), a separação constitui uma incisão no ciclo vital familiar, onde as tarefas *normais* são interrompidas e modificadas. A família *caminha* com uma nova forma, pois a separação não define o *fim* da família. As relações familiares mantêm-se com uma nova configuração estrutural, relacional, comunicacional e interacional: a história relacional nunca se encerra totalmente (Emery, Margola, Genmari, & Cigoli, 2010).

O *trauma* do divórcio, uma vez enfrentado, abre novos espaços afetivos e éticos, produz transformações na própria identidade e pode provocar reestruturações e transformações relacionais (Cigoli, 2002). Contudo, há sempre um luto a realizar - pelo progenitor desaparecido - uma aceitação que tem que ser elaborada - relativamente aos elementos que entram - bem como a construção nova que tem que ser edificada - a dos padrões transacionais e das regras do novo sistema (Alarcão, 2002). O mais significativo, do ponto de vista do desenvolvimento familiar, é a coexistência de diferentes etapas do ciclo vital que não podem ser fundidas nem ultrapassadas, mas vividas num registo de complementaridade e colaboração, sem negar o passado mas percebendo que o presente é diferente (Alarcão, 2002).

O divórcio tende a ser interpretado pelos filhos como uma rejeição ou abandono de si próprios. Alguns autores descrevem as dificuldades frequentemente desenvolvidas pelos filhos (Simon et al., 2010; Rich, Molloy, Hart, Ginsberg, & Mulvey, 2007). Relativamente às crianças em idade pré-escolar (até aos 6 anos) é frequente a vivência de tristeza, medo de rejeição e abandono, medo de ir para a cama, ansiedade de separação, dificuldade em estar sozinhas, maior necessidade de proximidade, agressão perante outras crianças e/ou irmãos. Geralmente, responsabilizam-se pela separação e regridem para etapas de desenvolvimento anteriores. As crianças em idade escolar (dos 6 aos 10 anos) tendem a manifestar tristeza, zanga e raiva frequentemente dirigidas ao progenitor com quem vivem (independentemente das razões que levaram à rutura, o progenitor que fica a viver com a criança é suscetível de ser responsabilizado pelo que aconteceu) e, ainda, idealização do outro progenitor. O que

acontece à criança é semelhante ao processo de privação de que segue à tomada de consciência de morte, separação ou perda máximas (Martin, 1999). Para as crianças mais novas em particular, há uma compreensão dolorosa de que nem todas as relações duram para sempre: se o casamento dos pais acaba, o que é seguro?; não poderá acontecer o mesmo à relação da criança com o pai ou a mãe?. Quanto aos pré-adolescentes (dos 11 aos 13/14), tendem a ter dificuldade em expressar o seu sofrimento, camuflagem da dor, investimento em atividades extrafamiliares, comportamentos de risco e delinquência. Finalmente, em relação aos adolescentes (dos 14 aos 18 anos) é frequente a depressão, distanciamento da família e maior orientação para as relações sociais (os amigos são concebidos como *refúgio* por promovem um sentido de estabilidade), preocupações acerca das suas reações pessoais, amorosas e sexualidade, comportamentos de risco e delinquência (Simon et al., 2010)

Os investidores que abordam o tema da separação, do divórcio e das famílias reconstituídas, tendo em vista a vivência dos filhos, consideram uma série de condições de risco que vão desde sentimentos de culpa aos medos de perder as ligações com os pais, da vergonha às fantasias de reunificação (Simon et al., 2010), do sentimento de impotência ao ciúme, ao conflito de lealdade, negligenciando o facto das modificações estruturais e do estilo de vida, frequentemente, serem a origem de crises de identidade (Emery et al., 2010; Ferraris, 2002). As crianças necessitam de estabilidade, bem como pontos de referência claros e identificáveis, sendo estes pontos físicos e psicológicos os alicerces sobre os quais constroem o seu sentimento de segurança e a sua identidade (Ferraris, 2002). Gradualmente, a criança interioriza os seus grupos de pertença, os quais têm as suas raízes numa estratificação social, na qual uns se situam em relação aos outros de acordo com poder, prestígio, ligações afetivas e uma história que fixa na memória de grupo uma série de eventos, experiências, modelos e representações (Ferraris, 2002). Um *nós* fundamental na infância é o *nós* familiar que fornece a segurança e estabilidade necessárias.

Uma vez que a família desempenha este papel de transmissão da identidade e de suporte na construção da identidade pessoal, é evidente que quando entra em crise, dissolve-se ou fragmenta-se, o processo de formação da identidade dos filhos também se ressinta (Ferraris, 2002). Quando o grupo muda, desaparecem e podem surgir novos pais, parentes, histórias, valores, papéis e lugares. Quando na nova família entram outras pessoas alteram-se e/ou perdem-se espaços, posições, podem surgir novos modelos de comportamento, novos hábitos e, ainda, interferência entre as velhas e novas alianças (Ferraris, 2002). Estas mudanças, além de exigirem a criação de novas alianças, têm impacto no *lugar* que a criança/jovem sempre ocupou na família e na visão que tem de si mesmo e do mundo envolvente.

É fundamental respeitar o luto pela perda do estilo de vida anterior: da presença quotidiana de um dos pais; da atenção integral do progenitor que detém a guarda, porque entraram *estranhos* na sua vida; de hábitos e rituais aos quais se afeiçoaram e que davam um sentido de estabilidade e ordem; perda de casa, da escola ou dos amigos em alguns casos. Passar do *nós* da primeira família para o *nós* da segunda é possível mas não acontece de imediato (Emery et al., 2010; Ferraris, 2002). O que acontece com os sentimentos de desilusão, confusão, abandono, culpa, raiva ou vergonha destes *filhos do divórcio*? Qual o espaço para *pensarem* e compreenderem a sua história e mudanças consequentes? Onde podem encontrar um *lugar* capaz de *conter* a sua dor, incertezas, preocupações e angústias?.

4.2.2 Descrição sumária da intervenção

A **primeira sessão** teve como objetivo dar início à intervenção, favorecendo os sentimentos de pertença e reconhecimento interpessoal, através de dinâmicas de apresentação grupal, apresentação do programa e das regras do grupo. O primeiro desafio foi a descoberta do *ponto comum* que os unia (dispersão da família), perspetivando-se o reconhecimento do grupo como um espaço de confiança e partilha. Foi proposta a apresentação do grupo através da *fotolinguagem*, emergindo aspetos relacionados com as suas realidades: a forma como se percebem a si próprios e as suas relações. Através de experiências comuns e de *diferença* levantou-se a partilha das realidades familiares, destacando-se as seguintes dimensões: sentimentos de confusão e solidão face à separação; ausência de liberdade e a sensação de se sentirem presos no conflito conjugal (conflitos de lealdade e pertença); fantasias de reunificação; o desejo de liberdade e felicidade na família.

Posteriormente, realizou-se a proposta de um desafio de forma a fomentar a identidade grupal: a escolha do nome e símbolo do grupo e a criação das regras. Como desafio para a sessão seguinte propôs-se que levassem um objeto simbólico das suas famílias.

Na **segunda sessão** levantou-se a discussão sobre o objeto escolhido, e partilhado o significado deste para eles e/ou para a família. À exceção de um jovem, todos trouxeram fotografias que reportam ao passado familiar: à união familiar. As escolhas apareceram como um *pedido de ajuda* inconsciente, a necessidade de um espaço *contentor* de conflitos internos e angústias associados às respetivas histórias. Utilizando a metáfora como linguagem comunicacional e convidando os utentes a saírem do presente conseguimos entrar em diálogo com o passado: um passado de ausências e violência. A violência, a distância emocional e as ausências apareceram como *feridas* comuns, carentes de significado e representativas de lutos

não resolvidos: fragmentos que tentámos unir para encontrar um fio condutor e um sentido global (Montàgano & Pazzagli, 1989).

Posteriormente, cada um deu a conhecer a sua família, através de uma história, trazendo a lume a sensação de viverem em dois mundos separados, decorrente da ambiguidade das fronteiras familiares. Os temas destacados foram: quem faz parte da família; qualidade das relações; momentos positivos e menos positivos vivenciados em família. Terminou-se a sessão propondo-se uma tarefa familiar: o diário familiar - “A nossa história”.

Na terceira sessão refletimos sobre as preocupações, receios, desejos e sentimentos associados à nova realidade familiar, através da projeção das suas experiências pessoais. A tristeza, o medo, a confusão, a insegurança e o sentido de abandono foram dimensões comuns a todos os jovens, associadas ao medo de perder a ligação com os progenitores e às mudanças vivenciadas a nível relacional, dos hábitos e rotinas. Para todos, o divórcio resultou numa reapreciação das relações familiares. Houve também lugar para aliviar a tensão e reconhecer sentimentos e experiências positivas na família, apesar da desagregação familiar.

A quarta sessão incidiu, primeiramente, na exploração dos significados atribuídos ao casamento e ao divórcio, culminado na reflexão sobre a dinâmica conjugal antes do divórcio através da recordação, da imaginação e da questão relacional (Andolfi, 2013) “*se os pais estivessem aqui o que nos diriam sobre a altura em que se casaram?*”. Posteriormente, partimos à descoberta das motivações subjacentes ao divórcio. Todos identificaram motivos associados às dificuldades conjugais, indicando a ausência de sentimentos de culpa. Por outro lado, revelaram a atribuição de culpa a um dos progenitores (associada ao envolvimento em relações extraconjugais e/ou violência) e sentimentos de culpa pelo conflito atual. No caso de duas participantes a culpa teve subjacente o papel assumido na família, o de “*pombos correios*” responsáveis pela comunicação intraparental. Procedeu-se a um trabalho de reconhecimento sobre a origem da culpa e dos papéis assumidos na constelação familiar.

Num segundo momento, pretendeu-se a compreensão das fronteiras entre a relação conjugal e a parental, fundamental ao reconhecimento do papel assumido na família e as atuais dinâmicas relacionais. Evidenciou-se o não reconhecimento entre o espaço que diferencia os dois subsistemas, pelo que, através de metáforas, introduziu-se o grupo aos diferentes papéis familiares e às dimensões subjacentes ao subsistema parental, enfatizando-se a diferença entre este e o subsistema conjugal.

A quinta sessão foi dedicada à reflexão sobre as mudanças decorrentes do divórcio através do jogo simbólico e, não menos importante, ao desenvolvimento de uma leitura mais realista sobre os aspetos positivos e menos positivos. Esta sessão despoletou desconforto e

alguma ansiedade por exigir a ligação entre passado e presente: o confronto com perdas e dinâmicas disfuncionais passadas e atuais. Os participantes representaram com vivacidade as mudanças com maior significado emocional. Alguns representaram o cenário em três momentos temporais: antes da separação; as dinâmicas desenvolvidas durante o processo de divórcio e as atuais. Consoante a fase vivenciada alteraram o cenário simbolizando as mudanças estruturais e relacionais. Facilitou-se o contacto com um passado que, apesar de distante e complexo nos seus imaginários, fez também emergir sentimentos e recordações positivas descentralizando-os das experiências menos positivas. De forma geral, tiveram facilidade em reconhecer experiências positivas após o divórcio e “*olhar*” para as experiências de violência e conflito como oportunidades de crescimento.

Na sexta sessão foi ativado um jogo de papéis e representação. A intencionalidade foi facilitar o reconhecimento das diferentes tipologias de família, através do jogo metafórico. Foi-lhes pedido que se colocassem em pares e representassem diferentes tipologias familiares, levantando-se o diálogo acerca destas apelando à experiência pessoal dos participantes. Posteriormente, através da leitura de uma história sobre o estabelecimento de novas relações amorosas pelos progenitores, refletimos sobre os seus receios e perceções associados.

Na sétima sessão pretendeu-se facilitar o reconhecimento dos *pontos de força* e experiências positivas na família, mas também pensar no futuro e na forma como as suas histórias se encontram no pano de fundo das suas projeções e expectativas. O tema do futuro abriu espaço para refletirmos sobre o que os jovens esperam das suas relações atuais e futuras. Sumariamente, deparamo-nos com uma diversidade de transgressões positivas e negativas associadas à unicidade de cada história: ausência de sonhos familiares por receio da repetição dos padrões comunicacionais abusivos; recusa perante algumas aproximações associada à falta de esperança relacional; o desejo de oferecer algo de bom e diferente às futuras gerações; desejo de estrutura e proximidade emocional, concebendo o passado como recurso.

Com a oitava e última sessão, na presença dos familiares (progenitoras e irmãs de um dos jovens) deu-se o término da intervenção. Esta sessão teve como finalidade fomentar a reflexão acerca do que cada um experienciou. Destacaram a relação entre o grupo como algo muito importante e que deixa saudades. O mais difícil foi refletir/*reviver* situações dolorosas do passado. Procedeu-se à visualização do filme sobre o percurso (anexo D2 - em formato digital), facilitando a evocação de memórias e que os familiares tivessem acesso a todo o processo. Destacou-se a forma como os participantes utilizaram o espaço do grupo para partilhar as suas experiências emocionais junto da família. Partilharam algumas atividades realizadas, dando a conhecer: a forma como percecionam as respetivas famílias e relações; as

emoções resultantes do divórcio e aquelas que continuam presentes devido à ambiguidade das fronteiras; bem como as experiências por detrás dessas emoções. Isto culminou na partilha entre as mães sobre a violência da qual foram vítimas e, assim, acerca das suas histórias familiares.

Terminámos com a elaboração de uma *cartolina de despedida* que incluiu: o nome do grupo, mensagens destinadas ao grupo e aos familiares.

Todas as sessões tiveram no final um momento de reflexão pessoal e em grupo acompanhado de um lanche preparado pela psicóloga estagiária.

Encontros com as famílias

Terminada a intervenção em grupo foi organizado um encontro com cada família perspetivando-se a criação de um espaço de reflexão e aproximação emocional. Durante o percurso denotou-se dificuldades, por parte dos jovens, na partilha das suas experiências emocionais junto dos familiares. Com estes encontros facilitou-se o encontro de angústias comuns e diferentes através da procura conjunta do significado atribuído à desunião familiar e/ou outras experiências com forte significado emocional.

Através da partilha de passagens do Diário “A nossa história” e de perguntas intergeracionais e/ou indiretas (Andolfi, 2013) suscitou-se a curiosidade relacional criando-se a ponte entre as gerações: a partir daquilo que partilharam do diário, solicitou-se que os filhos questionassem ao familiar se também viveu as mesmas emoções/sentimentos na família de origem; incentivou-se os filhos a questionar o progenitor presente sobre o período em que tinha a mesma idade do filho.

O desfecho incidiu sobre a introdução de uma proposta de reflexão atendendo às descobertas realizadas: a forma como se colocam perante as dificuldades dos filhos que nada mais são do que a expressão de um *problema* contextual.

4.2.3 Avaliação e Reflexão Pessoal

A avaliação da atividade foi realizada ao longo do percurso, de forma oral, junto dos participantes e suas famílias, bem como das psicólogas que acompanham alguns jovens. Todos foram unânimes na forma como enalteceram o programa, tendo manifestado desalento por ter chegado ao fim. Os jovens expressaram o quanto foi importante terem este espaço de partilha onde puderam abertamente expressar o que pensavam e sentiam, onde havia interesse sobre os seus receios, as suas histórias e sonhos. Expuseram o quão importante foi puderem partilhar, de forma livre e segura, vivenciar emoções e recordações familiares que nunca

tinham feito até então, nem mesmo junto dos familiares. Salientaram como aspeto positivo a oportunidade de conhecerem as histórias dos outros e de refletiram sobre as suas famílias com pessoas que já viveram experiências semelhantes. Sensações como a liberdade e a felicidade foram frequentemente associadas ao facto de conseguirem partilhar aspetos dolorosos sobre as suas vidas sem sentirem o mal-estar habitual. Dentre a panóplia de experiências familiares, o tema da violência foi sentido como o mais doloroso.

Na sessão final, apontaram um aspeto importante que distingue a intervenção relacional das outras abordagens: a realização de atividades visando a descoberta das potencialidades antigas e/ou novas na família, i.e., o enfoque nos recursos individuais e familiares. Este foi um elemento essencial ao desenvolvimento de uma leitura realista sobre as suas histórias que possibilitou a reflexão e conhecimento de si próprios e dos seus recursos. Dirigimos os nossos esforços para que tivessem a oportunidade de darem a sua própria versão sobre quem são, sobre aquilo que os preocupa e sobre os recursos que possuem, exigindo da nossa parte, reconhecer que, independentemente da complexidade, a família tem estrutura, vínculos afetivos, regras de funcionamento e fronteiras com sentido (Pérez & Palácios, 2006).

Na penúltima sessão, quando refletimos sobre os *passos* dados tendo em vista as projeções futuras destacaram: confiar mais nas pessoas, conseguir falar e pensar no passado, reconhecer os aspetos positivos e negativos das suas histórias; “...*andámos para traz para andarmos para a frente*”. O último ponto deixou-nos a refletir pelo significado subjacente que remete para um dos principais objetivos: a conexão com o passado para o encontro de novos nexos que unem passado, presente e futuro numa história única.

Tudo foi possível pela confiança que se instalou no grupo, eliminando resistências ou dificuldade em serem verdadeiros sobre si próprios e suas histórias. A confiança foi uma dimensão salientada em vários momentos, emergindo como o *ingrediente chave* ao desenvolvimento de um sentido de pertença a um espaço capaz de os *conter* nas suas necessidades. A dinâmica criada entre o grupo foi uma das grandes surpresas, superando as nossas expectativas. Desde o primeiro encontro produziram-se mecanismos de identificação facilitadores da coesão grupal, surgindo alianças fraternais, sendo que a partir das *semelhanças* gerou-se a esperança e aumento da confiança dos participantes nas suas potencialidades e fragilidades. A troca de experiências e a reflexão com pessoas que partilham a mesma experiência/situação familiar tornou-se significativa e mais eficaz pois, tal como se verificou, a capacidade de reflexão é desenvolvida com apoio de outras pessoas na mesma condição pessoal, denotando-se relações de equidade. O trabalho em grupo pode ser tanto ou mais eficaz que uma intervenção individual, pois criam-se situações de união e apoio que

permitem *desbloquear* angústias e experiências dolorosas. Conhecer a história do outro gera curiosidade relacional e, conseqüentemente, uma maior disposição para a mudança e a integração do próprio sofrimento. Reconhecemos que uma boa planificação e condução das sessões é fundamental, contudo a intervenção só irá de encontro às necessidades dos utentes quanto maior seja o compromisso emocional e autenticidade das relações.

É de salientar que, na última sessão, os familiares trocaram contactos para se encontrarem futuramente, demonstrando valorização pelas relações criadas e, por outro lado, que também eles encontraram no grupo um espaço de compreensão e empatia.

Conscientes que a atividade não pretendeu mudar *magicamente* o contexto diário dos participantes, nem sugeriu uma prática de comportamento, considera-se que os objetivos foram alcançados na medida em que ofereceu uma oportunidade para a expressão e reconhecimento das vivências, emoções, pensamentos, preocupações e esperanças decorrentes da nova realidade familiar. O principal objetivo incidiu em “dar voz” às suas angústias muitas vezes *silenciadas* pelo medo de causar mais conflito ou pela vergonha da *diferença*. Frequentemente, estas crianças/jovens não conseguem, não sabem *como e/ou com quem* expressar o seu sofrimento.

O grupo também manifestou contentamento pelas dinâmicas utilizadas, as quais se revelaram recursos facilitadores ao grau de reflexão desejado. O recurso a histórias, ao desenho, à metáfora e à caixa lúdica assumiram um enorme valor evocativo, através do qual representaram sentimentos e emoções próprios dos seus mundos, com um significado simbólico que se ligou a um nível mais profundo. Enquanto na necessidade de compreensão está implícita uma ação mental complexa de abstração dos factos referidos verbalmente, na representação lúdica está implícito um elemento de ficção que permite dramatizar com palavras e ações desejos, medos e experiências dolorosas.

É reconhecido que nenhuma intervenção é *immune* a dificuldades e desafios. O primeiro desafio emergiu na primeira sessão, pelo facto do grupo não se conhecer culminando nalguma tensão perante o *desconhecido*. É de referir a importância do recurso ao humor e à *fotolinguagem*. Embora não planeado, o humor foi a *pedra de toque* para *quebrar o gelo* inicial e descobrir o ponto comum que os unia. Ao refletirmos sobre as semelhanças e diferenças entre os elementos (e.g. altura; cor de cabelo; idade; escola) conseguiu-se que fossem os próprios a fazer emergir a experiência comum (divórcio), à medida que desenvolviam o *à vontade* necessário. A produção de um aumento de tensão interpessoal e a procura de maior autenticidade e proximidade conseguida, facilitou a criação de relações autênticas e uma marca de contexto que garantiu a todos uma *autorização* para partilharem

sem se sentirem julgados ou inferiorizados (Andolfi, 2013). Foi também surpreendente a forma como o uso da *fotolinguagem* permitiu ultrapassar a apresentação formal centrada nos dados mais objetivos, culminando num envolvimento profundo em partilharem como se sentiam no seio das suas famílias. O fator fundamental para que tal acontecesse foi o confronto com imaginários diferentes. Através de um imaginário comum constituído por imagens individuais e grupais cada jovem alcançou um grau de reflexão mais profundo sobre a respetiva realidade familiar.

O número reduzido de participantes poderia ter constituído um obstáculo à criação da massa crítica necessária às interações interpessoais, dificultar as oportunidades para a reflexão e interiorização dos diferentes pontos de vistas e, ainda, levar a que cada um dos membros interagisse mais com a psicóloga do que com o grupo (Vinogradov & Yalow, 2012). Contudo, foi possível a criação de um grupo interativo fomentador da participação ativa e de processos mais profundos de reflexão e interiorização.

É importante destacar mais dois desafios positivamente ultrapassados, devido ao tipo de relações criadas. Um deles foi evitar a dispersão dos participantes junto dos materiais (e.g. junto da caixa lúdica). Exigiu uma organização e condução cuidadas de forma a evitar o distanciamento dos objetivos a cumprir. O segundo desafio ocorreu na quinta sessão, sobre as mudanças familiares, durante a qual emergiu um momento de extremo sofrimento por parte de uma participante traduzindo-se em agressividade e ansiedade. Uma vez em grupo, usou-se o grupo enquanto recurso através da promoção de uma tensão emocional vivenciada por todos. Esta medida permitiu *conter* o seu sofrimento, descodificar o que tentava comunicar, evitando a descentralização do trabalho em grupo.

Finalmente, enquanto psicólogos relacionais, não podemos descurar a premência de dar continuidade a este trabalho numa perspetiva transgeracional. É indubitável o nexo entre a *perturbação* infantil/juvenil e a situação de confusão, de fraca clareza e definição, ao nível dos progenitores (Andolfi, 2013). A separação representa para os filhos um acontecimento crítico que requer um tempo de elaboração bastante longo. Desde muito pequenos até à pré-adolescência tentam recompor o casal parental, tendo os pais a tarefa de ajudar os filhos a superar esta passagem crítica através da tranquilização relativamente às fantasias de perda, mas também da sua capacidade para se definir de forma clara na sua relação de ex-cônjuges.

Verificou-se que todas as famílias tiveram dificuldade em reorganizar-se, ou seja, em alcançar novos limites e papéis, novas dinâmicas de relação, comunicação e interação (Emery, 1999), culminando em situações críticas para a adaptação à nova realidade familiar. O processo de separação é, por um lado, um acontecimento marcado por fatos objetivos que

confirmam o distanciamento físico, por outro, representa um processo que, ao nível psicológico, requer tempos mais longos, nos quais os ex-cônjuges sentem a necessidade de viver o luto da rotura da ligação, de elaborar a nova condição de pessoa separada e de recuperar uma imagem de si autónoma (Andolfi, 2013). Quando neste processo de separação existem filhos as dificuldades aumentam. As dinâmicas de triangulação emotiva que, nestes casos, variaram entre conflitos abertos e cortes emocionais transformaram-se um fator de risco para o desenvolvimento harmónico individual e familiar.

O divórcio é sempre uma experiência dolorosa para todos, contudo se os pais conseguem encontrar uma forma de *serem pais*, independentemente dos conflitos, os filhos podem ser *apenas filhos* e não para sempre *filhos do divórcio*. Não é a separação conjugal, em si, a fonte das dificuldades, mas o conflito entre os pais no que se refere à sua intensidade, persistência, à ausência de comunicação (Simon et al., 2010). A dificuldade em fazer persistir a aliança parental, levou ao desenvolvimento de fronteiras difusas entre o subsistema parental e o conjugal e à incapacidade de elaboração do luto necessário. Por conseguinte, os conflitos explícitos e/ou implícitos marcados por sentimentos de raiva, ódio, desespero e desconfiança repercutem-se em ausências significativas. Tal como o grupo designou, esta “*pedra no sapato que dói*” reforça o bloqueio vivenciado pelas famílias, impedindo-as de levar a cabo as tarefas essenciais ao crescimento. Transforma-se num *vazio* onde imperam dois *porquês*: “*Porque é que depois da separação há confusões...porque é que ainda temos de sofrer?*”.

Podem os pais definir novas fronteiras de forma a alcançarem a distância emocional necessária e, simultaneamente, trabalhar juntos num registo de cooperação parental? No âmbito da perspetiva relacional, um dos caminhos de intervenção poderá ser ajudar o ex-casal a construir a distância necessária à relação e, simultaneamente, encorajá-los a cooperar em torno do único assunto que a ambos diz respeito (Emery et al., 2010): recriar o “*nós parental*”. O nosso papel poderá passar por favorecer uma progressiva definição dos limites entre os ex-cônjuges que permita criar um espaço para a *celebração do divórcio*, entendido como momento que proporcione a efetiva separação do *nós* do casal e consinta, simultaneamente, uma assunção de competências parentais mais adultas e responsáveis (Andolfi, 2013). A abordagem relacional analisa a realidade da pessoa a partir da observação da interação/relação entre os membros do sistema familiar. O objetivo deve passar por perceber as transmissões intergeracionais e a sua influência na construção da identidade individual e familiar. Assim, sem se chegar a enfrentar o quando e como estas pessoas se tornaram adultas relativamente à respetiva família de origem, será mais difícil compreender a triangulação que bloqueia as famílias num *puzzle sem solução*. Isto aplica-se, para cada um dos progenitores, à

possibilidade de retomar o seu próprio processo de desenvolvimento como filhos, onde seja possível reorganizar laços afetivos com a família de origem (Andolfi, 2013).

Ainda que maioritariamente num registo de *presença ausente*, os familiares estiveram sempre presentes na intervenção. O principal contributo que pensamos ter alcançado foi através da última sessão e dos encontros com as famílias pela aproximação emocional sentida. Esperamos ter ajudado as famílias a *revisitar*, no presente, as suas histórias de desenvolvimento do passado e a refletir sobre as dificuldades atuais dos filhos como algo que adquire significado dentro de uma história comum. Ainda que se considere que a integração dos familiares poderia ter sido mais rica, espera-se ter contribuído para *abrir a porta* às famílias nos projetos desenvolvidos pela APAC e, assim, para futuras intervenções em grupo.

5. Observação com coterapia e Acompanhamento individual

Neste ano de estágio, foi possível observar e participar em alguns casos de atendimento individual. Após a observação participante, foi concedida a possibilidade de realizar um atendimento individual e planificar algumas sessões de forma autónoma sob um prisma relacional.

5.1 Observação com coterapia

Neste ponto apresentamos, sumariamente, cinco casos cuja descrição detalhada se encontra em anexo (anexo E), sendo realçados os seguintes aspetos: origem do pedido de ajuda; história familiar; breve descrição da intervenção; e uma reflexão final sobre a panóplia de especificidades que envolvem as histórias e o desenrolar dos processos terapêuticos.

5.1.1 Acompanhamento da família C.

A M., com 8 anos de idade, é acompanhada desde o dia 30 de outubro de 2014, em regime semanal. Foi encaminhada, pela Psicóloga que acompanha a mãe, por apresentar problemas emocionais associados a problemas comportamentais decorrente de vivências familiares disfuncionais precoces: comportamentos de oposição; desmotivação escolar; dificuldades na interação com os pares; dificuldade em dormir sozinha e medos excessivos.

a) História Familiar

A M. é a única filha de F. (mãe) e R. (pai), fruto de uma relação que culminou em divórcio devido a violência conjugal. Tal como a filha, F. é fruto de uma relação conjugal marcada pela violência física/psicológica e pela distância emocional no seio familiar. A

família de origem de F. (mãe) desenvolveu diversos cortes relacionais ao longo do tempo, sendo que o seu casamento teve subjacente a motivação de alcançar a confirmação do seu espaço relacional e da sua identidade. A relação de intimidade foi entendida como forma de *fugir* às relações disfuncionais. Quando F. decidiu divorciar-se não teve qualquer apoio da família de origem (não testemunharam a seu favor), sendo as suas principais fontes de apoio social e emocional, as vizinhas, o ATL frequentado pela filha, o contexto profissional, a sua psicóloga e a psicóloga da filha. O contacto da M. com a estirpe paterna é inconstante e pautado por vários *cortes*, sendo comum a procura de contacto apenas nas épocas festivas.

A M. vive uma relação próxima com a mãe e uma relação distante com o pai. Os progenitores sempre viveram uma relação de violência (desde o namoro) e estão divorciados desde 2014. Até ao divórcio a mãe foi vítima de violência verbal, física (tendo sido hospitalizada) e violência económica (encontra-se em dificuldades financeiras por dívidas de jogo da figura paterna). Desde o divórcio, o pai persegue a figura materna, revelando um perfil obsessivo para com a mesma e adotando atitudes agressivas. Nunca cumpriu o seu dever relativamente à pensão de alimentos e até ao mês de Março, não manifestou interesse em manter contacto com a filha. Em junho (2014), a progenitora fez uma queixa-crime à CPCJ, o que fez com que o cônjuge iniciasse ameaças de violência e de retirada da filha.

Quando o pai mantinha contacto com a filha, esta foi instrumentalizada pelo progenitor, o qual recorrentemente a questionava sobre as atividades de vida diária da mãe, como forma de perpetrar controlo. A situação atual da família pode ser definida como *pseudo-separação* (Andolfi, 2013): a mãe evita o contacto e foge enquanto o pai a persegue e pressiona com recriminações e acusações, utilizando a M. como *arma de chantagem*. O que se verifica é uma negligência afetiva que mantém a exposição a situações traumáticas e de grande sofrimento. Ou seja, o progenitor dirige as suas emoções negativas em relação à ex-cônjuge, instrumentalizando a filha para alcançar os seus objetivos narcísicos de recuperação do casamento. O pai encontra-se em prisão preventiva há cerca de um mês.

b) Descrição sumária da intervenção

Ao longo do processo de intervenção verificou-se uma alteração significativa a nível emocional e comportamental, nos diversos contextos de vida da M., associada às experiências familiares atuais e passadas. No âmbito do programa de intervenção delineado foram trabalhados conteúdos relativos ao seu comportamento e contexto familiar, sendo que a ação

mais direta da estagiária decorreu, nas últimas duas sessões, com a aplicação da *Dupla Lua*¹.

A M. iniciou o acompanhamento psicológico revelando um perfil rígido, inseguro e impulsivo, traduzido por oscilações emocionais entre a agressividade/impulsividade e docilidade. Na fase inicial do percurso terapêutico, revelou dificuldades em partilhar/externalizar emoções e pensamentos associados à família, declinando para outros assuntos. Quando introduzido algum tema associado à figura paterna manifestava uma postura defensiva e elevada ansiedade traduzida por choro fácil, respiração ofegante e tom de voz elevado. Com o decorrer do tempo, a M. foi sentido mais confiança e segurança na relação terapêutica trazendo a lume emoções e sentimentos associados à figura paterna que revelam uma ausência significativa. Os episódios de violência emergem como elementos muito presentes na sua memória, alimentando a ambivalência emocional em relação ao pai, também reflexo da oscilação entre a presença e ausência deste e do contexto inseguro e instável no qual cresceu. Gradualmente, a M. foi revelando maior disponibilidade emocional para ventilar e refletir sobre as suas relações familiares, verificando-se a redução dos comportamentos impulsivos e ansiogénicos.

No dia 23 de março de 2015, passou a beneficiar da Intervenção em Grupo “*Leões Fortes*”, cujo início coincidiu com as visitas regulares do pai, as quais decorreram semanalmente às quartas-feiras. Nas primeiras sessões, adotou uma postura de total envolvimento e dinamismo, assumindo um papel de liderança. Não revelou resistência em partilhar experiências familiares e verbalizou o desejo de proximidade da figura paterna, apesar de sentir insegurança por estar sozinha com este. Esta imagem foi gradualmente alterada por manifestações de medo, desvanecendo significativamente a parte do entusiasmo quanto ao pai e aos encontros. No seio do grupo, partilhou frequentemente o sofrimento decorrente das visitas, pelo facto do pai difamar a mãe na sua presença.

Progressivamente, verificou-se uma regressão na sua estabilidade emocional, alcançada até então, fruto da proximidade com a figura paterna. Perante o tema pai, demonstra elevada vulnerabilidade emocional caracterizada por manifestações de medo, choro fácil, respiração ofegante e tom de voz elevado. Nas últimas sessões o seu comportamento foi marcado por alguma agressividade e impulsividade, mostrando-se pouco colaborante e disponível.

¹Instrumento gráfico projetivo, especialmente orientado para as famílias complexas. Por exemplo, casais divorciados, famílias reconstituídas, com membros emigrados, quando algum dos progenitores faleceu, em casos de filhos adotados ou concebidos por fecundação assistida. Permite compreender as fronteiras da família e os sentimentos de pertença dos seus membros; assim como as presenças ou ausências que inconscientemente se refletem nas relações familiares e as transições ocorridas na mesma. É importante perceber de que forma um membro ausente pauta a modalidade de relação da pessoa (Greco, 2006).

Já no final do percurso de estágio, pela responsabilidade sentida em relação à família e trama familiar decidimos aplicar o instrumento *Dupla Lua* (Greco, 2006), no sentido de ajudar a M. a refletir como se sentia em relação à família. Este trabalho foi importante por envolver menos recurso à linguagem verbal, considerando as suas dificuldades em falar acerca do tema da família. Deparámo-nos com um mundo relacional repleto de *vazios emocionais* que se traduzem no desconhecimento a um contexto familiar como se não pertencesse a nenhuma família. Nódulos por resolver, vazios, cortes emotivos, lealdades invisíveis são tramas relacionais em torno das quais se estrutura o comportamento sintomático.

5.1.2 Acompanhamento da família T.

O P., com 11 anos de idade, encontra-se a beneficiar de acompanhamento psicológico em regime semanal, desde setembro de 2014. Foi encaminhado por apresentar problemas emocionais associados a problemas comportamentais decorrente de vivências familiares disfuncionais precoces. Foi possível a intervenção mais direta da estagiária em algumas sessões através das quais se procedeu à exploração/reflexão da história e dinâmica familiar a partir de dois instrumentos (*Genograma* e *Dupla Lua*), individualmente e junto da mãe. Devido à diferença dos modelos de intervenção e o pobre envolvimento do P. na relação terapêutica, não foi possível aprofundar com a família sobre os aspectos que emergiram. Assim, apresentamos a sua história destacando os aspetos que merecem especial atenção.

a) História familiar e Hipóteses de trabalho

O P. é o único filho nascido do casamento dos progenitores (J. e P.) que culminou no divórcio, em dezembro de 2012, devido a maus-tratos e violência doméstica do pai para com a mãe. O P. sempre esteve presente e assistiu a esses episódios, mantendo sempre uma atitude protetora para com a mãe. Em agosto de 2012, mãe e filho fugiram para uma Casa Abrigo, na qual permaneceram até junho de 2013 (altura em que se autonomizaram). Atualmente a guarda do P. é da mãe, com quem vive, e ocorrem visitas quinzenais por parte do pai. O pai é camionista, profissão que exige viagens de longo curso, sendo que quando ainda casados a mãe e o P. acompanhavam-no nas viagens.

J. (mãe) cresceu no seio de uma família numerosa, composta pelos progenitores e 11 filhos. O ambiente familiar e as relações entre todos são descritas como muito positivas e próximas. Desde pequenos, todos os filhos ajudavam nos negócios da família (supermercado e loja de eletrodomésticos). Quando J. tinha 18 anos o pai (concebido como um herói) sofreu

um derrame cerebral que desorganizou o funcionamento familiar, levando a que a esposa passasse a assumir a responsabilidade pelos negócios, sempre com a ajuda dos filhos. Por sua vez, o pai do P. cresceu num agregado familiar composto pelos progenitores e duas irmãs mais novas (M. e T.), cuja dinâmica relacional sempre foi caracterizada pelo conflito, pela distância interpessoal e estilos comunicacionais abusivos por parte da figura paterna para com a esposa e os filhos. Atualmente a irmã mais nova do pai não tem contacto com a família de origem, por ter ajudado o P. e a mãe a fugir. O pai tem uma namorada, com quem o P. estabelece uma relação afastada.

Já antes do casamento dos pais do P., imperava na relação de casal a violência física e psicológica. O P. foi vítima de mau trato psicológico, na medida em que no seio familiar não houve um ambiente de tranquilidade, bem estar emocional e afetivo, mas um clima de terror e de medo (Machado & Gonçalves, 2002). O seu contexto familiar assumiu-se como um *lugar* de perigo, criando um mundo confuso e pouco seguro (Machado & Gonçalves, 2002). Ao longo dos anos a violência constituiu um *segredo* por vergonha, sobre o qual apenas tinha conhecimento a irmã mais nova da mãe (S.) e a sua cunhada (T.), concebidas como os seus pilares. Contudo, quando a família de origem da mãe teve conhecimento, tornou-se um recurso fundamental para a díade mãe-filho.

Atualmente, o P. vive com a mãe com quem tem uma relação muito ambivalente, caracterizada por abruptas oscilações emocionais entre afetividade e agressividade, semelhante àquela vivenciada pelos progenitores. No entanto, denota-se que a mãe é o seu “porto de referência”, manifestando em algumas situações, ansiedade de separação da mesma e uma vinculação insegura (medo de perda). Quanto ao pai, apesar de mostrar agrado em estar com este, a relação é marcada por alguma tensão e medo, na medida em que o P. tem atitudes e comportamentos na presença deste, que são altamente condicionados pela forma como o considera que o pai as irá interpretar/aceitar. O P. não consegue manifestar os seus sentimentos de desagrado/discordância de algumas situações, por temer a reação deste. Ao longo do acompanhamento verificou-se uma alteração significativa na forma como se referia ao pai, mostrando por um lado, grande admiração e uma necessidade de proteção da figura paterna, sendo esta imagem gradualmente alterada para manifestações de medo. A sua conceção da relação com o pai como extremamente positiva e próxima parece refletir uma ausência emocional significativa acompanhada de um desejo de relação e proximidade.

Para uma exploração mais aprofundada sobre como o P. se sentia em relação às suas relações, decidiu-se aplicar o instrumento *Dupla Lua*, permitindo aprofundar as fronteiras familiares, as presenças e ausências. Sintetizando, observamos uma modalidade gráfica não

integrativa em que cada pessoa corresponde a uma família, em que não há sentido de unidade e coesão. O P. não se reconhece na pertença a nenhum contexto familiar, tendo verbalizado que não tem uma família por ter pais separados. A sua conceção de família associa-se ao modelo tradicional familiar, revelando a não integração da organização familiar e da sua história no presente. A dificuldade de se enquadrar numa família traduz-se num grande isolamento e num sentido de desvinculação por não conseguir satisfazer a dupla pertença.

Destacou-se a inicial exclusão da linhagem materna e paterna, sobretudo quando no *Genograma* (Montàgano & Pazzagli, 1989)² familiar observamos uma qualidade relacional positiva entre o P. e a maioria dos familiares. Este aspeto parece encontrar-se estritamente associado à emigração que se aproxima (o P. e a mãe vão viver para a Suíça com a tia S.). A hesitação em incluir a família alargada no seu espaço relacional parece ter subjacente uma falta de esperança na manutenção das relações. Para o P., a emigração engloba um complexo de sentimentos e emoções que refletem ambivalência emocional e insegurança individual e familiar. Por um lado, manifesta o desejo de ir para a Suíça para que a mãe possa viver melhor financeiramente, afirmando que não se quer separar desta e perspetivando a diminuição dos conflitos. Por outro lado, além de se sentir inseguro perante um país diferente, o futuro, reconhece que sentirá falta do pai e do resto da família. O P. viveu muitos *cortes* e uma *infância nómada* (viagens com o pai), o que poderá influenciar a sua perceção de *não pertença* a nenhum *lugar/história*. Pode-se colocar a hipótese da emigração reativar toda esta experiência não elaborada e integrada.

A dificuldade de aceitação e integração da sua história e realidade familiar tornou-se evidente através da ausência de sonhos e dificuldade de projeção no futuro, bem como do desejo de reunificação dos pais. Levanta-se a hipótese de um luto não elaborado em relação ao divórcio, refletido no desejo desesperado de união que implica a união do ex-casal. Coloca todas as suas expectativas futuras em ver os pais unidos, levando-nos ao tema que faz referência à dimensão temporal, à relação entre passado, presente e futuro. O P. continua a revelar pouca disponibilidade emocional para entrar em diálogo com o passado assumindo uma posição *crystalizada* no tempo, impedindo a atribuição de novos significados à sua história e, portanto, de perspetivar um futuro diferente.

² Diagrama das relações da família alargada, pelo menos de três gerações, permitindo obter a descrição de cada pessoa a partir do desenvolvimento histórico da sua própria família (Andolfi, 2003). O genograma permite-nos compreender os laços principais da família, dentro dos diferentes planos geracionais, e salientar os eventos mais significativos que modificaram a configuração familiar ao longo dos anos (Andolfi, 2003).

5.1.3 Acompanhamento com a J.

A J., com 12 anos de idade, é acompanhada desde o dia 19 de novembro de 2014, em regime quinzenal, sendo a motivação subjacente ao pedido de ajuda: medos excessivos (bonecas de porcelana; morte; ser assaltada/raptada; dormir e estar sozinha); ansiedade face aos testes escolares; insegurança emocional consequente de vivências emocionais; baixa autoestima; bem como somatização (e.g. prisão de ventre).

Vive com a mãe e o padrasto (com quem estabelece relações positivas, tendo o pai falecido quando esta tinha 2 anos de idade - suicídio). Os medos excessivos emergiram desde junho de 2014, durante o qual ocorreu um episódio perturbador na sua vida: uma moradora do prédio suicidou-se, atirou-se pela janela, ficando pendurada por um lençol.

a) Descrição sumária da intervenção

O acompanhamento decorreu ao longo de 10 sessões individuais, tendo sido o papel da estagiária auxiliar a psicóloga na implementação do seu programa de intervenção. Foram estabelecidos como objetivos promover a estabilidade emocional e diminuir a ansiedade e os medos, no âmbito do modelo narrativo.

Parte-se do pressuposto de que a forma como damos sentido ao mundo e a nós próprios faz-se a partir da construção e desconstrução de histórias que orientam os processos cognitivos mais complexos (e.g. memória, expectativas, autoperceção), os processos emocionais (e.g. emoções mais salientes; temas emocionais predominantes), as relações interpessoais e a organização de planos para o futuro. Este modelo enfatiza três dimensões essenciais no processo terapêutico subjacentes ao presente acompanhamento: a linguagem externalizadora; o enquadramento discursivo do problema e a identificação e amplificação de resultados únicos (Gonçalves & Henriques, 2005).

Numa primeira fase, foi solicitada a elaboração do desenho e descrição dos seus medos, bem como a realização de um mediador de medos - o *medómetro*: na sequência da identificação dos medos supramencionados. A função destas estratégias foi adquirir uma avaliação subjetiva dos medos através da representação da sua intensidade nesta fase da sua vida, bem como permitir que a J. perceba que o medo não a domina sempre com a mesma intensidade e que, à medida que vai vencendo os seus medos, a intensidade destes também vai diminuindo (Gonçalves & Henriques, 2005). Também foi refletida a natureza universal do medo, com o objetivo de desenvolver a ideia de que toda a gente tem medos.

Posteriormente, deu-se início ao trabalho de externalização do medo (linguagem e alguns exercícios externalizadores) para ajudar a J. a compreender o medo como estando fora

de si e possibilitar a compreensão das estratégias que o medo utiliza para ter poder, evitar que a sua identidade se confunda com o medo e facilitar a mobilização da mudança. O objetivo central da externalização é compreender que tipo de estratégias o problema utiliza para se manter forte e como pode a pessoa reagir, anulando ou reduzindo o seu impacto. À medida que o problema foi sendo externalizado, foram surgindo situações em que a J. resistiu (ainda que parcialmente) à sua influência (os designados resultados únicos), sendo a intervenção direcionada para contribuir para o alargamento e consolidação destes momentos. Paralelamente procedeu-se à identificação e compreensão dos efeitos corporais, emocionais e cognitivos provocados pelo medo e, conseqüentemente, foram introduzidas competências para lidar com as manifestações físicas, emocionais e cognitivas da ansiedade e do medo. Este trabalho perspetivou facilitar cenários alternativos à história saturada pelo medo, bem como no processo de construção de uma narrativa alternativa.

O trabalho versou também sobre a exploração da existência de medos adaptativos, de forma a facilitar a compreensão de que o medo não é necessariamente uma influência nefasta e que existem medos adequados. Pretendeu-se ajudar no desenvolvimento de uma leitura mais realista através da reformulação dos factos referidos e da reflexão sobre o medo enquanto um medo universal, que através do recurso às suas estratégias pode adquirir um cariz de proteção. É fundamental ajudar a pessoa a compreender que, em certas situações, o medo pode ser uma experiência positiva, tendo sido trabalhada a diferenciação dos medos que protegem e aqueles que a dominam com um impacto significativo no quotidiano.

Numa fase final do percurso de estágio, procedeu-se a uma avaliação global da situação dos medos, concluindo-se que aqueles que persistem com uma percentagem elevada (acima de 50%) remontam para o tema da perda e morte (medo de morrer; perder familiares e amigos; ser raptada/assaltada). No decurso desta avaliação/exploração refletimos junto da J. sobre a eventual relação entre estes medos e as perdas significativas vivenciadas no seio familiar: falecimento do pai e do avô paterno.

5.1.4 Acompanhamento com a D.

A D. é uma adolescente de 16 anos de idade com Paralisia Cerebral (diplegia espástica com predomínio à direita). Integra o Apoio Ambulatório desde os 2 anos de idade, sendo atualmente acompanhada pelo serviço de Psicologia e Fisioterapia. Apresenta, desde os 8 anos de idade, um quadro de ansiedade generalizada. A família solicitou acompanhamento psicológico devido à sua insegurança e ansiedade excessiva face ao seu desempenho escolar.

a) Descrição sumária da intervenção

Devido a uma alteração do horário de consulta, foi possível observar apenas cinco sessões individuais, cuja finalidade versou sobre: conhecer a utente nos diversos contextos de vida através da aplicação da Entrevista Clínica semiestruturada para crianças e Adolescentes (SCICA); explorar os pensamentos automáticos, emoções e respostas face às situações geradoras de ansiedade; desenvolver estratégias promotoras de respostas mais adaptativas (e.g. reestruturação cognitiva); sensibilizar para a relação entre os seus comportamentos, pensamentos e emoções, e de que forma, estes são influenciados pela forma como interpreta as situações do quotidiano.

Enquanto estagiária de Psicologia da Família, o trabalho versou também sobre a reflexão da problemática como parte integrante de um contexto relacional e levantar algumas hipóteses de trabalho (tabela 4) partindo da perspetiva relacional.

Apesar de não ter sido possível a exploração aprofundada da história e dinâmica familiar, compreendeu-se que estávamos perante uma família que vivenciou alguns eventos críticos não normativos que a colocaram perante a necessidade de reorganização estrutural e relacional: o diagnóstico de Paralisia Cerebral da D.; uma depressão desenvolvida pelo irmão mais velho quando era pequeno; e a situação atual de emigração da figura paterna (Suíça) para fazer face às dificuldades económicas.

A família nuclear é composta pelos progenitores e pelos dois filhos, sendo as relações sentidas como positivas. A família é concebida pela D. como um contexto de pertença e segurança, ao qual pode sempre recorrer para obter apoio emocional. Decorrente da emigração paterna ocorreu uma inversão de papéis do subsistema parental, no qual antigamente o pai assumia um papel diferente. Atualmente, a mãe é considerada o *líder* da família que dita as regras e o funcionamento familiar (polo ético) na ausência do pai, assumindo o segundo um papel mais passivo no que concerne às regras do quotidiano (devido à distância geográfica) tendo maioritariamente a seu cargo o polo afetivo (inclui as várias formas expressivas da relação, como a vida emocional, o afeto) (Scabini & Cigoli, 2006). Apesar da D. ter qualificado a relação com o pai como positiva, partilhou vivenciar alguma distância interpessoal e dificuldade de comunicação nos últimos tempos (que pode ser justificada pelo corte emocional de carácter real e físico).

Verificou-se exigência no que concerne ao desempenho académico dos filhos, sendo a relação mãe-filha marcada por tensão devido aos resultados escolares. Em relação às expectativas parentais, destes filhos é esperado que, aos 18 anos, sejam independentes e “*sigam a vida deles*”, alertando para o desenvolvimento de expectativas possivelmente pouco

realistas, tendo em conta a situação atual da sociedade e as próprias limitações da filha. No decorrer das sessões, a experiência de ansiedade pareceu estritamente relacionada com o medo de falhar e desconforto perante eventos sociais devido às suas limitações.

Partindo de uma intervenção relacional, seria premente aprofundar a história e dinâmica familiar, de que forma foram vivenciados os eventos críticos pelos membros da família individualmente e enquanto um todo (e.g. através do *Genograma*).

Compreender a experiência individual e grupal da família face ao diagnóstico da D.
Explorar a presença de um luto não resolvido resultante de projetos e expectativas parentais irrealistas
Averiguar o papel do irmão mais velho na constelação familiar e a origem da sua reatividade depressiva.
Averiguar a possível relação entre a ansiedade escolar da D. e as expectativas familiares

Tabela 4 - Hipóteses de Trabalho (acompanhamento com a D.)

5.1.5 Acompanhamento com o G.

G. é filho único e tem 6 anos de idade. A origem do pedido de ajuda prendeu-se com preocupações em relação à sua dificuldade em expressar as suas ideias e emoções, desconforto social em contextos familiares (não sente desconforto quando se encontra em espaços neutros ou com multidões) e excessivo retraimento no primeiro contacto com os outros, insegurança relativamente ao seu desempenho em diferentes situações, fascínio por objetos rotativos, medo de perder os pais, enurese, uma vez por semana, tendo o início emergido aquando a entrada na escola e a morte dos avós.

a) Descrição da intervenção

O programa de intervenção, delineado pela psicóloga, teve como objetivos iniciais: manter contacto ocular; partilhar espontaneamente eventos do quotidiano; e colaborar com as atividades propostas. Numa fase posterior, foi realizada a seguinte reformulação: identificar diferentes estilos de comportamento; identificar o seu estilo de comportamento no quotidiano; identificar a atitude assertiva na resolução de determinadas situações e adotar um padrão de comportamento maioritariamente assertivo.

Além de auxiliar a psicóloga na implementação do seu programa de intervenção, inclusive na realização de uma avaliação cognitiva, foi concedida a liberdade para organizar e

implementar uma sessão tendo como horizonte a exploração do seu contexto familiar. Considerando a idade do G. e a sua dificuldade de expressão, considerou-se útil o recurso ao jogo livre. O material utilizado consistiu numa caixa com material lúdico: pequenos bonecos/personagens flexíveis, representando diferentes personagens por género e idade - figuras de crianças e adultos de ambos os sexos, avó e avô, pai e mãe; materiais adicionais para completar o cenário, composto por figuras e animais, árvores, flores, veículos, objetos de uso diário e mobília das diferentes divisões da casa.

O G. explorou a caixa lúdica e comunicou as suas vivências reais e psíquicas com vivacidade, através do *seu brincar*. Inicialmente, simbolizou o seu lar e trouxe a lume relações de proximidade emocional e interacional entre diferentes gerações: entre os elementos masculinos de três gerações. Comunicou a relação com o pai permeada de união e proximidade, retratando uma maior presença da figura paterna (física e emocional) e a sua principal figura de referência. Por outro lado, comunicou e simbolizou a relação com a mãe enquanto uma relação caracterizada por desencontros e pelo distanciamento físico e emocional (devido ao contexto profissional) transmitindo a sua experiência de ausência em relação à mãe, o desejo de estar com esta, bem como alguma ambivalência na medida em que comunicou sentir amor pela mãe e, simultaneamente, identificou-a como alguém de quem gosta menos porque tem saudades.

Desta forma, o G. estruturou e comunicou as suas modalidades de relação na família, permitindo o aparecimento de uma perspectiva mais ampla a respeito da si e do funcionamento familiar. Aquilo que vai acontecendo no jogo é interpretado como expressão dos conteúdos do mundo interno e externo do pessoa, portanto, ao oferecer à criança o uso de brinquedos ou jogos no contexto terapêutico, cria-se a possibilidade da configuração de um campo, determinado pelas variáveis internas de sua personalidade (Ferro, 1995). Através do jogo criou-se um espaço no qual o G. *expulsou* de si e *localizou* no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, objetos e fantasias (Amparo, Okino, Osorio, Hisatugo, & Tavares, 2012). Destaca-se a importância da intencionalidade da atividade através da exploração e reflexão daquilo que ia acontecendo, com a finalidade de aprofundar as modalidades de relação, compreender o seu funcionamento (Andolfi, 2003) e, assim, alcançar uma interpretação simbólica e contextual.

5.1.6 Reflexão Pessoal

Estes acompanhamentos foram um trabalho gratificante dentro das atividades realizadas

no estágio. Foi um trabalho repleto de desafios pessoais e profissionais, pois implicou um contacto direto e individual com as famílias e, portanto, um plano de trabalho pessoal e técnico coerente no pano de fundo.

Um dos desafios prendeu-se com a construção de uma relação de proximidade e igualdade, salvaguardando a necessária assimetria essencial ao processo de crescimento e mudança. Enquanto seres relacionais, constituímos-nos na nossa identidade *com e através* das relações inerentes ao nosso mundo interior (Andolfi & Angelo, 1989). Juntamente à capacidade de estabelecer relações autênticas de reciprocidade, foi premente *escutar* em profundidade, *ler* sinais, *acolher* a procura partindo da pessoa e não apenas dos *sintomas*.

Um outro desafio e que implicou um maior envolvimento, foi o facto de estar a observar e a colaborar com as psicólogas nos atendimentos, num papel de coterapeuta. Esta especificidade do percurso exigiu uma maior flexibilidade, de ambas as partes, e maior diálogo para fazer face às diferentes chaves de leitura. Não podemos descurar a discrepância de foco de trabalho, contudo as minhas leituras e instrumentos de avaliação/intervenção foram bem aceites e positivamente integrados na intervenção na maioria dos casos. O contacto com diferentes abordagens, instrumentos e atividades adequadas às diferentes faixas etárias (crianças e adolescentes) foi muito enriquecedor. Além disso, a carência verificada no que concerne a uma leitura e métodos de intervenção facilitadores da exploração/compreensão mais ampla do contexto relacional das dificuldades apresentadas, abriu espaço para encontrar o meu papel no contexto e introduzir alguma novidade.

No âmbito dos acompanhamentos, tornou-se claro que uma intervenção conjunta com a família é mais benéfica e apresenta mais resultados, sobretudo quando se percebe a pobreza ou complexidade nas relações fundamentais da vida da criança/jovem. Apontando o caso do P., a título de exemplo, que aquando a integração da mãe no mesmo atendimento aumentava a sua disponibilidade emocional para refletir sobre a sua história e situação familiar. Se pensamos que ajudamos uma criança a superar os próprios limites e a encontrar um sentido de identidade e bem-estar trabalhando sozinhos com ela, podemos estar a realizar uma operação potencialmente nefasta, sendo que nos propomos como pessoas competentes no lugar dos principais protagonistas dos seus processos de crescimento (Andolfi, 2013). Compreende-se que, se for dado espaço à partilha das histórias de vida das famílias, as crianças tornam-se mais curiosas e prontas para se sentirem bem em terapia. Pelo contrário, demasiadas vezes apresentam-se em função das definições que os profissionais que os acompanham, e por consequência, também as famílias lhes atribuíram (Andolfi, 2013).

Trata-se de escolher a lente com que observamos o fenómeno. A psicopatologia ou os

sintomas não são a pessoa no seu percurso vital. A pessoa é algo mais complexo e completo. Se direcionamos o nosso interesse para a pessoa inteira mais do que para a sua psicopatologia, criamos a possibilidade de introduzir um valor no contexto terapêutico, provocando a reviravolta do *programa* com o qual as pessoas se dirigem normalmente a um profissional (Andolfi, 2013). Seria absurdo pensar que um diagnóstico psicopatológico não é importante, pois é indubitável que existem patologias infantis graves nas quais a terapia familiar poderá servir como um apoio à família, mais do que uma possibilidade real de cura (Andolfi, 2013). Contudo, pela presente experiência, a *história que cura* e a presença de mais gerações (direta ou indireta) assumem um valor fundamental.

Relativamente ao acompanhamento da J, partindo da perspectiva de Andolfi (2013) há alguns aspetos a salientar. Um medo infantil é sempre uma espécie de fragmento dos medos dos adultos ao tornarem-se uma família. Não existe uma criança que tem medo, mas uma criança a quem foi transmitido o medo. Se alargarmos o campo de observação, poderemos encontrar tantos outros medos provenientes das histórias dos adultos?. A história familiar pode apresentar-se como um recurso através do encontro de nexos entre os medos da criança e os medos antigos de outros familiares ao longo do ciclo vital e das experiências inesperadas. De acordo com o autor, por vezes quando os pais se permitem expressar os seus limites, medos, inseguranças e moções, constituem, para as crianças que assistem, um *remédio* eficaz. A possibilidade de relativizar o próprio medo perante os medos dos pais e a coragem destes para falarem sobre eles, podem estimular o encontro da força necessária para mudar.

Assim, levantamos algumas questões: de que forma é que os medos da J. podem relacionar-se com a morte do pai?; de que forma é que o evento traumático (observação de um suicídio) pode trazer à superfície vivências emocionais relacionadas à perda?; como é que a família viveu a perda (e luto) de um dos seus membros e quais as mudanças estruturais e relacionais decorrentes?. A exploração/reflexão da história que envolve os medos seria fundamental para reconstruir ou descobrir nexos entre medos que poderão trespassar diferentes gerações (e.g. através da aplicação conjunta do instrumento *Genograma*).

Ter tido a oportunidade de trabalhar com histórias como a do P. e a da M. onde o estilo comunicacional abusivo está no pano de fundo das suas principais relações, tornou clara a premência de fazer *entrar* na terapia o pai ou a mãe que não está presente (ainda que seja apenas a nível emocional). Muitos profissionais, sobretudo em situações traumáticas ou conflituosas, onde não existe uma relação positiva com um dos progenitores, ou quando este está definitivamente ausente, consideram mais seguro não enfrentar este problema, na ideia de não agravar o sofrimento da criança. Tal como aponta Andolfi (2013), esta visão pode

constituir-se como um erro grave, muitas vezes ditado por um sentido de proteção mal-entendido, na medida em que podemos estar a negligenciar uma dimensão fundamental que se revela frequentemente um tema em torno do qual se cristaliza o sofrimento da família. O desafio está em percebermos como trabalhar com esta *presença ausente*.

É indubitável que existe umnexo entre as instabilidade comportamental e emocional destes filhos e a situação de confusão, de fraca clareza e definição, ao nível dos progenitores. Os seus *sintomas* representam uma série de experiências a serem compreendidas e, assim, um meio através do qual trouxemos a descoberto a complexidade familiar. A intervenção realizada em Portugal em situações de violência intrafamiliar tende a valorizar um trabalho de cariz individual e de resposta às dificuldades imediatas, muitas vezes, apenas de cariz comportamental (Machado, 2004). Observou-se que, por vezes, esta abordagem é introduzida perante a considerada resistência das crianças em aprofundar a sua experiência, bem como pela ansiedade dos profissionais em adquirir resultados imediatos. As dificuldades que emergem na relação terapêutica, nestes casos, até porque muitas vezes não estão em terapia por opção própria devem ser apreendidas como mera resistência ou poderá refletir o *não saber como expressar e pensar* a sua história? Não caberá ao psicólogo o papel de ajudar a criança a encontrar uma forma de expressar o seu sofrimento?.

No acompanhamento deste tipo de famílias apercebemo-nos com frequência da presença de rituais disfuncionais e, em algumas situações, violentos, ao longo de várias gerações (Andolfi & Mascellani, 2010), como no caso da M. e do P. Posto isto, pensamos que a análise relacional da violência intrafamiliar realizada ofereceu uma visão que não se cingiu à exploração do mal-estar individual, compreendendo as funções e significados da violência, as heranças familiares (de cariz simbólico e não apenas material) (Scabini & Cigoli, 2006). A M. e o P. assumem a função sinalética do sofrimento da família, absorvendo a raiva e a sensação de impotência que caracterizam a vivência familiar, refletidas no comportamento agressivo/impulsivo.

As intervenções realizadas, autonomamente, tiveram subjacente a necessidade de perceber quanta desta agressividade pertencia a eles e quanta vinha do seu contexto afetivo. A questão que se coloca é como redistribuir a agressividade e impotência dentro da família, aligeirando as crianças da sua centralidade patológica. Pensamos que é aqui que residiu o nosso contributo, sobretudo através das sessões conjuntas a partir das quais foi possível começar a estabelecer pontos de ligação entre o mal-estar dos jovens e o sofrimento da família, devolvendo um valor relacional aos *sintomas* (Andolfi, 2013). Em ambos os casos compreendeu-se que por detrás de atitudes agressivas, vinga um desejo de proteção e de

relação mais implícito, mais que não seja porque existe, na sociedade, uma ideia de família composta por dois progenitores.

Um último aspeto a considerar prende-se com a relação estabelecida com os utentes. A relação deve configurar-se como um espaço de abertura, o que poderá por sua vez, diminuir o sentimento de desconfiança e receio de abandono muitas vezes sentidos por jovens com este tipo de histórias (Andolfi & Mascellani, 2010). Para que estes objetivos se cumpram são imprescindíveis várias competências de intervenção psicológica, como a capacidade de escuta e de empatia para com o utente (Andolfi, 2003). Contudo, é também necessário considerar a dificuldade do técnico em dosear estas competências, sobretudo em situações de vitimação infanto-juvenil. A dificuldade em dosear a proximidade relacional e as especificidades da relação de ajuda pode resultar em aparentes distâncias e defesas pessoais por parte dos técnicos face a estas problemáticas. Adicionalmente, considerando o contraste entre o modelo familiar deste tipo de população e o modelo do técnico, pode emergir a tentação de apresentar o modelo do técnico como o adequado à família, culminando num trabalho mais centrado na eliminação dos aspetos comportamentais, entendidos como desadequados, do que na exploração dos recursos da família. Evidentemente, esta atitude do técnico é movida pelo desejo de apoiar a família e ajudá-la a ultrapassar as suas dificuldades. Contudo, esta reeducação não levará apenas à eliminação temporária das dificuldades (Raguso, 2007)?

Verificou-se, nestas famílias, o medo de se sentir julgada por parte das progenitoras que, nas sessões iniciais, tudo faziam para defender as decisões e atitudes tomadas para o bem-estar dos filhos. Percebeu-se que é importante, desde o início, construir uma motivação conjunta e um espírito de grupo, realçando a diferença entre o conceito de culpa e o de responsabilidade (no próprio papel de pais).

5.2 Acompanhamento individual (Família M.)

O acompanhamento individual com a D. pode ser considerado o aspeto mais importante das atividades realizadas, tanto pela quantidade de encontros, como pela complexidade e profundidade do processo. Este foi iniciado pela Dra. Marta, mas após dois encontros foi estabelecido que seria dado continuidade ao processo de forma autónoma. A descrição detalhada de cada sessão encontra-se em anexo (F), onde o acompanhamento é apresentado com maior profundidade.

a) História familiar

A D. é uma pré-adolescente de 13 anos. Nasceu em Barcelos, onde sempre viveu até à data de hoje. A família nuclear é composta pelos progenitores e um irmão mais velho (18 anos de idade). Os pais casaram-se motivados pela primeira gravidez (a mãe tinha 23 anos e o pai 19 anos) e divorciaram-se em 2005, quando a D. tinha 2 anos.

Antes do divórcio, o progenitor (37 anos) emigrou para Inglaterra durante 7 anos por motivos laborais ficando os filhos ao cuidado da mãe. Raramente vinha a Portugal, culminando num afastamento interpessoal progressivo e, conseqüentemente, no divórcio. Após o divórcio, a mãe (40 anos) teve um problema de alcoolismo, sendo que durante a ausência do cônjuge a família careceu de uma estrutura coesa no que se refere às normas e regras, mas sobretudo à dimensão da responsabilidade, compromisso e proteção (Cigoli & Scabini 2006). O abuso excessivo do álcool foi acompanhado por estilos comunicacionais abusivos (violência física e psicológica) da mãe para com os filhos. A mãe fez desintoxicação alcoólica e atualmente a situação está controlada. Em 2012 o pai voltou para Portugal ficando responsável pela guarda e cuidado dos filhos, sendo que desde o final de 2012 até maio deste ano, a D. viveu com o pai e com o irmão, visitando a mãe dois fins de semana por mês.

A relação entre os pais é conturbada, mantendo-se o conflito devido ao desacordo em relação à guarda da filha. No dia 11 de Maio deste ano, foi atribuído o regime de guarda alternada: a D. está com o pai durante uma semana, sendo entregue à mãe às 20h de Domingo e, assim, alternadamente com a mãe que a entrega às 20h do Domingo subsequente.

Nesta família, sucedem-se no tempo uma série de acontecimentos críticos não normativos (Scabini & Iafrate, 2003) que marcam a história familiar e nos fez pensar que estávamos frente a uma família multiproblemática. Alguns desses eventos são a repetição, ao longo das gerações, de relações conjugais instáveis que terminaram em divórcio, as mortes prematuras de cinco irmãos da mãe (negligência parental - morreram à fome e um deles morreu queimado no fogão), abuso sexual vivenciado pela mãe (o agressor foi um dos seus irmãos) a presença de estilos comunicacionais abusivos em diferentes gerações (episódios recorrentes de violência doméstica na relação entre os avós maternos, entre os progenitores e da mãe para com a D. e o irmão), o abuso de álcool em pelo menos duas gerações (avô materno, avô paterno e progenitora) para preencher vazios relacionais e, ainda, a emigração de vários familiares. Atualmente as relações entre as estirpes (materna e paterna) são interrompidas ou conflituosas.

b) Hipóteses de trabalho

Partindo da chave de leitura do modelo relacional-simbólico, é impossível encontrar uma pessoa, escutá-la, e delinear um programa de intervenção sem considerar o enredo relacional que é parte integrante da sua identidade.

O ponto de partida incidiu na compreensão da utente como segmento de uma história a *descobrir*. As hipóteses de trabalho emergiram da aplicação do instrumento *Dupla Lua* (Greco, 2006), que nos permitiu aceder à sua história e dinâmica familiar, bem como à forma como a D. sentia as principais relações.

Podemos definir esta família como complexa (Greco, 2006), já que se dão em simultâneo vários eventos críticos não normativos do ciclo vital familiar (Scabini & Iafrate, 2003). Estes eventos provocaram crises sucessivas de desorganização estrutural e relacional, resultando numa profunda ambiguidade das fronteiras familiares e no desenvolvimento de sentimentos de insegurança, confusão e extrema dependência, por parte da D., face às suas relações sentidas como incertas e frágeis.

Uma das hipóteses levantadas faz referência à ausência de um sentido de pertença e de unicidade familiar, transmitindo a sensação de que vive em dois mundos separados (Ferraris, 2002) decorrente da forma como a família se colocou perante a necessidade de reorganização. A família alcançou um estado de estagnação, tendo no pano de fundo uma dinâmica relacional que varia entre relações com tendência à simbiose e relações rígidas marcadas pela distância interpessoal e comunicação disfuncional. Após o divórcio, a relação entre os pais continuou a ser marcada pelo conflito ficando, a D., triangulada de uma forma maligna, tendendo para um lado e para o outro numa situação de sofrimento. Coloca-se a hipótese de um conflito de lealdade. Quando as fronteiras são rígidas, transformam-se em excludentes, obrigando as pessoas com duplas pertenças a posicionarem-se de um lado ou do outro, impossibilitando a integração. Essa dinâmica relacional, prolongada no tempo, criou um ambiente familiar *stressante*, suscitando reações de tristeza, preocupação e insegurança que continuam a dificultar a adaptação à nova realidade familiar. Levanta-se a hipótese de um luto não resolvido (pelo divórcio) refletido no desejo de recuperação da antiga organização familiar. A sua conceção de felicidade encontra-se estritamente associada à união dos pais, a qual considera ser possível através dos filhos, evidenciando ausência de reconhecimento do espaço que diferencia e *separa* o subsistema conjugal do parental.

Esta é uma família na qual a figura materna tem a seu cargo o polo afetivo, que inclui as várias formas expressivas da relação e a figura paterna, mais passiva no que concerne à dimensão afetiva, tendo a seu cargo o polo ético que se expressa através das normas, das

regras e dos valores, bem como de um sentido de responsabilidade. No decurso da emigração paterna, foi sendo desenvolvida uma relação pai-filha marcada pela distância interpessoal e a que este assumisse uma posição periférica no seu mundo emocional. Pode-se dizer que é uma ausência paterna decorrente da distância emocional/falta de afeto, que acontece mesmo estando o pai fisicamente presente. A mãe, pelo contrário, traz para a relação a dimensão afetiva, denotando-se que é na relação mãe-filha que encontra um espaço de conforto e proximidade emocional. Entre mãe e filha verificou-se uma relação igualitária com tendência para a fusão, dificultando a assunção de papéis próprios de cada geração.

Ficou claro o desenvolvimento de um baixo nível de diferenciação, verificando-se nas fronteiras individuais a tendência para a fusão. A D. ficou *crystalizada* no tempo com a necessidade de ser cuidada e de ser o centro da realidade, especificamente, numa infância que nunca viveu diretamente devido à sua história de vida. A impossibilidade de ser cuidada nas suas necessidades aparece como uma ausência permanente, de algo indefinido e vazio, sendo fundamental dar-lhe significado. A tendência para a dependência física e emocional não se verificou apenas na relação com a progenitora, mas em todas as suas relações, refletido na dificuldade em vivenciar relações positivas através do equilíbrio entre proximidade e distância. Isto repercute-se na atual dificuldade em compreender, integrar e vivenciar de forma adaptativa as transições do ciclo vital familiar e conseqüentes alterações relacionais, sem sentir insegurança e um sentimento de abandono. Parece ter interiorizado que as relações só podem ser positivas e mantidas quando há proximidade e presença real (física).

O sentido de diferenciação, significa que a partir do seu sistema familiar, possa construir a sua própria independência, começar a ser “ela” mesma e construir o seu caminho através do seu sistema emocional. Denotou-se que a sua leitura da realidade familiar e de si própria era tendencialmente mediada pelo outro, sobretudo pelas experiências relacionais da mãe, *tomando a suas dores*. Por sua vez, o corte relacional entre os progenitores e a família de origem do ex-cônjuge culminou numa triangulação conflituosa que a leva a posicionar-se perante os familiares e o passado de acordo com o sistema emocional da mãe.

Importa destacar ainda a existência de processos de parentificação durante a infância. Quando vivia com a mãe assumiu, juntamente com o irmão, as funções associadas ao cuidado, proteção, responsabilidade e acolhimento.

c) Necessidades de intervenção

A D. cresceu num ambiente próprio, repleto de mudanças e transições às quais teve se adaptar, tornando premente um plano de intervenção que não atendesse apenas às

necessidades imediatas e comportamentais, mas sobretudo à dimensão familiar e relacional, facilitador da integração da dupla pertença sem renegar a sua complexidade vital. Para tal, propôs-se as seguintes linhas orientadoras, apresentadas na tabela 5, perspetivando-se ajudar a D. no processo de ressignificação e integração da sua história de vida.

Linhas orientadoras
• Facilitar o processo de luto relativamente à antiga organização familiar
• Refletir com a D. sobre os eventos críticos vivenciados e conseqüentes mudanças relacionais
• Ajudar na compreensão do seu papel na família ao longo do tempo
• Potenciar a diferenciação emocional e estrutural
• Refletir com a D. sobre a relação entre as dificuldades relacionais atuais e a história familiar

Tabela 5 - Linhas orientadoras da intervenção (acompanhamento individual)

d) Descrição sumária do acompanhamento

O acompanhamento desenrolou-se entre dezembro e junho de 2015 ao longo de 14 sessões individuais e dois encontros familiares na presença do pai. A planificação e condução do processo tiveram no pano de fundo os pressupostos do modelo Relacional Simbólico (Scabini & Cigoli, 2006) e do modelo transgeracional (Andolfi, 2013). Centrou-se na consciencialização progressiva da situação da D. e da própria história, para compreendê-la e assumi-la.

As duas primeiras sessões foram planeadas e conduzidas pela Psicóloga, durante as quais foi aplicado o Questionário de Autoavaliação para Jovens - YSR 11-18³ (Achenbach, 2001) e se iniciou o estabelecimento da relação terapêutica. **Os três encontros seguintes** incidiram sob a aplicação do instrumento *Dupla Lua* através do qual começámos a compreender o seu mundo relacional e a levantar as hipóteses de trabalho supramencionadas.

³ O YSR é um questionário de autoavaliação para jovens entre os 11 e os 18 anos, sendo composto por uma descrição simples de comportamentos problemáticos da criança, que estes devem cotar com 0 (a afirmação não é verdadeira), 1 (a afirmação é algumas vezes verdadeira) ou 2 (a afirmação é muito verdadeira), tendo em conta os últimos 6 meses. As questões do YSR foram elaboradas de forma a obter-se a percepção do jovem sobre si mesmo e em relação às suas competências ou dificuldades individuais ou grupais.

Assim, demos início à reflexão sobre a sua história, a qualidade das suas relações familiares, as pertenças e ausências dentro da família.

No sexto encontro, pretendeu-se ajudar a D. a compreender o espaço que diferencia e *separa* os subsistemas familiares, dando especial ênfase ao espaço entre o subsistema parental e o conjugal como *ponto de partida* para a elaboração do luto pelo divórcio e a (re)compreensão da atual organização familiar. Evidenciou não reconhecer o espaço que diferencia o subsistema parental do conjugal e referiu que quando os filhos nascem o subsistema conjugal desaparece ou passam a estar três pessoas dentro deste. Isto refletiu a triangulação desenvolvida que levou à sua inclusão no conflito conjugal.

Procedemos à leitura e interpretação de uma história sobre a separação conjugal e a fantasia de reunificação, perspetivando-se facilitar a reflexão sobre a sua realidade a partir de uma experiência semelhante e a ressignificação do seu conceito de felicidade. Reconheceu que se os pais voltassem a estar juntos, ninguém seria feliz porque os pais já não se amam. Clarificou-se que o fim da relação conjugal não significa o fim da relação pais-filhos, culminando na partilha de vivências positivas com cada progenitor e na elucidação sobre as potencialidades que vigoram na família.

No sétimo encontro, a D. verbalizou a necessidade de narrar a sua história e dar sentido aos problemas: “*os porquês de tudo*”. O diálogo começou por incidir sobre o pai, recordada como uma figura ausente e com quem estabelecia um estilo de comunicação conflituoso. Recordou a relação conjugal como sendo marcada pela mesma dinâmica que gerava um sentido de solidão na mãe, trazendo-se a lume a repetição do padrão relacional que permitiu começar a desconstruir a idealização inicial da relação (pai-filha) descrita como próxima. O diálogo começou a situar-se no passado, identificado como a “*altura do escuro*”, quando refletimos sobre a possibilidade do atual afastamento pai-filha estar associado à ausência do primeiro desde a sua tenra idade e consequentes acontecimentos familiares. Partilhou episódios de violência por parte da mãe para com os filhos, concebendo o vinho como o *bode expiatório* das dificuldades familiares. Paradoxalmente, a desagregação familiar revelou-se aliada à necessidade de defender os vínculos e proteger o núcleo familiar através da união dos irmãos numa tentativa de sobrevivência perante o abandono emocional da geração anterior e na consequente inversão dos papéis.

Na oitava sessão continuámos a refletir sobre a experiência do pai na altura “*do escuro*” para facilitar a partilha das suas angústias (também junto do pai) e desmontar a idealização inicial da relação pai-filha. Manifestou dúvidas sobre a experiência do pai, colocando a hipótese da sua ausência ter sido uma escolha sua. A sensação de abandono,

numa altura em que precisou do pai, reforçou a desconfiança e o afastamento emocional entre a díade. Identificou a mãe o irmão como os seus “pilares”, excluindo o pai desse papel por sentir que, apesar de fisicamente presente, não têm o hábito de partilhar e conversar. Assim, conseguimos atribuir novos significados à ausência sentida.

Na nona sessão, tendo em conta a suspensão do acompanhamento individual durante a intervenção em grupo, explorou-se a sua perceção acerca do processo terapêutico e a sua experiência no grupo “*Leões Fortes*”. A D. comparou o processo terapêutico à construção de um *puzzle*: as peças simbolizam diferentes eventos da sua história, algumas peças estão *arrumadas*, outras desaparecidas e outras não sabe onde *encaixá-las*.

Nas sessões de grupo emergiram dois temas novos, a violência conjugal e o envolvimento do pai em relações extraconjugais. **Esta e a décima sessão** foram maioritariamente dedicadas à relação pai-filha fazendo uso de questões relacionais e do desenho para representar simbolicamente a relação. Partindo de uma perspetiva relacional, pretendeu-se passar de uma interpretação da qualidade da relação como resultado do afastamento físico (emigração) e dos conflitos imediatos, para uma interpretação relacional que engloba um complexo de sentimentos (desilusão, raiva, injustiça) associados à história relacional que a levaram a questionar a integridade do progenitor enquanto pai e pessoa. Confrontou-se a D. com a ausência da mãe durante a sua infância, facilitando reconhecimento de que não teve oportunidade de ser cuidada por ambos os progenitores.

Na décima primeira sessão, perspectivava-se trabalhar sob as suas expectativas em relação ao futuro familiar através da representação simbólica. A D. chegou à sessão perturbada devido à repentina saída de casa do irmão, para ir viver com a mãe, motivada por um conflito com o pai. Esta mudança sentida como imprevisível colocou a família num período de desorganização, um momento “*assustador*” no que concerne ao futuro das relações familiares. Tornou-se crucial, nesta e na sessão seguinte, ajudar a D. a refletir sobre o impacto desta mudança na sua vida. Por um lado sente-se mais próxima do pai, por outro lado sente-se responsável pela não desagregação familiar e as mudanças relacionais que podem advir do desejo de ir viver com a mãe: para ser feliz tem de viver com a mãe, contudo seguir esse sonho implicará o afastamento do pai que, na sua perceção, só está em Portugal pelos filhos. Trouxemos à superfície este “*peso*” que a faz entrar num impasse entre o seu conceito de felicidade - viver com a mãe - e a desejada proximidade emocional com o pai.

Tivemos conhecimento de mais uma mudança. No dia 11 de Maio foi atribuída a guarda alternada, o que desencadeou ambivalência emocional associada ao papel que sente ter junto do pai: preencher o vazio deixado pelo irmão. Sente-se feliz por estar mais tempo com a mãe,

mas teme pelo pai. **Na décima segunda e terceira sessão** refletimos sobre o significado desta mudança e das repercussões no papel que assume no seio familiar e no seu projeto de vida.

Na **décima quarta sessão** esteve presente a D. e o pai, tendo os objetivos versado sobre a integração do pai no processo terapêutico e a reflexão acerca das mudanças familiares como recurso para uni-los numa experiência comum. Foi possível recuperar espaços de relação que permitiram a partilha recíproca das suas experiências emocionais perante as mudanças recentes e a própria relação entre estes.

Na **décima quinta sessão** procedeu-se a uma segunda aplicação da *Dupla Lua* com a finalidade de observar a possível evolução das modalidades complementares do conflito sobre os laços entre as pessoas presentes e ausentes, bem como da representação dos limites familiares. A partir deste trabalho, conseguimos compreender algumas evoluções alcançadas, concretamente, na forma como se coloca perante a sua história e a sua família. **Na sessão seguinte**, os objetivos incidiram sobre a introdução da história de desenvolvimento do pai, culminando num momento de recíproca partilha e compreensão que os aproximou através da reflexão sobre semelhanças, mas também de diferenças que permitiram novas descobertas sobre o outro (Andolfi, 2013). Sentiu-se que foi muito importante para a D. descobrir os “*porquês*” do pai, concebendo a sua partilha como um voto de confiança em si.

O último encontro foi dedicado à passagem do caso para a Dra. Marta através da partilha, por parte da D., das atividades desenvolvidas e da realização do balanço do que foi conseguido durante o percurso. Concomitantemente, procedeu-se à devolução das evoluções sentidas a partir da aplicação repetida do instrumento *Dupla Lua* e à exploração dos seus receios perante a saída da estagiária.

e) Reflexão Pessoal

Este acompanhamento individual foi a atividade que mais tempo e dedicação exigiu. O primeiro aspeto a destacar é a relação criada durante o processo terapêutico que está na base da profundidade do trabalho conjunto e das mudanças alcançadas. O processo terapêutico transforma-se num processo de conhecimento graças ao utente e ao psicólogo que, em interação, constroem novos significados e facilitam a (re)organização familiar (Andolfi, 2003). A empatia, o envolvimento e a diferenciação de papéis alcançados, juntamente com a capacidade e necessidade da D. em narrar e compreender a sua história sob um novo prisma, permitiu o grau de reflexão e interiorização desejados.

Através de um modelo de intervenção relacional que dá primazia à redefinição da história de desenvolvimento da pessoa como forma de encontrar novos nexos e significados,

conseguimos ajudar a D. a *ligar* o passado, presente e futuro. Considera-se que o cuidado em *presentificar* diferentes gerações, foi o elemento chave para compreender o contexto e a história familiar sob diferentes planos, os aspetos relacionais próprios de uma geração ou mais, através de saltos temporais (Andolfi, 2013). Desta forma, conseguiu-se ajudar a D. a reaproximar-se da sua história, contemplando as vicissitudes positivas e menos positivas, das suas angústias e dos familiares e, não menos importante, dar-lhes um significado relacional.

Ainda que a reorganização de uma vida relacional sadia implique um longo percurso, sente-se uma mudança no modo como se coloca perante o seu passado, as suas relações (passadas e atuais) e o futuro familiar. A D. cresceu absorvendo as experiências dos outros como suas, sobretudo as da mãe, sendo que a sua interpretação e destino das suas relações desenvolveu-se sobre este registo relacional, culminando num bloqueio sobre o seu papel e experiência na família. Refletir e *reviver* a sua história a partir do próprio sistema emocional (ainda que, por vezes, concretizado a um nível inconsciente), reapropriando-se cada vez mais de si própria, facilitou o início da deslocação de uma posição indiferenciada e *crystalizada* no tempo e, conseqüentemente, o encontro de novos nexos e significados. Considera-se que conseguimos ajudá-la a mudar de registo e a olhar de forma mais aprofundada a sua realidade, pensando nos significados e nas dinâmicas relacionais que subjaziam a tudo o que ela viveu. Atualmente reconhece a complexidade relacional subjacente à sua história e dificuldades sob um novo panorama, o que a faz sentir-se numa posição diferente no que concerne ao seu papel e na forma como percebe as mudanças relacionais e estruturais: o passado não deve ser ignorado, mas não deve dominar o presente (Ferraris, 2002).

O maior desafio sentido durante o acompanhamento foi conseguir que a D. se sentisse preparada para incluir a família nas sessões, por temer a resposta dos outros face às suas partilhas. A integração do pai foi muito importante já que a relação pai-filha sempre foi concebida pela mesma como uma prioridade. Através dos dois encontros conseguidos, favoreceu-se a recuperação de espaços de relação que permitiram o contacto e a partilha recíproca das suas angústias e sentimentos no que concerne à relação entre os dois e a vivências familiares (passadas e atuais).

O acompanhamento não está finalizado, sobretudo atendendo à necessidade de reorganização perante as mudanças recentes (guarda alternada; companheiro da mãe; corte relacional entre pai e filho). Tendo em conta que a Dra. Marta continua a acompanhar o caso, destacam-se algumas dimensões que deverão continuar a ser trabalhadas: a estruturação das posições e papéis familiares; ajudar na reorganização familiar perante a entrada do novo elemento (namorado da mãe); e continuar a facilitar a comunicação entre pai e filha.

6. Outras atividades institucionais

Para além das propostas atrás descritas e implementadas na APAC, foi possível apoiar as psicólogas noutras atividades desenvolvidas: na observação/realização de 22 avaliações cognitivas (aplicação da WISC – III), das quais foi concedida a responsabilidade pela elaboração de 7 relatórios a entregar à Escola e/ou pais; e a oportunidade de observar e realizar Avaliações Sectoriais (Psicologia).

A avaliação cognitiva constitui uma ferramenta de suporte à intervenção, podendo ser realizada de acordo com as solicitações dos vários serviços. Quando é definido no Plano de intervenção de Apoio Ambulatório como objetivo geral a avaliação cognitiva, o utente integra automaticamente a lista de espera do serviço de psicologia.

A avaliação sectorial (Psicologia) consiste numa avaliação inicial. Esta integra a anamnese psicológica e conceitualização cognitiva dos problemas apresentados. Os procedimentos de avaliação incluem procedimentos formais, procedimentos sistemáticos de entrevistas ou outros métodos estruturados de avaliação (observação ou recolha de informação). A avaliação inclui o preenchimento da Ficha de Avaliação de Psicologia, sendo a finalidade perceber se existem alterações no desenvolvimento que se reflitam em défices ao nível das competências cognitivas, emocionais e de relacionamento interpessoal do utente, bem como das suas capacidades de desempenho e de autonomia.

Salienta-se ainda a oportunidade de observar 3 avaliações multidisciplinares que diferem das anteriores, na medida em que os utentes são avaliados por mais do que um serviço e, ainda, a oportunidade de estar presente em algumas sessões no âmbito de outros serviços (Terapia da Fala, Terapia Ocupacional e Psicomotricidade).

Conclusão/Reflexão

Estagiar na APAC revelou ser uma das experiências mais enriquecedoras deste percurso de formação. Este período e esta experiência, que representa apenas um quinto da formação de um psicólogo, assume uma importância significativa na medida em que ainda que numa fase de treino, interiorizamos uma grande responsabilidade profissional até então desconhecida. Como outras grandes mudanças na vida, o período de estágio curricular transforma-se numa altura de crescimento e desenvolvimento pessoal, mas também muito exigente em termos das responsabilidades profissionais inerentes.

O acolhimento num local de estágio como a APAC pode ser inicialmente sentido como aterrorizante devido à dimensão que a instituição comporta, a extensa lista de espera que exige um ritmo de trabalho exaustivo e a reconhecida complexidade inicial de adaptação ao local de estágio. O mestrado traduz-se numa formação mais especializada que visa permitir a aquisição de conhecimentos aprofundados no ramo de especialização, incluindo a aquisição de competências para o uso de métodos e técnicas de intervenção e de investigação em contexto profissional. O estágio, particularmente, é uma fase fundamental do nosso percurso formativo, correspondendo à etapa indicada para descobrir e solidificar conhecimentos e técnicas previamente apreendidos.

É também nesta altura que começamos a fazer planos para o ano seguinte, acabando por se tornar numa fase tumultuosa e de confusão à medida que questionamos o nosso futuro: *onde estamos e para onde vamos.*

Ao longo do ano letivo deparamo-nos com algumas dimensões que merecem especial atenção nesta reflexão final. Enquanto estagiários, não entramos no contexto de estágio como detentores de todo o conhecimento, mas numa perspetiva de descoberta de um *terreno* desconhecido. O momento de integração inicial exigiu o desenvolvimento de alguma flexibilidade cognitiva e afetiva para alcançar uma adequação positiva ao ritmo de trabalho, a preparação prévia do projeto de estágio em consonância com a realidade institucional, assimilação das relações de trabalho e do contexto em si. Nos primeiros dias apercebemo-nos de imediato das exigências com que qualquer ser humano se depara quando entra no mundo do trabalho, num contexto onde toda a gente se conhece e se encontra totalmente envolvido numa rotina diária de *stress*, obrigações, responsabilidade e horários definidos que devem ser cumpridos rigorosamente. O primeiro desafio que faz referência ao envolvimento e integração na dinâmica institucional, foi positivamente ultrapassado sobretudo devido à abertura e disponibilidade dos técnicos para acolher e *conter* a complexidade subjacente à entrada dos

estagiários no contexto, repleta de inseguranças, ansiedades e receios, mas também de grande vontade de aprender, inovar e criar.

Já alcançada uma integração positiva na instituição, com o evoluir do trabalho realizado no âmbito da Psicologia, considera-se que a qualidade positiva e dinâmica que caracteriza a relação estabelecida com a equipa ultrapassou as características pessoais salientas pelos técnicos (e.g. humildade; simpatia; empenho; motivação envolvimento; entre outros). Após a implementação da Ação de Formação, da Intervenção em Grupo e o início da intervenção individual, a relação parece ter evoluído para um maior grau de complexidade e de ajuda mútua. Enquanto na primeira fase do estágio a relação era mais baseada naquilo que poderíamos *receber* do contexto, com o decorrer do tempo também conseguimos *dar* à instituição, introduzir novidade à intervenção psicológica e restantes áreas a partir do momento em que *abrimos portas* a um novo modelo de interpretação e intervenção que, no entanto, não nega a importância da análise individual.

É reconhecido que tem sido promovida, nas Instituições Particulares de Solidariedade Social, uma configuração mais abrangente capaz de integrar as famílias dos utentes e trabalhar em conjunto com estas. O problema que está a ser vivido neste novo paradigma é que as equipas técnicas das instituições encontram-se muitas vezes desorientadas e sem modelos teóricos de referência que ajudem a desenvolver um trabalho global integrado e profundo. A complexidade familiar e social que envolve as pessoas com quem trabalhamos, na relação de ajuda, é reconhecida e sentida como uma dimensão crucial no processo terapêutico. Ainda que a intervenção seja maioritariamente desenvolvida num registo individual, os técnicos reconhecem a necessidade e a importância de compreender estas dimensões para o alcance do crescimento e da mudança. No final de cada sessão, os terapeutas procedem à realização de um feedback com as famílias através do qual discutem conjuntamente como correu a sessão. Essa dinâmica permite tornar os familiares e a própria criança mais protagonistas ao mesmo tempo que favorece uma reflexão a outros níveis: da família sobre o terapeuta e sobre si própria, dos terapeutas sobre eles próprios e sobre a família. Contudo, por vezes, carecem de fundamentação teórica que apresente em profundidade a complexidade das dinâmicas relacionais, sustentado uma chave de leitura onde se trabalham, maioritariamente, os comportamentos que têm de ser modificados.

Se é verdade que o sintoma da criança, mesmo o mais grave, pode revestir a valência simbólica de uma “ponte entre gerações”, como defende Andolfi (2013), é igualmente verdade que frequentemente a criança ou jovem carrega pesos excessivos e responsabilidades relacionais. Nesta ótica, uma questão com a qual nos deparámos frequentemente foi de que

forma poderíamos intervir para redistribuir pesos e competências entre diferentes membros da família, de modo a ajudar cada um a recolocar-se em papéis e funções mais idóneas ao crescimento da família.

Valorizar a criança e a sua presença ativa permite restituir indiretamente responsabilidades e competências aos pais, sendo a melhor forma de coterapia aquela em que, por um lado, se utilizam os conhecimentos e as experiências profissionais do terapeuta, e, por outro, os recursos humanos, experimentados no *terreno* através do sofrimento e dificuldades da família, cujo porta-voz mais representativo é a criança (Andolfi, 2013). Encontra-se inerente ao nosso papel, enquanto psicólogos relacionais, “jogar” com as ausências, com as presenças simbólicas e com a dimensão implícita da realidade no que respeita a “ver os laços intergeracionais”. As crianças, quer cheguem a nós com um problema ou sem problema, são o melhor guia para entrar na história familiar, pois representam o presente, o elemento de coesão dessa mesma história. O valor *curativo* das sessões familiares é inegável e podem produzir-se transformações individuais e relacionais muito significativas.

Tornou-se claro que os efeitos positivos da terapia não se procuram em aspetos mágicos e muito menos nas estratégias terapêuticas, antes são o resultado de uma experiência vivida em grupo que tem como conteúdo central a revisitação, no presente, de histórias de desenvolvimento do passado. Fazendo entrar a história do passo no presente, tornam-se imediatamente visíveis conexões entre os dois tempos.

O presente dos problemas, frequentemente representado na própria criança, torna-se um ponto de partida, de referência, do qual se pode viajar, no tempo, para a frente ou para trás. A este nível, as atividades propostas sob o prisma relacional, a bibliografia disponibilizada e o contacto com instrumentos de observação e intervenção relacional tiveram a sua pertinência e utilidade no contexto, de forma a preencher vazios teóricos e enriquecer o background dos profissionais. O mais importante, a nosso ver, foi termos conseguido introduzir a novidade sem, no entanto, interferir negativamente na rotina e registo das suas intervenções, mas sempre num registo de cooperação e ajuda mútua. Ressalva-se que a diversidade de abordagens não impediu a boa colaboração e trabalho em equipa, resultando num trabalho complementar que enriqueceu ambas as partes. Não menos importante, o confronto com diferentes abordagens possibilitou-nos definir o nosso *estilo* trabalho, encontrar e desenvolver ferramentas essenciais, pessoais e profissionais, imprescindíveis à relação de ajuda. Todas as propostas de estágio foram no sentido de ser uma mais-valia para a instituição, foram pensadas e organizadas para fazer sentido no contexto em questão, caso contrário, por mais ricas que fossem, emergiriam como atividades vazias e sem significado para os utentes.

O conjunto de experiências integrantes nesta jornada exigiu também refletir sobre quais são as exigências da formação para quem decide tornar-se psicólogo. Pode-se, agora, facilmente compreender que é insuficiente a aquisição de técnicas e que a formação não pode ser identificada como apenas os conteúdos científicos e teóricos a reter (Raguso, 2011). Ao rigor absoluto e profundo da formação teórica é necessária a integração de um *training* aprofundado que, entre outros aspetos, implica um trabalho sobre a própria pessoa do futuro psicólogo (Cigoli, 2007 cit in. Raguso, 2011). O nosso encontro com a pessoa/família é primeiramente um encontro, uma relação na qual participamos enquanto pessoas, pelo que cada um de nós entra e está na relação com tudo aquilo que é, com toda a sua história, competências, conhecimentos, experiências e limitações. Tudo aquilo que nos constitui enquanto pessoas encontra-se no pano de fundo da relação de ajuda e vai inevitavelmente interferir na mesma.

Para alcançar a transformação torna-se essencial a transmissão da confiança e segurança, interesse, aceitação, empatia, escuta ativa, transparência e a compreensão (Andolfi, 2003). Mas além disso, o que precisamos para verdadeiramente acolher, conter e devolver a experiência de dor, sofrimento e impotência relacional do outro, é termos encontrado, reconhecido e procurado a nossa própria experiência e, assim, conhecido a dificuldade de “mudar” sem querer sair das seguranças das próprias defesas. A nossa capacidade de entrar e estar na dor e no sofrimento alheio, de os compreender e de possibilitar que quem os experimenta consiga atribuir-lhe novos significados, surge da possibilidade que já tivemos de olhar para as nossas próprias feridas, para as nossas relações significativas e para os nossos limites, e assim ter encontrado novas conexões e outras vias de saída, de interpretação e significação das mesmas (Andolfi & Cigoli, 2003). Isto defende-nos do perigo da colusão com o sofrimento do outro, ou seja, de confundir e procurar afastar a nossa própria dor, através da dor alheia (Raguso, 2011).

Muitos futuros psicólogos entram no mundo da Psicologia com uma certa fantasia idealizada, de onipotência ingénuo e de salvação do(s) outro(s), como se possuidores de uma “magia” qualquer que os distingue dos outros e que os torna *experts*, que nada mais geram do que estados de ansiedade elevados e de maior insegurança quando se deparam com a ausência de resultados imediatos. Torna-se imperativo o desenvolvimento de uma flexibilidade no sentido de compreendermos que nem sempre vamos ter todas as respostas, pois se estivermos excessivamente preocupados e concentrados apenas em “nós” e nas nossas competências devido ao receio de falhar, criaremos um “olho gigante” sobre nós próprios que impedirá a nossa disponibilidade para estar verdadeiramente “naquela” relação. A aceitação

da ambiguidade e a descoberta dos limites pessoais constituem dimensões fundamentais que tornam possível a criação de um espaço que nos permite experimentarmo-nos e arriscarmo-nos nas diferentes relações de ajuda e, assim, adotar uma visão mais ampla e relacional marcada pela disponibilidade para com pessoas que se encontram num estado de bloqueio e consequente transformação. Se não nos desenvolvermos a nós próprios como conseguiremos ajudar e orientar o outro no seu próprio crescimento e transformação?

Nesta fase tão peculiar da nossa vida, não devemos negar ou encobrir o nosso passado, as nossas origens e experiências, independentemente destas serem positivas ou menos positivas, mas injetar nestas raízes e vivências uma visão positiva, no sentido do início de uma nova etapa de vida sem rutura. As nossas vivências menos positivas e problemas pessoais não devem ser considerados como um obstáculo, mas aspetos a serem conhecidos e superados de forma a que possam ser explorados para benefício da prática profissional, ou seja, longe de serem negados ou removidos, devem ser colocados ao serviço de um processo de mudança. *“Os seres humanos são como caracóis, carregam sempre consigo uma concha repleta de memórias, sendo eles mesmos as suas memórias”* (Minuchin & Nichols cit. in Gritti & Canevaro, 1995).

Trata-se de pensar no psicólogo como alguém que está verdadeiramente envolvido na relação e cura e é participante do início até ao fim. Somos parte integrante da relação, mas também o outro (indivíduo, casal, família, instituição) entra na nossa vida. A cura como relação implica portanto um envolvimento total que promova também o seu próprio crescimento, o seu desenvolvimento. E que o habilite a reconhecer-se a si próprio, bem como ao utente, como seres relacionais, envolvidos e inseridos em contextos concretos e vivos, que geram sentimentos e emoções, sistemas de valores e de crenças, que constroem significados. Esta perceção da própria vulnerabilidade, da própria “imperfeição”, liberta o profissional de qualquer fuga onipotente (Raguso, 2011).

Cessada mais uma etapa da nossa formação, podemos dizer com segurança que ser psicólogo não significa ser o detentor de todo o conhecimento ou dar “respostas imediatas”, mas ser alguém que possui uma outra visão da realidade, um olhar diferente, que em conjunto permite a redescoberta de percursos alternativos, abrir novos caminhos de interpretação, de significação da própria experiência vivida e, portanto, possíveis percursos alternativos de mudança: é procurar significados e “explorar com” através da relação. O desconhecido e o imprevisto são ingredientes básicos quando trabalhamos com o ser humano, cabendo-nos desenvolver a capacidade de nos permitirmos *não saber* e partir para a descoberta junto dos os utentes. O foco são os recursos e os significados da pessoa naquele momento, naquela

história e situação, sendo o nosso principal instrumento a relação. Assim, vinga um olhar de esperança e de complexidade sobre estas famílias que não minimiza ou ignora o sofrimento mas que o compreende como uma dimensão intrínseca da condição humana, a qual pode ser integrada e tornar-se um recurso e o ponto de partida para uma nova etapa de desenvolvimento.

Terminamos esta experiência única sentindo-nos abençoados pela riqueza pessoal e profissional que o local do estágio nos proporcionou, uma instituição que já não nos é desconhecida e que se apresenta como um ponto de viragem significativo no nosso percurso vital.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2002). *(des) Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto
- Alves, T. P. A. (2003). *Alcoolismo paterno e comportamento/ rendimento escolar dos filhos - contribuição para o seu estudo*. Dissertação de Mestrado em Psiquiatria e Saúde Mental, Universidade do Porto, Faculdade de Medicina- Universidade do Porto, Porto.
- American Psychiatric Association (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatística de Perturbações Mentais*, Quarta Edição, Revisão de Texto. Lisboa: Clipmesi.
- Amparo, D. M., Okino, E. T. K., Osorio, F. L., Hisatugo, C. L. C., & Tavares, M. (2012). *Métodos e Avaliação Psicológica: Atualizações, Avanços e Perspetivas: IV Congresso da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos*, 2-4 Agost.
- Andolfi, M. (2002). *I pionieri della terapia familiar*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Andolfi, M. (2003). *El coloquio relacional*. Barcelona: Paidós
- Andolfi, M. (2013). *A Criança como Recurso Terapêutico*. Alfragide: Editorial Caminho
- Andolfi, M. & Angelo, C. (1989). *Tempo e Mito em Psicoterapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andolfi, M., Ângelo, C., Menghi, P., & Corigliano, A. (1984). *Por trás da máscara familiar: um enfoque em terapia de família* (M. C. R. Goulart, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andolfi, M., & Cigoli, V. (2003). *La famiglia d'origine*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Andolfi M., & Mascellani A. (2010). *Storie di adolescenza*. Milano: R. Cortina.
- Ângelo, C. (1995). A escolha do parceiro. In Andolfi, M., Ângelo, C., Saccu, C. (eds.). *O Casal em Crise*. São Paulo: Summus.
- APAC-Associação de Pais e Amigos de Crianças (2008). *Historial. Nós*, 1, 5-8.
- Baptista, M. N., & Teodoro, M. L. M. (2012). *Psicologia de Família: teoria, avaliação e intervenção*. Porto Alegre: Artmed
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. (1973). *Invisible loyalties: reciprocity in intergenerational family therapy*. Universidade de Michigan: Medical Dept., Harper & Row.
- Bowen, M. (1998). *De la familia al individuo, La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Barcelona: Paidós
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a contexto for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22 (6), 723- 742.
- Cigoli, V. (1992). *Il corpo familiare*. Milão, Itália: FrancoAngeli.
- Cigoli, V. (2002). O rompimento do pacto - Tipologia do divórcio e rituais de passagem. In

- M. Andolfi (Eds.). *A Crise do Casal: Uma Perspetiva Sistémico-Relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Cigoli, & M. Gennari (Eds). *Close relationships and community psychology: An international perspective* (p. 54-64). Milano: FrancoAngeli
- Delgado, P. (2009). O acolhimento familiar numa perspectiva ecológico-social. *Revista Lusófona de Educação*, 14, 157-168.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi.
- Elkaim, M. (1989). *Panorama das terapias familiares*. São Paulo: Summus
- Emery, R. (1999). Postdivorce family life for children: An overview of research and some implications for policy. In R. Thompson & P. Amato (Eds.), *The postdivorce family: Children, parenting, and society* (pp. 3-27). London: Sage.
- Emery, E. R., Margola, D., Gennari, M., & Cigoli, V. (2010). Emotionally Informed Mediation Processing Grief and Setting Boundaries in Divorce. In, V. Cigoli & M. Gennari (Eds). *Close relationships and community psychology: An international perspective*. Roma: Franco Angeli.
- Everstine, D. S., & Everstine, L. (2007). *Personas en crisis: Intervenciones terapêuticas estratégicas*. México: Pax
- Ferraris, A. O. (2002). Filhos de famílias divorciadas e reconstituídas. In, M. Andolfi (Eds.). *A Crise do Casal: Uma Perspetiva Sistémico-Relacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferro, A. (1995). *A Técnica Na Psicanálise Infantil*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Fortin, M. (1999). *O Processo de Investigação: Da concepção à realização*. Portugal: Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Freud, S. (1989). *Metapsicologia: lutto e melancolia*. Torino, Itália: Bollati Boringhieri. (obra original publicada em 1915).
- Gonçalves, M. & Henriques, M. R. (2005). *Terapia Narrativa da Ansiedade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Gozzoli, C., & Tamanza G. (1998). *Il Family Life Space*. Milano: Franco Angeli
- Greco, O. (2006). *Il lavoro clinico con le famiglie complesse, il test la doppia luna nella ricerca e nella terapia*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Greco, O. & Comelli, I. (2008). La doppia luna. In D. Margola (Ed.) *Tecniche psicologiche d'indagine clinica*. (pp. 149 – 197). Milão, Itália: Franco Angeli.
- Gurman, A., & Kniskern, D. (1995). *Manuale di Terapia della famiglia* (Trad. S. Rivolta). Torino, Itália: Bollati Boringhieri. (obra original publicada em 1991).
- Instituto da Segurança Social, I. P. (2014). *Guia Prático - Constituição de Instituições*

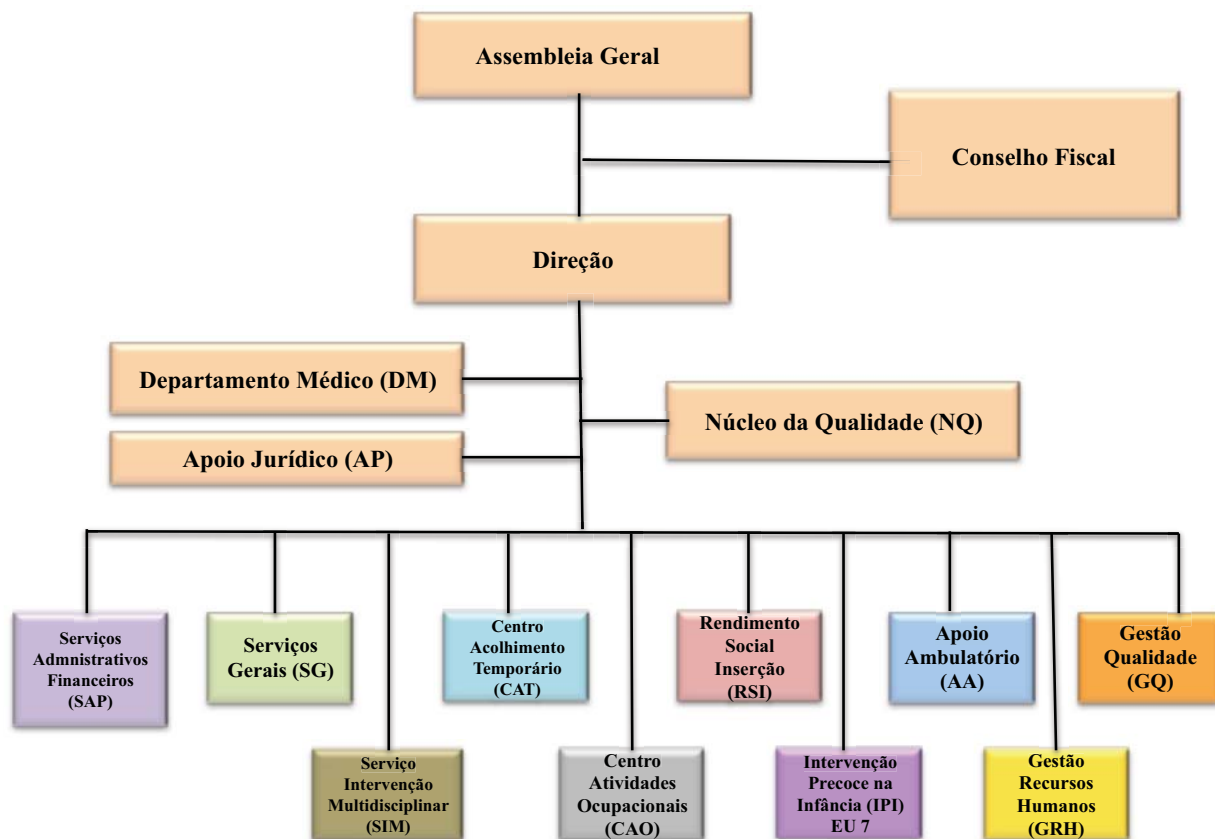
Particulares de Solidariedade Social.

- Jaramillo, M. G., Tamanza, G., & Molgora, S. (2010). Mediación Familiar y Cuidado de los Vínculos. Un Análisis Empírico Del Modelo Relacional-Simbólico. In, V. Cigoli & M. Gennari (Eds). *Close relationships and community psychology: An international perspective*. Roma: Franco Angeli.
- Machado, C. (2004). Intervenção psicológica com vítimas de crimes: Dilemas teóricos, técnicos e emocionais. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4 (2), 399-411.
- Machado, C., & Gonçalves, R. A. (2002). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto Editora
- Martin, H. (1999). *Separação e Divórcio: ajudar os filhos a vencer*. Lisboa: Monitor.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, Funcionamento & Tratamentos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1999). *Famílias e Casais: do sintoma ao sistema*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Montàgano, S., & Pazzagli, A. (1989). *Il genogramma, teatro di alchimie familiari*. Milão, Itália: Franco Angeli.
- Moreira, P. (2013). *Aventura dos sentimentos e pensamentos*. Portugal: Porto Editora.
- Moreira, P. (2014). *Stop! Disciplina e autocontrolo*. Portugal: Porto Editora.
- Papero, D. V. (1989). A Teoria sobre os Sistemas Familiares de Bowen. In, M. Elkaim (Eds). *Panorama das terapias familiares* (p. 71-99). São Paulo: Summus
- Pérez, D., & Palacios, C. (2006). Recursos en familias llamadas multiproblemáticas. *Horizonte de enfermería*, 17 (2), 63-71.
- Raguso, F. (2006). O modelo relacional em Psicologia: desafios e perspectivas. *Pessoas & Sintomas*, 1, 8-11.
- Raguso, F. (2007). A relação terapêutica na Psicologia Relacional. *Pessoas & Sintomas*, 2, 34-38.
- Raguso, F. (2008). *Competências de Intervenção Psicológica. Apontamentos das aulas, Sebenta da Disciplina* (no prelo).
- Raguso, F. (2011). A psicologia clínica e a formação dos psicólogos. *Pessoas & Sintomas*, 15, 25-27.
- Raposo, H. S., Figueiredo, B. F. C., Lamela, D. J.V., Nunes-Costa, R. A., Castro, M. C., & Prego, J. (2011). Ajustamento da criança à separação ou divórcio dos pais. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 38 (1), 28-33.
- Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspetiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

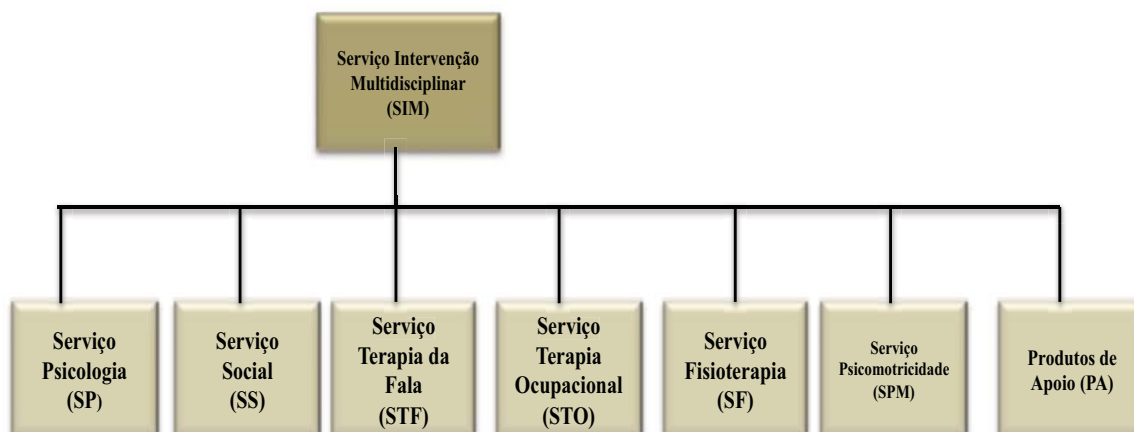
- Rich, B. W., Molloy, P., Hart, B., Ginsberg, S., & Mulvey, T. (2007). Conducting a children's divorce group: One approach. *Journal of Child Adolescent Psychiatric Nursing*, 20 (3), 163-175.
- Scabini, E. & Cigoli, V. (2006). *Family Identity. Ties, Symbols, and Transitions*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Scabini, E., & Iafate, R. (2003). *Psicologia del legami familiar*. Itália: Il Mulino
- Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The Transition to Adulthood and Family Relations- An Intergenerational Perspective*. London: Psychology Press
- Simon, M., Marzotto, C., & Montanari, I. (2010). La Parole et le Geste. Analyse de Processus Dans un Groupe de Parole Pour des Enfants En Rupture de Liens. In, V. Cigoli, & M. Gennari (Eds). *Close relationships and community psychology: An international perspective* (p. 133-145). Milano: FrancoAngeli
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*. Coimbra, Portugal: Quarteto.
- Souza, N. R., & Dallalana, T, M. (2004). Enfoque Sistémico: Uma Discussão sobre Mudanças de Modelos no Programas de Saúde Familiar. *Família, Saúde e Desenvolvimento*, 6 (2), 154-165.
- Togliatti, M. (2010). *Tecniche de valutazione ed intervento nella famiglia*. Appunti ed approfondimenti. Edizioni Kappa.
- Vacheret, C. (2008). Il Photolangage: un metodo gruppale a veduta terapeutica o formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 180-191.
- Vinogradov, S., & Yalon, I. D. (2012). *Guía Breve de Psicoterapia de Grupo*. Barcelona: Paidós.
- Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: Edipucrs
- Walsh, F. (1996). El concepto de resiliencia familiar: Crisis y desafío. *Family Process*, 35(3), 261-281.
- Winnicott, D. (1971). *Playing and reality*. Londres, Inglaterra: Tavistock.
- Yoshida, E. M. P (2008). Significância clínica de mudança em processo de psicoterapia psicodinâmica breve. *Paidéia*, 18, 305-316.

ANEXOS

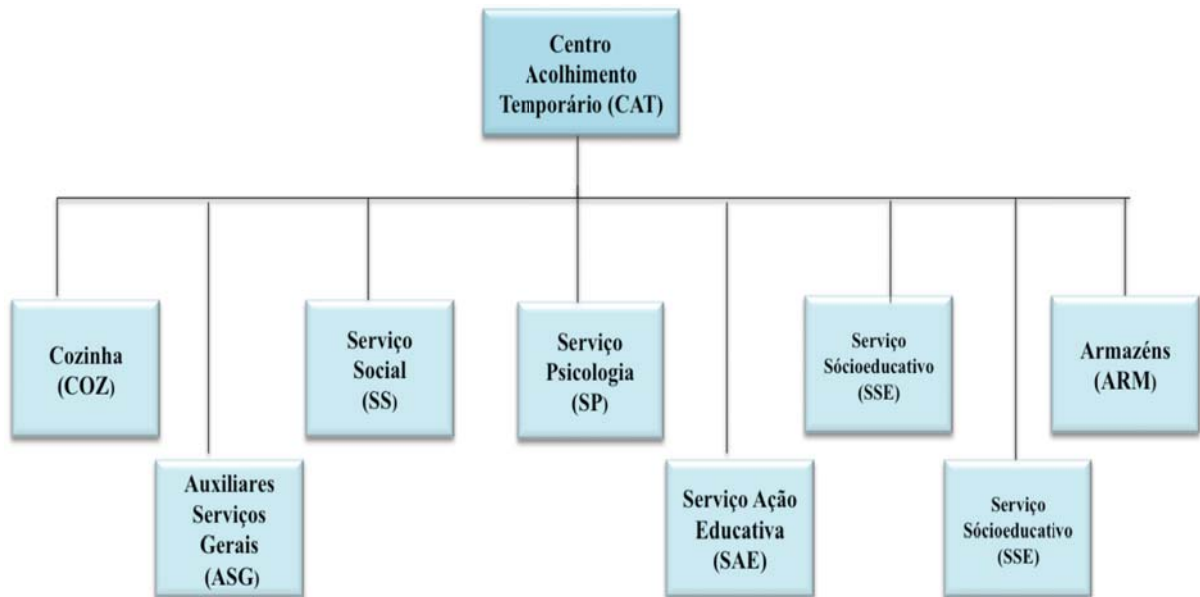
Anexo A – Organigrama e Respostas Sociais



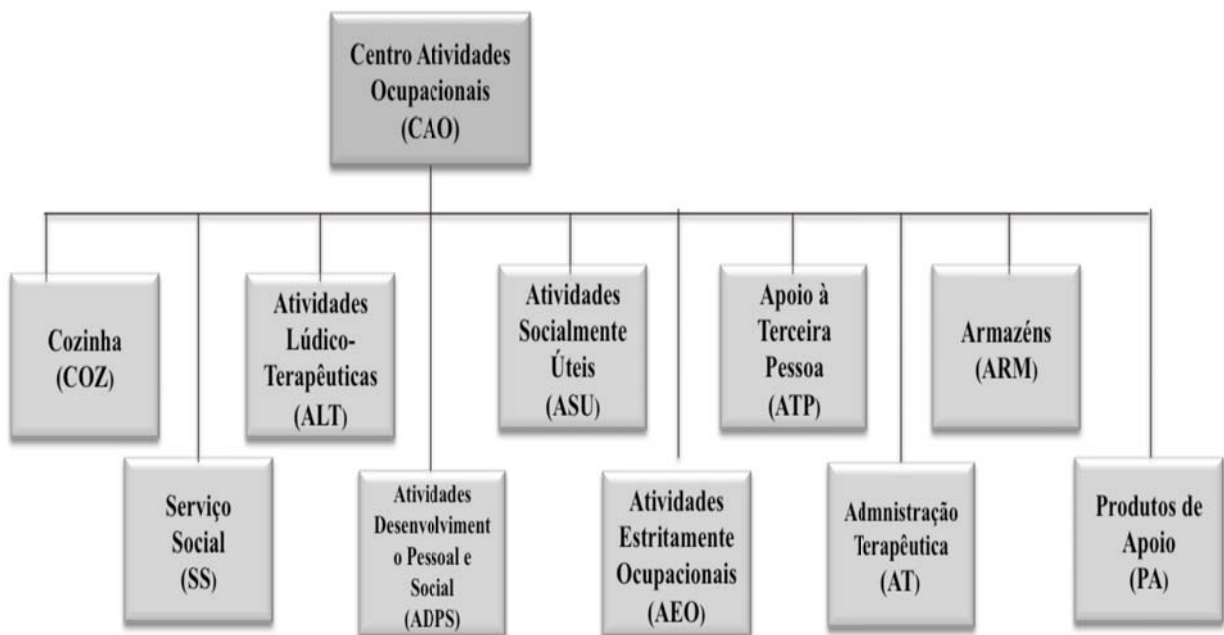
Anexo A1 – SIM



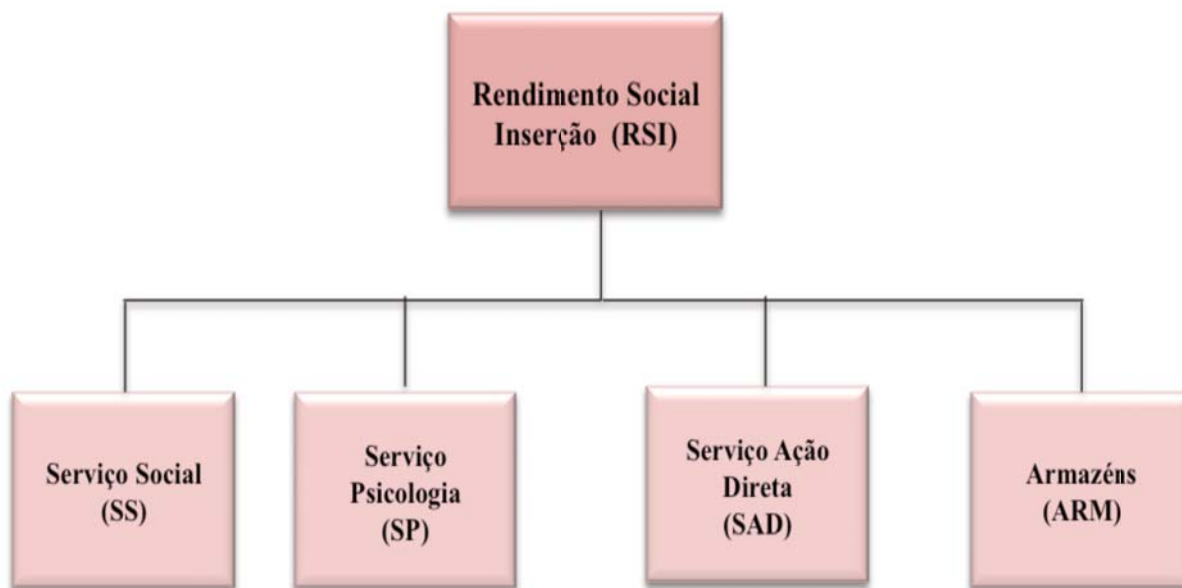
Anexo A2 – CAT



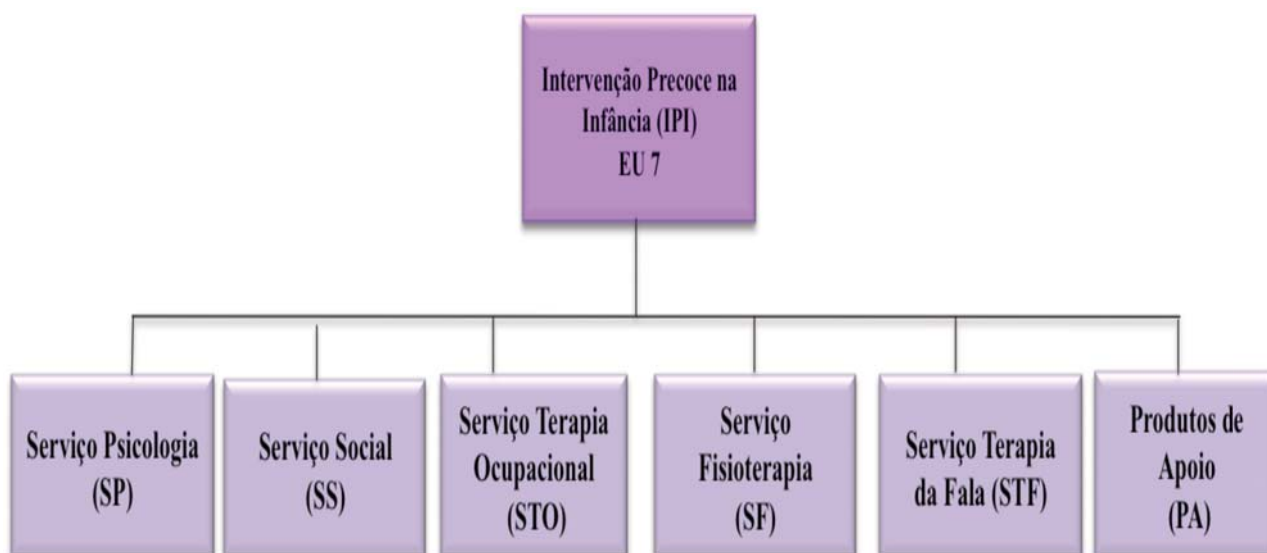
Anexo A3 – CAO



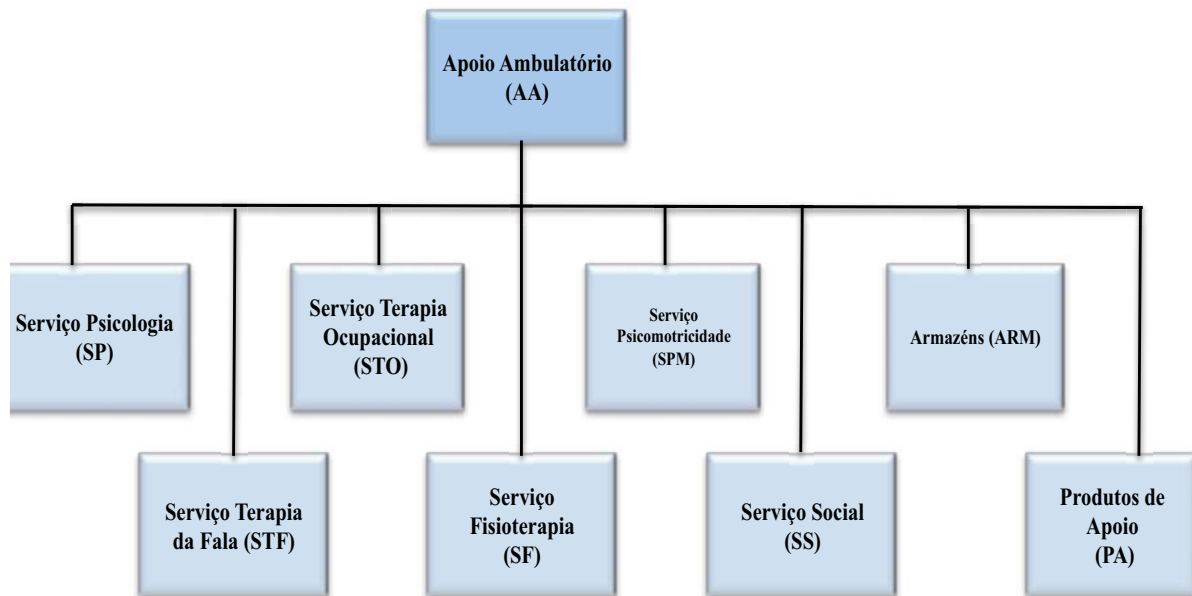
Anexo A4 – RSI



Anexo A5 – IPI



Anexo A6 – AA



Anexo B: Entrevista semiestruturada destinada ao levantamento de necessidades da instituição

Guiões de Entrevista para Levantamento de Necessidades APAC - Associação de Pais e Amigos de Crianças

Presidente APAC

Com o objetivo de conhecer/compreender melhor a instituição e o trabalho desenvolvido, bem como as reais necessidades e características da APAC, gostaria de lhe colocar algumas questões. Desde já agradeço a sua disponibilidade.

- ✓ Qual o contexto temporal e social em que foi formada a instituição?
- ✓ Qual é a missão da instituição?
- ✓ Quais os valores que regem o projeto?
- ✓ Qual a relação entre as diferentes áreas interdisciplinares da instituição?
- ✓ Quais as necessidades da instituição?
- ✓ Quais os principais desafios com que se deparam?
- ✓ Gostaria de acrescentar alguma coisa?

Psicóloga Orientadora (Psicóloga e Coordenadora técnica do Apoio Ambulatório)

Ao longo das primeiras semanas de estágio, foi-me dando a conhecer a APAC e as diferentes valências, bem como a possibilidade de observar acompanhamentos individuais e as intervenções que, nas diferentes áreas, são desenvolvidas para responder às necessidades de cada realidade. No entanto, gostaria de pedir a sua colaboração na resposta a algumas questões, de forma a completar e acrescentar alguns aspetos. Desde já agradeço a sua disponibilidade.

- ✓ Qual a sua formação de base?
- ✓ Qual o papel do psicólogo na APAC?
- ✓ Quais as problemáticas com que se depara?
- ✓ Quais as respostas que a valência disponibiliza relativamente a essas realidades?
- ✓ Qual a relação entre as diferentes áreas interdisciplinares da instituição?

- ✓ Quais considera serem as principais necessidades da APAC? (e no AA)?
- ✓ Quais as atividades/intervenção em grupo/ações de formação desenvolvidas, na área da psicologia?
- ✓ Quais as temáticas nas quais têm incidido e a quem se dirigem?
- ✓ Como tem sido a adesão da população-alvo?
- ✓ Quais os instrumentos que utiliza?
- ✓ Quais as dificuldades com que se depara no Apoio Ambulatório?
- ✓ Considerando a missão da APAC é possível notar um “olhar” que engloba a criança/jovem e o seu contexto. Como considera que a família se integra nos objetivos da instituição?
- ✓ Quais as principais dificuldades vividas por estas famílias?
- ✓ Considera pertinente algum tipo de intervenção em alguma área/temática em específico e/ou com alguma população específica (técnicos, família, utentes)?
- ✓ Quais são as suas expectativas quanto ao meu contributo de estagiária?
- ✓ Para finalizar a nossa entrevista, gostaria de acrescentar alguma coisa?

Psicólogas

Com o objetivo de conhecer/compreender melhor a instituição e o trabalho desenvolvido, bem como as reais necessidades e características do Apoio Ambulatório, gostaria de lhe colocar algumas questões. Desde já agradeço a sua disponibilidade.

- ✓ Qual a sua formação de base?
- ✓ Qual o seu papel na instituição ?
- ✓ Quais as problemáticas mais frequentes no Apoio Ambulatório?
- ✓ Que tipo de intervenção realiza?
- ✓ Quais os instrumentos que utiliza?
- ✓ Considerando a missão da APAC, é possível notar um “olhar” que engloba a criança/jovem e todo o seu contexto. Como descreve o envolvimento das famílias no processo terapêutico?
- ✓ Quais considera serem as principais dificuldades sentidas por estas famílias?
- ✓ Quais as necessidades, ao nível da Psicologia, que sente como mais urgentes?
- ✓ Considera pertinente algum tipo de intervenção em alguma temática específica e/ou com alguma população particular (técnicos, família, utentes)?
- ✓ A Dra. Marta havia referenciado, que os estagiários de Psicologia têm vindo a intervir

com a equipa técnica através de ações de formação. Esteve presente em alguma?

- (Se sim) Quais as áreas/temáticas abordadas?/ Consegue referir alguma outra temática que considere pertinente trabalhar com a equipa?
- (Se não) Considera pertinente a formação em alguma temática específica?
- ✓ O que espera do meu contributo enquanto estagiária de Psicologia?
- ✓ Para finalizar a nossa entrevista, gostaria de acrescentar alguma coisa?

Outros técnicos (Assistente Social e Terapeutas de outros serviços)

Com o objetivo de conhecer/compreender melhor a instituição e o trabalho desenvolvido, bem como as reais necessidades e características da população da APAC, gostaria de lhe colocar algumas questões. Desde já agradeço a sua disponibilidade.

- ✓ Há quanto tempo trabalha na APAC?
- ✓ Qual o seu papel?
- ✓ Quais são as áreas nas quais intervém diretamente?
- ✓ Quais os aspetos que considera positivos e a melhorar na instituição?
- ✓ Como é que a família se integra nos objetivos da instituição?
- ✓ Quais considera serem as principais dificuldades sentidas por estas famílias?
- ✓ Quais são as necessidades que sente como mais urgentes?
- ✓ Para finalizar a nossa entrevista, gostaria de acrescentar algo que não tenha sido abordado e que considere relevante?

Auxiliares

Com o objetivo de conhecer melhor a instituição e o trabalho desenvolvido, gostaria de lhe fazer algumas questões. Serão questões simples e breves mas que considero importantes, uma vez que o vosso trabalho é fundamental para o bom ambiente e funcionamento dos diferentes serviços. Desde já, agradeço a sua disponibilidade.

- ✓ Há quanto tempo trabalha na APAC?
- ✓ Qual a função que desempenha na instituição?
- ✓ Fale-me um pouco sobre a sua experiência na APAC.
- ✓ Como descreve a relação com as famílias das crianças/jovens?
- ✓ Quais as dificuldades com que se depara?
- ✓ Quais são as necessidades, ao nível dos funcionários, que sente como mais urgentes?
- ✓ Para finalizar a nossa entrevista, gostaria de acrescentar alguma coisa?

Famílias

Com o objetivo de conhecer/compreender melhor a instituição e recolher a sua (vossa) percepção sobre a mesma, gostaria de colocar algumas questões. Desde já agradeço a sua (vossa) disponibilidade.

- ✓ Como teve conhecimento da Instituição?
- ✓ Por quais serviços estão a ser acompanhados?
- ✓ Conte-me a sua experiência na APAC.
- ✓ Quais aspetos sente como mais positivos neste contexto?
- ✓ O que uma instituição como esta poderia atualmente oferecer às famílias?
- ✓ Para finalizar a nossa entrevista, gostaria de acrescentar alguma coisa?

Anexo B1: Consentimento informado para a realização das entrevistas

Carta de Explicação

No âmbito do estágio curricular do Mestrado de Psicologia da Família da Faculdade de Filosofia de Braga, os alunos devem adquirir informações para caracterizar a instituição em que se encontram a estagiar e realizar o levantamento das suas necessidades para posteriormente ser apresentado um projeto de intervenção que preceda à resposta de algumas dessas necessidades.

Posto isto, venho por este meio solicitar a sua colaboração na realização de uma entrevista, o que implicará a sua disponibilidade para uma sessão de cerca de 30 minutos.

Esta participação será voluntária, pelo que poderá interromper a entrevista a qualquer momento. Para assegurar o rigor da análise dos dados recolhidos é desejável proceder à gravação áudio desta entrevista. A gravação poderá ser interrompida, em qualquer momento, se assim o desejar. Tudo o que disser será estritamente confidencial, pois os resultados serão codificados.

Agradeço desde já a sua disponibilidade.

Consentimento informado

Eu _____,
declaro que tomei conhecimento sobre os objetivos do trabalho a levar a cabo pela aluna de Psicologia da Faculdade de Filosofia de Braga, na recolha de informação que lhe permita caracterizar a instituição em que se encontra a estagiar e fazer o levantamento das suas necessidades, e aceito colaborar com a mesma na realização de uma Entrevista.

Declaro, ainda, a autorização da gravação da sessão de entrevista.

Assinatura:

Anexo C – Estrutura da Ação de Formação “Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: *um olhar relacional*”

Sessão 1: “Os desafios e exigências do Modelo Relacional Simbólico”

Objetivos gerais

- 1) Dar a conhecer o Modelo Relacional Sistémico e Simbólico;
- 2) Refletir sobre os desafios e as exigências do Modelo no contexto de intervenção.

Objetivos específicos

- 1) Dar a conhecer os pressupostos subjacentes ao Modelo Relacional Sistémico e Simbólico;
- 2) Refletir sobre o contexto relacional no qual a criança/adolescente se encontra inserida;
- 3) Compreender as particularidades e pertinência do diagnóstico relacional;
- 4) Compreender as especificidades e dimensões subjacentes à relação de ajuda, que parte desta chave de leitura, e ao papel do psicólogo.

Materiais

- *Datashow*
- Canetas
- Histórias sobre as fronteiras familiares
- Cartões alusivos às dinâmicas familiares com configurações familiares distorcidas

Duração: 90 minutos

Parte I

Atividade 1: “*Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: um olhar relacional*”

Objetivos

1. Apresentação dos objetivos da ação de formação;
2. Contextualizar os temas ao contexto institucional.

Procedimento: Num primeiro momento, procede-se à apresentação dos objetivos da ação, bem como à exploração das expectativas dos participantes em relação à mesma, a fim de se compreender o que esperam *receber e dar* durante este percurso. Posteriormente, é importante contextualizar a pertinência dos temas a abordar no presente contexto institucional.

Parte II

Atividade 1: *O indivíduo é ele próprio e as suas circunstâncias*

Procedimento: Esta atividade é composta por três momentos. Num primeiro momento, é solicitada uma breve discussão sobre a seguinte frase: “*O indivíduo é ele próprio e as suas circunstâncias*”. Pretende-se criar um espaço de reflexão sobre a importância de compreender a pessoa (e o seu desenvolvimento) enquanto um *ser histórico*, sempre inserido num enredo relacional e numa história de vida, através da partilha das visões e significados do grupo.

Num segundo momento, segue-se a apresentação e reflexão sobre os principais pressupostos subjacentes ao Modelo Relacional Sistémico e Simbólico, especificamente: a visão dinâmica e relacional da pessoa humana; a conceção de família no âmbito do presente Modelo, considerando os três registos pela qual a família se desdobra (o relacional, interacional e simbólico) e, ainda, a identidade individual compreendida como fruto da matriz familiar, remetendo para o conceito de diferenciação de Bowen (1998) e o conceito de fronteiras de Minuchin (1982). Pretende-se facilitar a reflexão do grupo sobre o contexto relacional no qual as crianças e adolescentes, com as quais trabalham, se encontram inseridas. Para tal, são abordados os seguintes temas específicos: conceitos de diferenciação e indiferenciação; dependência crónica; corte relacional; a família enquanto uma unidade estreita entre a interação entre diferentes subsistemas; conceito de fronteiras/limites familiares; *continuum* entre fronteiras rígidas e difusas. No sentido de promover habilidades de análise e reflexão sobre os conceitos na realidade institucional, são trabalhados em grupo dois exemplos práticos que remontam para duas realidades familiares distintas onde podemos encontrar diferentes dinâmicas relacionais e estruturais. Com a introdução destes temas perspectiva-se a compreensão mais aprofundada sobre o contexto relacional e estrutural no qual as crianças e jovens se encontram inseridas e, de que forma diferentes modalidades relacionais e estruturais podem contribuir ou impedir o crescimento e a diferenciação (individual e familiar).

O grupo é dividido em 4 grupos (formados por 4 a 3 elementos), sendo entregue uma história familiar a cada um. Depois de discutidas entre cada grupo e apresentada uma possível resposta, promove-se o diálogo acerca da situação familiar, do que terá acontecido naquela família e sobre as fronteiras desenvolvidas entre os diferentes membros e subsistemas. Através deste exercício pretende-se também promover a capacidade de reflexão e análise sobre a família e, portanto, a compreensão e interiorização dos conceitos e pressupostos apresentados anteriormente.

No terceiro momento, pretende-se sensibilizar para a imperatividade de uma visão

contextual e relacional do *sintoma* ou das dificuldades que fundamentam os pedidos de ajuda das famílias, através da reflexão sobre a compreensão do *sintoma* como algo que adquire um sentido dentro do seu mundo familiar e relacional.

Atividade 2: Diagnóstico relacional: *o contexto é o horizonte*

Procedimento: Esta atividade engloba dois momentos. Inicialmente, é realizado um *brainstorming* solicitando-se aos participantes que enunciem palavras/ideias “soltas” associadas aos conceitos de diagnóstico clássico e diagnóstico relacional. Esta tarefa permite, por um lado, compreender as suas percepções sobre os conceitos no contexto de intervenção, bem como o seu grau de compreensão e interiorização dos conteúdos discutidos anteriormente. Num segundo momento, procede-se à apresentação das particularidades e da pertinência do diagnóstico relacional.

Para finalizar a atividade, é dado espaço para a visualização de um filme: um anúncio Russo que representa, metaforicamente, a visão da pessoa enquanto um *ser* repleto de recursos internos e externos que independentemente dos obstáculos, bloqueios e *feridas* vivenciados, consegue transformar-se e realizar-se plenamente. Não menos importante, representa o *olhar* que devemos desenvolver enquanto psicólogos relacionais num primeiro diagnóstico e ao longo de todo o processo terapêutico: um *olhar* que não tem apenas em conta as dificuldades dos utentes, mas as suas potencialidade e recursos (internos e externos).

Atividade 3: A relação de ajuda: *rumo ao terceiro planeta*

Procedimento: Nesta atividade, é propiciado um espaço de reflexão sobre as especificidades e dimensões subjacentes à relação de ajuda que parte de uma chave de leitura relacional e ao papel do profissional. Pretende-se que os profissionais reflitam sobre a sua prática profissional em consonância com os temas refletidos ao longo da sessão e, assim, a realização de uma *reciclagem* dos elementos que se encontram na base de uma relação de ajuda. Independentemente dos anos de experiência profissional é fundamental um contínuo percurso de reflexão sobre o nosso papel enquanto profissionais, bem como enquanto pessoas. Esta tarefa pretende que cada um dos participantes (re)pense o seu lugar no espaço terapêutico e reflita sobre os elementos chave que se encontram na base de uma verdadeira relação de ajuda, que vão para além dos conhecimentos teóricos e técnicos adquiridos e da conceção do profissional como um *expert* portador das ansiadas soluções e respostas.

Solicita-se ao grupo a partilha de experiências profissionais nas quais tenham vivenciado uma *encruzilhada* entre a sua própria história de vida, as suas emoções,

experiências, valores, limitações (entre outros aspetos) e os do(s) utente(s). Esta tarefa tem como objetivo potenciar a reflexão sobre os conteúdos discutidos, atendendo à realidade concreta dos participantes.

Atividade 4: A intervenção na Violência Familiar: o contributo de uma abordagem relacional

Procedimento: Com esta atividade pretende-se a discussão acerca dos contributos da abordagem relacional sistémica e simbólica na intervenção na violência familiar, a partir da análise de caso. Num primeiro momento, a reflexão versa sobre o cruzamento entre as dificuldades relacionais atuais a história relacional de uma jovem. Pretende-se que o grupo consiga identificar e compreender a relação entre as dificuldades relacionais atuais e a sua história relacional. São destacados os elementos da sua história a partir dos quais podemos compreender os *sintomas* e, ainda, a aproximação e ligação das dimensões presentes na sua relação de namoro (atual) com o seu percurso no que concerne ao seu quadro relacional com as figuras mais significativas.

Num segundo momento, a discussão é direcionada para a compreensão das funções e significados dos *sintomas* (dificuldades no relacionamento interpessoal e episódios de automutilação) atendendo à história relacional da utente. Tendo por base os temas trabalhados nas atividades anteriores acerca do sintoma como problemática familiar e as especificidades da relação de ajuda incentiva-se, no decorrer desta análise, a reflexão sobre os objetivos de intervenção segundo a abordagem relacional.

Embora a violência seja concebida como um fenómeno que afeta toda a família (vítimas diretas, indiretas e ofensor), uma grande parte dos programas de intervenção propostos e as grelhas de leitura que os sustentam atendem apenas às necessidades individuais, não respondendo deste modo às exigências de todo o sistema familiar (Machado & Gonçalves, 2002). Ou seja, a maioria destina-se à resposta ao nível de problemas concretos e imediatos, como por exemplo, a preservação da segurança da vítima, a intervenção em crise ou o apoio emocional no decurso do(s) processo(s) judicial (ais) (Machado, 2004), valorizando questões associadas à história da vitimação e, portanto, o rótulo de vítima e/ou poder de que a vítima se socorreu para sobreviver (Machado, 2004).

A abordagem relacional, contrastando com os modelos anteriormente apresentados, analisa a violência intrafamiliar a partir da observação da interação entre os membros do sistema familiar, das transmissões intergeracionais e sua influência na construção da identidade individual e familiar. Nesta exposição, a partir da análise do caso clínico, pretende-se discutir o contributo do modelo relacional nesta área e continuar a desenvolver com o

grupo uma visão dos *sintomas* ou dificuldades (não apenas a violência) como expressões de um problema contextual e relacional: como uma forma de expressar o mal-estar do sistema familiar, a partir do paciente designado (Raguso, 2007). Não menos importante, pretende-se reforçar a ideia de que cada pessoa, ao longo do seu percurso vital, faz-se acompanhar por um quadro/registo relacional com origem na sua história.

Atividade 5: Já não há casal, apenas família: *a doença orgânica de uma criança e a organização relacional da família*

Procedimento: Esta atividade incide sobre o tema “Perturbações na Infância e Configurações Familiares Distorcidas” apresentado por Andolfi (2013). Ao observar as formas que estruturam uma família, o autor traçou algumas configurações disfuncionais, nas quais os *sintomas* da criança se podem considerar uma resposta coerente e dotada de sentido face aos contextos relacionais problemáticos. O tema remete para a análise de estruturas familiares e as suas principais características ao nível das relações que podem revelar, no seu interior, aspetos disfuncionais para o crescimento e desenvolvimento da criança e da sua família. Tendo em conta o presente contexto institucional e, portanto, as características do público-alvo, a reflexão foca situações em que desde o nascimento ou, pelo menos, desde uma etapa muito precoce do processo de crescimento de uma criança, surge uma doença, habitualmente de natureza orgânica ou genética, com características muito incapacitantes.

A atividade desenrola-se da seguinte forma: A partir da proposta de reflexão “*O que acontece com estas famílias ao nível das relações?*”, sensibiliza-se o grupo para o tema como uma experiência que diz respeito a toda a família, envolvendo-a numa experiência dolorosa e de desorganização que afeta a vida do sistema familiar e os membros individualmente. O grupo é organizado em pequenos grupos, sendo entregue, a cada um deles, uma tira de papel representativa de efeitos ao nível das relações familiares que são disfuncionais para o processo de crescimento de todo o sistema, conduzindo a um bloqueio evolutivo e amplificando os níveis de sofrimento (Andolfi, 2013): amplificação das funções parentais; esvazia o espaço conjugal; limita e descompensa os processos de crescimento dos outros filhos; distorce a organização afetiva do sistema familiar; o problema da proteção e da negação da doença, ou, pelo contrário, da doença como centro do universo familiar; o problema dos limites; modelos educativos discordantes; famílias superenvolvidas ou ausentes/marginalizadas; o desaparecimento do sistema de amigos. É dada a orientação para cada grupo refletir sobre as dinâmicas relacionais e estruturais que caracterizam o sistema

familiar, representativas da dificuldade de reorganização. Depois de discutidas entre cada grupo e apresentada uma possível resposta, cada grupo partilha a sua compreensão sobre o conteúdo do cartão, de forma a facilitar uma compreensão mais aprofundada sobre os efeitos anteriormente referidos.

Num momento seguinte, o trabalho incide sobre o caminho a seguir ao nível da intervenção a partir de uma perspetiva relacional, sendo destacados os seguintes objetivos terapêuticos (Andolfi, 2013): da negação da doença à competência sobre a doença; provocar o tirano e retirá-lo do pedestal; interromper o círculo de proteção e entrar na dor da perda de cada membro da família; o recurso ou a ausência das famílias de origem; recompor a frateria e marcar a fronteira conjugal; a terapia em rede.

Sessão 2: “Se também o terapeuta soubesse *brincar...*”

Objetivos gerais

- 1) Facilitar o reconhecimento do jogo e do desenho enquanto recursos terapêuticos;
- 2) Apresentar dois dos principais instrumentos de intervenção com famílias.

Objetivos específicos

- 1) Refletir sobre as vantagens da utilização de medidas de desempenho como o jogo e o desenho (e outros métodos projetivos);
- 2) Desenvolver habilidades de implementação de alguns dos principais instrumentos do Modelo Relacional (*Family Life Space* e a *Dupla Lua*) junto das psicólogas, úteis na intervenção com as crianças e adolescentes, bem como com as famílias, de forma a que todos tenham um papel ativo na relação de ajuda.

Materiais

- Datashow
- Exemplos práticos para refletir sobre o jogo e o desenho enquanto recursos terapêuticos
- Caixa lúdica
- Materiais relativos aos instrumentos (grelhas de análise, instruções, documentos de aplicação e exemplos de aplicação)

- Questionários de Avaliação Pós-Teste

Duração: 90 minutos

Organização da sessão

Tendo em conta as especificidades do público-alvo, a presente sessão é organizada em dois momentos. Num primeiro momento, na presença de todo o grupo (com a duração de 30 minutos), o trabalho versa sobre a reflexão do jogo e do desenho enquanto recursos terapêuticos e as vantagens subjacentes aos métodos de desempenho na intervenção. O segundo momento (com a duração de uma hora) destina-se apenas às psicólogas, pela especificidade dos objetivos ao nível da prática terapêutica.

Atividade 1: Métodos objetivos vs. Métodos projetivos

Procedimento: Num primeiro momento, procede-se à apresentação e reflexão acerca das especificidades e diferenças entre as técnicas objetivos e as técnicas projetivas, sendo dado espaço para que o grupo partilhe comentários, percepções e experiências profissionais associadas ao tema em discussão, no sentido de uma aprendizagem mútua a partir de experiências profissionais reais.

Atividade 2: “O jogo e o desenho como recursos terapêuticos”

Procedimento: Num segundo momento, parte-se para a apresentação dos fundamentos teóricos que concebem o jogo e o desenho como recursos terapêuticos fundamentais para o acesso à realidade da pessoa e, assim, ao seu mundo interno. Pretende-se que o grupo compreenda e interiorize estas duas técnicas de avaliação/intervenção psicológica como ferramentas extremamente úteis na intervenção, ultrapassando os objetivos meramente lúdicos. É realçada a importância da intencionalidade das atividades realizadas, com a própria experiência e capacidade de observação e interpretação do profissional. Ao longo da apresentação, são analisados exemplos práticos com a finalidade de consolidar o conteúdo apresentado, bem como promover a análise e a interpretação em grupo.

No final da sessão, é proposta a construção de uma caixa com material lúdico para permanecer na instituição para futuras intervenções:

1. Pequenos bonecos/personagens flexíveis, representando diferentes personagens por género e idade - figuras de crianças e adultos de ambos os sexos, avó e avô, pai e mãe,

entre outros;

2. Materiais adicionais para completar o cenário, composto por figuras e animais (e.g. cachorro; vaca; pato), árvores, flores, veículos (e.g. carros; comboio), objetos de uso diário (e.g. cadeiras; pratos; brinquedos) e figuras simbólicas (e.g. anjo; “gnomo”).

Atividade 3: Técnicas de Intervenção Familiar

Procedimento: Nesta atividade procede-se à apresentação do instrumento *Dupla Lua* e do instrumento *Family Life Space*, incluindo: a respetiva fundamentação teórica; principais objetivos; materiais utilizados; instruções/procedimento de aplicação; e o processo de análise. A ideia subjacente é que a pessoa tem uma perceção construtiva, uma representação e interpretação da realidade e da sua experiência no mundo, que pode ser mais facilmente percecionada pelo psicólogo através destas técnicas. Paralelamente é proporcionado o espaço de discussão sobre os instrumentos, para a colocação de dúvidas e partilha de curiosidades que tornarão a atividade mais rica. É também disponibilizado um dossiê com os instrumentos apresentados para permanecer no local de estágio para futuras intervenções.

Para finalizar a sessão, realiza-se um balanço final sobre a ação de formação, um espaço de reflexão sobre as temáticas abordadas e a experiência da participação no grupo.

Antes do grupo sair é entregue o questionário da avaliação da formação e disponibilizado um dossiê composto por alguns artigos e capítulos associados aos temas abordados em ambas as sessões (Psicologia da Família), de modo a que possam individualmente aprofundar mais sobre as temáticas.

Anexo C1 – Questionário Pré-teste utilizado na ação de formação

Questionário de avaliação Pré-teste

“Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: um *olhar* relacional”

De seguida, irá encontrar um conjunto de questões sobre o Modelo Relacional Sistémico e Simbólico e a importância da integração ativa das famílias no processo terapêutico. Com este questionário pretende-se compreender a perceção dos Técnicos da APAC sobre a psicologia da família, bem como sobre dois dos principais instrumentos do presente Modelo Teórico.

- 1) Qual a importância das famílias no contexto de intervenção?

- 2) O que conhece sobre a perspetiva relacional/sistémica?

- 3) No seu ponto de vista, quais podem ser os principais contributos da Psicologia da Família?

- 4) Considerando os seguintes instrumentos, assinale com um círculo os instrumentos sobre os quais tenha conhecimento e os seus principais objetivos.
 - a) *O Espaço de vida da Familiar* (Mostwin, 1980, Gozzoli & Tamanza, 1998)
 - b) *A Dupla Lua* (Greco, 2006)

Anexo C2: Temas e materiais da 1ª sessão: “Os desafios e exigências do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico”

1º Tema: O indivíduo é ele próprio e as suas circunstâncias

Cada pessoa não existe fora de um contexto histórico e relacional mas encontra-se antes inserida num. O Modelo Relacional Simbólico parte do pressuposto de que nenhuma experiência humana acontece num vazio relacional, sendo significativa porque é sempre uma experiência enraizada num mundo de significados e de relações que lhe conferem significado e consistência (Raguso, 2008).

O nascimento é o reconhecimento do indivíduo enquanto pessoa: quando alguém nasce, nasce numa história, numa continuidade genealógica (socialização primária) e nunca num vazio, mesmo quando se trata de alguém que não mantém relação com a família (e.g. crianças abandonadas). A família não é apenas um intermediário entre o indivíduo e o mundo exterior, mas o *lugar* onde se dão as primeiras relações, influenciando a forma como cada um percebe o mundo e a si próprio na relação com os outros (Minuchin, 1982). O nosso enfoque centra-se na relação e não nos comportamentos concretos observáveis, a não ser as suas causas/origem.

Scabini e Cigoli (2006) definem a família como uma organização única e específica que conecta e detém no mesmo espaço, as diferenças originárias e fundamentais do ser humano, as do género, entre masculino e feminino, as de geração, entre as dos pais e filhos por exemplo, e as de estirpes que unem ambas as famílias do casal, tendo como objetivo e projeto intrínseco a geratividade. Por conseguinte, o *corpo familiar* vive e transforma-se ao longo do tempo, desdobrando-se em três registos distintos: a interação, a relação e o simbólico. O primeiro registo é o da *interação*, o *aqui e agora* da ação recíproca, da circularidade que se produz no presente, num espaço definido. O segundo é o registo *relacional*, constituído pelas vivências durante as diferentes gerações. O terceiro é o registo *simbólico*, que conecta os dois planos anteriores, como um tecido de significados e de valores ao qual está ligado o património narrativo da família (Cigoli, 1992).

A parte relacional define o ponto de observação e compreensão do objeto família, referindo-se a dimensão simbólica às categorias qualitativas necessárias para interpretar as relações familiares. Quando falamos em relação, referimo-nos ao laço que une, ainda que inconscientemente, as pessoas entre si, sedimentando-se em valores, mitos, ritos e modelos de relacionamento (superando a interação e o papel). O eixo simbólico está formado por um polo ético de justiça e lealdade, ligado à figura paterna que guia, regula e reconhece; e por um polo

afetivo de confiança e esperança, mais ligado à figura materna que dá a vida, protege e contém (Scabini, Marta & Lanz, 2006) A dimensão da interação é o “tecido concreto da vida familiar” que engloba as trocas verbais e não verbais, de palavras, decisões, afetos, entre outros, podendo constituir um ponto de partida para fornecer pistas sobre o funcionamento da família. Este aspeto relacional, o conjunto de trocas de interações e comunicações que se efetuam na família, têm a sua origem comum na história das gerações passadas, permitindo descobrir como a família se organiza e funciona (Scabini et al., 2006). A dimensão essencial é focalizar a consciência que **a matriz fundamental da identidade individual é a família: a família dá aos seus membros o cunho da individualidade** (Minuchin, 1982). Mas como? A experiência humana de identidade engloba dois elementos: um sentido de pertença e um sentido de *ser* separado, sendo que a forma como uma família se relaciona e encontra organizada nas suas diferenças/limites pode encorajar o crescimento e individuação dos seus membros ou pode impedi-lo.

Isto leva-nos a dois conceitos fundamentais: o **da diferenciação** (Bowen, 1998) e de **fronteiras familiares** (Minuchin, 1982). Resumidamente, no processo de diferenciação, a pessoa poderá assumir-se como um ser humano com ideias e decisões próprias, diferente de todos os outros. Poderá criar relações interpessoais com os membros da família e enfrentar os problemas da vida de forma responsável e madura. A diferenciação relaciona com a ideia de vínculo e cuja concretização não se consegue pelo afastamento ou isolamento da pessoa, já que ela continua a pertencer a um sistema (Gurman & Kniskern, 1995). Diferenciação significa projetar o caminho pessoal através do próprio sistema interno. Tipicamente, uma pessoa com alta diferenciação tem a capacidade de manter uma presença não ansiosa perante uma pessoa ansiosa, sendo também capaz de definir de modo claro os próprios valores e objetivos pessoais e de assumir a responsabilidade sobre o próprio *ser* e sobre o destino emocional (Gurman & Kniskern, 1991/1995), continuando a sentir pertença e segurança no seio familiar (consegue manter o seu “eu individual” e a relação com as origens). Assim, a pessoa diferenciada afirma o que pensa sem atribuir as próprias crenças a outros, assumindo igualmente a responsabilidade da própria felicidade sem culpabilizar os outros dos próprios insucessos (Andolfi, 2002).

A escala de diferenciação no limite mais baixo pode apresentar duas modalidades: **a chamada dependência crónica**, caracterizada pela fusão com a massa indiferenciada do eu familiar que não permite à pessoa sair da posição de filho; e a que Bowen denomina de **corte emocional**, marcada por uma aparente falta de pertença e por uma negação da intensidade emocional dos vínculos não resolvidos com os próprios pais (Andolfi, 2002). O corte

emocional refere-se, portanto, a uma falta de pertença familiar, às vezes disfarçada de falsa autonomia, que se manifesta no paradoxo de sentir, por um lado, uma necessidade imperiosa de proximidade afetiva e, por outro, uma rejeição quase alérgica às relações mais próximas. (Bowen, 1998). Quanto mais claro o corte emocional com a família de origem, mais previsível a repetição do mesmo modelo nas relações futuras. A pessoa que vive um corte emocional profundo criará e cortará relações de forma cíclica na sua vida, transformando-se quase num nómada, que oscila de uma relação para outra, cortando os vínculos emocionais com o passado. A distância emocional é alcançada, quer através de mecanismos internos, quer pela distância física real. A permanência numa situação de tensão emocional pode expor a pessoa a disfunções, tais como: enfermidades físicas; transtornos emocionais, como a depressão; disfunções sociais, como o alcoolismo; ou episódios de irresponsabilidade em relação aos outros (Bowen, 1998).

Relativamente ao conceito de **fronteiras** (Minuchin, 1982), a família como qualquer grupo necessita de uma estrutura, um tipo de organização interna que regula a interação entre os membros (fornecer um exemplo).

A família é composta por diferentes **subsistemas** (fornecer exemplos), sendo cada um destes definido pelas suas funções e papéis. Cada indivíduo pertence a vários subsistemas, nos quais possui diferentes níveis de poder e onde aprende competências diferenciadas. A organização dos subsistemas de uma família fornece um treino valioso no processo de manutenção “eu seu diferenciado” ao mesmo tempo que permite o exercício de habilidades interpessoais em diferentes níveis.

Estes subsistemas são separados por fronteiras/limites que funcionam como regras que definem quem participa naquele subsistema quando e como participa, sendo a sua função proteger a diferenciação da família. Todas as famílias situam-se num *continuum* entre dois polos: **as fronteiras rígidas e as fronteiras difusas**.

Para um funcionamento familiar saudável as fronteiras devem ser claras e permeáveis, de forma a permitir aos membros o desenvolvimento das suas funções, sem interferências indevidas; mas também permitir a proximidade com os membros de outros subsistemas. Um subsistema parental que inclui uma avó ou uma criança parental, pode funcionar muito bem, desde que as linhas de responsabilidade e autoridade sejam nitidamente delineadas.

No polo das **fronteiras difusas**, encontramos famílias fechadas sobre si próprias, onde há um aumento de comunicação e preocupação entre os membros da família e, por sua vez, a ausência de distância e de limites, ou seja, a família vive um emaranhamento e uma confusão de papéis (e.g. relações igualitárias entre pais e filhos; parentificação). O sentimento de

pertença requer uma máxima renúncia de autonomia, desencorajando a exploração autônoma e o domínio dos problemas. As fronteiras são demasiado abertas, resultando em famílias frágeis e destruturadas porque a falta de *esqueleto* não garante os níveis mínimos de proteção e acolhimento. Nestes casos, o comportamento de um membro afeta imediatamente os outros e o stress num membro individual repercute fortemente através das fronteiras, alastrando-se rapidamente para os outros subsistemas (e.g. filho preso no conflito conjugal).

Outras famílias, chamadas de **desligadas**, desenvolvem **fronteiras muito rígidas** onde a comunicação entre os subsistemas torna-se difícil e as funções protetoras da família são prejudicadas. Nestas, as pessoas também desenvolvem uma fraca diferenciação e existe uma tendência ao isolamento dos membros e aos cortes transgeracionais. As pessoas podem funcionar de forma autônoma, mas têm um sentido distorcido de independência e carecem de sentimentos de lealdade e de pertença, bem como de capacidade de interdependência e para pedir apoio quando precisam. Apenas um nível elevado de *stress* individual é capaz de ativar os sistemas de apoio da família.

É neste sentido que a família, enquanto a primeira unidade social do ser humano (Minuchin, 1982), pode constituir um *lugar* de crescimento, afetividade e segurança, mas também de ansiedade, medos, angústias, rejeições e incertezas. A personalidade individual é o fruto complexo da interiorização da própria história familiar, dos seus mitos, das suas presenças e ausências, das suas vicissitudes relacionais (Raguso, 2006).

a) Histórias familiares

A Família Cardoso

A Sr.ª. Cardoso tem um rapaz, João, com 17 anos e duas meninas, Filipa e Mafalda com 13 e 12 anos de idade respetivamente (a Filipa repetia o 7º ano de escolaridade e a Mafalda frequentava o mesmo ano e a mesma turma). O pai faleceu e depois disso, a mãe deu o seu quarto ao João, que nomeou o “homem da casa”. A mãe dormia no quarto com as filhas, onde só havia um guarda roupa: sem dono definido, cada uma das peças de roupa (algumas saias e camisolas) era da pessoa que, nessa manhã, dela se apoderasse causando conflitos e aborrecimentos.

Mais responsável, o filho mais velho era muitas vezes encarregado de tomar conta das irmãs. Outras vezes, ficava a Filipa responsável pela irmã mais nova. Maria, a mãe, queixava-se das inúmeras zangas entre as duas filhas, que solicitavam a intervenção da mãe ou do filho mais velho como elementos mediadores. Eram todos muito unidos, sobretudo depois da morte do pai.

Com dificuldades económicas (particularmente depois da morte do pai) a mãe ocupava todo o tempo a trabalhar: durante a semana como empregada doméstica e aos fins de semana como cozinheira. Os filhos ajudavam-na nesta tarefa, tinham poucos amigos e quase só saiam de casa para ir para a escola. Quando se perguntou à Mafalda como se imaginava em adulta, disse que se via médica, a viver perto da mãe que tomaria conta da sua criança. Filipa imaginava-se solteira, vivendo e trabalhando com a mãe numa pastelaria que com ela teria montado. O João imaginava-se piloto aéreo para viver em vários lugares.

Como vivem os membros desta família?

Como serão as fronteiras nesta casa?

A Família Pires

Carlos estava a chegar aos 20 anos. Matriculado no 10º ano, volta a reprovar por faltas. Dormia até às 15h da tarde e chegava a casa quase de manhã. Muito agressivo com a mãe, nas palavras e nos comportamentos, estava sempre a exigir-lhe dinheiro (para droga, supunha a senhora). Pontualmente coligava-se com o pai (desempregado e alcoólico) para atacar a mãe. Quando ambos se punham a fumar e a dizer-lhe que os deixasse em paz ela não os suportava. Estava farta de, sozinha, ter que ganhar para o sustento da casa. Já pedira à psiquiatra do hospital que, à força, internasse o marido para desintoxicação.

Num dia em que o Carlos se aborreceu com a mãe e com o pai pegou fogo ao quarto e espatifou a carrinha da mãe. A filha mais velha, mãe solteira antes dos vinte anos, abandonara a casa dos pais e, desde então, tinha tido uma série de empregos precários. Achava que o pai e o irmão eram casos perdidos e que a mãe devia abandoná-los e viver sozinha.

Como vivem os membros desta família?

Como serão as fronteiras nesta família?

2º Tema: *O sintoma como significado da problemática familiar*

Considerando a pessoa como um *ser relacional*, o Modelo Relacional diz-nos: um problema de uma criança é sempre um problema familiar, mesmo nas situações de abuso ou de violência, inclusivamente naquelas situações mais complexas, pois a sua identidade afetiva e social depende inteiramente de como se tem vindo a forjar no contexto familiar (Andolfi, 2013). O seu sofrimento, bloqueios e as estagnações do seu desenvolvimento, e até os próprios *sintomas* e comportamentos psicopatológicos graves, assumem um sentido diferente e deixam de ser apenas uma disfunção individual (Raguso, 2007). O mal-estar ou *sintoma* não é apenas da *pessoa*, não está apenas *dentro dela*, mas adquire um sentido mais abrangente: a expressão de um problema contextual (Minuchin, 1982), uma forma de comunicar, consequência de uma forma rígida de interagir do sistema e com o ambiente que o rodeia (Raguso, 2007).

Perspetivando a *pessoa* enquanto *ser* em relação e o *sintomático* como porta-voz da dificuldade da família, as fobias, os medos, os comportamentos desviantes, as dificuldades de aprendizagem e os estados depressivos (entre outros) das crianças/jovens, assumem significados diferentes (Andolfi, 2013). A abordagem relacional parte do pressuposto que as dificuldades do paciente identificado surgem e afirma-se num certo contexto relacional (e.g. divórcio; violência doméstica; entre outros) e sem elaborar (e envolver estes protagonistas da história) e reconectar estas relações não se pode ajudar o paciente designado. O *processo de cura* será um sucesso quanto mais a família se colocar como recurso ativo de colaboração e crescimento (Andolfi, 2013).

Começamos desta forma a compreender algumas das razões pelas quais a família não deve ser descurada enquanto parte integrante do processo terapêutico, quer sendo alvo direto do mesmo, integrando as sessões nessa mesma perspetiva terapêutica, quer «por fora» destas num regime mais co-terapêutico e não apenas controlador. É ainda vigente um *olhar* que perspetiva a criança ou adolescente como uma *ilha isolada*, destacada das suas ligações mais significativas. Atualmente, a maioria dos profissionais são formados para *ler* a realidade das pessoas em termos de psicopatologia, deixando de lado o enquadramento dos problemas numa perspetiva ecológica, evolutiva e relacional (Andolfi, 2013). O Modelo Relacional oferece-nos um modo diferente de apresentar o problema: ver o *sintoma* da criança como algo que adquire um sentido dentro do seu mundo familiar e relacional.

3º Tema: Diagnóstico relacional: *o contexto é o horizonte*

A abordagem relacional traz à superfície exigências ao nível do diagnóstico. É reconhecido que o diagnóstico clássico, ainda muito presente na prática clínica atual, consiste numa conclusão em si mesmo sendo o horizonte fundamental o *sintoma*, as dificuldades, a doença. Assume um estatuto de rótulo estático que enfatiza as características psicológicas mais salientes do indivíduo e subentende que estas são resistentes às mudanças no contexto social (Minuchin, 1982).

Numa abordagem relacional, através de um primeiro diagnóstico começamos a entrar no mundo dos utentes, a compreender a sua história, sendo o horizonte o contexto onde o *sintoma* se insere: o seu significado. Assim, o diagnóstico relacional, contrariamente ao diagnóstico clássico, é variável, circular e não definitivo, sendo reformulado consoante a evolução do processo de ajuda e a emergência de novas informações (Andolfi, 2003). Daí existirem vários diagnósticos ao longo de uma relação de ajuda.

É também nesta perspetiva que o momento da avaliação não está desligado da intervenção falamos de instrumentos de exploração e não de avaliação porque não têm apenas o objetivo de recolher informação, mas colocar o indivíduo/família a repensar a sua história (Andolfi, 2003). A vantagem de um diagnóstico em evolução relacionado ao contexto é que proporciona aberturas para a intervenção (Minuchin, 1982), consistindo o ponto de partida para sabermos o que vamos observar e considerar, bem como na escolha da própria metodologia. O que se pretende é alargar a conceitualização do problema e ampliar o foco individual, com o qual a família abordou o problema, para incluir as interações familiares do seu contexto. Além disso, considera-se que o ser humano tem uma capacidade inata ou natural de progresso e de integração e, como tal, deve ser *olhado* em função das suas dificuldades mas também da sua componente sadia, ou seja, dos seus recursos, potencialidades e resiliência (Andolfi, 2003). É sem dúvida útil um diagnóstico clínico da pessoa, como também um diagnóstico relacional que permita amplificar o campo de investigação, sendo que ambos devem ser flexíveis e dinâmicos (Andolfi, 2013).

4º Tema: A relação de ajuda: *rumo ao terceiro planeta*

Compreendendo o sintoma como o elemento que trouxe a família à intervenção, mais do que eliminar o *sintoma*, o papel do psicólogo passará, numa primeira fase, por auxiliar a família a compreender as funções, significados desse *sintoma* no sistema. Numa segunda fase, e considerando os recursos da família, o objetivo da intervenção numa lógica relacional, passará pela reorganização dos significados do *sintoma*, i.e., pelo auxílio no encontro de outras formas de desenvolvimento das funções, dos papéis que o *sintoma* cumpriu (Raguso, 2007). Isto remete ao que Andolfi (2003) diz sobre o *recontar a história familiar*.

A (re)organização de uma vida sadia relacional requer uma intervenção que não atenda apenas às necessidades imediatas e comportamentais, mas sobretudo à dimensão familiar e relacional (esteja esta efetivamente presente na intervenção ou não). O objetivo prioritário da relação terapêutica consiste em conceder mais espaço para a escuta e compreensão do sofrimento de cada membro do sistema e de todos no seu conjunto, não concentrando a atenção apenas no *doente* e nos *seus sintomas*. Pensar em termos de relação permite acolher e reconhecer o sofrimento, conferido um sentido às vivências e às emoções que não se conseguem expressar ou que, aparentemente, não têm justificação ou que todos preferem *coisificar* e projetar para fora de si, reduzindo-as a um rótulo (Raguso, 2007).

A relação estabelecida entre psicólogo e utente é compreendida como um espaço de reorganização dos significados associados às relações da vida do utente que estejam a atravessar uma determinada dificuldade ou crise. O processo terapêutico transforma-se num processo de conhecimento graças ao(s) utente(s) e ao psicólogo que, em interação, constroem novos significados e facilitam a (re)organização familiar (Andolfi, 2003). Este encontro assemelha-se à metáfora de “terceiro planeta”, na medida em que a relação terapêutica toma a forma de um *lugar* de mediação determinado pelo encontro entre dois planetas: o da família/pessoa e o do psicólogo (Andolfi, 2003). Articula-se um jogo específico que não é o jogo familiar ou o do psicólogo, mas um jogo comum e partilhado durante o qual se formulam novas hipóteses e projetos, se experimentam novas dinâmicas de relação, de comunicação e interação a um nível mais profundo, que permitam às famílias, no seu enredo relacional, a possibilidade de gerar e redescobrir os próprios recursos (Andolfi, 2003).

Mas como se conjuga tudo isto com a necessidade do psicólogo manter uma posição objetiva e equidistante?

Qual é o espaço próprio do profissional/psicólogo?

Será o profissional um expert?

O profissional assume-se como um facilitador e co-investigador de um percurso de

reflexão, reativação e de re-significação da própria vida e da própria história que o indivíduo ou grupo precisa de desenvolver (Bowen, 1998), colocando no centro do seu interesse a história da pessoa e da sua família (Andolfi, 1979 cit. in Raguso, 2006).

Nunca somos indiferentes ou meros observadores neutros perante aquilo que escutamos, observamos ou conhecemos do(s) utentes(s) e da sua experiência, na medida em que lemos o outro e a sua experiência através dos nossos quadros de referência conceituais, das nossas experiências e do nosso mundo interior (Andolfi & Ângelo, 1989). O profissional une-se às famílias e acomoda-se no sentido em que vive um ajustamento aos mesmos, a fim de alcançar união (Minuchin, 1982).

Na visão relacional, considera-se inevitável e indispensável o envolvimento e a reação subjetiva na relação com o(s) utente(s): o psicólogo *usa* a sua história e experiências, as suas feridas, as suas reações subjetivas, as suas intenções, criatividade e fantasias como material para construir as próprias respostas. O psicólogo entra e faz parte do sistema observado, unindo-se ao indivíduo ou família e enfatizando os aspetos da sua própria personalidade e experiência (Minuchin, 1982). Assim, em vez de se apresentar como um *expert*, detentor de todo o conhecimento, tenta aprender sobre a pessoa/família, ao mesmo tempo que esta tenta aprender sobre si mesma (Papero, 1989).

Os papéis do psicólogo e utente(s) devem ser diferenciados, o que não implica o desenvolvimento de uma hierarquia a nível de lugares, mas uma proximidade e distância adequadas. O psicólogo deve encontrar-se suficientemente próximo no sentido de aceder à complexidade e compreensão do outro, mas simultaneamente distante no sentido de encontrar alternativas, novos caminhos e significados, em conjunto com o outro. (Andolfi, 2003). Assume um papel duplo: o de *outsider* (alguém externo ao grupo ou pessoa) e o de *insider* (quando passa a fazer parte do grupo ou pessoa), isto é, se por um lado traz novas compreensões (*outsider*), passa para a postura de *insider* quando se inscreve no mundo de significados da pessoa ou grupo, na sua forma de viver e perceber o mundo, com o intuito de criar um vínculo: *calçar os sapatos do outro* (Andolfi, 2003).

Contudo, *calçar os sapatos do outro* pode acarretar identificação e projeção da vivência do(s) utente(s), o que se torna problemático quer no que concerne ao impacto da vida do psicólogo e na contaminação dos seus contextos pessoais, como na qualidade da ajuda que presta. Sem uma preparação exaustiva da sua parte e, portanto, de um trabalho de autoconhecimento, corre o risco de se deixar absorver pelo “peso” das diferentes histórias de vida: e *calçar permanentemente os sapatos dos utentes*.

Aqui entra a necessária formação pessoal do psicólogo relacional e a importância que

este *olhe* para si mesmo e compreenda a sua história, numa perspetiva de crescimento. A sua capacidade de *estar* na dor e no sofrimento do outro, de compreendê-la e de possibilitar a atribuição de novos significados, vem da possibilidade que já teve de *olhar* as suas feridas, as suas relações significativas e limites, e ter encontrado novas conexões e outras vias de saída, de interpretação e ressignificação das mesmas (Cigoli, 1992).

5º Tema: *Contributos da abordagem relacional sistémica e simbólica na intervenção*

1. Apresentação do caso

O caso retrata uma jovem de 17 anos, residente numa instituição de acolhimento temporário. Na ficha de pedido de ajuda psicológica estavam mencionadas as seguintes queixas: episódios de automutilação e dificuldades na relação interpessoal. A história familiar da utente é pautada por diversas mudanças habitacionais (família de origem, família de acolhimento e dois centros de acolhimento temporário) e estilos comunicacionais abusivos.

Eventualmente, a utente decidiu deixar a família de acolhimento na esperança de uma aproximação com a família de origem sabendo, no entanto, que esta escolha implicava a permanência numa instituição e portanto, o abandono de um lar e da família que eram os seus pilares.

1.1 Análise do caso a partir do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico

Para a análise deste caso, vamos destacar os seguintes pontos:

- o cruzamento entre as dificuldades relacionais atuais e a história familiar;
- o significado dos sintomas apresentados.

1.2 Dificuldades relacionais e história familiar

A história familiar da jovem é **pautada por várias alterações (habitacionais/relacionais)**, mais concretamente, entre a família de origem e de acolhimento e entre as duas instituições de apoio a menores em risco, por onde a utente passou.

De acordo com o modelo relacional, a construção da identidade desenvolve-se no seio das relações de referência do indivíduo ao longo do seu percurso de vida (Scabini & Cigoli, 2006). A partir daqui, para a compreensão da identidade da utente, torna-se necessária a exploração das origens familiares, a qualidade das relações que a utente possui e do papel desempenhado na família e em contextos significativos extrafamiliares.

Após esta exploração, ficou clara a dificuldade da utente nas relações atuais e a relação

entre estas dificuldades e sua história relacional. Atendendo à sua história e ao quadro relacional que a tem acompanhado, as suas dificuldades podem ser entendidas a partir de quais elementos?

a) a oscilação entre a presença e ausência de figuras de referência (e.g. elementos da família de origem e de acolhimento) poderão levar a um sentimento de desconfiança e ao receio de abandono em relação a outras pessoas com as quais estabelece relações.

b) as mudanças habitacionais (experienciadas na família de origem, família de acolhimento e instituições de apoio) poderão desencadear algumas dificuldades na construção da sua identidade e que, por sua vez, levarão a dificuldades nas relações atuais. Esta confusão na identidade poderá ser explicada pelos vários modelos familiares, vários “lugares” e papéis na(s) casa (s) e família(s) que a jovem desempenhou ao longo do seu desenvolvimento. Tudo isto poderá levar à dúvida sobre as suas origens, sobre quem é e onde pertence.

O quadro relacional pautado pela oscilação entre a presença e ausência das principais figuras de referência **tem implicações na maioria das relações significativas da utente na atualidade**. Destacaremos a sua **relação de namoro**.

Numa perspetiva relacional, a escolha do parceiro não é compreendida como ocasional. No imaginário de cada um sobre aquilo que constitui uma relação de intimidade, emerge um conjunto de expectativas face à mesma, os elementos que são compreendidos como permitidos e proibidos a cada membro do casal e o doseamento do poder de cada um na relação. A escolha do parceiro será, a partir desta chave de leitura, influenciada pela conjugação dos elementos referidos e que poderão resultar da experiência na família de origem (Ângelo, 1995; Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973; Scabini & Cigoli, 2006).

A relação de intimidade desta jovem é caracterizada pelos seguintes elementos:

A oscilação entre a proximidade, distância e reconciliações, a procura constante de atenção e de afeto e, conseqüentemente, a existência de uma relação de intimidade pautada pela ambivalência entre os ganhos (afeto e momentos de reconciliação) e aspetos negativos como o abandono, a humilhação, existindo de forma clara o ciclo da violência.

De que forma é que **as dimensões presentes na relação de intimidade têm aproximações e ligações com o seu percurso** no que concerne ao seu quadro relacional com as figuras mais significativas?

Assistimos a uma relação que oscila entre a presença e a ausência, bem como aquilo que foram as relações da utente com a sua mãe, irmã e família de acolhimento; a uma relação na qual a utente anseia pela confirmação do seu espaço relacional e da sua identidade, como

forma de reparação do que não teve na família; paralelamente e para atingir este objetivo, retira toda a sua vontade ou opinião em prol do outro (com receio de que o contrário leve a um afastamento ou abandono).

O mesmo padrão se verificou com a mãe biológica quando a utente decidiu deixar a família de acolhimento na esperança de uma aproximação com a família de origem.

2. O sintoma como significado da problemática familiar

De acordo com o modelo relacional e, portanto, perspetivando o sintoma como forma de expressar o mal-estar do sistema familiar, a partir do paciente designado (Raguso, 2007), qual deverá ser o papel do psicólogo perante os sintomas apresentados?

O papel do psicólogo passará, numa primeira fase, por **auxiliar a família a compreender as funções, significados** do sintoma **no sistema familiar**. Numa segunda fase e considerando os recursos da família o objetivo da intervenção, numa lógica relacional, passará pela **reorganização dos significados** do sintoma, ou seja, passa pelo auxílio à família no encontro de outras formas de desenvolvimento das funções, dos papéis que até aqui o sintoma cumpriu (Raguso, 2007): o *recontar a história familiar* (Andolfi, 2003).

Como podemos compreender as funções destes sintomas atendendo à história familiar?

Dificuldades nas relações interpessoais - A pobreza existente nas relações fundamentais da utente levou-a a compreender os seus relacionamentos como efémeros e instáveis. Consequentemente, entende-se como alguém incapaz de desenvolver relações estáveis (porque sempre que tentou foi mal sucedida). A desilusão relacional e assunção de culpa leva-a a distanciar-se com receio do abandono e das consequências negativas que podem advir da proximidade. Por outro lado, permanece na esperança do estabelecimento de uma relação estável, o que a leva à anulação da sua vontade e interesses em prol do outro. O sintoma tem como função protegê-la de futuras desilusões relacionais e o caminho para o estabelecimento da relação desejada (Andolfi & Mascellani, 2010).

Episódios de automutilação: poderão ter aqui como significado uma escapatória, uma forma de alívio e de liberdade face a todas as dificuldades que vive. O sintoma aparece também como uma forma de a utente sentir o poder nas suas relações instáveis e se sentir segura (Andolfi & Mascellani, 2010).

Amplificação das funções parentais

“Quando o nosso filho nasceu, a nossa vida mudou: vivemos para cuidar e proteger o nosso filho”

1. Amplificação das funções parentais

Acontece muito frequentemente que a condição do filho doente amplifica a função parental e, assim, os espaços pessoais de cada um acabam por ser bastante reduzidos ou podem desaparecer: deixa-se de ser pessoa ou cônjuge para passar a ser apenas pai ou mãe dedicados a tempo inteiro à cura e/ou cuidado do filho.

Esvazia o espaço do casal

“Há anos que não converso realmente com ela...estamos juntos, mas aquilo que nos uniu parece que está enterrado. Às vezes apetece-me levá-la para um lugar...estarmos só os dois. Mas o que faz isso de nós enquanto pais? ”

2. Esvazia o espaço do casal

Nestes casos, a dimensão conjugal nunca chega a constituir-se ou então acaba por ser rapidamente esvaziada. Torna-se extremamente difícil preservar uma conjugalidade que pressupõe deixar o filho fora dela. Frequentemente, os sentimentos de culpa que os dois adultos experimentam ao dedicar-se, esporadicamente, também a eles e não aos filhos revelam-se impossíveis de gerir.

Limitação do processo de crescimento dos outros filhos

“Eu também existo!”

3. Limita e descompensa os processos de crescimento dos outros filhos

É também frequente constatar quanto a centralidade do problema do filho doente produz uma invisibilidade ou negligência das necessidades afetivas dos outros filhos, limitando e descompensando o seu processo de crescimento. É como se a doença num filho absorvesse as capacidades cuidadoras dos progenitores, concentrando todas as energias e atenções sobre o problema e reservando, para os outros filhos, um lugar marginal ou de apoio dentro de uma organização familiar construída em torno da gestão do filho doente. Pode acontecer nestas situações que uma perturbação, por vezes grave, se manifeste nos filhosãos e que os pais não se apercebam, a não ser quando o sintoma atinge níveis dramáticos, como se fosse necessário chegar ao limite para poder afirmar “Eu também existo!”.

O problema da proteção e da negação da doença OU da doença como centro do universo familiar

“O meu filho é uma criança igual às outras”

OU

“Vivemos em função do nosso filho, nada mais importa”

4. O problema da proteção e da negação da doença, ou, pelo contrário, da doença como centro do universo familiar

O modo como uma família se coloca perante a experiência dramática de um filho “portador” de uma doença pode ter duas soluções possíveis que representam a dificuldade de aceitar a realidade da situação. Por um lado, pode verificar-se a negação da própria doença: não se fala dela, não se explica ao filho a sua condição, até os próprios pais parecem negar a sua existência. O circuito de proteção caracteriza as relações não só no interior da família: é criado um mundo que se alivia para negar à criança o conhecimento da doença da qual é vítima. Por outro lado, o problema da doença grave pode tornar-se o centro do universo familiar e toda a vida da família gira em torno desta, condicionando-se de forma total. É como se a “desgraça” de ter uma doença grave colocasse a criança doente numa posição de poder

absoluto relativamente aos seus familiares.

O “nós” parental desequilibrado: um demasiado dentro, o outro demasiado fora

“Desde que as dificuldades apareceram... ela cuida e vive para o nosso filho, eu vou trabalhar. Eu tento que sejamos uma equipa, só que ela muitas vezes não o faz porque diz que eu sou demasiado autoritário, enquanto que ela...a minha palavra acaba por não valer nada. Sinto-me um estranho na família.”

5. O “nós” parental desequilibrado: um demasiado dentro, o outro demasiado fora.

Modelos educativos discordantes

Em configurações familiares deste tipo, a dimensão parental e as características que assume são um ponto importante. Por vezes pode manifestar-se como um *“nós parental hipertrófico”* no qual os dois progenitores partilham o super-envolvimento dedicando-se totalmente à assistência e cuidado do filho doente. Ambos estão completamente absorvidos e vivem em função da criança. Outras vezes, e é o caso mais frequente, cria-se uma situação desequilibrada, onde um dos pais está demasiado *dentro* e o outro está demasiado *fora*. Esta situação verifica-se, por exemplo, quando um dos dois, frequentemente a mãe, vive completamente ao serviço do filho e o pai, normalmente por causa do emprego, não tem acesso, mesmo que queira, a uma relação com o filho, sendo que não partilha dos modelos educadores da esposa. Existe, na realidade, uma divisão que favorece e amplifica o desequilíbrio do “nós” parental numa dinâmica caracterizada pelo “demasiado dentro/demasiado fora”.

6. Famílias superenvolvidas ou ausentes/marginalizadas

As famílias de origem, quando estão presentes, representam um recurso fundamental a todos os níveis. Porém, nas famílias onde existe uma doença incapacitante num dos filhos, verificam-se situações em que, na relação com a família de origem, parece reproduzir-se, num certo sentido, a dinâmica presente no casal parental desequilibrado. A família de origem encontra-se super-envolvida enquanto a do outro está ausente ou à parte. Por vezes, torna-se difícil para um casal “não casal” construir fronteiras claras e definidas que permitam regular a dinâmica da distância/proximidade, quer relativamente ao plano dos filhos quer no que

respeita às famílias de origem.

7. Sistema das amizades: no tempo tende a desaparecer, se o espaço do casal for abandonado

O sistema de amizades tende a desaparecer se o espaço do casal for abandonado. Quando o sistema de amizades tende a reduzir-se ou a desaparecer, é um indicador de um sofrimento profundo no interior da família.

No caso de famílias onde existe uma doença crónica incapacitante é provável que o sistema das amizades tenda a diminuir e as ligações com o exterior tendam a enfraquecer. Nos pais destas famílias é fácil encontrar uma espécie de pudor pela situação, um certo medo de incomodar ou de serem chatos (“falamos sempre dos nossos dramas, já ninguém nos suporta), ou então uma espécie de preconceitos relativamente às pessoas que não estão na mesma condição, pelo que se sentem inferiorizados ou rejeitados e preferem interromper as relações.

OBJETIVO TERAPÊUTICO

Do ponto de vista do trabalho com a criança os objetivos que guiam a intervenção terapêutica podem ser sintetizados da seguinte forma:

a) Da negação da doença à competência sobre a doença

A família pode negar a doença ou esta tornar-se o centro à volta do qual gira toda a organização afetiva familiar. O terapeuta, neste caso, deve devolver a competência à criança na forma como lida com a sua doença: é importante para a criança saber do que se trata, poder falar livremente e colocar perguntas. Passar da negação à possibilidade de falar torna-se o caminho para relativizar o poder da doença ao nível das dinâmicas familiares, restituindo à criança a capacidade de o ser, mesmo sendo uma criança doente.

b) Provocar o tirano e retirá-lo do pedestal

No caso em que, pelo contrário, a doença tem uma função central e totalitária dentro do sistema familiar, a criança pode assumir uma posição tirânica: nestes casos, o terapeuta deve agir diretamente sobre a criança, provocando a função de poder que a doença reveste na organização familiar, permitindo-lhe descer do pedestal e voltar a ser criança.

No que respeita ao casal dos pais e à família, os objetivos devem passar por:

a) Interromper o círculo de proteção e entrar na dor da perda para cada um dos progenitores

Dar um nome a uma doença crónica e relativizar-lhe o poder permite a toda a família revelar “os não ditos” que cristalizam um círculo de proteção recíproca. Esta passagem permite ao terapeuta ajudar os pais a entrar na dor da perda parcial que um filho doente comporta: a perda relativamente ao filho ideal, imaginado, desejado e querido. Trata-se de um luto frequentemente não elaborado que ativa mecanismos defensivos caracterizados por negações, sentimentos de culpa, raiva e desespero.

b) O recurso ou a ausência das famílias de origem

Para o terapeuta é fundamental “presentificar” a família de origem, mesmo quando está não está presente fisicamente. Transformar a ausência numa presença ativa torna-se um ponto significativo para encontrar recursos que permitam à família evoluir de forma saudável. O elemento de recurso não se refere, portanto, apenas às situações em que a família de origem está presente e é uma ajuda concreta mas também àquelas em que a FO não existe.

c) Recompôr a frateria e marcar a fronteira do casal

Recompôr a frateria significa facilitar o encontro entre irmãos sobre um novo terreno, que não volte a ser o do filho doente e do filho saudável, mas o dos irmãos que partilham uma relação afetiva não mediada pela relação com os pais. Por vezes, permanece-se exclusivamente filho e não se chega a ser irmão.

Facilitar a construção de um laço de casal: reconstruir um sentimento de casal nos progenitores, mesmo se em “*parte time*”, permite aos dois partilhar qualquer coisa entre si. Muitas vezes isto parece representar um “luxo a que não se pode permitir”, é como se, com um filho que está assim tão mal, se tornasse impossível procurar momentos de bem-estar em que isso não implique o sentimento de culpa. Se o casal retoma, porém, o seu espaço conjugal é também possível que isso favoreça o desenvolvimento de uma relação autêntica e verdadeira entre irmãos.

d) A terapia em rede

É fundamental reativar ligações que alarguem o contexto de referência das famílias. Ou seja, contactar realidades onde se podem encontrar recursos: o bairro, a vizinhança, os amigos, as instituições, o sistema de saúde, a família de origem. Evitando assim o isolamento.

Anexo C4: Temas abordados e materiais utilizados na 2ª sessão: “Se também o terapeuta soubesse brincar...”

Métodos objetivos vs. Métodos projetivos

Entre as técnicas/instrumentos psicológicos têm-se destacado dois modelos, nomeadamente, os métodos objetivos (e.g. questionários; inventários; escalas) e os métodos de desempenho. Qualquer um destes métodos subentendem vantagens e desvantagens quando comparados entre si.

As vantagens associadas às medidas objetivas prendem-se, geralmente, com os seguintes aspetos: possuem um custo baixo; a sua simplicidade ao nível da administração e pontuação; a aplicação exige um curto período de tempo, entre outros (Yashida, 2008). É reconhecido que estas medidas permitem colher informações junto dos participantes relativas aos factos, às ideias, aos comportamentos, às preferências, aos sentimentos, às expectativas e às suas atitudes em relação a determinado fenómeno (Fortin, 1999). Tal como apontam Amparo e colaboradores (2012) a melhor forma de apreender algo sobre alguém é, normalmente, perguntando a esta a seu respeito. No entanto, as respostas consistem em informações diretas e definitivas, referentes às situações familiares e do quotidiano das pessoas. Por outro lado, essas informações são limitadas na medida em que se apoiam apenas nos testemunhos dos indivíduos, não permitindo geralmente o acesso senão ao material que o(s) participante(s) consente (Fortin, 1999), está disposto e é capaz de partilhar. O que os indivíduos podem expor a seu respeito depende, sobretudo, do quão consciente estão das suas características, comportamentos e experiências.

As medidas de desempenho, por sua vez, apresentam uma metodologia indireta e isso, muitas vezes, pode contornar as limitações dos instrumentos de autorrelato (Amparo et al., 2012). Esta metodologia indireta é mais propensa do que os instrumentos de autorrelato para trazer à superfície características, experiências, conflitos, fantasias, receios, emoções e sentimentos que as pessoas podem não reconhecer ou não sabem como expressar.

As técnicas projetivas, são ferramentas que têm como fundamento teórico a hipótese que por vezes, a resposta e a avaliação, especialmente de crianças e adolescentes, é dificilmente realizada se partirmos do princípio que o “não dito” não é importante. O material destes instrumentos funcionam como que uma tela em branco na qual a pessoa pode projetar as suas características psicológicas: necessidades, conflitos, atitudes, interesses, relações, entre outros. Deste modo, têm como característica a utilização da subjetividade a partir de respostas livres (Amparo et al., 2012), permitindo trazer á superfície conteúdos reprimidos ou

não conscientes, sendo que devido à sua natureza ideográfica em que a interpretação das variáveis é interrelacionada só têm sentido no contexto de cada realidade concreta.

A ideia subjacente é que a pessoa tem uma percepção construtiva, uma representação e interpretação da realidade e da sua experiência no mundo, que pode ser mais facilmente percebida pelo psicólogo através destas técnicas. Estas técnicas acabam por se tornar num maior desafio quer para o psicólogo como para os utentes, na medida em que exigem mais tempo, o procedimento é menos estruturado podendo gerar a ansiedade típica que as pessoas sentem perante situações mais complexas e pouco familiares, exigem maior investimento afetivo, cognitivo e reflexivo. Por ser um procedimento não estruturado, depende da experiência clínica do psicólogo e da sua capacidade de observação e interpretação.

O Jogo e o Desenho como recursos terapêuticos

A atividade lúdica constitui uma forma privilegiada de comunicação da criança, sendo um elemento fundamental para o seu desenvolvimento psíquico e a para a inserção na sua cultura. De facto, uma das maiores descobertas da Psicanálise foi a utilização da dimensão lúdica, o *brincar*, como via de acesso ao inconsciente e aos conflitos internos (Ferro, 1995). Deste modo, o *brincar* além de servir como potencial medida de avaliação/diagnóstico é fundamental no contexto da relação terapêutica (Ferro, 1995), na medida em que possibilita que a criança expresse, reconheça e supere situações traumáticas através da simbolização e representação da sua realidade. Esta técnica representa grande parte dos mecanismos do funcionamento mental, dentre eles os desejos e angústias conscientes e inconscientes, permitindo à criança que reflita e compreenda melhor os seus conteúdos.

Desenhando...

O desenho é um dos principais canais expressivos da criança (Andolfi, 2013), sendo que quando utilizado com a devida intencionalidade constitui, por si só, uma atividade terapêutica. A perspectiva que propomos como reflexão é considerar o desenho, não como um “teste”, mas como uma forma possível de diálogo com as crianças, introduzindo a ideia de que a produção gráfica é o resultado de um trabalho psíquico e de que qualquer procura de sentido só será alcançada, se este puder ser inserido num diálogo e numa certa postura de escuta (Amparo et al., 2012). O desenho não consiste numa técnica acabada, mas um esboço para aprofundamento: permite a representação da realidade, indo mais além do que a simples reprodução da mesma.

A página em branco é o fundo no qual a pessoa vislumbrará o seu mundo, experiências,

as suas características comportamentais, as suas fraquezas e pontos de força, bem como a forma como mobiliza os seus recursos internos para lidar com os seus conflitos psicodinâmicos, interpessoais e intrapsíquicos (Amparo et al., 2012). Permite também, que o sujeito demonstre a percepção em relação a si mesmo, tanto consciente quanto inconsciente, e a percepção em relação ao seu ambiente (Retondo, 2000 cit in. Amparo et al., 2012). Permite-nos visualizar o que está a acontecer na sua vida, conforme movimentos de transferência (Ferro, 1995) permitindo a projeção de ansiedades.

Este tipo de intervenção facilita a nossa compreensão do mundo do(s) utente(s) e, simultaneamente, ajuda-o a dramatizar, representar, comunicar e descarregar os seus medos, ansiedades, dificuldades e conflitos, que poderão depois ser restituídos a interpretação e verbalização, após serem transformados. Caberá ao psicólogo, em conjunto com a pessoa, trabalhar sobre o desenho no sentido de possibilitar a passagem de uma interpretação redutora com base apenas no desenho em si, para uma interpretação mais ampla, simbólica e contextual que acede a uma área intermédia entre a realidade e a fantasia (Andolfi, 2003).

Todo este trabalho de interpretação e reflexão sobre o conteúdo gráfico e verbal adquirem um significado quando analisado e considerado dentro de uma realidade específica: *daquele que desenha*. Não se trata de excluir os conteúdos temáticos, mas integrá-los aos aspetos expressivos.

Muitas vezes a criança, com o desenho, fala-nos dos seus estados de ânimo, assinala-nos os conflitos familiares ou indica-nos a estrada mais útil a percorrer. Igualmente útil é a construção de um desenho comum, porque nos permite observar os níveis de colaboração ou de inclusão-exclusão presentes na família, a sua dinâmica internacional e relacional. É importante considerar a produção gráfica como um *trabalho* do inconsciente. As produções gráficas ainda trazem a vantagem de permitir que o observador acompanhe o que se constrói diante dele e os movimentos da criança em relação aos resultados de suas produções e à presença do observador.



Desenho utilizado para análise

Brincando...

O jogo é outra técnica projetiva, geralmente utilizada como uma das etapas do psicodiagnóstico infantil. A técnica lúdica faz parte das técnicas projetivas expressivas fundamentada nos princípios da associação livre de Sigmund Freud (1900 cit in. Amparo, 2012) em que a criança fica inteiramente livre para interagir com os materiais lúdicos. Aquilo que vai acontecendo ao longo do jogo é interpretado como expressão dos conteúdos do mundo interno e externo do sujeito, portanto, ao oferecer à criança o uso de brinquedos ou jogos no contexto terapêutico, cria-se a possibilidade da configuração de um campo, determinado pelas variáveis internas de sua personalidade (Ferro, 1995)

A criança pode atualizar *no aqui e agora* da sessão um conjunto de fantasias e de relações objetais a serem analisadas pelo psicólogo, bem como os aspectos manifestos e latentes que determinam conflitos e expectativas de como gostaria de receber ajuda.

Através do jogo cria-se um espaço no qual o indivíduo *expulsa* de si e *localiza* no outro,

pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo objetos, que não tem acesso ou não consegue expressar (Amparo et al., 2012). Assim, os materiais como brinquedos ou figuras (e também o desenho) funcionam como estímulos que proporcionam a oportunidade de autoexpressão. Salienta-se que para que estas técnicas sejam realmente terapêuticas, é fundamental que o aplicador/psicólogo trabalhe com intencionalidade. Por exemplo, após desenhar uma figura humana, uma árvore, uma casa, ou contar uma história através de certos bonecos ou outros objetos, este deve ser capaz de propiciar a exploração e reflexão que permita aprofundar o seu mundo relacional.

Exercício de análise – o jogo

Conhecendo a Carlota...

A Carlota, agora com cinco anos de idade, foi viver para uma Instituição-Abrigo no primeiro mês de vida por negligência primária: alimentação, saúde e também vitimização física. Foi hospitalizada aos dezanove dias de vida pela avó paterna, devido à falta de cuidados maternos, pois não era amamentada, apresentando quadros acentuados de desnutrição e hipoglicemia. Permaneceu hospitalizada durante nove dias e seguiu para a Instituição-Abrigo situada em Évora, onde se encontra até hoje. Foram também acolhidos os quatro irmãos mais velhos. A mãe foi denunciada por falta de cuidados para com os filhos. O pai, toxicodependente, encontra-se a cumprir pena na prisão. A mãe está há anos sem contacto com os filhos, mesmo após ter saído da prisão, e atualmente não tem residência fixa.

A Carlota sabe que tem irmãos no abrigo e não pergunta sobre os pais. A expectativa da sua permanência na Instituição será até aos dezoito anos de idade. A Carlota é descrita como uma menina obediente, tímida e retraída. Apresenta-se sempre para os acompanhamentos.

É oferecida a caixa lúdica com diversos brinquedos, tanto estruturados como não estruturados (e.g. brinquedos de diferentes tamanhos, texturas e formas, como revólveres e espadas; mobílias, utensílios domésticos, animais; famílias; telefones e material gráfico). Os materiais permanecem na mesma caixa, com a finalidade da Carlota se expressar simbolicamente através destes. A orientação dada à criança foi que estava perante uma caixa com brinquedos que poderia utilizar da forma que quisesse, durante o tempo estabelecido de cinquenta minutos.

O que acontece???

A Carlota, em silêncio e com movimentos lentos, explora a caixa lúdica. Retira alguns brinquedos, mas deixa consigo o bebê. Comunica, atendendo às estimulações da psicóloga, que o bebê precisa de muitos cuidados e principalmente de ser alimentado. Afirma que ela dará resposta as necessidades do bebê, desde o biberão, até à comida, à sobremesa e fazê-lo dormir. Silenciosamente, retira uma boneca. Responde à psicóloga que a boneca é a mãe, que a mãe é a polícia e que “ela precisa do bebê”.

Deixa a “boneca mãe” separada do bebê: este último na cadeira e a primeira na extremidade da mesa, muito distantes. A criança apresenta a “boneca mãe” como uma mãe que “fica deitada e precisa de mamar”; relata também que no quarto dessa mãe “tem um relógio para ela ver a hora de comer” e que está junto dela a polícia e uma espada: “porque ela quer bater nas crianças, elas estão doentes”. A Carlota coloca a algema em si mesma e diz que a polícia irá prendê-la “porque não estou doente” e retira as algemas. Ainda separados, o bebê e a “boneca mãe”, a Carlota deixa o biberão e alguns alimentos ao lado do bebê.

Volta à caixa dos brinquedos e retira as tintas (guache). Responde à psicóloga que está a pintar um homem que está a trabalhar, afirmando “para arrumar a casa dele, está partida, tem que arrumar... vou fazer uma bola”. Espontaneamente, comenta que a bola “vai para casa dela” e ela (Carlota) vai para a creche. Com clareza, comunica a angústia sentida pelo facto dos irmãos saírem do abrigo e ela não: o irmão vai para a escola e a irmã, algumas vezes, para outra cidade para tratamentos médicos. Reclama que não a deixam ir com os irmãos. Voltando ao desenho da bola, diz que “ela (bola) vai para casa, eu vou levá-la para casa dela...ninguém mora na casa dela, só ela... ela vive sozinha”. A psicóloga pergunta o que acontecerá com a bola e a Carlota explica que “a polícia vai prender a bola porque ela vai sozinha...ela não vê a mãe dela e a polícia prende-a”. E continua: “ela queria ver a mãe dela”. Encerra o jogo retornando ao bebê, alimentando-o.

Interpretando...

Através do “brincar” da Carlota o que ficámos a conhecer sobre o seu mundo relacional e intrapsíquico?

Possível interpretação: A Carlota explora a caixa lúdica e comunica as suas vivências psíquicas com vivacidade, através do *seu brincar*. Inicialmente, simboliza as ligações primitivas e a relação de dependência. Ocupa-se de cuidar das necessidades básicas do bebé, cuidando das suas próprias necessidades enquanto bebé. O funcionamento é de suprir as necessidades, destacando a oralidade. De seguida, envolve a mãe. Comunica a relação com o objeto permeada de desencontros e *desuniões*, retratando o distanciamento com a figura materna. No final da sessão, comunica as suas vivências reais: quer evoluir, precisa de ajuda para avançar no seu desenvolvimento, transmitindo um pedido de socorro. Apresenta que não teve oportunidade de ser *cuidada* no seu desenvolvimento, transmitindo a sua solidão e o desejo de estar com a mãe. Também é possível verificar ambivalência quanto à figura materna, mesmo à “polícia” que, por um lado “protege” e, por outro lado, também “prende”.

Podemos ver neste breve exemplo que a criança estrutura, através dos brinquedos, a representação de seus conflitos básicos, as suas principais defesas e fantasias, permitindo o aparecimento de uma perspectiva ampla a respeito da si, da sua história e do seu funcionamento mental. Ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os desse modo.

Apresentação dos instrumentos – *Family Life Space* e *Dupla Lua*

Family Life Space - Espaço vital da família

Danuta Mostwin, autor do instrumento, concebia a família como abordagem de espaço de vida ecológica, ou seja, como a unidade na qual o ser humano desde o nascimento até a morte está em conexão com outros seres humanos. Idealizado e desenvolvido por Mostwin, este instrumento confere o espaço vital da família, da família nuclear e extensa, mas também do contexto social em que a pessoa está inserida. Ou seja, engloba o ambiente ecológico em que a família vive e com o qual interage. Consiste num desenho simbólico do espaço da vida familiar, sendo um instrumento projetivo de análise qualitativa que pode ser aplicado na intervenção familiar e individual, com crianças, adolescentes e/ou adultos.

a) Fundamentação teórica

O presente instrumento engloba diversas dimensões (espacial, sistémica, social, cultural e simbólica) fundamentadas teoricamente. A origem do desenho do Espaço de Vida Familiar, emerge da combinação das seguintes perspetivas: do Modelo Ecológico de Urie Bronfenbrenner (1977); da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy (1950); da Teoria de Campo de Kurt Lewin (1951); e por fim, do Interacionismo Simbólico de George Herbert Mead (1934).

Relativamente à dimensão social, é enfatizada a interação inequívoca entre os organismos vivos e o ambiente circundante (Gozzoli & Tamanza, 1998). Assim, temos a perceção que os membros da família podem ter sobre a dimensão social, ou seja, o seu meio ambiente. Parte-se de pressuposto que o meio ambiente é tão importante para a vida dos membros da família como as relações existentes dentro do próprio sistema familiar (o ecossistema imediato), na medida em que o ambiente além de ser composto pelas figuras significativas (e.g. amigos; família nuclear; família extensa) inclui também ambientes mais distantes, como as instituições, as organizações e os grupos (e.g. rede de pares; contexto laboral; a escola) (Bronfenbrenner, 1986). A família é concebida como um sistema social *aberto* e com uma interação intensa com a sociedade, sendo que cada mudança que ocorre no macrossocial (cultura social, valores, crenças, modos de agir e organização de determinada sociedade, desde o espaço mais privado - microsistema - à esfera nacional), inevitavelmente influencia a família enquanto todo e cada membro individualmente. Temos em conta a perspetiva ecológica, e que há um intercâmbio entre o indivíduo e o ambiente circundante, ou

seja, há uma influência mútua e recíproca entre o ambiente interno e externo da família. Os indivíduos adaptam-se ao meio circundante, contudo também podem reciprocamente, adaptá-lo ou modificá-lo, influenciando-se mutuamente (Delgado, 2009). Desta forma, não são agentes passivos no ambiente, mas agentes ativos e dinâmicos que constroem realidades através da interação com os elementos demográficos, físico-naturais, sociais e culturais circundantes (Delgado, 2009).

A **dimensão cultural** encontra-se estritamente ligada à dimensão social, pois cada sistema social é caracterizado por normas, valores, tradições, heranças e hábitos, compartilhados pelos sistemas, desde a nível micro a macro. A regras de comportamento partilhadas pelos membros de organização social, os valores são uma espécie de código, em parte inconsciente, que leva ao comportamento dos indivíduos a partir de uma matriz dentro do grupo familiar.

No que concerne à **dimensão sistémica** deste instrumento, a área de vida familiar é concebida como uma unidade estreita entre a interação entre uma série de subsistemas (e.g. parental; conjugal; filial; fraterno). A família é concebida como sistema composto por elementos ou partes que estabelecem relações de interdependência entre si, em interação mútua, consequentemente, promovendo o desenvolvimento uns dos outros (Alarcão, 2002; Doron & Parot, 2002). Assim, é compreendida como um todo e não como a mera soma das suas partes, sendo que tudo que acontece num elemento irá afetar os outros elementos. Deste modo, é uma ferramenta que permite ler sistematicamente a estrutura e o funcionamento do grupo - família - tendo em conta a sua articulação e subdivisões internas. A análise das partes ou elementos individuais é necessária, mas não é suficiente para alcançar a compreensão total do sistema, uma vez que o todo não é igual à soma das partes (Souza & Dallalana, 2004).

Em relação à **dimensão espacial**, esta tem origem na Teoria do Campo de Lewin (1950), onde o espaço é a totalidade dos factos que determinam o comportamento de uma pessoa num determinado momento. O indivíduo é compreendido como agente psicologicamente ativo, na medida em que juntamente com o que o rodeia, constitui o espaço em que vive (Gozzoli & Tamanza, 1998). O conceito de espaço de vida familiar elaborado por Mostwin (1980 cit. in Gozzoli & Tamanza, 1998) é, neste ponto de vista, definido como uma área biopsicossocial, conotada de significados, na qual as pessoas significativas, o ambiente físico, os valores e os eventos com forte significado emocional interagem entre si, criando um *espaço vital* que pode promover o crescimento pessoal através dum clima de segurança e suporte ou, por outro lado, um contexto disfuncional para os indivíduos ou a para a família como um todo. No instrumento, o espaço de vida da família é representado por um

círculo, concebido como parte do núcleo da família e o externo, é a área ao redor do círculo, o ambiente. O “espaço simbólico da vida” significa a capacidade de espacialmente representar a estrutura e os relacionamentos da família.

Finalmente, outra dimensão presente neste instrumento é a **simbólica** que remonta à Teoria do Interacionismo Simbólico de Mead (1934), encontrando-se estritamente associada ao *eu relacional*, ou seja, parte-se do pressuposto de que o *self* é construído na interação com as pessoas que partilham uma herança comum de símbolos. Esta abordagem defende que a construção da identidade individual depende dos outros: somos feitos das relações que vivemos. A percepção de si é uma partilha de elementos simbólicos da cultura de proveniência. Devido à sua natureza projetiva, este instrumento traz à superfície esta área de símbolos comuns que caracterizam cada realidade familiar, através dos gestos, das palavras, da comunicação e da representatividade espacial da realidade psíquica familiar que expressa as estruturas e dinâmicas relacionais dos membros da família, de pertença ou de exclusão.

b) Os elementos constitutivos

O presente instrumento, com a sua simplicidade ao nível das instruções e execução, reporta-nos para o interior do mundo da realidade familiar. Duas das grandes potencialidades deste instrumento prendem-se com os seguintes aspetos: num curto espaço de tempo receber informação significativa sobre a pessoa ou família no seu contexto envolvente, bem como mudar o foco de atenção do *paciente identificado* para a dinâmica de funcionamento interno do núcleo familiar. Por conseguinte, sobretudo quando se tratam de aplicações conjuntas, este é um instrumento que já transforma, na medida em que o grupo familiar envolve-se num processo de comunicação mútua através de mensagens verbais e não-verbais que, inevitavelmente, causará impacto na sua dinâmica.

Em família ou individualmente, a pessoa é convidada a representar, através de símbolos gráficos, as posições, relações mútuas no seio da família e entre membros da família e do contexto externo (pessoas, eventos, organizações reconhecidas como importantes pela pessoa/família em si), ou seja, a representar especialmente a sua realidade psíquica. O desenho com os resultados, juntamente com comentários verbais e os comportamentos não-verbais, torna-se útil para pesquisas futuras, para o diagnóstico, e/ou para o início da intervenção terapêutica com ou grupo familiar ou individualmente.

O círculo consiste numa metáfora: é um círculo que representa simbolicamente aquilo que é considerado família e o que está externo. Os participantes são convidados a posicionarem-se em relação a este círculo (àquilo que está dentro e ao que está fora das

linhas, bem como a outras pessoas (familiares ou não), porque mesmo dentro do círculo, há quem tenha dificuldade em posicionar-se ou no centro da família, num canto e o resto dos familiares todos centrados ou do outro lado). Tudo isto tem significado, sendo através destes significados mais inconscientes que o instrumento traz à superfície que começamos a entrar no mundo interno do(s) utente(s). Os participantes são também convidados a representar e refletir sobre eventos emocionalmente significativos (como por exemplo, o casamento, nascimentos, saídas de casa, mas também situações mais complexas, como situações de violência familiar, *bullying*, entre outras - fornecer um exemplo), bem como sobre instituições ou organizações nas quais podem estar inseridos (e.g. contexto laboral, académico, escolar, religioso). Finalmente, o processo é estendido à representação, partilha e reflexão sobre a qualidade das relações entre os elementos representados.

c) Objetivos

- ✓ Reconhecer e compreender a natureza relacional do sujeito e da sua família;
- ✓ Reconhecer e compreender o tipo de funcionamento/dinâmica do sujeito e da sua família;
- ✓ Explorar o grau de coesão e diferenciação no seio da família, bem como compreender as posições e relacionamentos de cada um em relação aos outros;
- ✓ Representar a estrutura da família como um sistema que inclui subsistemas, limites, hierarquias e alianças;
- ✓ Avaliar as mudanças e a organização familiar ao longo do tempo, através da reflexão sobre eventos críticos identificados como importantes para a história familiar;
- ✓ Contribuir para o conhecimento das representações que o indivíduo e a família desenvolvem sobre si mesmos, a família e outras figuras significativas.

d) Materiais

- ✓ Folha branca A4, tendo no centro um círculo de diâmetro de 14 cm
- ✓ Marcadores de diversas cores
- ✓ Registo vídeo e/ou áudio
- ✓ Grelha de observação

Quando se trata de uma aplicação conjunta, é muito importante que todo o processo seja gravado, para que o psicólogo possa observar o que vai acontecendo no seu todo. Nas aplicações individuais, por sua vez, é também importante no sentido do psicólogo compreender o que a pessoa foi sentido ao longo dos diferentes momentos da aplicação, as

suas emoções, expressões e atitudes.

e) Instruções da aplicação

Este círculo representa a sua família e o espaço envolvente (fora do círculo) representa a vida/o meio em que a sua família está inserida. Aquilo que sente como parte da sua família desenhe, por favor, dentro deste círculo. O que faz parte da vida extra-familiar, desenhe por favor no espaço envolvente (fora do círculo).

1. Primeiro gostaria que se desenhasse a si mesmo utilizando um círculo. Peça que se enumere e que me diga qual o número que o representa.

1. Agora desenhe outras pessoas ou grupos que são importantes e significativos para si, desde crianças, amigos, parentes, familiares, pessoas que estão vivas ou mortas, também com círculos e enumerando-os.

1. Agora, caso considere oportuno, destaque eventos de significado especial dos seus relacionamentos, através de triângulos, continuando a enumerar.

1. Finalmente gostaria de lhe pedir que marque a qualidade da relação que tem com os outros e a qualidade dos eventos significativos. Poderá escolher três tipos de relacionamentos, através das linhas:

Bom relacionamento _____

Relacionamento pobre/menos bom -----

Relacionamento conflituoso ----X ----X ——X

f) Análise dupla: o produto e o processo

A interpretação pode ser realizada a partir de dois níveis, nomeadamente: a nível gráfico simbólico, englobando a dimensão espacial/temporal que diz respeito à ação conjunta da família; e o nível comunicativo que diz respeito ao conteúdo verbal e não verbal ao longo da aplicação. O primeiro nível corresponde à análise do produto (desenho final) e, o segundo corresponde à análise do processo (troca de comentários, interações, o não verbalizado, etc).
(mostrar grelha de análise)

Dupla Lua

O instrumento *La Doppia Luna* ou *Dupla Lua*, em português, foi criado pela psicóloga Ondina Greco, no ano 1999, no âmbito do trabalho clínico com famílias complexas e dentro do enfoque teórico relacional-simbólico (Scabini & Cigoli, 2006). O nome de *Dupla Lua* foi definido após a observação de um desenho realizado por uma criança, filho de pais separados, que representou os progenitores mediante dois semicírculos muito distantes entre si, com a forma de duas luas crescentes (Greco, 2006).

Consiste numa técnica gráfico-projetiva, especialmente orientada para o trabalho clínico com famílias complexas, isto é, famílias reconstituídas, adotivas, de acolhimento, separadas ou divorciadas, famílias em que algum dos membros faleceu ou emigrou e famílias que recorreram à fecundação assistida heteróloga (Greco, 2006). Ou seja, são situações em que o tema da perda, real ou simbólica, é crucial. Deste modo, é muito apropriado para casos em que a pessoa sente pertencer em simultâneo a dois ou mais contextos familiares e, portanto, vive um possível *conflito de pertença*. Este conflito pode ser vivido no plano concreto, como no divórcio, ou no plano simbólico, quando um dos polos do conflito não está presente, como no caso da adoção ou abandono precoce de um dos progenitores (Greco, 2006).

Insera-se na linha de reflexão aberta pelo instrumento *Family Life Space*, que permite projetar num desenho simbólico a representação familiar da pessoa e refletir sobre o trabalho realizado. Assim, a *Dupla Lua* parte deste Instrumento, no entanto, faz emergir mais claramente o tema das raízes e das pertenças nas quais se apoia a identidade de cada membro da família. Também permite refletir sobre a dimensão temporal, olhando para o passado, e sobre as mudanças possíveis no futuro. Por conseguinte, é mais adequado para trabalhar com famílias que estejam a viver situações complexas e consegue adaptar-se melhor que o *Family Life Space*, quando há diferentes pertenças familiares (Greco, 2006). Este instrumento focaliza-se na dimensão das representações individuais, nas interações familiares, nas dinâmicas relacionais e no plano simbólico.

a) Fundamentação teórica

A Dupla Lua é um instrumento que se apoia nos conceitos de *espaço de vida* e de *fronteira*, da teoria clássica de campo, e nos conceitos psicanalíticos de *ausência* e *perda* (Greco, 2006). Parte também do conceito de ciclo vida familiar e das tarefas desenvolvimentais que acompanham cada transição (Scabini & Iafrate, 2003), numa contínua redefinição das fronteiras familiares.

As transições familiares

Para aceder à estrutura relacional de uma família deve-se ter em conta a dimensão temporal (Scabini & Cigoli, 2006), a qual se manifesta na forma como as famílias conectam o passado, o presente e o futuro.

Ao longo do seu percurso existencial, a família percorre inúmeras transições que exigem a sua reorganização, tendo em vista o seu processo de crescimento e, assim, uma redefinição das fronteiras familiares (Minuchin, 1982) Estas transições são impulsionadas por eventos críticos ou crises que podem ser de dois tipos: normativos ou não normativos. Deste modo, na vida de um sistema familiar podem ocorrer crises ou mudanças naturais, esperadas e previsíveis, associadas às diferentes etapas do ciclo vital familiar (e.g. o nascimento de um filho; a entrada na escola; o casamento; a saída de cada dos filhos; a morte) e/ou, ainda, as crises acidentais ou imprevisíveis que ocorrem inesperadamente e, por isso, podem assumir geralmente um carácter mais dramático (e.g. o divórcio; a emigração; a adoção) (Minuchin, 1982). Todas estas transições têm o poder de desestabilizar e organização familiar, assim como de trazer à superfície o tipo de relações que existiam (Scabini & Cigoli, 2006). Qualquer evento crítico provoca na família um período de desorganização, seguido da procura de soluções e o desenvolvimento de tarefas específicas, em que a família se move até encontrar um novo equilíbrio. Por conseguinte, em todas as transições está presente o tema da perda, na medida em que para fazer face ao *novo* é preciso deixar o *velho* e a segurança da condição anterior (Scabini & Iafrate, 2003).

Apresentar um exemplo de transição familiar (saída de casa dos filhos) e discutir em grupo: pode ser que um filho saia fisicamente da casa dos pais mas não se realizem as tarefas fundamentais, ficando a transição bloqueada e, assim, originar no futuro problemas de pertença e de assumir perdas.

As fronteiras e o sentido de pertença

O conceito de *fronteira* utilizado pela autora, parte da teoria de campo de Kurt Lewin, que propõe a metáfora espacial para representar o mundo psíquico e que tem sido amplamente utilizado nas teorias sistémicas, para desenvolver os conceitos de proximidade e distância nas relações familiares (Greco, 2006). Do acordo com Minuchin (1982), as fronteiras são um conjunto de regras que determinam quais os participantes de cada subsistema familiar e como participam, sendo o elemento que protege a diferença dentro do sistema e que garante a diferença dentro de cada subsistema desse mesmo sistema. O processo de regulação da distância determina a qualidade das fronteiras que podem ser difusas, claras ou rígidas.

O indivíduo encontra-se inserido no centro de vários subsistemas e suas fronteiras, seguidamente enumeradas, sendo que a atenção a estes possibilita uma compreensão aprofundada da estrutura e dinâmica familiar.

1. **Fronteiras intrapsíquicas:** são entendidas como a distância que se dá entre as diversas representações do próprio eu e dos objetos significativos. As fronteiras, neste caso, vão-se criando no processo de construção das representações, a partir de um objeto significativo que é assumido como modelo (Greco, 2006).
2. **Fronteiras individuais:** destacam a distância diádica ou triádica entre a pessoa e os outros. Esta distância pode ser representada por um *continuum* que vai desde o extremo da dependência ou simbiose ao extremo do isolamento. No centro, situa-se a distância funcional, o ponto de equilíbrio entre os desejos de proximidade e distância (Scabini & Cigoli, 2006) (conceito de individuação de Bowen)
3. **Fronteiras geracionais:** evidenciam a distância entre as diferentes gerações familiares. Bowen, 1998) define-as como as fronteiras entre subsistemas e relaciona-as com as dicotomias do cuidado responsável *versus* a irresponsabilidade, da justiça *versus* a injustiça, da ordem *versus* a desordem na distribuição dos papéis familiares. Trata-se, portanto, do eixo ético na dimensão simbólica da família (Scabini & Cigoli, 2006). O cuidado da nova geração vai do extremo da preocupação excessiva, marcada mais pelas necessidades dos pais do que do reconhecimento das necessidades dos filhos, passando pela posição central funcional, em que as funções parentais são desenvolvidas positivamente; até o extremo da posição carente, que se expressa numa relação paritária entre pais e filhos, que equivale ao não assumir da responsabilidade por parte dos pais, ou a uma relação de hierarquia invertida em que os filhos assumem a responsabilidade de cuidar dos pais ou outros membros da família (Greco, 2006).
4. **Fronteiras familiares:** dizem respeito à distância entre a pessoa e uma ou várias famílias, em termos de inclusão ou exclusão familiar. Evoca o tema da pertença, entendido como o reconhecimento daquilo de que se faz parte, que é um aspeto fundamental da identidade pessoal. Em casos de famílias complexas, como é o caso das famílias adotivas, de acolhimento, ou reconstituídas, os filhos podem introduzir dentro da categoria familiar pessoas estranhas à família e podem estar a viver duplas ou triplas pertenças. As fronteiras familiares podem ser ambíguas ou claras e a sua ambiguidade pode mostrar situações de *stress* ou bloqueios evolutivos. Também pode expressar sentimentos de confusão e insegurança perante um terreno familiar frágil e mal assentado (Greco, 2006).

5. **Fronteiras intrasistêmicas** explicitam, porém, a distância que a pessoa sente relativamente às diversas famílias nucleares, dentro da família alargada, com as suas origens e estirpes diversas. O *corpo familiar* é um sistema formado pelos dois ramos familiares que estão sempre na origem de cada nova família. Subjacente à complexidade destas fronteiras está, por um lado, o tema da diferenciação do novo núcleo familiar em relação às suas famílias de origem e, por outro, o tema da gestão da herança do património simbólico. O *continuum*, neste tipo de fronteiras, estaria marcado, num extremo, pela réplica determinista, em que a nova família está obrigada a reproduzir o que recebeu mecanicamente de uma das estirpes sem poder incorporar nada de novo; no outro extremo, pela ilusão da autogeração, que pretende projetar-se no futuro, na geração descendente, cortando com as origens, pensando que não precisa do passado. No ponto intermédio estaria o desenvolvimento funcional, que consiste num trabalho de renovação das origens, mantendo uma ligação com elas, mas sabendo também recriá-las (Greco, 2006). A posição extrema da rutura com as origens tem o perigo de levar a família a uma situação de isolamento, excluindo os recursos, os valores e os mitos de que é portador o passado. Este isolamento é mais trágico para a geração mais nova, que sente perder todo o património simbólico da sua família e as bases para uma futura integração social (Greco, 2006).
6. **Fronteiras intersistêmicas**, que regulam a distância entre a família nuclear ou alargada e os outros sistemas sociais. Aqui produz-se o encontro da família com o estranho, reconhecendo aquilo que é semelhante e diferente dela. Também está ligado a estas fronteiras o tema do berço cultural onde se encontra cada família e que marca, de formas muito diversas, a história e a rede social em que se movimenta (Greco, 2006). A vinculação entre família e ambiente cultural e social é uma realidade que marca todo o ciclo de vida familiar, pela importância que tem a dialética interno/externo no processo de construção da identidade. Especialmente relevante é a capacidade que a família tem de abrir-se a outras redes familiares e sociais para pedir ajuda quando precisa e para oferecê-la quando lhe é solicitada (Greco, 2006).

A relação com o ausente

As situações familiares complexas, que têm a sua origem em eventos críticos não normativos, estão frequentemente marcadas por experiências de perda. Esta perda pode ter acontecido no plano da realidade, como quando morre uma mãe ou se abandona o país, ou pode acontecer apenas no campo psicológico, como quando um casal estéril tem que assumir a ausência da fertilidade. Convém perceber como é a relação que a pessoa tem com o objeto

ausente, que pode variar da lembrança ao lamento, da simbolização à negação ou ao evitamento (Greco & Comelli, 2008).

O papel da ausência ou do negativo na experiência psicológica tem sido sublinhado particularmente pela psicanálise. Freud (1915/1989) afirma que uma certa quota de ausência é condição necessária para o desenvolvimento mental, já que as crianças, perante a falta do seio materno, o imaginam, sendo este processo a base do pensamento. Esta primeira imagem funciona como recordação ou desejo de uma presença, sempre com a esperança do retorno. Winnicott (1971) assumiu a visão de Freud, mas acrescentou que, quando há uma perda, é possível conservar a imagem do objeto perdido e elaborar o luto. Porém, se a ausência se prolonga até que se desvaneça a imagem, o objeto pode tornar-se mau por estar indisponível. Neste caso, o vazio pode tornar-se a única coisa real e a representação do vazio pode transformar-se no centro da vida psicológica (Greco, 2006). Nesta perspetiva, a ausência é algo que, contrariamente ao que parece, continua a existir no mundo interno, mesmo quando não é percebida pelos sentidos (Greco, 2006).

b) Objetivos

- ✓ Compreender a estrutura relacional e o mundo representacional do sistema familiar
- ✓ Compreender as ambiguidades dos limites/fronteiras e de pertença familiar (es) junto de famílias complexas
- ✓ Aprofundar fronteiras, pertenças e ausências dentro da família
- ✓ Conhecer os polos de conflito familiares

c) Materiais: o que usar?

Para a aplicação deste instrumento é necessário material simples e de fácil utilização, nomeadamente, um quadro com giz de cores ou uma **folha A4 em branco, com um retângulo pré-desenhado de 14 x 22**, e marcadores. Os limites da folha representam um retângulo mais amplo e, no caso de utilizar um quadro de parede, será obrigatório desenhar também o retângulo maior. Inclui ainda **seis instruções sequenciais** (mostrar) que orientam a pessoa no processo de representação gráfica. No sentido, de realizar mais facilmente uma análise sequenciada e objetiva da informação recolhida, o aplicador deve fazer uso da **grelha de análise** construída, a partir do material proporcionado pela autora, por uma equipa da Universidade Católica de Braga.

d) A aplicação: o fazer concreto em sessão

Este instrumento deve ser aplicado num espaço tranquilo, com iluminação adequada, sem ruídos. Se o desenho é realizado simultaneamente por várias pessoas da família, é importante que todos estejam sentados na mesma posição face à folha de desenho. É aconselhável que a sessão seja gravada ou em áudio ou em vídeo, para posterior análise da linguagem verbal e não-verbal. Tanto na realização individual, como na realização conjunta, para melhor reconhecer a sequência dos elementos desenhados, o administrador regista a ordem na qual foram assinalados.

Para uma correta aplicação, é fundamental a criação prévia duma relação de confiança e empatia, de maneira a que a pessoa se sinta acolhida e disposta a exprimir as suas representações familiares.

É muito importante neste instrumento refletir sobre o tema das ausências, os elementos que faltam. Por isso, é indispensável colocar a instrução quatro, mas adequando-a sempre à pessoa. Será o psicólogo, com a sua sensibilidade clínica, a encontrar a formulação mais adequada. Se o elemento ausente está relacionado com o contexto de origem da pessoa adotada ou com alguém que já faleceu há muito tempo ou, ainda, uma pessoa que nunca foi conhecida (e.g. parceiros desconhecidos de mães solteiras; casos de inseminação artificial heteróloga), a instrução deverá ser feita da seguinte forma: “Há alguma coisa de que se recorde ou que lhe terão contado ou que você terá imaginado sobre o seu passado que queria acrescentar neste desenho? Outra modalidade mais geral pode ser: “Para si, falta alguém neste desenho?”.

Perante a intensidade das emoções presentes, relacionadas com o elemento ausente, poderá ser menos intrusivo alterar a ordem das instruções quatro e cinco ou poder decidir não utilizar a instrução quatro, caso se verifique angústia ou uma tensão excessiva por parte da pessoa.

d1) Modalidades de aplicação

A *Dupla Lua* pode ser aplicada de diversas formas, sendo que o psicólogo, com base na sua experiência e sensibilidade deve escolher a modalidade de aplicação que melhor se adequa à realidade específica.

1. **Aplicação individual**
2. **Aplicação conjunta** ao casal, aos irmãos ou à família reunida
3. **Aplicação repetida** ao mesmo sujeito ou aos familiares reunidos em momentos temporais diferentes, com a finalidade de observar a possível evolução das modalidades complementares do conflito sobre os laços entre as pessoas presentes e ausentes, bem como

da representação dos limites familiares.

4. **Aplicação em paralelo**, consistindo numa aplicação individual a diferentes membros da família (sendo os desenhos que cada um representou individualmente discutidos em conjunto).

5. **Aplicação de uma versão**: *agora-futuro, agora passado*, no sentido de promover a reflexão sobre o que terá mudado ou o que se espera que mude em relação a um acontecimento crítico que já terá passado ou que é esperado que aconteça. Uma segunda versão *real-ideal*, é aquela na qual pode emergir o que a pessoa sente que falta, a diferença entre a realidade presente e o que se considera desejável num nível ideal.

6. **Aplicação atribuída**: solicita-se a uma pessoa para realizar a tarefa colocando-se no *lugar* de um familiar, de forma a imaginar como o outro representa posições recíprocas e limites familiares. Caso se tenha à disposição a tarefa realizada pela pessoa a quem é atribuída o desenho (ou outras fontes de conhecimento da pessoa), o desenho atribuído pode ser um indicador significativo da capacidade de empatia de quem terá realizado o desenho em relação ao mundo subjetivo do outro.

7. **Aplicação primeiro individual e depois conjunta**, com o casal ou com o grupo familiar. Através da réplica ou distorção dos elementos substanciais do desenho realizado individualmente, nota-se o que a pessoa (em particular a criança) considera que é adequado expressar perante os outros familiares.

e) Análise

A presente grelha divide-se em seis partes, que correspondem aos diferentes níveis de análise:

1. Análise do conteúdo **gráfico**: Ter em atenção a tipologia dos símbolos, cores, tamanhos, disposições no espaço, sequência em que foram desenhados os diferentes elementos, membros presentes ou ausentes, representação dos limites familiares, relação entre as diferentes partes do desenho.

2. Análise **verbal** dos dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho e no diálogo posterior.

3. Análise do nível **emotivo/interativo**: Observar o clima emotivo durante a execução do teste, o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo...

4. Análise do nível **reflexivo**: Observar se a pessoa é capaz de utilizar o conteúdo

gráfico e o que emerge do desenho, para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

5. Análise dos dois constructos chave do teste: os **limites** e as **pertenças**. Analisar, através de diferentes indicadores gráficos e verbais, os limites individuais, inter e intra-sistémicos, geracionais e familiares. Também observar a presença ou ausência dos diferentes polos familiares e a possível relevância do conflito de lealdade naquele caso.

6. No caso de **aplicação conjunta** é importante ter em atenção as dinâmicas relacionais e as estratégias que o grupo familiar utiliza para construir o desenho (e.g. se emerge uma interpretação da tarefa como uma ação individual ou conjunta).

1. Análise do conteúdo gráfico

1.1. Avaliação global:

Para a análise dos dados gráficos recolhidos, deve-se começar por uma avaliação global, tendo em conta a primeira impressão que nos suscita a observação do desenho. Devem-se observar os sinais gráficos, as cores, as relações entre os espaços preenchidos e os espaços vazios, a disposição dos símbolos no espaço, as evidências gráficas e a eventual ocupação do centro do retângulo. Posteriormente, deve-se pensar numa frase ou metáfora para dar um título geral ao desenho, de forma a registar esta primeira impressão.

1.2. Avaliação dos elementos do desenho:

Depois da avaliação global, procede-se à observação e descrição pormenorizada de cada um dos elementos gráficos do desenho, especialmente dos seguintes indicadores.

2. Análise do conteúdo verbal

Os dados recolhidos pela verbalização espontânea durante a execução do desenho, constituem uma preciosa informação, que podem ser confrontados com o resto dos indicadores e assim verificar a congruência ou incongruência na compreensão global do teste.

3. Análise do nível interativo-emotivo

Analisar também a interação que se produz durante a entrevista e a aplicação do instrumento. Os indicadores detetados através da análise da interação e do clima emotivo durante a execução da atividade devem ser confrontados com os outros indicadores, para explorar a recíproca congruência ou incongruência. Em particular, é útil observar os aspetos

emotivos e o comportamento, a transferência e contratransferência, a atribuição de papéis, o tipo de relação, a empatia, os mecanismos de defesa, o tipo de diálogo.

4. Análise do nível reflexivo

Um indicador importante a nível clínico provém da observação da capacidade ou incapacidade que a pessoa tem para comentar o seu próprio desenho. Se é capaz de utilizar o que emerge do desenho, acerca das suas próprias relações e da própria posição em relação às fronteiras familiares, utilizando o conteúdo gráfico das indicações do instrumento para comentários, explicações e associações livres que podem abrir temas imprevistos ou aprofundar temas já conhecidos.

5. Análise dos dois constructos chave: as fronteiras e as pertenças

Depois de observar cada um dos elementos do desenho, procede-se a uma avaliação mais pormenorizada dos dois constructos chave fundamentais do teste: os limites ou fronteiras e o conflito de pertença.

6. Análise da aplicação conjunta da atividade

O critério principal de avaliação é o processo de construção do desenho. É importante avaliar o clima emotivo, as dinâmicas relacionais e as estratégias que o grupo familiar utiliza para construir o desenho. Ter em atenção a prevalência de modalidades tendencialmente conexas ou de modalidades tendencialmente separadas.

Embora as indicações sejam dadas a nível individual, pode-se observar durante a realização do desenho se se dá uma interpretação da tarefa como individual (desenhos diferentes e paralelos de cada membro) ou como ação conjunta (os familiares consultam-se para decidir quem e como desenhar, ou utilizam algum elemento do desenho realizado por outros familiares).

7. Síntese dos resultados

Por fim, é elaborada uma reflexão sobre todos os dados que emergiram na aplicação.

1ª sessão - Apresentação *Powerpoint* utilizada

Ação de Formação 
Psicologia da Família

Os desafios do Modelo
Relacional Sistémico e
Simbólico

um *olhar* relacional


Joana Sousa Ferreira Março, 2015
joana.sousa.ferreira1@gmail.com

Objetivos Gerais

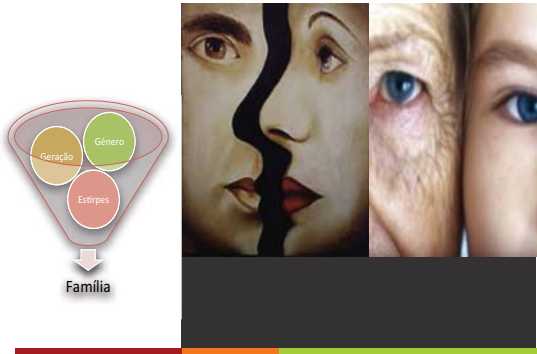
- ✓ Dar a conhecer o Modelo Relacional Sistémico e Simbólico;
- ✓ Refletir sobre os desafios e as exigências do Modelo no contexto de intervenção;
- ✓ Apresentar alguns dos principais instrumentos de intervenção com famílias.

Objetivos Específicos

- Compreender os pressupostos subjacentes ao Modelo;
- Refletir sobre o **contexto relacional** no qual a criança/adolescente se encontra inserida;
- Compreender as particularidades e pertinência do **diagnóstico relacional**
- Compreender as **especificidades e dimensões** subjacentes à **relação de ajuda**, e ao papel do profissional;
- Refletir sobre as vantagens da utilização de métodos de desempenho como o **jogo e o desenho**;
- Desenvolver **habilidades de implementação de alguns dos principais instrumentos** do Modelo, úteis na intervenção com as crianças e adolescentes, bem como com as famílias.



"O indivíduo é ele próprio e as suas circunstâncias"



Família

A Matriz da Identidade individual é a Família



"A forma como a família está organizada pode encorajar o crescimento e individuação dos seus membros ou pode impedi-lo"

Indiferenciação (Bowen, 1998)

Dependência Crônica

- Fusão
- Confusão de papéis
- Extrema dependência
- Dificuldade em diferenciar o seu sentir do sentir do outro
- Funcionamento em termos de sentimentos

Corte Relacional

(físico e/ou emocional)

- Ausência de pertença
- Negação da intensidade emocional dos vínculos
- Falsa autonomia
- Paradoxo entre proximidade e rejeição nas relações

Diferenciação (Bowen, 1998)



Pertença

Não isolamento

Diferença

Responsabilidade

Ideias e decisões próprias

Relações interpessoais

Indiferenciação (Bowen, 1998)

Dependência Crônica

- Fusão
- Confusão de papéis
- Extrema dependência
- Dificuldade em diferenciar o seu sentir do sentir do outro
- Funcionamento em termos de sentimentos

Corte Relacional

(físico e/ou emocional)

- Ausência de pertença
- Negação da intensidade emocional dos vínculos
- Falsa autonomia
- Paradoxo entre proximidade e rejeição nas relações

Fronteiras (Minuchin, 1982)



Fronteiras II (Minuchin, 1982)

Fronteiras rígidas

Fronteiras Claras

Fronteiras difusas



Todas as famílias situam-se num *continuum* entre dois polos

A maioria das famílias situa-se no espectro normal



Será a criança uma ilha isolada?

O sintoma como significado da problemática familiar

- Um problema de uma criança **é sempre** um problema familiar
- O sintoma **não é** uma disfunção individual
- Meio de **comunicação**
- O sintoma nasce e cresce **dentro de um contexto relacional único**

Diagnóstico Relacional O contexto é o horizonte

- | Diagnóstico Clássico | Diagnóstico Relacional |
|---|-------------------------------------|
| ➤ Conclusão em si mesmo | ➤ Porta de entrada |
| ➤ Horizonte: sintoma | ➤ Horizonte: contexto |
| ➤ Rótulo estático | ➤ Variável e circular |
| ➤ Resistência às mudanças do contexto social | ➤ Não definitivo |
| | ➤ Foco nos recursos |

Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=6UHOJARzEWw>



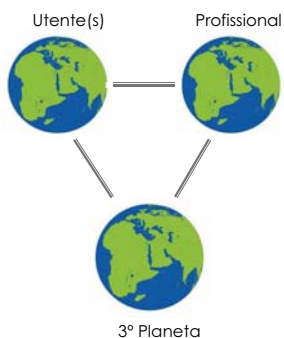
A relação de ajuda rumo ao terceiro planeta

- Compreender as funções e os significados do sintoma
- Reorganização dos significados do sintoma
- Espaço para a escuta e a compreensão do sofrimento
- Construção de novos significados



Relação de ajuda

- ◆ Formulação de novas hipóteses
- ◆ Experimentar novas dinâmicas relacionais
- ◆ Encontrar novos projetos
- ◆ Redescobrir recursos
- ◆ Experimentar novas formas de comunicar e interagir



Contributos da abordagem relacional sistémica e simbólica na intervenção na violência familiar



PARA REFLETIR...



Apresentação do caso

- ❖ O presente caso retrata **uma jovem de 17 anos, residente numa instituição de acolhimento temporário**. Na ficha de pedido de ajuda psicológica estavam mencionadas as seguintes queixas: **episódios de auto-mutilação e dificuldades na relação interpessoal**
- ❖ A **história familiar** da jovem é pautada por **diversas mudanças habitacionais** (família de origem, família de acolhimento e dois centros de acolhimento temporário) e **estilos comunicacionais abusivos**.

Análise do caso a partir do modelo relacional sistémico e simbólico

- O **cruzamento** entre as dificuldades relacionais atuais e a história familiar
- O **significado** dos sintomas apresentados

- A **história familiar** da jovem é pautada por **diversas mudanças habitacionais** (família de origem, família de acolhimento e dois centros de acolhimento temporário) e **estilos comunicacionais abusivos**.

➤ Relação de intimidade da jovem

- **Oscilação** entre a proximidade, distância e reconciliações
- **Procura constante** de atenção e afeto
- **Ambivalência** entre ganhos (afeto e momentos de reconciliação) e aspetos negativos (abandono, humilhação)

Dificuldades Relacionais e História Familiar

- **A oscilação entre a presença e ausência de figuras de referência** (e.g. elementos da família de origem e de acolhimento)
 - sentimento de desconfiança
 - receio de abandono
- **As mudanças habitacionais**
 - dificuldade na construção da identidade
 - dificuldades na relações atuais
- **Confusão de identidade**
 - dúvida sobre as suas origens
 - sobre quem é
 - onde *perence*



O Sintoma como Significado da Problemática Familiar

1. Dificuldades nas relações interpessoais

- **Pobreza relacional**
 - Relações efémeras e instáveis



- **A desilusão relacional e a assunção de culpa**
 - Distanciamento pelo receio do abandono



Por outro lado...

- **Esperança** de estabelecer relações estáveis
- **Anulação da sua vontade**, dos seus interesses em prol da vontade do outro.

Função do sintoma



- Proteger a utente de **futuras desilusões relacionais**
- O caminho para o estabelecimento **da relação desejada**.

O Sintoma como Significado da Problemática Familiar

2. Episódios de auto-mutilação

- Espaços e situações nas quais a jovem sente uma maior insegurança

Função do sintoma



- Escapatória, uma forma de alívio e de liberdade face às dificuldades vivenciadas
- Sensação de poder nas suas relações instáveis
- Segurança

Perturbações na Infância e Configurações Familiares Distorcidas

- O que acontece com estas famílias ao nível das relações?
- Como é que se pode intervir?

Objetivo Terapêutico

Do ponto de vista da **criança**

- Da negação da doença à competência sobre a doença
- Provocar o tirano e retirá-lo do pedestal

Do ponto de vista **do casal, pais e família**


- Interromper o círculo de proteção e entrar na dor da perda de cada um
- O recurso ou a ausência das famílias de origem
- Recompôr a frateria e marcar a fronteira do casal
- A terapia em rede



Obrigada!

2ª Sessão “Se também o terapeuta soubesse brincar...” – Powerpoint utilizado

Sessão 2
“Se também o terapeuta soubesse brincar...”




Métodos objetivos	Métodos de desempenho
Simplicidade	Metodologia indireta
Aplicação de curta duração	Subjetividade
Acesso senão ao conteúdo que a pessoa quer transmitir	Conteúdos reprimidos ou não conscientes
Metodologia direta	Exigem mais tempo
Procedimento estruturado	Procedimento não estruturado
	Maior investimento

O Jogo e o desenho como recursos terapêuticos


....

O Desenho

- Canal expressivo da criança
- Representação da realidade
- Projeção
- Dramatização
- Interpretação
- Resignificação
- Realidade e Fantasia




Exemplo prático




O jogo

- Técnica projetiva
- Interação com materiais lúdicos
- Expressão dos conteúdos do mundo interno e externo
- Configuração de um campo
- Estímulos de auto-expressão
- Intencionalidade




Exemplo prático



Proposta para a APAC

Vamos construir a nossa caixa?????



- Pequenos bonecos/personagens flexíveis, representando diferentes personagens por género e idade - figuras de crianças e adultos de ambos os sexos, avó e avô, pai e mãe, entre outros;
- Materiais adicionais para completar o cenário, composto por figuras e animais (e.g. cachorro; vaca; pato), árvores, flores veiculares (e.g. carros; comboio), objetos de uso diário (e.g. cadeiras; pratos; brinquedos) e figuras simbólicas (e.g. anjo; "gnomo").

8

Family Life Space – *powerpoint* utilizado

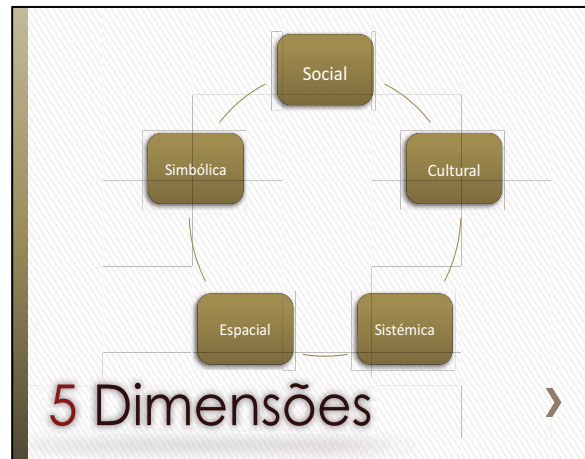


Introdução

- **Desenho simbólico** do espaço da vida familiar
- Trata-se de um **instrumento projetivo**, de análise **qualitativa**
- Poderá ser usado na **intervenção familiar e individual** com crianças, adolescentes e/ou adultos

Fundamentos Teóricos

- **Modelo Ecológico** - Bronfenbrenner (1977)
- **Teoria Geral dos Sistemas** – Bertalanffy (1950)
- **Teoria do Campo** – Kurt Lewin (1951)
- **Interacionismo Simbólico** – Mead (1934)



- Receber, num curto espaço de tempo, informação significativa sobre **a pessoa ou família no seu contexto envolvente**;
- **Mudar o foco de atenção do paciente identificado** para a dinâmica de funcionamento interno do núcleo familiar

Potencialidades

Objetivos

- Reconhecer e compreender a **natureza relacional** do sujeito e da sua família
- Reconhecer e compreender o **tipo de funcionamento/ dinâmica** do sujeito e da sua família
- Explorar o **grau de coesão e diferenciação** no seio da família, bem como compreender as **posições e relacionamentos** de cada um em relação aos outros
- Representar a **estrutura da família como um sistema** que inclui subsistemas, limites, hierarquias e alianças;



- Avaliar as **mudanças e a organização familiar ao longo do tempo**, através da reflexão sobre eventos críticos identificados como importantes para a história familiar;
- Contribuir para o conhecimento das **representações que o indivíduo e a família desenvolvem sobre si mesmos, a família e outras figuras significativas**.

Materiais: O que usar?

- Folha branca A4, tendo no centro um círculo de diâmetro de 14 cm
- Marcadores de diversas cores
- Registo vídeo e/ou áudio
- Grelha de observação

Instruções: o que fazer?

Este círculo representa a sua família e o espaço envolvente (fora do círculo) representa a vida/o meio em que a sua família está inserida. Aquilo que sente como parte da sua família desenhe, por favor, dentro deste círculo. O que faz parte da vida extra-familiar, desenhe por favor no espaço envolvente (fora do círculo).

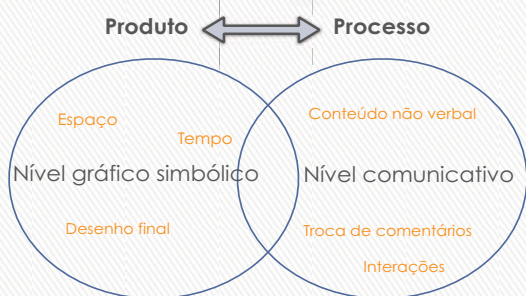
- Primeiro gostaria que se **desenhasse a si mesmo utilizando um círculo**. Peço que se enumere e que me diga qual o número que o representa.
- Agora desenhe **outras pessoas ou grupos que são importantes e significativos para si**, desde crianças, amigos, parentes, familiares, pessoas que estão vivas ou mortas, **também com círculos e enumerando-os**.
- Agora, caso considere oportuno, **destaque eventos de significado especial dos seus relacionamentos, através de triângulos**, continuando a enumerar.

- Finalmente gostaria de lhe pedir que **marque a qualidade da relação que tem com os outros e a qualidade dos eventos significativos**. Poderá escolher três tipos de relacionamentos, através das linhas:

- » Bom relacionamento _____
- » Relacionamento pobre/menos bom -----
- » Relacionamento conflituoso —X—X—X



Análise dupla



Dupla Lua – powerpoint utilizado

Apresentação do Instrumento "A Dupla Lua"

Teste das fronteiras e das pertencas familiares
Ondina Greco - 1999

Situações Familiares complexas

Experiências de perda e conflitos de pertença

- Divórcio e Separação
- Acolhimento Familiar ou Residencial
- Adoção
- Família reconstituída
- Emigração de um dos membros
- Morte de um dos membros
- Fecundação assistida
-

Fundamentação Teórica

- Transições Familiares
- Fronteiras e pertencas
- Presença e ausência

Transições Familiares

- **Eventos críticos normativos**
 - Nascimento de um filho
 - Casamento
 - Adolescência
 - Entrada na escola
 - Saída de casa dos filhos
 - A morte dos membros mais idosos
- **Eventos críticos não normativos**
 - O divórcio
 - Emigração
 - Adoção
 - Doença

Exemplo: "Descolagem" do(s) filho(s) Transição para a vida adulta

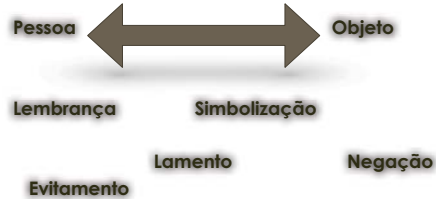
	Como Casal	Como pais	Como filhos	Como membros da sociedade
Dimensão afetiva	Reinvestir na relação de casal	-Favorecer a descolagem - Inimidade na distância	Cuidar dos progenitores (geração anterior)	Passar da generalidade parental à social
Dimensão ética	Reformular o pacto conjugal	Reconhecer o filho como adulto	Legitimar os progenitores no papel de portadores da história	Transmitir o património familiar

Fronteiras e Pertencas

- Fronteiras individuais
- Fronteiras geracionais
- Fronteiras Familiares
- Fronteiras intrasistémicas
- Fronteiras interistélicas

A relação com o ausente

- **Perda Real**
 - Morte de um membro da família
 - Emigração de um dos membros
 - ...
- **Perda simbólica**
 - Infertilidade
 - ...



Objetivos

- Compreender a **estrutura relacional e o mundo representacional** do sistema familiar
- Compreender as **ambiguidades dos limites/fronteiras e de pertença familiar** (es) junto de famílias complexas
- Aprofundar **fronteiras, pertenças e ausências** dentro da família
- Conhecer os **polos de conflito** familiares

- Folha A4 em branco, com um retângulo pré-desenhado de 14 x 22
- Marcadores de diferentes cores
- Guião de instruções
- Gravador (vídeo ou áudio)

Materiais: o que usar?

Aplicação: o fazer concreto em sessão

O administrador aponta para o retângulo e diz: "Este retângulo representa o teu mundo, aquilo que é importante para ti (as pessoas e os teus interesses). O espaço exterior ao retângulo representa tudo aquilo que está fora desse mundo."

1. "Quero que te desenes a ti próprio(a) a partir de um símbolo que te represente (por exemplo, um círculo) e coloca-o onde quiseres". Escreve o teu nome por baixo desse símbolo.
2. "Agora desenha, sempre através de símbolos, as pessoas mais importantes para ti e coloca-as onde achares mais adequado. Essas pessoas podem estar neste momento perto ou distantes, mas te são importantes, podes colocá-las onde quiseres."
3. "Agora envolve no mesmo círculo as pessoas, que para ti, formam parte da mesma família (as pessoas da mesma família no mesmo círculo). Podes desenhá-las em vários círculos, como considerares mais adequado."

4. Caso o (s) elemento(s) de conflito de pertenças não sejam representados:

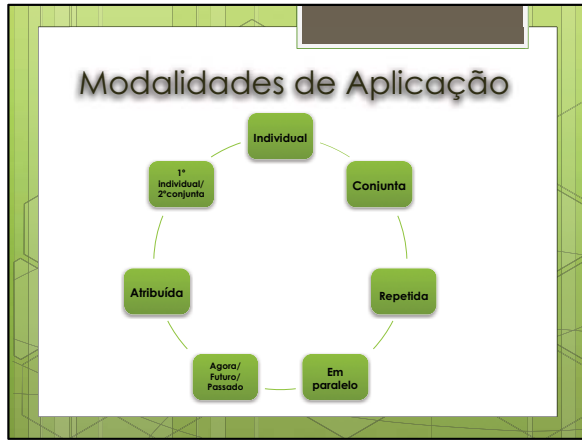
Este elemento...pode ser representado...?

Na tua opinião, onde se poderia colocar...?

Há algo ou alguém de que te lembres, ou de quem tenhas ouvido falar, ou que imaginas do teu passado que gostarias de acrescentar ao desenho?

Para ti, falta alguém neste desenho?

5. Se tivesses uma varinha mágica que elementos mudavas neste desenho? Que pessoas colocarias e que não estão aqui representadas? Há alguma pessoa que gostarias que estivesse numa outra posição? Quem? Aonde gostarias de colocá-la?"



- ### Análise dos Resultados
- Análise do conteúdo gráfico
 - Avaliação Global
 - Avaliação dos elementos do desenho
 - Análise do conteúdo verbal
 - Análise do interativo-emotivo
 - Análise do nível reflexivo
 - Análise das fronteiras e pertenças
 - Análise da aplicação conjunta

Obrigada!

Anexo C5: Questionário Pós-teste utilizado na ação de formação

Avaliação da Ação de Formação

“Os desafios do Modelo Relacional Sistémico e Simbólico: um *olhar* relacional”

Esta avaliação é anónima e pretende ser um instrumento de ajuda na avaliação da estagiária e da eficácia da formação. Numa primeira parte, a avaliação está focalizada para as sessões e na segunda parte será focada na dinamizadora. Esta avaliação é de cariz qualitativo e quantitativo. Pedimos a maior sinceridade e obrigado por participar na ação de formação!

Avaliação quantitativa global (marque com um X onde considere mais adequado).

		1 Péssimo	2 Insuficiente	3 Razoável	4 Bom	5 Excelente
1	Pertinência da formação					
2	Clareza da informação					
3	Rigor na apresentação					
4	Relevância da informação					
5	Dinâmica da sessão					

2. Avaliação qualitativa

2.1 Como descreve a sua experiência nesta formação?

2.2 Saliente os aspetos que considerou mais interessantes na formação.

2.3 De que forma esses aspetos podem ser integrados na sua prática profissional?

2.4 Que tema(s) gostaria de aprofundar mais?

2.5 Qual a importância do trabalho com as famílias no contexto terapêutico?

2.6 De que forma o jogo e o desenho podem ser usados como recursos terapêuticos?

2.7 Outros aspectos que gostaria de salientar.

As próximas duas questões são direcionadas apenas às Psicólogas (2.8 e 2.9). Tendo em conta os seguintes instrumentos, por favor, enumere os principais objetivos dos mesmos e qual a pertinência da sua utilização no seu trabalho.

2.8 O Family Life Space (Gozzoli & Tammanza, 1998)

2.9 A Dupla Lua (Greco, 2006)

3. Avaliação quantitativa individual

		1 Péssimo	2 Insuficiente	3 Razoável	4 Bom	5 Excelente
1	Postura da dinamizadora					
2	Pertinência da informação explorada					
3	Coerência da informação					
4	Clareza na apresentação					
5	Interação estabelecida com o público-alvo					
6	Interação entre o grupo de participantes					

4. Avaliação qualitativa individual

4.1 Como caracteriza o desempenho da dinamizadora?

4.2 O que destaca de positivo no desempenho da dinamizadora?

4.3 O que destaca de menos positivo no desempenho da dinamizadora?

4.4 Outros aspetos que gostaria de salientar.

Anexo D: Carta de Explicação e Consentimento da Intervenção em Grupo

Carta de Explicação da Intervenção e do Consentimento

Título: Intervenção em Grupo para filhos de pais separados/divorciados - o nome do programa será definido pelo próprio grupo na primeira sessão.

Estagiária: Joana Sousa Ferreira.

Como estudante de Psicologia da Família na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, encontro-me a realizar estágio na Associação de Pais e Amigos de Crianças (APAC) sediada em Barcelos.

Conscientes das dificuldades que as famílias divorciadas atravessam, projetamos alguns encontros em grupo, para filhos que se encontram na mesma situação, procurando criar um espaço de reflexão sobre as suas realidades familiares.

Estes encontros têm como objetivos fundamentais facilitar a reflexão sobre o tema da família e o contexto familiar de cada um; apoiar os jovens a refletir e expressar emoções, sentimentos e percepções associados à nova realidade familiar; apoiar os jovens no reconhecimento do casamento e do divórcio como fases integrantes do ciclo vital familiar; ajudar na aceitação da perda da união familiar; facilitar a integração da situação familiar nas suas histórias de vida.

O presente programa de intervenção oferece uma oportunidade para a expressão e reconhecimento das suas vivências, emoções, pensamentos, preocupações, dúvidas e esperanças decorrentes da nova realidade familiar. Pretende-se proporcionar um espaço de segurança e de transição no qual cada membro irá interagir em função das representações trazidas pelo grupo, a partir da sua própria experiência.

Posto isto, pede-se a presença dos vossos filhos em oito encontros de grupo a realizar nas datas, local e horários combinados. Cada encontro durará cerca de 120 minutos; começará com um momento de partilha de dúvidas, um tempo de trabalho do tema proposto, e terminará com um espaço de reflexão acerca do que foi falado nesse encontro e, ainda, com um lanche (preparado pela psicóloga), com uma duração que poderá variar entre os 10 a 30 minutos, que culminará num momento de interação mais informal.

Apesar do programa ser destinado aos vossos filhos, pretende-se a vossa integração ativa e, assim, que se sintam parte integrante do percurso. Deste modo, pedimos a vossa colaboração e presença em alguns momentos importantes da intervenção, nomeadamente, na última meia hora do primeiro e segundo encontro, durante a oitava sessão (último encontro) e,

ainda, num encontro individual, com a estagiária, que terá a finalidade de refletirmos sobre uma tarefa realizada em família fora do contexto de sessão. De ressaltar que os pais poderão livremente participar no momento do lanche sempre que assim o desejarem.

A participação neste projeto não tem qualquer risco; pelo contrário, terão a possibilidade de partilhar vivências com pessoas que vivem ou viverem experiências semelhantes. A participação é totalmente livre, e será garantido o sigilo e a privacidade acerca daquilo que será refletido em grupo.

A estagiária,

Formulário de Consentimento

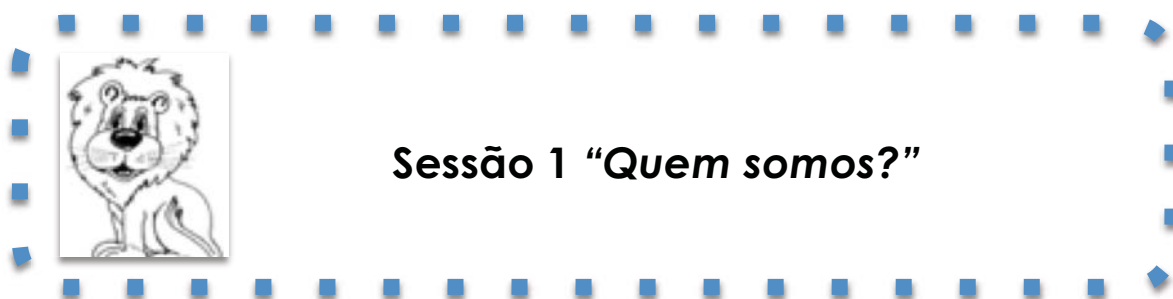
Reconheço que os objetivos da intervenção em grupo escritos atrás me foram explicados e que responderam a todas as minhas questões. Percebo que não existe qualquer risco na participação do meu filho e aceito os benefícios que poderão emergir. Sei também que o sigilo e a privacidade serão garantidos, e nada do que for refletido no grupo será comentando no exterior. Através deste documento, eu _____
consinto que o meu/minha filho/filha _____
participe na intervenção em grupo e colabore nas sessões de encontro com o grupo.

Nome do(s) responsável(eis)

Assinatura

Data ____/____/____

Anexo D1: Estrutura do Programa de Intervenção “Leões Fortes” (nome definido pelo grupo)



Objetivos gerais

- ✓ Promover a integração e um sentido de pertença ao grupo
- ✓ Promover um espaço de confiança e harmonia de modo a favorecer a partilha

Objetivos específicos

- ✓ Promover o conhecimento mútuo dos membros
- ✓ Apresentação do grupo e dos objetivos dos encontros
- ✓ Fomentar a coesão, respeito e sigilo do grupo

Materiais

- ✓ Conjunto de imagens
- ✓ Cartolina
- ✓ Lápis de carvão/Lápis de Cera/ Marcadores (de diferentes cores)
- ✓ Borrachas
- ✓ Projetor

Decurso da sessão

Início (20 minutos)

Recebidos os participantes no local previamente designado, procede-se à apresentação e realiza-se o acolhimento necessário para deixar os participantes à vontade. Depois de todos estarem devidamente acomodados, solicita-se a partilha das expectativas do grupo em relação ao programa através da seguinte proposta de reflexão: “*O que acham que vai acontecer durante os nossos encontros?*”. Esta partilha inicial constituiu uma base para a exploração dos desejos e a *porta de entrada* para apresentar e clarificar os objetivos do programa.

Antes da dinâmica de apresentação é importante recordar o grupo que, a partir daquele momento, está unido e partilha uma experiência semelhante, o divórcio/separação dos pais, e por isso podem ter à vontade para partilhar o que desejem. É realçada a importância de todos se sentirem à vontade para partilhar as suas experiências, pois todos têm uma experiência em comum: a dispersão da unidade familiar. É também enfatizada a importância do sigilo, confidencialidade, respeito e partilha, através de imagens alusivas aos temas, para o desenvolvimento de um sentimento de confiança no grupo.

Atividade (70 minutos)

Dispostos os participantes em círculo, coloca-se um conjunto de imagens no centro do círculo, para que todos possam circular e, livremente, ver as fotografias. Um participante de cada vez escolhe uma ou mais imagens que considerem dizer mais sobre si e apresentam-se ao grupo. Cada um refere o seu nome, a idade, naturalidade e, de seguida, partilham o que os chamou a atenção na imagem. Para enriquecer a atividade podem ser colocadas as seguintes propostas de reflexão: *“O que é que essa(s) imagem diz sobre ti? O que te chamou à atenção nessa(s) imagem(ens)? O que gostas mais e menos na(s) imagem?”* A fotolinguagem é uma dinâmica útil, pois a linguagem baseada em imagens transmite múltiplas mensagens que fazem emergir aspetos relacionados com a realidade de cada participante, com a forma como se percebem a si próprios e as suas relação com os outros, bem como as suas dificuldades e necessidades (Andolfi, 2003). O tempo da apresentação para o participante que fala sobre a(s) sua(s) imagem permite-lhe apropriar-se da sua escolha, de se escutar ao fazer a formulação daquilo que constitui sua visão pessoal e irredutível da sua realidade, tal e qual como a vê e percebe.

Com esta linha de intervenção pretende-se a criação de relações verdadeiras e um ambiente de grupo propenso à partilha e cooperação, pelo que deve ser dado espaço para que todos coloquem perguntas entre si e partilhem o que vêm de semelhante e/ou diferente na imagem. Deste modo, após a partilha de cada membro, o grupo pode partilhar o que experienciou depois de ouvir o outro a refletir sobre certa imagem e, ao exprimirem-se sobre as escolhas de cada um podem refletir também sobre si próprios (Vecheret, 2008). Através das diversas evocações, cada membro é confrontado com imaginários diferentes, os quais podem ser mais ou menos convergentes com o imaginário individual (Vecheret, 2008). O grupo produz um imaginário comum, feito de múltiplas facetas que cada um traz em si, e diversas imagens das quais são portadores, individual e grupalmente.

No seguimento da tarefa anterior e para promover o sentimento de pertença ao grupo,

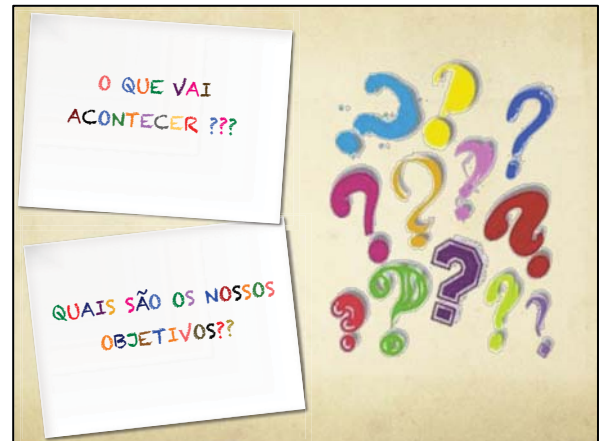
bem como a coesão entre os elementos, os participantes são incentivados a escolherem, em conjunto, um nome para dar ao grupo (privilegiando-se adjetivos positivos) e um símbolo associado ao nome escolhido. Os participantes incluem o nome e desenham o símbolo numa cartolina previamente preparada que é, posteriormente, colocada na parte interior da porta da sala durante o decorrer das sessões. Salienta-se que, indiretamente, esta tarefa pretende também iniciar um processo de desmistificação de possíveis interpretações negativas associadas à palavra divórcio ou à condição de serem filhos de pais separados/divorciados. Como tarefa adicional, todos são convidados a escrever mensagens de boas-vindas aos outros facilitando o estabelecimento de relações entre todos os elementos.

Finalização (30 minutos)

Finalizada a tarefa anterior, solicita-se a presença dos progenitores que acompanham as crianças às sessões e a sua participação no momento do lanche. Antes do lanche e, já na presença dos progenitores, promove-se o diálogo sobre a tarefa realizada que implicou a interação do grupo, procurando-se compreender como cada um se sentiu a partilhar aspetos sobre si com o grupo, esclarecer dúvidas, preocupações e curiosidades.

Neste momento final, deve ser pedida a autorização e colaboração aos progenitores para que os filhos tragam um objeto representativo da família (para a próxima sessão), sendo enfatizada a importância de serem os próprios a escolhê-los da forma que pretenderem, ou seja, sozinhos, com ambos os progenitores ou com apenas um dos progenitores, pois este aspeto irá variar consoante a dinâmica interacional e relacional das famílias. Nos casos em que a escolha seja realizada em conjunto, será uma oportunidade para a família refletir sobre as suas relações em casa e, assim, facilitar a aproximação emocional dos mesmos.

Apresentação utilizada na primeira sessão

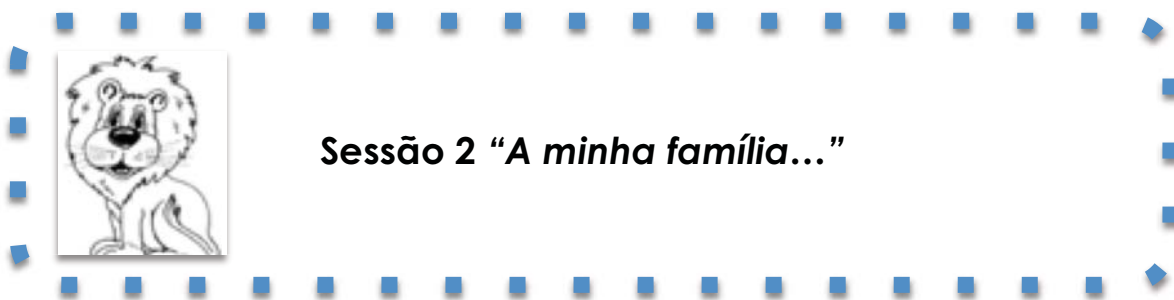


Dinâmica de apresentação – *fotolinguagem*









Objetivo geral

- ✓ Facilitar a expressão de emoções e percepções associadas ao conceito de família e ao seu contexto familiar

Objetivos específicos

- ✓ Facilitar a reflexão sobre o tema da família
- ✓ Facilitar a reflexão acerca da relação com as suas famílias

Materiais

- ✓ Objetos trazidos pelos participantes
- ✓ Histórias para construir
- ✓ Lápis e canetas de filtro

Decurso da sessão

Início e Atividade 1 (40 minutos)

O segundo encontro é iniciado com um pedido ao grupo para recordar o que foi realizado no encontro anterior, fomentando a partilha e a evocação de memórias. Sempre dispostos em círculo, são convidados a partilhar com o grupo os objetos que trouxeram, incentivando-se a reflexão sobre a escolha do objeto: *“Como decorreu a escolha?” “o que te chamou à atenção nesse objeto para o associares à tua família?” “O que é que esse objeto nos conta sobre a tua família?”. Com esta dinâmica pretende-se introduzir e contextualizar o grupo para o tema da família reportando à realidade de cada um dos membros. Com base no material trazido pelo grupo, disponibiliza-se espaço para a exploração e partilha de significados associados ao conceito de família e às respetivas realidades familiares. A metáfora é uma representação simbólica de uma certa realidade, os elementos do real vêm neste sentido simbolizados e, portanto, reunidos e transformados num objeto que os representa (Andolfi, 2003). Assim, possibilita-se a criação de uma imagem das emoções, dos*

seus comportamentos e das suas relações dentro do sistema familiar (Andolfi, 2003).

Atividade 2 (50 minutos)

Num segundo momento, e dando continuidade aos objetivos da atividade anterior, entrega-se a cada participante uma folha com a finalidade de escreverem uma história que dê a conhecer cada família. Pretende-se promover a reflexão sobre as suas histórias. Independentemente da situação atual (e.g. viverem com ambos os pais ou apenas um; presença ou ausência de novos elementos; situação de divórcio ou separação dos pais), perspetiva-se contextualizar o grupo para uma experiência comum. Através da escuta e da troca no seio do grupo que *contém*, pretende-se que cada membro transfira uma parte de si mesmo, ao mesmo tempo que se apropria de pequenas partes dos outros (Simon et al., 2010). Através da narrativa do outros, cada um pode encontrar *trechos* da sua história.

Finalização (30 minutos)

No final da partilha dá-se um espaço para a partilha de dificuldades, dúvidas e pensamentos sobre o que foi partilhado. Recordando o objetivo da sessão seguinte realiza-se a ligação com esta de forma a promover o envolvimento do grupo. Deve proporcionar-se o tempo de diálogo informal com os participantes que assim o pretenderem, sempre destinado ao esclarecimento de dúvidas, clarificar receios que possam não ter sido colocados.

Na presença dos progenitores, procede-se à proposta da tarefa familiar, nomeadamente: a elaboração do diário, “*A nossa história*” - disponibilizado pela dinamizadora - sobre a história de vida de cada família (e.g. elementos da família; experiências positivas vivenciadas; momentos mais difíceis; mudanças familiares marcantes esperadas e/ou não esperadas ao longo do tempo; dinâmicas relacionais; dificuldades individuais e familiares; sentimentos e emoções da família associados à experiência do divórcio, entre outros aspetos) utilizando para esse fim, todo o material que desejarem (recortes, fotografias, escrita, desenho). Deve ser esclarecida a importância de ser uma tarefa realizada em família. Considerando que se tratam de famílias divorciadas ou separadas, os participantes podem elaborá-lo com ambos os pais, com apenas um dos progenitores e/ou com ambos os progenitores em momentos diferentes. Cada família deve levar os diários para o encontro familiar (no final da intervenção em grupo).

Partindo do pressuposto de que as dificuldades dos participantes surgem e afirmam-se num certo contexto relacional, com esta dinâmica pretende-se ajudar os participantes e as suas famílias a integrarem a separação como uma experiência da sua história, mas sobretudo a

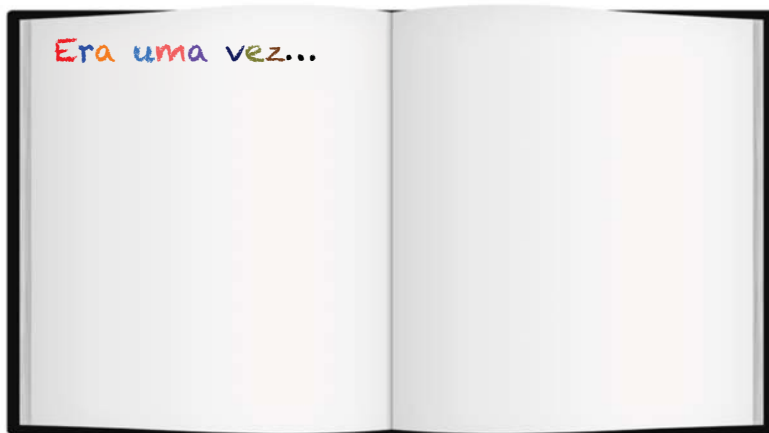
relerem as suas histórias de vida em família e, assim, refletiram sobre as suas relações e os acontecimentos que marcam e tornam cada história familiar única. De ressaltar, que a escolha deste trabalho num registo de encontros individuais, deve-se à possibilidade dos progenitores sentirem a partilha em grupo como intrusiva ou difícil. Ao longo do programa, os progenitores dos participantes não terão estabelecido relações suficientemente empáticas, de partilha e confiança uns com os outros.

Nos encontros com as famílias, proporciona-se o espaço para partilharem os diários e refletirem sobre o decorrer da tarefa, incluindo as emoções e sentimentos vivenciados, dificuldades sentidas, e possíveis descobertas sobre si próprios e as suas relações. A reflexão sobre os vários episódios das suas vidas, incluindo a fase de separação dos pais, facilita a aceitação de tal acontecimento como parte integrante das suas vidas. Por sua vez, pretende-se facilitar uma leitura realista sobre as experiências familiares positivas e menos positivas e, assim, promover o reconhecimento das experiências positivas enquanto experiências de transição. Espera-se ainda refletir com as famílias sobre o divórcio enquanto um processo complexo que pode envolver o risco e, simultaneamente, oportunidade de crescimento familiar e pessoal. Pretende-se que estes compreendam que é possível os filhos pertencerem a duas famílias de forma feliz, desde que sejam ajudados a ligar o passado ao presente, pois o seu bem-estar e realização interna e externa vai depender da forma como integram e compreendem a sua história e os acontecimentos que dela fazem parte. Em suma, é fundamental compreender os problemas de identidade que uma criança/jovem pode enfrentar e reconhecer o seu direito de ter uma história familiar sua da qual não precisa de se envergonhar. Se não a obrigarmos a separar de forma dolorosa o presente do passado, mas a ajudarmos a ligar as duas dimensões temporais, esta suportará melhor as mudanças que, inevitavelmente, acontecem na vida afetiva e quotidiana (Ferraris, 2002).

Apresentação utilizada na segunda sessão

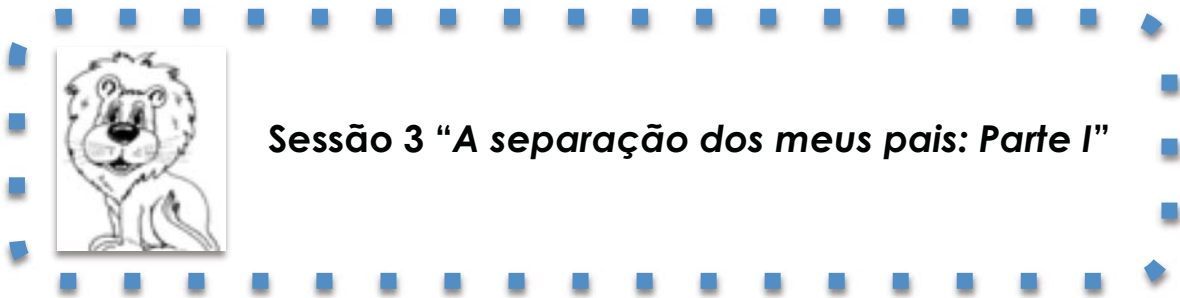


História para construir sobre a família



Diários para as famílias – “A nossa história”





Objetivo geral

- ✓ Facilitar a expressão das emoções, sentimentos, preocupações, receios e desejos associados à nova realidade familiar

Objetivos específicos

- ✓ Promover a partilha das emoções, sentimentos, preocupações, receios e desejos associados à separação dos pais

Materiais

- ✓ História sobre o divórcio
- ✓ Novelo de lã
- ✓ Projetor
- ✓ Cartolina de emoções e sentimentos
- ✓ Cola, tesoura e cartolina

Decurso da sessão

Início (20 minutos)

Fazendo o contraponto com a sessão anterior, introduz-se no grupo a ideia de que o divórcio é um acontecimento que muda a vida da família e que, inevitavelmente, leva ao desenvolvimento de emoções e sentimentos menos positivos, bem como dúvidas, preocupações e receios relativamente às relações familiares e ao futuro. Pretende-se que todos se sintam à vontade para partilhar a sua experiência. Deve ser também enfatizada a ideia de que cada família/pessoa vive o acontecimento de forma diferente consoante a sua história e as experiências pessoais e que este será o momento de descobrirmos a experiência de cada um.

Atividade (70 minutos)

Inicialmente, procede-se à leitura em grupo de uma história cujo conteúdo se centra na

separação dos pais de dois irmãos. Durante a leitura, é dado espaço de reflexão sobre a história através de algumas propostas de reflexão apresentadas como questões colocadas pelas personagens da história (os filhos), aspetos trazidos pelo grupo, entre outras propostas de reflexão colocadas pela dinamizadora (e.g. “*o que acham que o Vasco e a Mariana sentiram quando souberam que os pais se iam separar?*”; “*O que acharam da ideia dos irmãos para unirem os pais?*” “*O que aconteceu quando a puseram em prática?*”). No decurso desta reflexão, disponibiliza-se uma cartolina com diferentes emoções, sentimentos e estados de ânimo, solicitando-se a cada participante que escolha aquelas que considera vivenciar como resultado do divórcio. Cada um pode recortar as emoções/sentimentos e colá-las numa cartolina que, no final da tarefa, representa as vivências emocionais do grupo, através da projeção das suas experiências pessoais.

Sempre reunidos em círculo, solicita-se a partilha das suas preocupações, medos, dificuldades e desejos associadas à nova realidade familiar, sendo projetadas propostas de reflexão que funcionam como linhas orientadoras, em consonância com a história lida. Pretende-se proporcionar um espaço de proteção emocional e reflexão, sendo que o primeiro participante a iniciar a partilha segura um novelo de lã, atirando-o para outro aquando a finalização da sua partilha, dando-lhe “voz”, e assim sucessivamente. No final, existe no interior do círculo uma teia de fios que une os participantes e as suas experiências. A dinâmica do novelo permite um clima de colaboração entre o grupo e a criação de uma teia representativa das vivências internas comuns e/ou diferentes, sendo que a nível simbólico o “*atirar*” o novelo representa a libertação e a partilha do seu sofrimento e esperanças para “*fora*”. Pretende-se a criação de um momento e espaço capaz de *conter* as incertezas, receios, preocupações, ansiedades e angústias mais profundas (por vezes, inconscientes ou ocultados). Também torna-se possível compreender a presença ou ausência de fantasias de reunificação dos pais, frequentemente desenvolvidas pelos jovens filhos de pais divorciados, através das linhas orientadoras da reflexão que incluem o espaço de desejo dos participantes relativamente à sua realidade familiar. Esta dinâmica permite também aprofundar as perdas e ausências (reais e/ou simbólicas) vivenciadas.

Finalização (30 minutos)

Uma vez que a atividade anterior pode despoletar sentimentos e emoções fortes, o lanche pode constituir um momento para aliviar a tensão e para compreender como cada um se sentiu (e.g. o que foi mais difícil na partilha; aspetos sobre os quais nunca tinham refletido ou partilhado com alguém; descobertas no grupo; sobre o que gostariam de conversar mais).

História sobre a separação conjugal

A Família Barbosa e a separação dos pais

Era uma vez uma família que vivia em Barcelos. A família Barbosa era composta pelo pai Vasco, a mãe Raquel e os seus dois filhos, a Mariana (13 anos) e o Vasco (10 anos). A Mariana e o Vasco eram dois meninos muito divertidos, brincavam no parque do seu prédio e com amigos na rua. Um dia os pais deles pediram-lhes para se sentarem no sofá da sala e disseram:

- Queridos, não fiquem tristes, mas nós resolvemos separar-nos. Não gostamos mais um do outro e cada um vai viver a sua vida. Discutíamos muito durante o dia, todos os dias...Então, já não aguentamos mais viver assim. Por isso, resolvemos que cada um vai morar em casas diferentes a partir de agora.

A Mariana ficou em pânico: “E nós?” - perguntou.

- Querida, nós continuamos a gostar muito de vocês, isso não muda nunca, sabem? A separação dos casais é normal hoje em dia. Na vossa escola têm amigos que têm os pais separados, não têm? - perguntou a mãe.

A Mariana e o Vasco pensaram...pensaram... e disseram: “Sim”. Mas continuavam aflitos e com medo. Assim que pôde, a Mariana chamou a sua amiga Rita. Ela é sua vizinha e passam muito tempo juntas. Quando a Rita abriu a porta, a Mariana começou a chorar e disse: “Aconteceu uma desgraça!”

- O que se passa? - perguntou a Rita. “Pareces muito nervosa!”.

Foram rapidamente para o quarto da Rita e a Mariana contou-lhe o que tinha acontecido.

- Meu deus!!!! É terrível - exclamou a Rita.

- O pior de tudo é que eu vivi com eles durante os 13 anos da minha vida e desabituar-se a isso vai ser difícil. Como vai ser a minha vida a partir de agora?- questionou a Mariana a chorar.

Entretanto, o Vasco questionava constantemente os pais se já não gostavam dele e se eles se iam separar por causa dele, ao que os pais respondiam sempre que não.

Uns dias depois, a Mariana tem uma ideia e chama o Vasco para ajudá-la! Ela quer unir os pais novamente ...Porém, não sabe como fazer...

- Já sei! - disse o Vasco. “Vamos fazer uma surpresa, com várias fotografias e vídeos dos pais, com uma música romântica de fundo...e a partir de hoje vamos fazer tudo o que eles pedirem”

Boa ideia mano, se nos portarmos bem eles já não vão discutir! - gritou a Mariana.

Então, os dois irmãos iniciaram os preparativos. Depois de estar tudo pronto, a Mariana pede ao Vasco que vá chamar os pais. Quando eles chegam ao quarto da filha, deparam-se com um ambiente muito romântico e percebem que foi preparado especialmente para eles. Ficam emocionados.

- Eu tenho a certeza de que ainda podemos ser felizes todos juntos. Têm que voltar a ficar juntos. Está bem? Por favor, por favor, por favor! - implorou a Mariana.

- Sim, nós a partir de agora não vamos fazer asneiras...nunca mais - acrescentou o Vasco.

Mas o ambiente entre os pais está diferente do habitual e a Mariana e o Vasco apercebem-se dessa mudança. O pai está nervoso e parece chateado. A mãe permanece calada e sem sorrir. Após o pedido os pais respondem:

- Queridos, têm que entender que eu e o pai não conseguimos viver mais juntos, já não somos felizes. O problema está na nossa relação e não em vocês. Mas nada vai mudar aquilo que sentimos por vocês, vamos estar ligados através de vocês para sempre porque somos os vossos pais. Apesar de já não gostarmos um do outro, temos-vos a vocês - respondeu a mãe.

O Vasco, sentindo-se triste e perdido, já não sabe mais o que fazer para juntar os pais. A Mariana deu-lhe um beijinho e perguntou-lhe: “será que seria mesmo bom os pais voltarem a estar juntos?”

“Mas como será a nossa vida a partir de agora? O que vai mudar?”- perguntou a Mariana.

FICO PREOCUPADO(A) QUANDO...

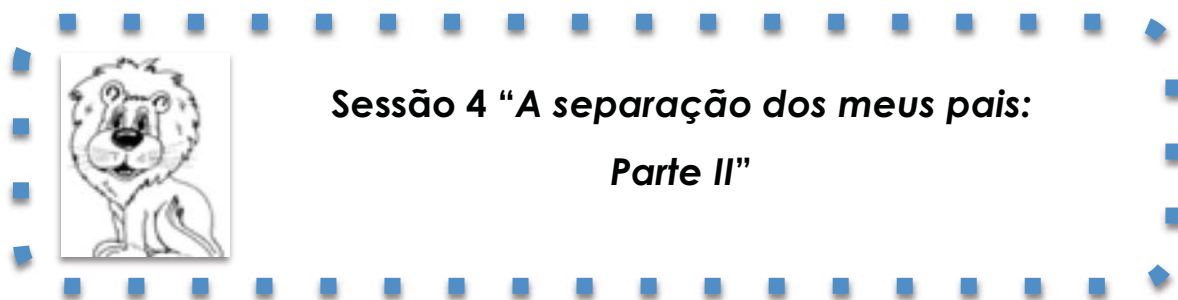
TENHO MEDO DE...

O MAIS DIFÍCIL...

EU GOSTO QUANDO...

O QUE NUNCA VAI MUDAR É...

SE EU TIVESSE UMA
VARINHA MÁGICA...



Objetivo geral

- ✓ Compreender o casamento e o divórcio, como fases integrantes do ciclo vital das suas famílias

Objetivos específico

- ✓ Refletir sobre os conceitos de casamento e divórcio
- ✓ Refletir sobre os motivos subjacentes à separação/divórcio dos pais
- ✓ Compreender as fronteiras entre a relação conjugal e a relação parental

Materiais

- ✓ Projetor
- ✓ Folhas para refletir sobre o divórcio e o casamento
- ✓ História da sessão anterior
- ✓ Material alusivo às motivações subjacente ao divórcio/separação (nuvens)

Decurso da sessão

Início (20 minutos)

No início da sessão, apela-se a participação dos elementos do grupo questionando se durante a semana refletiram sobre a sessão anterior, bem como aquilo que os tem acompanhado desde o início dos encontros.

Atividade (70 minutos)

Num primeiro momento, solicita-se a reflexão sobre aquilo que entendem por casamento e divórcio, sendo fornecido o material através do qual podem expressar as suas perceções sobre cada um dos acontecimentos (através da escrita ou desenho). Posteriormente, promove-se a partilha das reflexões individuais, sendo dada liberdade para que comentem as perceções alheias.

Num segundo momento, procede-se à exploração das suas perceções acerca dos

motivos da separação dos respetivos pais. Para tal, são projetados breves excertos que retratam experiências de divórcio nas quais os(as) filhos(as) relatam as suas percepções acerca dos motivos subjacentes à separação dos pais. Os relatos variam desde sentimentos de culpa e confusão, atribuição da culpa a um dos progenitores às dificuldades no relacionamento conjugal.

Para facilitar a compreensão da situação de divórcio como um acontecimento que deriva de dificuldades conjugais e atribuir novos significados aos motivo(s) da separação conjugal, parte-se para a reflexão sobre as fronteiras entre o subsistema conjugal e o subsistema parental, bem como sobre os conceitos de casamento e divórcio, apelando à experiência pessoal dos participantes e à partilha de opiniões. Recorrendo a um breve esquema acerca dos diferentes subsistemas da família, é explicado de forma simples e com recurso a metáforas as dimensões subjacentes aos mesmos, enfatizando-se a diferença/espaço entre o subsistema parental e o subsistema conjugal. Deste modo, dá-se a conhecer os principais elementos constituintes dos dois acontecimentos de vida explorados no início da atividade (o casamento e o divórcio), enfatizando-os como eventos que se encontram englobados no espaço conjugal mas que, no entanto, implicam mudanças em toda a família. Para facilitar a interiorização destes aspetos, podem ser novamente lidos alguns excertos da história utilizada na sessão anterior.

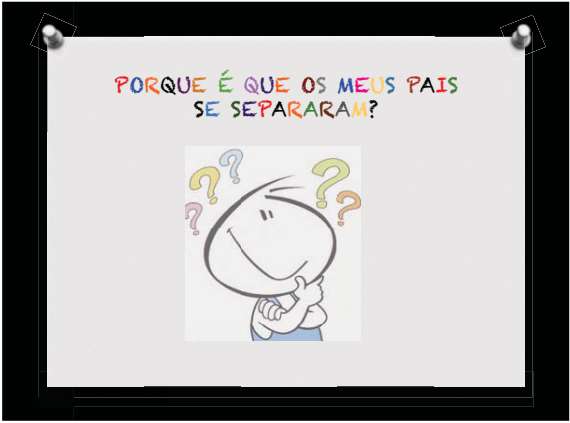
Finalização (30 minutos)

Momento habitual de convívio e partilha.

Os pais discutiam muito e não conseguiram resolver os problemas deles...

O pai e a mãe separaram-se por causa do(a) pai/mãe porque ele/ela...

Powerpoint utilizado





Sessão 5 “O que mudou na vida da minha família: o antes e o depois”

Objetivo geral

- ✓ Facilitar a aceitação da perda da união familiar

Objetivos específicos

- ✓ Identificar e refletir sobre as principais transformações/mudanças decorrentes da nova realidade familiar, e sentimentos associados
- ✓ Facilitar a leitura realista sobre as experiências positivas e menos positivas decorrentes da transformação familiar

Materiais

- ✓ Material lúdico: pequenos bonecos flexíveis, representando diferentes personagens por género e idade - figuras de crianças e adultos de ambos os sexos, avó e avô, pai e mãe; materiais adicionais para completar o cenário, composto por figuras e animais (e.g. cachorro; gato; e pintainhos), árvores, flores, veículos (carros), objetos de uso diário (e.g. cadeiras; tigelas; brinquedos; torradeira) mobília das diferentes divisões da casa.

Decurso da sessão

Início (20 minutos)

A sessão tem início com a recordação do que foi realizado no encontro anterior, fomentando a partilha e a evocação de memórias. Inicialmente, é introduzido o tema das mudanças sensibilizando-se para a compreensão do divórcio como um acontecimento que inevitavelmente gera mudanças na vida familiar e, de que nem todas as situações de divórcio ou separação geram as mesmas mudanças relacionais e estruturais: cada família é única.

Atividade (80)

Através do material lúdico disponibilizado pela dinamizadora, os participantes são convidados a representarem algumas dinâmicas familiares que ocorriam antes dos pais se

separarem. Após o reconhecimento e partilha das dinâmicas pelos demais membros do grupo, são convidados a representar dinâmicas familiares atuais. Esta atividade tem como finalidade contextualizar o grupo para as principais mudanças (individuais e familiares) vivenciadas, ajudá-los a refletir sobre as mesmas e, assim, a ligar passado e presente (Ferraris, 2002). É de salientar que não é pré-definido qualquer cenário, ficando os participantes inteiramente livres para interagir com os materiais e criar os próprios cenários familiares.

Esta atividade torna-se fundamental para facilitar o processo de reflexão e integração das mudanças individuais e familiares de cada realidade, sendo que o recurso ao material lúdico pode trazer a lume dimensões conteúdos reprimidos ou não conscientes. Pretende-se criar um espaço em que os membros reconheçam as mudanças como parte da sua história. O objetivo primordial não se prende apenas com a identificação das mudanças, mas facilitar a leitura realista sobre as experiências positivas e menos positivas decorrentes da transformação familiar. Assim, as linhas orientadoras da reflexão incidem sobre a partilha das diferentes mudanças, como foram vivenciadas essas mudanças pelos diferentes membros da família, o que sentiram como mais difícil e negativo, aspetos (relacionais, estruturais e interacionais) positivos que permaneceram no seio familiar e aqueles que surgiram após o divórcio, trazendo para a família a dimensão da novidade e, ainda, os aspetos negativos que deixaram de existir. Por conseguinte, a reflexão em grupo permite o encontro com experiências semelhantes e/ou diferentes às suas, bem como de novas leituras para as mudanças vivenciadas.

Para finalizar a atividade, pede-se que partilhem momentos significativos de contacto com os pais nos últimos tempos (e.g. momentos do dia em que estão juntos; atividades em família; manifestações de afeto), sendo reforçados os pontos de força da família.

Finalização (20)

Momento de convívio com as famílias (lanche), durante o qual deve ser criado um espaço para a partilha de dificuldades, dúvidas, emoções e pensamentos sobre os aspetos partilhados.

Material lúdico utilizado





Sessão 6 “As famílias não são todas iguais”

Objetivo geral

- ✓ Facilitar a aceitação de novos elementos na constelação familiar

Objetivos específicos

- ✓ Conhecer as diferentes tipologias de família
- ✓ Explorar e refletir sobre a entrada de novos elementos na família

Materiais

- ✓ Cartões ilustrativos das diferentes tipologias familiares
- ✓ História pré-construída

Decurso da sessão

Início (20 minutos)

O início da sessão é dedicado a uma breve reflexão sobre o final da sessão anterior, nomeadamente, sobre como os participantes se sentiram durante a partilha (e.g. o que foi mais difícil e positivo, o que *guardaram* na memória).

Atividade (60)

Para facilitar o reconhecimento das diferentes tipologias de família são distribuídos cartões com definições de diferentes agregados familiares: a família tradicional (pai, mãe e filhos vivem todos juntos); família alargada [outros familiares (avós, tios, primos) vivem com a família nuclear]; família separada (pai e mãe não vivem juntos mas não estão divorciados); família divorciada (pai e mãe não vivem na mesma casa e deixaram de ser casados); família monoparental (os filhos vivem só com um dos pais); união de facto (o pai ou a mãe vive com um novo companheiro mas não estão casados); família em reconstrução (o pai ou a mãe voltou a casar com outra pessoa, designada de “madrasta” ou “padrasto”); e por fim a família reconstituída (o pai ou a mãe teve filhos desse novo casamento). Reunidos em grupos de dois, pede-se aos participantes que representem à vez, a tipologia que lhes foi atribuída sob a forma

de mímica. Assim, a partir de um acontecimento que pode ser ou não comum na vida familiar, os outros participantes devem descobrir qual a tipologia de família retratada. Posteriormente levanta-se o diálogo acerca das diferentes realidades familiares, apelando à experiência pessoal dos participantes. Perspetiva-se contextualizar o grupo para diferentes realidades familiares, sendo transmitida a mensagem de que existem diferentes famílias e que, em todas elas os indivíduos e as famílias podem ser felizes.

De seguida, procede-se à apresentação de uma história que dá continuidade à primeira história. Esta retrata o estabelecimento de novas relações amorosas pelos progenitores, sendo o exercício de identificar e expressar sentimentos pessoais, face situações semelhantes retratadas na história é, desta forma, facilitado. Ao longo da história as personagens colocam algumas questões, as quais serão utilizadas como propostas de reflexão em grupo, entre outras, promovendo a identificação e expressão de sentimentos pessoais face a realidades semelhantes retratadas na história e/ou receios futuros (considerando a possibilidade da presença de famílias nas quais ainda não entraram novos elementos). Deste modo, durante a leitura, a história será analisada e explorada de forma a facilitar a projeção dos participantes, dos seus sentimentos, incluindo possíveis revelações dos próprios e ambivalência emocionais sobre as situações reveladas.

Ao aderir a uma identidade familiar nova, um filho ou uma filha podem desenvolver a sensação de traição para com os pais biológicos, gerando sentimentos de culpa, ansiedade, incertezas ou afastamento afetivo como forma de defesa (Ferraris, 2002). Esta dinâmica pode levá-los a questionar as suas próprias raízes, pelo que no decurso da reflexão anterior deve ser promovida a compreensão das suas próprias origens e os diferentes tipos de relação, no sentido de promover individuação das próprias origens sem ambiguidade. Quando a família se dissolve é crucial ajudar as crianças a recompor a identidade familiar. Será uma família mais complexa do, com um dos pais longe e, algumas vezes, novos irmãos, no entanto, será uma família com as suas figuras de apego, os seus personagens e a sua história.

Finalização (30 minutos)

A sessão termina com o habitual momento de convívio.

Cartões ilustrativos das diferentes tipologias familiares

Família Tradicional

Pai, mãe e filhos vivem todos juntos

Família Alargada

Outros familiares (avós, tios primos) vivem com a família nuclear (pais e filhos)

Família Monoparental

Os filhos vivem só com um dos pais

União de Facto

O pai e/ou a mãe vive com um novo companheiro mas não estão casados

Família Reconstituída

O pai e/ou a mãe teve filhos do novo casamento

Família em reconstrução

O pai e/ou a mãe voltou a casar com outra pessoa ("madrasta" ou "padrasto")

Família Separada

O pai e a mãe não vivem juntos mas não estão divorciados

Família Divorciada

O pai e a mãe não vivem na mesma casa e deixaram de ser casados

História sobre o estabelecimento de novas relações amorosas pelos progenitores

Lembram-se da Mariana e do Vasco? A Mariana tinha 13 anos quando os pais se separaram e o irmão, 10 anos. A separação dos pais foi muito difícil para ambos, mas agora já estão mais habituados. Por vezes, ainda se sentem tristes e sonham com a reconciliação mas, também, ambos já repararam que aconteceram coisas boas depois da separação. Por exemplo, os pais agora já não discutem (ou, pelo menos, não discutem tantas vezes) e a Mariana e o Vasco aperceberam-se que têm tido muita força. Quando se sentem mais tristes, também recordam as experiências positivas do passado, o que os deixa muito divertidos e tranquilos.

Já passaram dois anos desde que os pais se separaram, os irmãos vivem com a mãe e ficam na casa do pai aos fins de semana, de quinze em quinze dias. Mas agora vai acontecer outra mudança na família.

Num sábado de manhã, quando a Mariana e o Vasco chegaram a casa do pai, repararam que ele estava na sala a conversar com uma amiga, a Diana.

- *Meninos, venham cá! Quero falar convosco sobre uma coisa* - chamou o pai. *“Como sabem, eu e a vossa mãe estamos separados há algum tempo. Separámo-nos porque já não nos conseguíamos entender...Algum tempo depois apresentei-vos a minha colega de trabalho, a Diana. No início éramos só colegas, depois fomos ficando amigos e com o tempo passamos a gostar muito um do outro. E agora decidimos que somos mais do que amigos, começámos a namorar...*

Os irmãos ficar sem saber o que dizer...*“E agora, como ia ser?”* - pensavam eles.

O Vasco gostava dela mas ainda não a conhecia bem...Mariana questionava-se se ela iria estar com o pai nos fins de semana em que ela e o irmão o visitam...começou a preocupar-se com a possibilidade da Diana querer começar a mandar nela, como se fosse a sua mãe...Vasco pensava nas histórias que conhecia de infância e que retratam uma madrasta muito má para o personagem principal. *“Será que ela vai ser assim para nós? Mas ela até tem sido simpática connosco até agora...”* - pensava rapidamente o Vasco. *“E se começar a gostar muito da Diana e depois o pai e ela se separarem como aconteceu com a mãe?”* - questionavam-se ambos os irmãos. Estas preocupações que sentiam começaram a aumentar, a aumentar...

O Vasco fica calado e vai brincar às guerras com os seus brinquedos, o que deixa o pai sem perceber se o filho teria compreendido o que ele havia acabado de dizer.

A Mariana começa a refilar e a questionar o pai sobre algumas das suas preocupações:

- A mãe já sabe disto? Foi para isto que vimos passar este fim de semana contigo? Se eu soubesse não tinha vindo... E a Diana não vai mandar em mim pois não é a minha mãe...

- *Estás a ser mal-educada, Mariana! Não te admito isso! E não foi assim que eu e a mãe te educámos!* - refere o pai com uma cara muito séria.

Maria foi a correr para o seu quarto, precisava de se acalmar! Quando entrou no quarto respirou fundo algumas vezes... Entretanto, o irmão bate à porta do quarto e a Mariana diz para ele entrar. Ele tinha partido um brinquedo com a raiva que sentia do que tinha ouvido e queria conversar com ela sobre a “bomba” que o pai lhes tinha dado... Em conversa, ambos percebem que até gostavam da Diana pelas outras vezes que já tinham estado juntos.

- *Se ela começar a passar muito tempo cá em casa até pode ser giro. Ela gosta de jogar comigo na playstation. E, joga bem, mana* - comenta o Vasco.

- *E eu sempre tenho mais alguém com quem conversar. Posso falar com ela sobre as minhas coisas...*-responde a Mariana entre sorrisos. *“Ou ir às compras com ela”.*

- *E até podemos voltar a jogar monopólio a quatro como fazíamos antes...*-acrescenta o Vasco.

Entre estas partilhas e reflexões, os irmãos apercebem-se de que também têm algum medo de que a sua mãe se sinta traída por eles, caso comecem a gostar muito de estar com a Diana ou de a aceitar nas suas vidas.

- *Se quisermos estar com a Diana, será que a mãe não vai ficar triste connosco?* - pergunta o Vasco à irmã.

- Não sei, não sei” - responde a Mariana, preocupada. “Não sei o que irá acontecer com o pai...Não sei se a mãe já sabe disto...Não sei o que vai acontecer”.

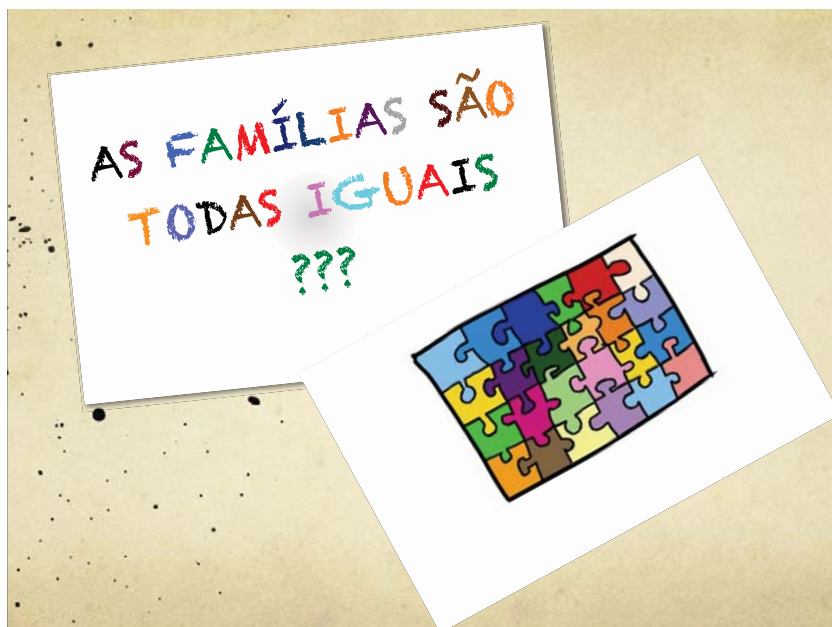
- Se ele ficar com a Diana, agora é que os pais não voltam um para o outro... - comenta o Vasco, emocionado. “Bem sei que já nos tinham dito várias vezes que não voltariam a ficar juntos mas eu sempre...”.

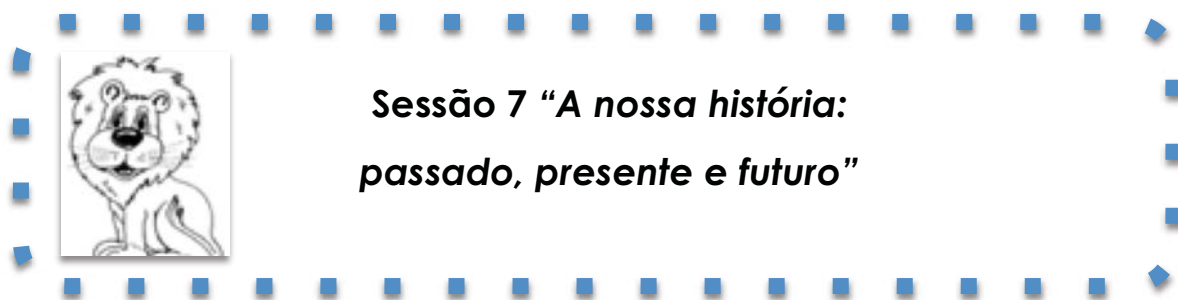
- Eu sei, Vasco. Eu sei! - conforta Mariana enquanto abraça o irmão. “No fundo do meu coração, eu também tinha essa esperança.”

- Meninos venham cá, por favor! Sei que esta novidade não deve ser fácil para vocês. Vamos conversar melhor.

Os irmãos sabiam que podiam contar com o pai. A Diana já não estava em casa pois o pai tinha-lhe pedido para sair para que pudessem conversar mais à vontade com os filhos. A Mariana e o Vasco lá foram para a sala e começaram a partilhar com o pai a conversa que tiveram no quarto.

Apresentação em Powerpoint utilizada





Objetivo geral

- ✓ Facilitar a integração da situação familiar nas suas histórias de vida

Objetivos específicos

- ✓ Facilitar e consolidar a aceitação da vivência da separação dos pais
- ✓ Fomentar competências de projeção no futuro

Materiais

- ✓ Balão
- ✓ *Post-its*
- ✓ Imagens de pegadas
- ✓ Projetor

Decurso da sessão

Início e Atividade 1 (40 minutos)

Inicialmente, recorda-se a importância de ter em conta os pontos de força e as experiências positivas do passado e presente, mesmo após a vivência de situações inesperadas e não normativas no ciclo vital familiar, como seja o divórcio. No seguimento desta sensibilização, a primeira atividade tem como objetivo direcionar os participantes para a reflexão e reconhecimento dos pontos de força das respetivas famílias e, simultaneamente, fomentar o conforto emocional dentro do núcleo familiar. Para tal propõe-se uma dinâmica com um balão, no qual são previamente escritas algumas propostas de reflexão às quais os participantes são convidados a responder e partilhar quando recebem o balão. O balão vai circulando pelos participantes e, a cada receção, cada elemento escolhe uma das propostas para refletir. O facto de haver esta possibilidade de escolha pode deixar os participantes à vontade para expressar aquilo que é mais importante para eles no momento e aquilo que são capazes de partilhar com o grupo.

Atividade 2 (60)

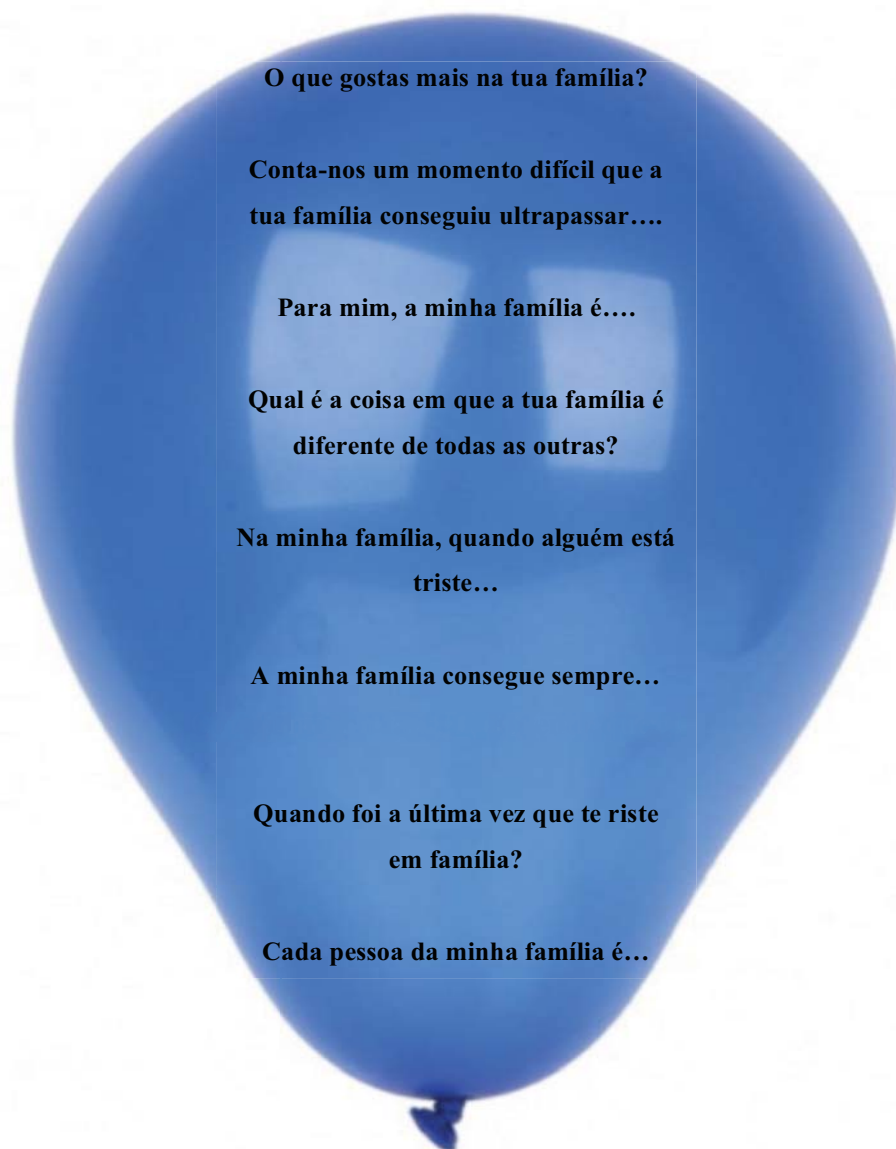
A segunda atividade pretende ajudar os participantes a projetarem-se no futuro, tendo já integrado a experiência da separação como parte íntegra da sua vida. Em função do nível de aceitação e integração de tal acontecimento da vida familiar, convida-se os participantes a *situarem-se* no futuro através de algumas propostas de reflexão. Esta atividade faz referência à dimensão temporal, à relação entre passado, presente e futuro, abrindo espaço para a expressão do desejo, de projetos e expectativas para o futuro a um nível individual e familiar. Perspetiva-se ajudar os participantes a projetarem-se no futuro e a criar expectativas que motivem e orientem o presente. Quando falamos da dimensão temporal podemos encontrar fronteiras marcadas pela réplica determinista, em que a nova família reproduz o que recebeu mecanicamente de uma das estirpes sem poder incorporar nada de novo; no outro extremo, pela ilusão da autogeração, que pretende projetar-se no futuro, na geração descendente, cortando com as origens, pensando que não precisa do passado. No ponto intermédio estaria o desenvolvimento funcional que consiste num trabalho de renovação das origens, mantendo uma ligação com elas, mas sabendo recriá-las (Greco, 2006).

Com esta atividade podemos explorar com o grupo de que forma o passado e o presente são ou não utilizáveis como recurso para criar um futuro e, assim, a presença ou ausência de transgressões positivas que se materializam num desejo de oferecer algo de bom e novo para as futuras gerações da família. Os participantes escrevem ou ilustram as respostas em *post-its* e colam-nas em pegadas, as quais são, depois, depois colocadas no chão da sala, em forma de caminho para simbolizar o avançar no tempo, bem como as suas projeções futuras desenvolvidas no seio de uma história e de um contexto relacional único.

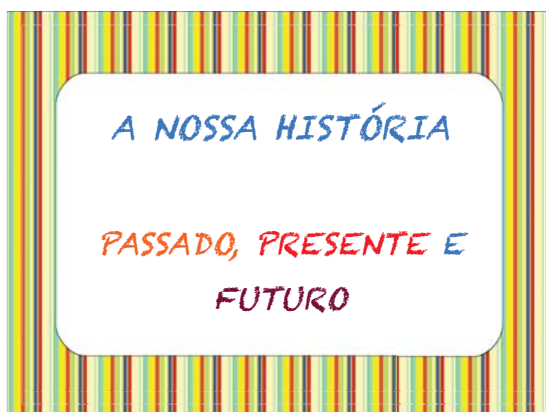
Finalização (20 minutos)

Finalizada a tarefa anterior, decorre o habitual momento de convívio durante o lanche o qual pode ser utilizado para continuar a partilha de sonhos/projeções futuras, na presença dos progenitores.

Dinâmica facilitadora da reflexão e reconhecimento dos pontos de força das famílias



Propostas de reflexão sobre o futuro - *Powerpoint*



Quando pensas no futuro qual é a primeira imagem/ideia que te vem à cabeça?

O que gostavas de ser no futuro ???

"Como te imaginas em família daqui a dez anos?"



"O que levas da tua história para o teu futuro?"

Que valores gostavas que se vivessem na família que queres criar?



Objetivo geral

- ✓ Revisão do percurso realizado em conjunto
- ✓ Breve avaliação da intervenção em grupo

Objetivos específicos

- ✓ Partilhar experiências e sentimentos vivenciadas no grupo
- ✓ Obter um *feedback* sobre a participação no programa

Material

- ✓ Filme construído com as fotografias do grupo ao longo das sessões
- ✓ Projetor
- ✓ Cartolina e marcadores

Início (20 minutos)

Nesta sessão estão presentes pais e filhos. Começa-se por recordar o que foi realizado na semana anterior, perguntando e apelando à resposta dos participantes. Solicitando a partilha de pensamentos, sentimentos, dúvidas e descobertas que possam ter emergido.

Atividade (60 minutos)

Passado o momento de diálogo, procede-se à visualização do filme, construído previamente pela dinamizadora a partir de fotografias tiradas ao longo das sessões. Este engloba diferentes momentos do percurso realizado com temas e frases alusivas às imagens. Depois desta visualização procura-se evocar algumas memórias e possíveis emoções e sentimentos vividos e recordados. De forma a reforçar a importância que cada elemento teve no grupo e preparar os participantes para o término das sessões, deve solicitar-se a partilha daquilo que consideram ter recebido e dado ao grupo, bem como a marca que o grupo deixou, de forma a compreender se os objetivos foram alcançados e de como se percebem depois destes encontros. Para finalizar a atividade, numa cartolina semelhante à das Boas vindas, o grupo é convidado a escrever mensagens: mensagens para os outros participantes e/ou

dinamizadora; mensagens associadas ao grupo; o que poderiam dizer a outra(s) criança(s) que também se encontram a viver o divórcio dos pais; mensagens dirigidas aos pais; o que levam na memória desta experiência.

Finalização (30 minutos)

Para finalizar a sessão, propicia-se o momento do lanche e o espaço necessário para o momento de despedida.

Notas de consulta – Encontros com as Famílias

Encontro com a família do M.

Data: 11 de maio de 2015

Duração: 60 minutos

Presença: M. e a progenitora

Tendo em conta o percurso do M., os seus progressos e dificuldades, e sobretudo a ausência significativa (da figura paterna) que marca a história familiar, considerou-se importante intervir no sentido de tornar a ausência concebida como individual numa ausência familiar que adquire um sentido dentro do seu mundo relacional. Acima de tudo, pretendeu-se revelar os “não ditos” perante um tema *tabu* (o pai) que cristaliza o sofrimento da família.

O M. começou por partilhar uma passagem do Diário “A nossa história”. Escolheu partilhar junto da mãe um relato em que descreve uma reunião familiar (festa de aniversário de um primo), justificando que foi um dia feliz em que teve a oportunidade de estar com a família. Partilhou outro relato em que fala sobre a família e a qualidade das relações: “*A minha família é grande e divertida, quem faz parte dela é a minha mãe, irmã, primos, tios, avós e padrinhos...damo-nos todos bem menos a minha mãe e o pai...e claro eu também não me dou com o pai...*”. Esta partilha emergiu como *porta de entrada* para tocar o tema das ausências, sendo que perante a devolução “*...esta é uma família onde não há um pai, mas já houve...podem contar-me como era quando ainda viviam os quatro?*” notou-se alguma tensão no M. (colocou a cabeça para baixo e a voz tremia). Assim, direcionou-se a devolução à mãe a qual começou a partilhar aspetos sobre a história familiar. É importante destacar a mudança de postura do M. que, lentamente, foi levantando a cabeça e envolveu-se no diálogo

da mãe. Quase como se suspirasse de alívio por lhe ter sido retirada a “*obrigação*” de entrar em profundidade sobre estas questões (sair da posição de paciente identificado) e a oportunidade de *observar de fora* a sua história.

Encontramo-nos perante uma estrutura familiar designada (e reconhecida pela mãe) por *pai periférico* na qual, após o nascimento do M., existiu a presença de uma figura parental subocupada, em termos de emprego, ocupando um papel secundário a nível emocional. Face às dificuldades financeiras o pai viu-se obrigado a longas ausências físicas - foi trabalhar para Espanha - que culminaram num gradual distanciamento emocional deste pai em relação à família nuclear. Inicialmente, denotou-se um sentimento de dúvida na mãe acerca da diferença da relação que o pai desenvolveu com a filha mais velha daquela que construiu com o M.: “...a minha filha sempre sofreu muito com isto do pai, ainda hoje tem muitas crises de ansiedade...ele tinha uma ligação diferente com a filha...com o M. e comigo era discutir e bater...”. O pai foi descrito como uma pessoa “*mentirosa*” e ausente nos momentos em que os filhos mais precisavam (e.g. quando o M. foi operado). Deixou de ir a casa aos fins de semana, tendo-se envolvido em relações extraconjugais.

Ao percorrermos os acontecimentos e mudanças familiares, refletimos sobre a proximidade cronológica entre o nascimento do M. e a ida do pai para o estrangeiro (só vinha aos fins de semana) e, portanto, sobre a hipótese da crise imprevisível (dificuldades financeiras e consequente ida para o estrangeiro) ter ocorrido num período de crise previsível (o nascimento) ter originado um período de desequilíbrio do qual a família não conseguiu recuperar. Deste modo encontrámos novos nexos que ligam o passado e o presente e, não menos importante, conseguimos ligar as dificuldades atuais do M. em encontrar pontos de força na relação com o pai e o seu desejo em cortar com a linhagem paterna à história vivenciada pelas diferentes gerações. A própria mãe não conseguiu identificar momentos positivos vivenciados entre pai e filho.

Daqui surgiu uma partilha muito significativa por parte do M.: sente que nunca teve a oportunidade de ter um pai. Trata-se de um luto não elaborado que ativa mecanismos defensivos caracterizados pela negação de sentimentos pelo pai e necessidade/desejo de uma figura masculina, bem como pela raiva traduzida nas suas verbalizações através das quais comunicou o desejo de bater ao pai, e até a sua morte. Por detrás desta panóplia relacional, encontramos num passado pouco distante (há cerca de três anos) uma fantasia através da qual, sem se fazer notar, comunicou aos outros o vazio decorrente da ausência do pai e o desejo desta figura na sua vida: contava aos colegas e adultos conhecidos que a mãe tinha arranjado um namorado. Perante a proposta de reflexão “...*conta-nos como era este homem*”, o M.

descreveu um homem com características que parecem preencher o vazio deixado pelo pai: *...ele é careca, chama-se José...tem 31 anos e vive em Braga...é forte, inteligente e diz sempre a verdade...carinhoso e dá muita atenção a nós e à mãe...leva-nos a passear*". Reconheceu que se trata de uma pessoa imaginária, contudo acrescentou que esse homem ainda *"vai aparecer"* olhando para a mãe à espera da sua confirmação. O facto do M. ter utilizado o tempo presente enquanto partilhou a fantasia de infância mostra-nos de que forma é que este vazio está ainda presente no seu imaginário, ainda que seja comunicado de outra forma (e.g. raiva, revolta, desejo de corte relacional) e, concomitantemente, um desejo desesperado de relação com uma figura masculina.

Apesar do progresso sentido ao longo da sessão, o diálogo da mãe era constantemente desviado para a experiência do filho, impedindo o encontro com uma experiência comum: o sentimento de perda e de abandono que os une e que trespassa as gerações. Efetivamente foi clara a projeção dos seus sentimentos nos filhos, à medida que foi refletindo sobre a experiência emocional dos filhos como se fosse uma experiência que só a eles diz respeito. Solicitou-se ao M. que questionasse como a mãe se sentiu, tendo o sugerido que a mãe o fizesse a partir da cartolina das emoções utilizada com o grupo. Desta forma, a mãe comunicou o complexo de sentimentos que a acompanharam ao longo da sua história. A solidão, o desamparo e a injustiça que sentiu ao ver-se perante a exigência de criar dois filhos sozinha ao mesmo tempo que se debatia com um sentimento de impotência por não conseguir preencher o vazio que via nos filhos. Usando a experiência dos filhos, *"senti a revolta do M. e a desilusão da minha filha"*, refletiu sobre a ausência do ex-marido como uma *ferida* que *"desfez"* o seu sonho: ter uma família unida e feliz. Uma das questões que a mãe deixou foi o motivo pelo qual o pai se afastou totalmente dos filhos, quando ela nunca impediu que se encontrassem (chegou a exigir no tribunal que existissem esses encontros). Esta partilha culminou numa breve reflexão sobre a forma como a morte precoce dos seus pais trouxe ainda um maior sentido de solidão.

Demonstrando curiosidade relacional e assumindo a responsabilidade de aliviar o sofrimento da mãe enquanto partilhava aspetos dolorosos da sua vida, questionou-a: *"...mas também foste feliz...quando casaste?...quando nascemos?"*. O M. que, nas sessões de grupo, fugia ao passado da família como defesa perante as ausências vivenciadas acabou por utilizar esse mesmo passado como recurso positivo na sessão. A partir daí, alegremente e atentamente, escutou a mãe enquanto ela contava pormenorizadamente esses acontecimentos familiares concebidos como os momentos mais felizes da sua vida.

De forma a refletirmos sobre o papel que o M. assume no seio familiar, colocou-se uma

última proposta de reflexão retomando o tema do pai idealizado: “...fiquei curiosa...até o José não chegar o que acontece lá em casa?”. Impulsivamente o jovem referiu que seria o “homem da casa que protege e cuida da mãe e da irmã”. É reconhecido que nas famílias monoparentais a criança arrisca-se a tornar-se o parceiro do progenitor isolado (Andolfi, 2013). O risco é precisamente o de que a criança se torne o parceiro do próprio progenitor. Em certa medida é totalmente fisiológico que, na ausência de um dos pais, a criança se encontre a preencher vazios ou ausências e que desempenhe funções ou pratique comportamentos como se fosse o companheiro da mãe ou do pai (Andolfi, 2013). Tendo em conta a dinâmica relacional e interacional desta díade não parece estar presente um processo de identificação distorcida em que o M. assuma o papel de parceiro da mãe como se realmente o fosse. Por outro lado, parece ter interiorizado que, por ser a única figura masculina da casa, é o único responsável por cuidar e tomar conta da mãe até que uma nova figura masculina entre no sistema. A este respeito, não podemos deixar de refletir sobre o impacto que a assunção deste papel como uma missão irrefutável poderá ter no seu processo de individuação e construção da própria família. Tendo em conta que se trata de um pré-adolescente é fundamental ter em atenção *quando* e *como* esta função vicariante se poderá tornar um aspeto da sua identidade e, portanto, o risco de se identificar nos comportamentos de um verdadeiro parceiro da mãe.

Encontro com a família do J.P.

Data: 11 de maio de 2015

Duração: 60 minutos

Presença: J. P., a progenitora e a irmã C. (6 anos).

A sessão teve início com a partilha de uma passagem do seu Diário “A nossa história”. O J. P. escolheu partilhar uma situação familiar que ocorreu na Páscoa associada à fragilidade das fronteiras entre o subsistema conjugal e parental que se encontra subjacente à aparente insegurança e medo vivenciados na relação com os progenitores: “Na Páscoa, o pai ligou à mãe a gritar que queria ficar connosco...no dia seguinte disse à mãe que queria ficar com ela...tenho medo”. A irmã do J. P. partilhou o desenho, elaborado por si, alusivo à situação em que aparece uma figura feminina ao telefone (a mãe) e o segundo a ouvir atrás da porta. Considerou-se pertinente utilizar a emoção do medo como recurso para criar a ponte entre três gerações e unir mãe e filhos numa experiência emocional e história comum. Através de perguntas intergeracionais (Andolfi, 2013) solicitou-se aos irmãos que questionassem a mãe

se em algum momento também sentiu medo no seio da sua família, culminando num profundo envolvimento e proximidade emocional enquanto exploramos a história da mãe: “...*conta-nos como era quando eras pequena...também tinhas medo?*”.

A mãe cresceu numa família tipicamente tradicional que enfrentou, durante muitos anos, dificuldades financeiras. Viveu a sua infância no meio rural e cresceu no seio de uma família com fronteiras rígidas no que concerne ao contacto com o contexto extrafamiliar e aos papéis familiares. Começou a trabalhar desde os 7 anos de idade para ajudar os pais, sendo que devido a uma doença prolongada da mãe, assumiu o papel de “*mulher da casa*”: “...*o meu papel era trabalhar no campo, tratar da casa e ir à escola...exigiram muito de mim o que me deixou muito revoltada...não gosto de falar da minha infância...*”. Conta ter tido uma vida familiar caracterizada por relações onde sempre sentiu distância emocional e extremo autoritarismo e agressividade por parte do pai: o líder que ditava as regras e todo o funcionamento familiar. A relação entre o pai e os filhos foi marcada por constantes conflitos e violência. Sem negar o amor que eventualmente os pais sentiam por ela, a mãe partilhou com os filhos o medo face à agressividade da figura paterna para com os outros: “...*o meu pai era discutir e bater...eu não podia deixar cair um cesto de roupa que levava logo uma coça*”. Eventualmente qualificou a sua infância como “*aterrorizadora*” durante a qual não houve espaço para “*brincar e miminhos*”, trazendo a lume um desequilíbrio ao nível do polo ético e do polo afetivo. Casou-se aos 21 anos, tendo a relação terminado devido ao envolvimento do marido numa relação extraconjugal tal como aconteceu no segundo casamento.

À medida que a mãe contou a sua história e expressou, com serenidade, o sofrimento por uma infância condenada desde os seus 7 anos, foi impressionante observar como os irmãos reagiram: aproximaram-se da mãe e fizeram-lhe festinhas na mão. Espontaneamente, num aparente ato de aconchego, o J. P. disse à mãe que às vezes também se sentia diferente dos colegas por não ter um pai “*bom*”, culminando numa breve reflexão sobre a repetição do padrão relacional pais-filhos em ambas as gerações que encontra subjacente a rigidez, o medo, a ausência de afeto e proximidade emocional. O J. P. partilhou junto da mãe o medo que sente em perdê-la cada vez que vai para casa do pai, o medo relativamente à postura brusca e agressiva do pai para com os outros (apesar de não culminar em agressões físicas). Também a C., a irmã, expressou o desagrado em ir para casa do pai porque “*ele adormece no sofá e brinco sozinha*”. Foi como se as duras revelações unissem e levassem as relações a dar um salto de qualidade. Estas crianças, que no quotidiano representam para a mãe uns “*monstrinhos que só dão dores de cabeça*” porque não fazem os deveres ou não obedecem aos mais velhos, transformaram-se em filhos capazes de confortar e apoiar a mãe enquanto ela

exprime o seu sofrimento e a sua solidão. Isto permitiu abrir a experiências novas que associaram mãe e filhos a uma história através da qual descobriram semelhanças e proximidades que os unem, ativando um processo de recíproca curiosidade que revitaliza a relação numa perspectiva positiva (Andolfi, 2013).

A partir da pergunta indireta (Andolfi, 2013) “*Como acham que a mãe se sente hoje em dia*”, o J. P. referiu sentir a mãe muito cansada devido à carga horária no trabalho e ao tempo despendido para ajudar os filhos a estudar. A mãe complementou o filho acrescentando que a relação de conflito entre os pais a deixa “*esgotada*”, por se sentir sozinha na prestação de cuidado emocional e financeiro aos filhos, tendo a C. reagido através da verbalização do seu desejo em ter um “*novo pai*”. Solicitou-se que a mãe questionasse os filhos se também eles estão cansados, tendo ambos referido que estão tristes por ver a mãe triste decorrente da nova relação do ex-marido: “*...não quero ter uma madrasta porque a mãe está triste*”. Desta forma, introduziram o atual conflito de lealdade vivenciado por sentirem que ao gostarem da namorada do pai podem magoar a mãe. A mãe, extremamente emocionada, assumiu a sua tristeza junto dos filhos, questionando-se sobre a relação entre a atual dinâmica parental e as dificuldades dos filhos.

Terminámos com a partilha da mãe sobre a dinâmica relacional entre pai e filhos antes do divórcio, culminado na recordação de momentos positivos vivenciados em família (no passado). Notou-se que a mãe sentiu a responsabilidade/*dever* de ajudar os filhos a *encontrar* os pontos de força na relação pai-filhos.

Encontro com a família da M.

Data: 14 de maio de 2015

Duração: 60 minutos

Presença: M. e a progenitora

Para a preparação da presente sessão tornou-se essencial ter em conta a situação atual familiar. A situação atual da família pode ser definida como *pseudo-separação* (Andolfi, 2013), pois na base não existe uma aceitação da separação. A mãe evita o contacto e foge enquanto o pai a persegue e pressiona com recriminações e acusações, utilizando a M. como *arma de chantagem*. O que se verifica ainda hoje é uma negligência afetiva ou um abuso afetivo, que mantém a exposição a situações traumáticas e de grande sofrimento.

Definiu-se como objetivos principais estabelecer pontos de ligação entre o mal-estar da M. e o sofrimento da mãe, devolvendo um valor relacional aos seus *sintomas* (Andolfi, 2013),

através da associação das emoções atuais da M. às emoções da mãe quando esta tinha oito anos (a idade da filha), tornado presente a geração dos avós maternos. Propor este salto temporal ativou um subtil processo de amplificação do *problema*, da M. ao sistema relacional e afetivo do núcleo familiar alargado. Configurou-se duas ideias de família nuclear: a família nuclear de hoje, formada pelos progenitores e a M., e a família nuclear de ontem, constituída pelos avós maternos quando eram pais jovens e pela Mãe da M. quando era criança. Esta escolha fez entrar no presente a história de desenvolvimento do passado, tornando-se visíveis as conexões entre dois tempos e, não menos importante, trazer a lume o quanto da sua agressividade e sofrimento pertence à M. e quanta vem do seu contexto afetivo.

Tal como a M., a mãe é fruto de uma relação conjugal marcada pela violência física e psicológica, bem como pela distância emocional entre a díade de casal e entre pais e filhos. Começou por referir que teve uma infância na qual “*chorou muito...se calhar até mais do que a M.*”, o que ativou imediatamente curiosidade por parte da filha. Até então demonstrava uma postura defensiva, declinado para outros temas e propondo a realização de outras atividades (e.g. jogos). A partir da cartolina das emoções do grupo, a mãe escolheu as mesmas emoções da M. para descrever como se sentia no seio da família: tristeza e medo. Num contexto protegido, a mãe pode refletir sobre a própria história representando uma experiência que permitiu o reconhecimento das próprias dores e ressentimentos. Tornou-se um momento de recíproca partilha e compreensão que as aproximou através da descoberta de semelhanças que as unem (Andolfi, 2013). Atualmente não sente qualquer apoio por parte da família à exceção de um irmão que vive em França. Ambas recordaram a avó materna com muitas saudades, descrevendo momentos positivos vivenciados em conjunto.

A sua família de origem parece ter desenvolvido, ao longo do tempo, diversos cortes emocionais, tendo a mãe referido que o seu casamento teve subjacente a motivação de alcançar uma relação na qual ansiava pela confirmação do seu espaço relacional e da sua identidade, como forma de reparação do que não tinha na família: “*...entrei neste casamento para fugir ao ambiente que tinha em casa...e acabei por viver uma mentira durante oito anos...tornou-se num homem que não foi o que eu conheci*”. Ou seja, neste caso o corte emocional emergiu como forma de sobrevivência. Tal como postula Walsh (1996) nestas famílias onde há um padrão relacional pobre/disfuncional as relações de intimidade são entendidas como uma forma de “fugir” a essas dificuldades. Logo, por um lado, é comum uma saída precoce e, por outro lado, também é comum algum afastamento da família de origem. Verifica-se a repetição do ciclo da violência em ambas as gerações. Nódulos por resolver, vazios, cortes emotivos, lealdade invisíveis são tramas relacionais em torno das

quais se alimenta e estrutura o comportamento sintomático da M.

Através da dinâmica da associação de emoções, a M. realizou uma operação de mediação para favorecer o diálogo entre dois mundos que representam histórias de desenvolvimento muito próximas, desempenhando, na primeira pessoa, o papel de mediadora. Questionou a mãe quando é que se tinha sentido feliz, tendo a mãe referido o dia do nascimento da filha e quando brincava com os colegas na escola. Esta partilha culminou na partilha sobre as “*brincadeiras*” da mãe e filha, permitindo um espaço de interação positiva entre ambas. Também partilharam as emoções vivenciadas face aos últimos acontecimentos familiares (ameaças e prisão preventiva do pai) que as unem numa experiência de ambivalência. Por um lado, sentem-se felizes porque a figura paterna não pode magoá-las, mas por outro lado sentem-se tristes pelo decorrer dos acontecimentos e perante a dificuldade de se sentirem seguras. Neste momento, tornou-se claro que a mãe encontra-se a viver um sentimento de impotência, de inevitabilidade, um sentir-se sem saída, exprimindo sentimentos de desespero e de total incapacidade para enfrentar a vida. A impotência não está muito longe da raiva, representando a última o canal através do qual a M. manifesta a impotência da mãe. As relações com a família de origem são problemáticas ou estão interrompidas e recentemente perderam a advogada que as tem acompanhado (estava a ser ameaçada). Uma mãe sozinha e abandonada na própria família foi normalmente uma filha que conheceu a solidão e o abandono na própria família: os sentimentos de raiva e impotência reportam-se a um percurso de crescimento feito de rejeições, invisibilidades, negligências afetivas (Andolfi, 2013).

Pelo desenrolar da sessão considera-se que os objetivos foram alcançados na medida em que conseguimos redistribuir a violência dentro da família, aligeirando a M. da sua *centralidade patológica*. Claramente esta assume a função sinalética do sofrimento de várias gerações, absorvendo a raiva e a impotência que caracterizam as dinâmicas familiares ao longo do tempo. Este momento final no qual a mãe expressou sem defesas a sua impotência causou um momento de grande tensão comunicada pela filha através de elevada ansiedade traduzida por respiração ofegante e choro fácil.

Anexo E: Relatórios de observação com coterapia realizados em contexto de atendimento

Acompanhamento da família C.

Sessão: 1ª

Data do atendimento: 6 de novembro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

Após a sessão de avaliação diagnóstica, a psicóloga organizou a primeira sessão perspetivando continuar a estabelecer uma relação de confiança e segurança, tendo sido as tarefas realizadas consoante o interesse e o estado emocional da M. Foi realizada uma volta à APAC e incentivada a elaboração de um desenho relativo ao *halloween*. A relação estabelecida entre psicólogo e utente é tanto ou mais importante que as estratégias e técnicas psicológicas utilizadas. Perante a fragilidade emocional vivenciada pela M., considerou-se importante flexibilizar um espaço que respeitou o seu ritmo emocional, facilitador de maior abertura e confiança na relação.

Sessão: 2ª

Data do atendimento: 13 de novembro de 2014

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

A terceira sessão foi dedicada à leitura e interpretação do Manual “Aventura dos sentimentos e dos pensamentos” (Moreira, 2013). Com a utilização deste manual, pretende-se potenciar o conhecimento da M. acerca das suas emoções, sentimentos e pensamentos, bem como favorecer uma maior capacidade de simbolização, diferenciação e expressão dos seus estados emocionais. Foram explorados os diferentes sentimentos e a associação dos mesmos a diferentes histórias retratadas no livro, os quais pretendem fazer uma alusão às vivências diárias da utente. De seguida, a psicóloga solicitou à M. a realização de mini-histórias em relação aos diferentes sentimentos. Dessa forma, explorou-se o significado que a família tem para si e quem faz parte da mesma. De acordo com a M. a sua família é composta por si e pela sua mãe, omitindo a figura paterna.

Também foi abordada a interação com o grupo de pares. A M. é muito impulsiva e, por vezes, adota comportamentos agressivos para com os pares que acabam por excluí-la das brincadeiras, levando-a à necessidade de procurar novos parceiros de recreio. A M. tem

consciência que nem sempre adota a postura mais adequada com os pares e que as suas ações levam a este comportamento por parte dos colegas. Tal como apontam Machado e Gonçalves (2002), quando uma criança desenvolve um padrão de vinculação de insegurança e desorganização pode desenvolver dificuldades ao nível das relações interpessoais, adotar comportamentos agressivos e impulsivos, entre outros aspetos. A referida impulsividade e insegurança são observáveis, por exemplo, quando a M. desenha: realiza movimentos impulsivos com o lápis, acabando por apagar e voltar a desenhar de novo. Igualmente, tais comportamentos também reforçam a insatisfação recorrente que a M. evidencia, assim como a sua visão negativa sobre si própria (“não desenho bem; acho que não está bonito”). A própria postura manifestada nas sessões, que oscila entre uma postura dócil e de desafio para com a psicóloga e a estagiária, reflete o supracitado padrão de vinculação inseguro e desorganizado.

Sessão: 3ª

Data do atendimento: 13 de novembro de 2014

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

De uma forma geral, a sessão foi pautada por maior dinamismo, tendo a M. adotado uma postura colaborante face às tarefas propostas (continuação da leitura do Manual e elaboração do desenho da família) e de menor resistência na partilha espontânea de situações familiares. A M. manifestou alguma ansiedade e negativismo em relação ao seu desempenho nas últimas fichas de avaliação, na medida em que antecipou resultados negativos. Após indagação, a M. referiu que tem algumas dificuldades escolares, embora também tenha consciência que não estuda muito.

Espontaneamente, partilhou um episódio familiar. Na semana passada, a figura paterna perseguiu com o seu automóvel, a sua mãe, adotando comportamentos agressivos (puxou-lhe o braço) os quais tinham a finalidade de lhe retirar o telemóvel. A M. presenciou a situação. Procurou-se explorar a situação em termos emocionais, tendo a M. verbalizado tristeza em relação a tudo o que visualizou, no entanto, salientou que “não pode ficar triste porque a mãe diz que tem de ser forte”. Verifica-se uma postura de maior abertura e disponibilidade emocional para partilhar situações familiares, pelo que a introdução destes temas já não parecem invadir de forma tão significativa o seu espaço pessoal.

Nesta sessão foi abordado o sentimento Amizade. A M. referiu ter duas amigas na escola (a S. e a I.). Igualmente, referiu que envolve-se frequentemente em conflitos físicos, no entanto, ajuda os outros quando se encontram em situações de perigo ou quando estão tristes. Estas questões refletem as suas dificuldades na interação com o grupo de pares que podem ser

precipitadas pelo seu comportamento que oscila entre a agressividade/impulsividade e docilidade. Foram exploradas diferentes estratégias que ajudem a M. a descobrir e a desenvolver novas formas de interpretar as situações, bem como de resolver os seus conflitos, treinando estratégias de *coping* mais eficazes (e.g. através do diálogo, dirigir-se à professora ou outro adulto do contexto escolar).

Quando solicitada a elaboração do desenho da família, a M. aderiu à tarefa. Esta é uma estratégia que teve como objetivo ajudá-la a exteriorizar e interpretar a sua realidade familiar, bem como expressar os seus sentimentos e pensamentos associados.



Fez um desenho de si própria, um sol, nuvens e mais três figuras femininas (a vizinha F., a mãe da F. e a sua Mãe). O espaço temporal existente entre a representação de si própria e as restantes personagens incluídas no seio da sua família, podem refletir alguma confusão no que concerne à sua realidade familiar, uma vez que a própria mostrou alguma hesitação ao desenhar os restantes elementos da sua família. As figuras têm o mesmo tamanho e são todas semelhantes ao nível da sua constituição física. Destaca-se o afastamento entre as figuras e a ausência de contacto físico que, por sua vez, expressam falta de interação. A família como um todo é graficamente representada como um grupo ligeiramente afastado e não interativo. Esta constatação torna-se mais perentória se tivermos em consideração a posição que a M. e a sua mãe ocupam no desenho: a M. está numa ponta e a mãe na outra, estando separados pelas vizinhas. Verifica-se a omissão da figura paterna, aspeto representativo do corte emocional e físico vivenciado entre pai e filha. Um outro aspeto prende-se com a inclusão das vizinhas no desenho da família. Este aspeto pode indicar, por um lado, o desenvolvimento de fronteiras

pouco nítidas e dificuldade em distinguir o seu espaço familiar do espaço extrafamiliar, na medida em que a M. engloba todos os elementos significativos da sua vida no espaço familiar. Por outro lado, representa a capacidade da M. e da sua Mãe para procurar apoio emocional e social quando necessitam. A M. parece sentir o seio familiar das vizinhas como um lugar de pertença e segurança.

Durante as últimas semanas, tem-se verificado que a figura materna não está a conseguir gerir a sua raiva e revolta face à situação vivenciada, exteriorizando-a perante a presença da filha. Igualmente, constata-se ausência de tempo de qualidade despendido entre mãe e filha. Apesar de ser positivo e adaptativo que a M. compreenda as transformações familiares, a constante verbalização da mãe sobre as vivências de violência, levam-na a desenvolver dificuldades em identificar e gerir as suas próprias emoções e sentimentos e a retrair-se mais face às mesmas. A dinâmica relacional mãe-filha parece girar em torno das situações de violência, levando a segunda a assumir um papel de apoio. A mãe reforça a necessidade da M. ser forte, deixando pouco espaço para atender às suas necessidades, receios e angústias mais profundas.

A resistência da M. ao nível da expressão das suas emoções associadas à presente realidade familiar pode estar associada ao receio de magoar a mãe, bem como ao seu estado de confusão emocional perante as vivências e mudanças familiares. Inconscientemente, o facto desta partilhar connosco as suas emoções, pensamentos e angústias em relação à sua situação familiar pode fazê-la desenvolver a sensação de traição para com a mãe. Este aspeto também parece refletir-se nas suas atitudes em algumas sessões, destacando-se uma situação em particular. Na primeira sessão, durante a visita à APAC, a M. ao visualizar a sua mãe ao longe, adotou um comportamento de fuga, escondendo-se da mesma, puxando a psicóloga e a estagiária. Quando está ao pé da mãe adota uma postura mais reservada.

Sessão: 4^a

Data do atendimento: 27 de Novembro de 2014

Presença: mãe da M., psicóloga responsável e a estagiária

Foi organizada e conduzida, pela psicóloga responsável, uma sessão com a mãe da M., perspetivando-se refletir com a mesma sobre as suas constantes verbalizações, na presença da filha, sobre os episódios de violência que acabam por ser prejudiciais à sua estabilidade e bem-estar emocional.

Inicialmente, procedeu-se a uma discussão sobre o percurso da M. e sobre a sua evolução no que concerne à sua recetividade e colaboração no processo terapêutico (a qual

tem sido gradualmente positiva). Inicialmente, a mãe adotou uma postura defensiva, talvez por interpretar a sessão como um ataque/julgamento às suas práticas parentais. No entanto, no desenrolar da sessão foi adotando uma postura mais compreensiva e receptiva aos temas e às indicações propostos pela psicóloga.

A mãe referiu que a M. está motivada para continuar a frequentar as sessões de Psicologia, acrescentando que a filha manifesta frequentemente o seu desejo de chegar a quinta-feira (dia das sessões). A mãe concordou com o conteúdo que a psicóloga lhe devolveu acerca do perfil da filha (muito rígida, insegura e impulsiva decorrente das vivências familiares), das suas necessidades atuais (um espaço contentor do seu sofrimento decorrente das vivências familiares) e cuidados a ter em conta. A mãe partilhou um aspeto muito importante a ter em conta na intervenção e o qual já tinha sido constatado através das verbalizações da M., nomeadamente, o sentimento de culpa vivenciado pela filha decorrente das vivências familiares. A nível emocional, é habitual que estas crianças manifestem sentimentos de culpa face às vivências familiares (sobretudo em relação à separação dos pais), sendo crucial, na intervenção, explorar os conceitos e significados associados ao casamento e ao divórcio, assim como as possíveis razões para a ocorrência deste último e sentimentos associados. Esta ventilação emocional, é perentória para desmontar crenças erróneas que a M. pode ter criado fruto desta panóplia vivencial (Machado & Gonçalves, 2002).

Juntamente com a mãe, foram explorados outros cenários e estratégias possíveis que permitam a manutenção de um espaço de segurança e estabilidade e, assim, uma adaptação positiva da M. à nova realidade familiar (e.g. eliminar as constantes verbalizações dos episódios de violência na sua presença; passar tempo de qualidade com a filha; manter a M. a par das mudanças vivenciadas; permitir um espaço, na relação mãe-filha, para a expressão das emoções, sentimentos, pensamentos, dúvidas e esperanças).

Quando confrontada com algumas informações mais específicas, como por exemplo, o facto da M. não exteriorizar as suas emoções para perseverar/não magoar a mãe (que constantemente reforça a necessidade da filha ser forte), esta emocionou-se, manifestando choro fácil. Foi permitido espaço para que a mãe partilhasse a sua história desde a separação conjugal, o que foi uma mais valia para recolher mais informações sobre o contexto e vivências familiares atuais. A mãe continua a ser perseguida e ameaçada pelo ex-marido. Relatou um episódio em que o ex-marido enviou uma mensagem à tia da M. a dizer que a irmã (mãe da M.) não chegava viva ao Natal. Evidenciou-se a permanência de uma separação conjugal disfuncional que continua a criar um ambiente familiar *stressante*, suscitando reações de *stress*, tristeza, medo, desamparo, confusão e insegurança (Raposo et al., 2011). O

que se verifica é a permanência de negligência ou abuso afetivo por parte da figura paterna que resulta em situações críticas para a adaptação à nova realidade familiar (Andolfi, 2013). A mãe também partilhou que o ex-marido aborda e ameaça as pessoas que integram o seu novo contexto de vida (inclusive as vizinhas), com a finalidade de obter informações sobre a ex-mulher, nomeadamente, sobre a vivência de uma nova relação afetiva.

A mãe manifestou sentimentos de solidão, referindo não sentir apoio da sua família de origem (não testemunharam a seu favor), indicando o desenvolvimento de fronteiras desligadas e centrífugas entre a família nuclear e a família alargada (Minuchin, 1982). De facto esta ausência de apoio por parte da família alargada é evidenciado no desenho da família elaborado pela M., na medida em que a mesma apenas se inclui a si própria, à mãe e às vizinhas. A mãe identificou como fontes de apoio social e emocional, as vizinhas (presentes no desenho da família), o ATL frequentado pela M., o seu contexto profissional, a sua psicóloga e a psicóloga da sua filha. É reconhecido que as mães vítimas de violência necessitam de suporte e dos recursos da comunidade para gerir a sua experiência e se reorganizarem (Machado & Gonçalves, 2002). Neste caso, a mãe interpreta a sua rede social como uma fonte de apoio à qual pode recorrer a qualquer momento, indicando o desenvolvimento de relações significativas com a comunidade, constituindo-se como fatores protetores para esta família. Sentirem-se importantes e valorizadas pelas outras pessoas favorece novas possibilidades de ação e a segurança para descobrir novos caminhos de vida (Machado & Gonçalves, 2002).

Sessão: 5^a

Data do atendimento: 4 de dezembro de 2014

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão foi dada continuidade à leitura do Manual “Aventura dos sentimentos e dos pensamentos” (Moreira, 2013), sendo abordados os seguintes sentimentos: o Triste, o Feliz e o Sozinho. Foram explorados os diferentes sentimentos e a associação dos mesmos a diferentes histórias do quotidiano, com o intuito de reportar os mesmos ao contexto de vida da M. A M. associou o sentimento “O Triste” às seguintes situações: quando os pais estão tristes; quando alguém que se gosta muito se vai embora; quando não a deixam brincar. Relativamente à primeira, referiu sentir-se triste quando a mãe está triste. No que concerne ao segundo ponto, quando alguém que se gosta muito se vai embora, a M. optou por não desenvolver, reforçando apenas que fica triste quando alguém se vai embora. No último ponto, a M. partilhou que fica triste quando os amigos gozam com ela (chamam-lhe nomes).

Sente-se feliz quando está com a mãe a ver filmes e a brincar, no entanto partilhou que, ultimamente, não tem passado tempo de qualidade com a progenitora (exceto quando foram ao McDonalds). Relativamente ao sentimento “O sozinho”, a M. referiu sentir-se sozinha nas seguintes situações: quando estuda referindo inclusive, e tal como indicado anteriormente, que a causa dos seus resultados negativos é a falta de estudo; não conversa muito com a mãe; e quando não tem ninguém para brincar, fazendo-a pensar que os amigos já não gostam dela. Novamente, torna-se evidente a ausência de um espaço, na relação mãe-filha, crucial para responder às suas necessidades, dificuldades e sentimentos. Na segunda parte da sessão, a M. pintou o desenho da sua família (elaborado na sessão anterior). Enquanto pintava, foi possível verificar desorganização (começava a pintar na horizontal e rapidamente mudava para movimentos verticais, de forma consecutiva e impulsiva). Verifica-se a manutenção de uma postura defensiva em relação ao tema família, especificamente, à figura paterna.

Sessão: 6ª

Data do atendimento: 18 de dezembro de 2014

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

A M. chegou muito bem disposta. A mãe contou que a filha passou o fim de semana com os avós paternos e o tio (irmão do pai). Não teve qualquer contacto com o pai. Segundo a mãe, gostou muito de lá estar. Na sessão, a M. não partilhou nada sobre o seu fim de semana. Manifestou tristeza em relação aos seus resultados escolares (suficiente a Matemática; suficiente a Português; bom a Estudo do Meio), bem como em relação às suas dificuldades na relação interpessoal. Nesta sessão, foram trabalhos os seguintes sentimentos: “o Zangado” e “o Orgulhoso”. Fica zangada quando os colegas gozam com ela e a excluem das brincadeiras. Sente-se orgulhosa quando o professor a elogia. Apesar da M. sentir as sessões como um espaço seguro e de apoio, continua muito presente a sua dificuldade em refletir sobre as experiências familiares. Colocamos as seguintes questões: será uma resistência sua ou poderá a M. simplesmente não saber *como* expressar e *pensar* a sua história e vivências familiares? Não caberá ao psicólogo o papel de ajudar a M. a encontrar uma forma de expressar o seu sofrimento?. A psicóloga segue uma abordagem focada nas dificuldades quotidianas, maioritariamente, comportamentais. Se as suas dificuldades comportamentais decorrem das vivências familiares, poderemos alcançar o crescimento e mudança atuando apenas sobre esses comportamentos que nada mais são do que um meio de comunicar o sofrimento?

Sessão: 7^a

Data do atendimento: 8 de janeiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Procedeu-se à exploração da época festiva. A M. passou o Natal com a mãe e recebeu muitas prendas. Durante as férias, continuou a frequentar o ATL. Relativamente ao seu desempenho escolar, obteve os seguintes resultados: não satisfaz a Inglês; suficiente a Português e a Matemática; bom a Estudo do Meio. No que concerne ao seu comportamento na sala de aula, obteve um fraco desempenho, traduzido, por vezes, pela sua conduta hostil para com os colegas de turma e desafiadora face às regras impostas na sala de aula. Contudo, é importante ressaltar que a M. tem *insight* acerca da sua conduta em contexto escolar.

Nesta sessão, procedeu-se à leitura do Manual “Stop! Disciplina e autocontrolo” (Moreira 2014), especificamente, da história “A Panda e a Pandi”. Este Manual é um instrumento que tem como finalidade promover nas crianças, de forma divertida e funcional, um clima de disciplina e de respeito pelas regras sociais e de grupo, a partir de histórias em banda desenhada e com materiais variáveis. Procedeu-se à exploração e reflexão sobre os comportamentos adequados a adotar na sala de aula e no recreio, bem como, sobre comportamentos menos adequados que perturbam as aprendizagens e o normal funcionamento da sala de aula, com o intuito de reportar os mesmos ao contexto de vida vivenciado pela M. Deste modo, mediante a leitura da história supracitada e dos comportamentos envergados pelas personagens (e.g. fala para o lado; chama nomes aos colegas; não recebe elogios do professor porque se porta mal), trouxemos a lume comportamentos ajustados e desajustados da M. em contexto escolar. No final da história, realizámos um contrato: por semana, terá que obter três verdes para receber o autocolante com um sol brilhante.

A M. partilhou, espontaneamente, uma experiência com o pai. No entanto, quando tentámos explorar, demonstrou resistência, declinando para outro assunto. Referiu que foi para a casa da avó paterna e que esteve com o pai a brincar à bola, mas não conseguiu especificar em termos temporais. Pela primeira vez, mencionou espontaneamente a figura paterna, contudo continua a verificar-se dificuldade em aprofundar as suas experiências e relações familiares. No final da sessão, enquanto a psicóloga foi conversar com a mãe, a estagiária ficou com a M. a realizar a atividade integrante do livro “Wally”. Comparativamente com a sessão anterior, adotou uma postura mais persistente face à tarefa e as dificuldades encontradas.

A mãe partilhou que a M. foi passar a passagem de ano com o pai, os avós e mais alguns familiares do lado paterno. Também referiu que o relacionamento da filha com os membros da família paterna é pautado por vários *cortes* ao longo do ano, na medida em que é comum a procura de contacto apenas nas épocas festivas (e.g. no seu aniversário; no Natal; passagem de ano). Esta oscilação entre a presença e ausência das suas figuras de referência podem contribuir para o desenvolvimento de um sentimento de desconfiança e receio de abandono em relação a outras pessoas com as quais estabelece e estabelecerá relações no futuro. É neste sentido que as suas dificuldades nas relações atuais, por exemplo com o grupo de pares, podem estar relacionadas com estas dificuldades e a sua história relacional.

Sessão: 8ª

Data do atendimento: 15 de Janeiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Uma vez que a sessão coincidiu com o aniversário da M., a psicóloga planeou uma sessão diferente: a realização de um jogo de tabuleiro e cantar os parabéns. Antes de se dar início ao jogo de tabuleiro, a M. partilhou espontaneamente uma situação familiar de um colega de turma. Referiu que os pais do D. estão separados e que, atualmente, vive no seio de uma família reconstituída: ambos os pais mantêm relações com outros parceiros, os quais já tinham filhos das relações conjugais anteriores. A M. manifestou entusiasmo durante a partilha, interpretando a experiência do colega como positiva devido ao facto de ter irmãos, duas mães e dois pais. Contudo, quando refletimos com a M. sobre a sua situação familiar, mediante comparação com a experiência do colega, esta descreveu de uma forma figurada e discreta uma figura paterna ausente.

Referiu que gostava de ter um irmão e ser feliz com a mãe. Neste sentido, não parece ter desenvolvido a fantasia e o desejo de união dos pais, devido aos problemas de violência doméstica. A este respeito, é importante considerar que a fantasia da família reunida pode estar presente a um nível inconsciente, porém as vivências de violência aparecem como elementos muito presentes na sua memória, alimentando uma ambivalência em relação à figura paterna. Esta constatação foi notória nesta consulta, com a M. a revelar entusiasmo em relação à figura paterna ao descrever um episódio de brincadeira entre os dois (“*estivemos a jogar futebol e gostei*”), por outro lado, evidencia, maioritariamente, uma rejeição da figura paterna em relação ao seu mundo interno e externo.

De ressaltar que poderia ter sido útil o recurso ao jogo livre ao invés do jogo de tabuleiro, sobretudo considerando a dificuldade da M. em refletir sobre a sua história familiar

e experiência emocional associada. É através do jogo que se acede ao inconsciente das crianças, pois elas representam simbolicamente as suas ansiedades e fantasias. Aquilo que vai acontecendo ao longo do jogo é interpretado como expressão dos conteúdos do mundo interno e externo do sujeito, portanto, ao oferecer à criança o uso de brinquedos ou jogos no contexto terapêutico, cria-se a possibilidade da configuração de um campo, determinado pelas variáveis internas de sua personalidade (Amparo et al., 2012). Através do jogo poderia ter-se criado um espaço no qual a M. poderia *expulsar* de si e *localizar* no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo objetos, que não tem acesso ou não consegue expressar.

Sessão: 9ª

Data do atendimento: 22 de janeiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão, foi dada continuidade à leitura do Manual “Stop! Disciplina e autocontrole” (Moreira 2014), sendo abordadas as seguintes dimensões: a distração e a agitação motora no contexto da sala de aula. O meio utilizado para trabalhar a temática foi a história do IRRE e do QUIETO.

Em conversa com a mãe da M. tivemos conhecimento de uma situação de conflito entre mãe e filha: durante a manhã a M. insultou a mãe devido a um desacordo sobre os acessórios que a primeira levaria para a escola. A mãe partilhou esta situação, atribuindo à psicóloga a responsabilidade de refletir com a M. sobre o seu comportamento. Nesse sentido, a psicóloga devolveu esta responsabilidade à figura materna, referindo que devia ser a própria a refletir em conjunto com a filha a situação descrita, partilhando algumas estratégias para situações desta natureza.

Esta situação leva-nos a refletir sobre a forma como as famílias tendem a compreender o papel do psicólogo nas suas vidas, frequentemente, como figuras parentais alternativas no plano ético (não apenas no plano afetivo). Enquanto psicólogos não nos propomos como sujeitos competentes no lugar dos principais protagonistas dos processos de crescimento das crianças. É inaceitável que o psicólogo tenha mais competência do que uma mãe ou um pai e que se coloque como figura parental alternativa, tornando-se um profissional que trabalha *sobre* as pessoas e não *com* estas (Andolfi, 2013). O psicólogo deve ser visto como um mediador entre pais e filhos, através de um trabalho de cooperação e integração ativa da família.

Sessão: 10^a**Data do atendimento:** 29 de janeiro de 2015**Presença:** M., psicóloga responsável e a estagiária

Antes de darmos início à sessão, na sala de espera, a mãe expressou um grande sentimento de revolta associada ao contexto escolar da M., afirmando que não é a primeira vez que se vê obrigada a ir buscá-la à sala de aula para vir à consulta. A mãe manifestou um discurso marcado por negativismo, culpabilizando os funcionários e os professores pelos atrasos da M. (refere que não preparam a M. para sair da escola à hora estabelecida). Manifestou sentimento de solidão, referindo não sentir apoio ou interesse por parte destes relativamente às necessidades da filha. Verbalizou, na presença da M., a crença de que o professor “esquece-se” da filha.

Quando entrámos com a M. para o gabinete, denotou-se um grande sentimento de tristeza e raiva, traduzido por choro fácil, tom de voz elevado e negativismo em relação ao seu comportamento no contexto de sala de aula e à postura adotada pelo professor. Verbalizou sentir-se excluída e desvalorizada pelo professor, comparando-se com os colegas. Verifica-se que as verbalizações supracitadas da mãe, acabam por ser interiorizadas pela M. continuando a ser prejudiciais à sua estabilidade e bem-estar emocional. Ao longo da sessão, expressou não gostar do professor (e até mesmo de qualquer professor), assumindo um papel de vítima, uma vez que era alvo de avaliações negativas por parte do seu professor. Esta sua constatação não se coaduna com a realidade, e por esse motivo procedemos a uma refutação de tal crença, a qual pode estar a interferir com a sua postura em contexto de sala de aula. Desta forma, recorreu-se à análise da sua caderneta e reforçou-se positivamente pelo bom comportamento evidenciado desde o início das aulas do 2º Período.

Sessão: 11^a**Data do atendimento:** 2 de Fevereiro de 2015**Presença:** M., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão foi dada continuidade à leitura do Manual “Stop! Disciplina e autocontrolo” (Moreira, 2014), especificamente, da fábula da tartaruga e da lebre, bem como à realização das atividades associadas. A atividade teve como objetivo trabalhar a dimensão da atenção e concentração, uma vez que o comportamento impulsivo e desorganizado da M. (aparentemente associado à sua instabilidade emocional) na realização das tarefas escolares continua a comprometer o seu desempenho. Este aspeto verificou-se na realização das atividades do manual. O próprio professor relata a observação de um comportamento que

oscila entre comportamentos agressivos/impulsivos e comportamentos dóceis. Apesar da M. manifestar *insight* em relação à sua conduta no contexto escolar, continua a envolver-se em conflitos com os colegas. Foram novamente exploradas estratégias que ajudem a M. a descobrir e a desenvolver novas formas de interpretar as situações, bem como de resolver os seus conflitos (e.g. através do diálogo, dirigir-se à professora ou outro adulto do contexto escolar). Recebeu um sol brilhante porque obteve quatro verdes na caderneta.

Sessão: 12^a

Data do atendimento: 12 de Fevereiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão, procedeu-se à exploração e reflexão sobre os comportamentos a adotar nos diferentes contextos de vida nos quais a M. se encontra inserida, especificamente, em contexto de sala de aula, no recreio e em casa. Reportando ao seu contexto de vida, a partir de um conjunto de imagens ilustrativas de diferentes comportamentos associados à rotina e hábitos diários, a M. teve como tarefa associá-los a cada um dos três contextos, evidenciando facilidade em distinguir os diferentes comportamentos e, assim, em associá-los ao contexto adequado. Através desta tarefa foi possível explorar a sua rotina diária. Destacou-se a dificuldade em dormir sozinha (dorme com a mãe) porque tem medo dos “monstros”. Também trouxemos a lume comportamentos desajustados em contexto escolar (e.g. não levantar o dedo para falar).

Um dos hábitos ilustrados num dos cartões, especificamente, o tempo que a M. despende a ver televisão destacou-se por ter permitido uma reflexão associada à experiência de relações violentas na família. A M. mencionou como um dos seus programas preferidos a telenovela “Mar Salgado”, a qual retrata histórias familiares pautadas por dinâmicas relacionais complexas. Uma delas retrata a história de uma família nuclear composta pelo subsistema parental e uma filha adolescente. Os progenitores sempre viveram uma relação de violência, sendo o pai o agressor com um perfil obsessivo para com a esposa, adotando atitudes agressivas. Explorámos a perceção da M. sobre esta família, tendo mencionado que se trata de uma família onde está presente a “*violência doméstica*” e existem duas vítimas: mãe e filha. Também explorámos a sua perceção sobre o futuro dessa família, a possibilidade de mudança, tendo a M. respondido assertivamente que não.

É crucial ter em conta dois aspetos. Pela primeira vez, a M. conseguiu refletir sobre a experiência de violência em contexto de consulta sem revelar desconforto e resistência, possivelmente pelo facto do tema ter sido abordado enquanto realidade de outra família que

não a sua. Ao longo do acompanhamento tem sido notável a sua dificuldade em situar-se e entrar em diálogo com o passado. É como se vivesse um presente permanente, sem uma narrativa que a ajude na compreensão e na formação de uma identidade individual e familiar. O segundo aspeto a ter em atenção prende-se com o facto da M. não acreditar na mudança. Através de uma realidade semelhante à sua, revelou inconscientemente a falta de esperança e ausência de expectativas no que concerne à possibilidade de mudança e de um futuro diferente, sobretudo na relação com a figura paterna (atualmente caracterizada pelo corte relacional). Esta falta de ligação entre passado, presente e futuro resulta numa vivência passiva da realidade, perpetuando-se a desintegração da sua história que quando não é considerada como objetivo principal da intervenção faz perpetuar a estagnação familiar e individual.

Sessão: 13^a

Data do atendimento: 19 de Fevereiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão, e dando continuidade ao trabalho desenvolvido nas últimas sessões, inerentes ao comportamento mais impulsivo da M., continuámos a explorar e a refletir sobre os comportamentos a adotar nos diferentes contextos de vida nos quais se encontra inserida, especificamente, em contexto de sala de aula, no recreio e em casa. A M. evidenciou facilidade em distinguir os diferentes comportamentos e em associá-los ao contexto adequado.

Um dos hábitos ilustrados num dos cartões fazia alusão “*ao brincar com o cão ou o gato*”, destacando-se por ter permitido uma reflexão associada ao passado, especificamente, ao período durante o qual a M. ainda habitava com ambos os pais. Partilhou que teve um cão, sendo o Pai o elemento da família que cuidava deste e que, posteriormente, o levou para um abrigo. Esta partilha poderia ter sido um recurso útil para facilitar a expressão e exploração das suas emoções e sentimentos associados à sua relação com o pai (uma relação caracterizada pelo corte relacional). Através da atribuição da vivência de abandono do cão e do uso de questões “*como se*” poderia ter sido facilitada a projeção da sua experiência de total afastamento físico e emocional com o pai (e.g. como achas que este cão se sentiu?).

Outro dos cartões fazia alusão “*ao lavar os dentes*”, o qual fez emergir um grande sentimento de tristeza e alguma raiva por parte da M., traduzido por choro fácil e um tom de voz elevado. Perante a proposta de reflexão sobre o supramencionado hábito diário, a M. partilhou que geralmente lava os dentes uma vez por dia, justificando que a mãe “está sempre com pressa e não tem tempo”. Esta partilha destacou-se pela experiência emocional

emergente, conseqüente da possível reflexão a um nível inconsciente sobre a própria relação mãe-filha: uma relação que carece de um espaço *contentor* do sofrimento decorrente das vivências familiares (e.g. a violência, o corte relacional com a figura paterna e restantes elementos da estirpe paterna; o divórcio dos pais). Esta hipótese coaduna-se com o seu discurso, tendo a mesma referido que conversa com a mãe sobre o seu dia a dia na escola e os “*problemas da mãe*”.

Sessão: 14^a

Data do atendimento: 26 de Fevereiro de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Quando entrámos com a M. para o gabinete, denotou-se novamente um sentimento de tristeza e raiva, traduzido por tom de voz elevado e negativismo em relação ao seu comportamento no contexto de sala de aula e à postura adotada pelo professor e uma colega. Verbalizou sentir-se desvalorizada pelo professor, assumindo um papel de vítima e culpabilizando a colega pelo facto de ter sido chamada à atenção pelo professor: referiu que a colega a incentivou a deitar o material escolar para o chão. Desta forma, recorreu-se à análise da sua caderneta, reforçou-se positivamente o bom comportamento evidenciado durante a semana (obteve verdes e um laranja) e incentivou-se a reflexão sobre a situação supramencionada.

A M. partilhou, espontaneamente, uma experiência com o pai. Referiu que foi lanchar com o pai a um café e depois foram para casa dos avós paternos. Quando tentámos explorar, verificou-se dificuldade em aprofundar a experiência e a sua relação com a figura paterna, apresentando-se como um tema doloroso (manifestou choro fácil). No entanto, a M. não declinou para outro assunto. Através da visualização de imagens representativas de diferentes emoções e sentimentos procedemos à exploração da sua experiência emocional. Referiu sentir-se arrependida, nervosa, indecisa e desconfiada momentos antes do pai ir buscá-la, sendo o reflexo da oscilação entre presença e ausência da figura paterna e do corte emocional vivenciado, mas sobretudo do contexto inseguro e instável no qual a M. cresceu devido às experiências de violência. Sentiu-se feliz e calma quando esteve na casa com os avós paternos, pelo que apesar do afastamento físico e emocional em relação à família paterna, os avós paternos aparecem como figuras importantes que lhe transmitem bem-estar e carinho quando estão presentes.

Quando voltou para casa da mãe, referiu sentir-se triste e aborrecida porque o pai “*falou mal da mãe e da vizinha*”: “*chamou-lhe nomes feios*”. Esta última partilha trouxe a lume a

reflexão sobre o conflito de lealdade que efetivamente a M. continua a vivenciar. O pai continua a difamar a mãe na presença da M., pelo que os seus objetivos em estar com a filha parecem continuar a consistir numa forma de atingir a ex-cônjuge. A M. continua a ser incluída no conflito, ficando triangulada de uma forma maligna, tendendo para um lado e para o outro numa situação de sofrimento e angústia. O termo *lealdade*, sublinha a força da união que a nível ético se desenvolve na pessoa, em resposta às relações primárias, e que tem por horizonte a história multigeracional da família (Boszormenyi Nagy & Spark, 1973). Desta forma, quando falamos de *conflito de lealdade*, referimo-nos a um conflito intrapsíquico, que se produz nas instâncias do sujeito e não na qualidade das relações mais ou menos positivas entre cada elemento da família (Boszormenyi Nagy & Spark, 1973). O conflito de lealdade é um conceito que aparece ligado às fronteiras intrasistémicas, referindo-se principalmente a um problema intrapsíquico. Quando as fronteiras são rígidas, transformam-se em excludentes, obrigando as pessoas com duplas pertenças a posicionarem-se de um lado ou do outro, impossibilitando a integração. Deste modo, este encontro entre pai e filha aparece mais como uma aproximação apenas física, mantendo-se o afastamento emocional entre ambos.

Sessão: 15^a

Data do atendimento: 5 de Março de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Esta sessão foi organizada e conduzida pela estagiária. Foram reunidas um conjunto de imagens alusivas a experiências que reportam ao contexto e história de vida da M., com a finalidade de facilitar a reflexão sobre as suas angústias e sofrimento associado à sua vida familiar, passada e atual, bem como noutros contextos de vida (e.g. grupo de pares). A escolha desta metodologia mais projetiva e indireta fundamenta-se na dificuldade que a própria revela quando é incentivada a refletir sobre estes aspetos, os quais continuam a ser temas muito dolorosos. Assim, nesta sessão, refletimos com a M. sobre cada uma das imagens, tendo sido dada liberdade para esta escolher a primeira imagem sobre a qual refletir. Observou atentamente as imagens e rapidamente virou a imagem representativa de uma situação de violência conjugal para baixo, dizendo: “*esta fica para o fim*”. Desta forma, comunicou o seu sofrimento em relação à vivência de violência. O facto de ter posicionado a imagem de forma a não conseguir vê-la parece representar a sua dificuldade em situar-se e entrar em diálogo com o passado.

Começámos por refletir sobre a imagem onde está presente mãe e filha. Após um momento de silêncio, a M. partilhou que via uma mãe e uma filha felizes e unidas “*porque*

agora estavam sozinhas”. De forma a facilitar a entrada no passado, devolveu-se “*dizes que elas agora estão felizes porque passaram a estar sozinhas, como era antes?*”, tendo a M. respondido que antes tinham uma “*vida difícil com momentos tristes*”. Apesar de ter sido incentivada a reflexão sobre estes momentos tristes, a M. não quis aprofundar declinando para outro assunto. Afirmou que a mãe e a filha estavam a conversar sobre passeios no parque e sobre os restaurantes onde tinham ido jantar e divertido muito. Acrescentou que a mãe ouvia atentamente às coisas que a filha ia contando. De facto, tem-se verificado que a relação mãe-filha carece de um espaço *contentor* das necessidades da segunda, sendo que o diálogo entre ambas parece concentrar-se maioritariamente em temas relacionados ao seu comportamento na escola e aos problemas da mãe. Através desta imagem e da partilha supramencionada a M. comunicou indiretamente as ausências experienciadas na relação com a mãe e o desejo de desenvolver um estilo comunicativo e relacional diferente do atual.

A segunda imagem fazia alusão a um cão abandonado na rua, destacando-se por ter permitido uma reflexão mais aprofundada sobre a relação de afastamento emocional e físico com o pai e os restantes membros da família alargada. Através da atribuição da vivência de abandono do cão e do uso de questões “*como se*” foi facilitada a projeção da sua experiência. Para a M. a imagem conta a história de um cão que se sente triste e sozinho porque foi abandonado por “*uma família malvada*”. Quando a M. ainda vivia com o pai e a mãe, tinham um cão (o Pintas) que foi levado para o canil pelo progenitor. Confrontou-se a M. com a sua partilha, na medida em que remonta para uma experiência semelhante: “*Contaste-nos que o teu cão também foi abandonado pela família. Como achas que o Pintas se sentiu? A família dele também era malvada?*”. A M. disse que o Pintas se sentiu triste e com saudades da família e que a família não era malvada porque quem levou o Pintas para o canil foi o pai. Indiretamente, conseguimos refletir sobre os sentimentos associados ao afastamento da figura paterna e da família alargada, sendo que da partilha anterior emergiu a forma como a própria se posiciona em relação à família alargada com quem mantém relações distantes, emocionalmente e fisicamente, e a sua perceção sobre a origem deste afastamento. Ou seja, podemos colocar a hipótese da M. compreender a desagregação familiar como algo que decorreu do comportamento do pai (violência conjugal): da mesma maneira que levou o Pintas para o canil afastando-o da sua família, também motivou o afastamento familiar devido à violência vivida na família (desde a separação que a mãe e a filha vivem maioritariamente isoladas do resto da família), não culpabilizando os restantes familiares, dos quais sente saudades. Perante a questão: “*A família que levou o cão para a rua parece ser mesmo malvada*”, a M. disse “*as pessoas que abandonam os cães são malvadas...o pai é mau*”,

comunicando diretamente os seus sentimentos em relação ao pai. No decurso desta reflexão, a M. começou a manifestar muita tristeza e agitação, passando rapidamente para outra imagem, nomeadamente, a imagem representativa de uma família composta pelo subsistema parental, dois filhos, um gato e um cão. Observou a imagem e disse que aquela era uma família feliz, sendo que perante a questão *“como é que eles se dão entre eles?”*, emergiram novamente temas associados às modalidades relacionais da sua família: *“A mãe é a mais fofo, todos gostam dela...o marido gosta mais do gato...os filhos gostam mais da mãe porque o pai é mais ou menos bom”*.

Posteriormente, passámos para a reflexão sobre as duas imagens alusivas à interação no grupo de pares. Quanto à imagem representativa de três meninas a brincar (a saltar à corda), referiu que estavam três meninas a saltar à corda, até que uma delas propõe outra brincadeira. As amigas concordam e mudam de jogo. Tendo em conta as sessões anteriores, tornou-se evidente a associação desta interpretação às suas dificuldades interpessoais no grupo de pares. Devido ao seu padrão de vinculação inseguro e desorganizado, a M. tende a adotar comportamentos agressivos para com os pares que acabam por excluí-la das brincadeiras. Na imagem que fazia alusão a uma situação de conflito entre dois rapazes, a M. referiu que o agressor estava zangado e furioso porque o amigo não quis brincar consigo. Através da imagem a M. comunicou o seu desejo de inclusão no grupo de pares e, assim, de desenvolver relações positivas com os colegas.

Finalmente, a última imagem (representativa de uma situação de violência conjugal) permitiu a reflexão sobre a experiência de violência e a sua atual relação com o pai. Salienta-se que, de acordo com a mãe, o pai tem ido buscar a M. todas as quartas-feiras. A partir da proposta de reflexão *“O que é que esta imagem nos conta?”*, a M. referiu que a imagem contava a história de um *“pai a bater na mãe porque a mãe não fez as coisas como o pai quer”*, trazendo a lume a dinâmica relacional vivenciada no passado, pelos pais, na qual a mãe adotava uma postura de submissão perante o marido agressor. Partindo da sua partilha, questionou-se *“dizes-me que é um pai que está a bater à mãe. Então nesta família existem filhos? Onde é que eles estão neste momento?”*. A M. respondeu que, na família, existem três filhas (duas com 20 e 17 anos de idade, e uma com 7 anos), sendo que naquele momento as mais velhas estavam fora de casa e a mais nova estava *“escondida no quarto muito assustada”*. A M., espontaneamente, continuou a contar a história desta família, afirmando que o pai foi preso e ficou longe durante muito tempo. Passado um tempo voltou a querer estar com as filhas. Deste modo, a M. comunicou a sua experiência atual, dado que tem estado com o pai às quartas-feiras. Respondendo às estimulações, partilhou que as filhas vão ter com

o pai mas que às vezes não sabem se querem ir. Acrescentou que preferiam ir acompanhadas por um “*senhor*” (exemplificou que poderia ser um tio ou uma tia) para se sentirem mais seguras. Através desta última reflexão, a M. comunicou o medo e insegurança sentidos. Por um lado, deseja a aproximação com a figura paterna mas, simultaneamente, sente-se insegura quando está sozinha com ele devido às experiências familiares do passado.

Sessão: 16^a

Data do atendimento: 12 de Março de 2015

Presença: M., psicóloga responsável e a estagiária

Para esta sessão foram reunidas um conjunto de palavras alusivas a sentimentos e à família (e.g. desilusão; família; amor; pai; mãe; casal) com a finalidade de continuarmos a refletir com a M. sobre as suas relações familiares. Demos início à exploração/reflexão com a palavra “*desilusão*”, sendo que a M. adotou uma postura resistente afirmando ser uma pessoa esquecida: “*eu durmo e esqueço-me de coisas*”. Esta verbalização parece ter surgido como defesa, já que foi explícita a associação do sentimento à relação com o pai. No entanto, com o desenrolar da sessão denotou-se uma maior abertura para refletir sobre estes aspetos. A reflexão versou sobre o seu relacionamento com o pai e as recentes mudanças familiares (o pai vai buscá-la às quartas-feiras).

Na sessão anterior, a M. trouxe a lume o medo e a insegurança vivenciados quando está sozinha com o pai, devido às experiências familiares do passado. Nesta sessão, trouxe a lume a desconfiança que sente nesta relação: “*o pai é muito mau porque pergunta coisas que é mentira...que a mãe tem um homem...o pai não é amigo, não é de confiança*”. O princípio simbólico presente no relacionamento familiar desenha a vida num relacionamento recíproco em três pontos, a confiança, a esperança e a justiça ou de outra forma, uma vez que há um polo afetivo - confiança e esperança - e um polo ético - justiça e lealdade - que se influenciam mutuamente (Scabini & Cigoli, 2006). Na relação pai-filha estas qualidades simbólicas encontram-se extremamente frágeis, gerando desconfiança e insegurança na relação e, conseqüentemente, uma relação de ansiedade.

Os encontros com o pai continuam a centrar-se em conversas sobre a mãe, através das quais o pai tenta obter informações sobre a ex-mulher ou falar mal dela à filha. Neste ponto, é importante ressaltar a injustiça que caracteriza esta relação, na medida em que não obedece ao princípio do valor da pessoa (neste caso, da filha) e do seu direito em lhe serem prestados os cuidados necessários (Scabini & Cigoli, 2006). Também a lealdade interpessoal é intrinsecamente conflitual, na medida em que esta dinâmica relacional poderá fazer com que a

M. se sinta presa num extremo conflito interno de lealdade.

Outro aspeto que se destacou foi a dificuldade da M. em pensar nos membros da sua família como um grupo familiar, o que poderá ser a manifestação do conflito de pertença. Por exemplo, define a família nomeando alguns dos membros: “...sou eu e a minha mãe...os avós maternos...o pai e os avós paternos são outra que são importantes às vezes...quando estamos meio juntos porque a outra parte não está junta com esta”, chamando a atenção para a ausência de um sistema de pertença e de unicidade familiar, transmitindo a sensação de que sente pertencer a dois contextos familiares (Ferraris, 2002).

Quando refletíamos sobre a palavra “amor”, a M. diferenciou o amor que sente pelos pais: sente mais amor pela mãe do que pelo pai, sendo que a sua interpretação sobre *ser um bom ou mau pai* parece encontrar-se estritamente associada ao “*dar coisas aos filhos*”, aspeto que parece associar-se ao facto de ter crescido e vivido num contexto onde imperou um vazio emocional e relacional. Outro tema que se destacou e tornou clara esta hipótese foi o tema da diferenciação do novo núcleo familiar em relação à sua família de origem e, por outro, o tema da gestão da herança do património relacional e simbólico. Refletimos com a M. sobre a família que imagina e deseja criar. Inicialmente, idealizou uma família diferente da sua no que concerne ao número de elementos: “...quero ter uma família muito grande...cinco filhos e uma casa muito grande”. A M. focou-se mais nos aspetos estruturais da casa e na organização ao nível das tarefas domésticas. Quando incentivámos a reflexão sobre como seriam as dinâmicas relacionais entre as pessoas dessa família, destacou que todos seriam saudáveis e que os filhos gostariam do pai “*se ele fosse bom e lhes desse coisas*”. A mãe (ela própria) seria muito boa porque *daria coisas* aos filhos e igual à sua própria mãe: “*gostava de ser igual à mãe.*”. No seu discurso foi patente a ausência da dimensão do amor, proximidade emocional, aconchego entre os membros que parecem refletir o próprio contexto familiar onde a M. cresceu. Quanto ao pai da família, idealizou-o como uma pessoa totalmente diferente do progenitor, projetando a ausência da figura paterna na sua vida e o desejo de dar à nova geração aquilo que não obteve na sua própria família: “*um homem muito bom e simpático que não minta*”. A dinâmica relacional entre o casal focou-se na divisão das tarefas domésticas. Na sua reflexão, destacou sempre mais a relação entre mãe e filhos.

É patente o seu baixo grau de diferenciação, na medida em que por um lado idealiza o seu papel como mãe como uma réplica da própria progenitora, por outro lado, refere dimensões que se materializa num desejo de recriação, de oferecer algo de bom e diferente para as gerações futuras (Scabini & Cigoli, 2006).

Após esta sessão foi suspensa a presença da estagiária nas sessões, uma vez que a M.

simbolicamente o seu mundo relacional, começou por trazer a lume aquele que parece ser o polo mais angustiante excluindo a figura paterna. O símbolo (e as cores) utilizado para representar o pai, o fogo, representa a sua experiência emocional em relação ao mesmo. Apesar de o ter desenhado espontaneamente, em segundo lugar, não quis falar dele reagindo com alguma agressividade face às psicólogas. Esta negação pode ser um mecanismo de defesa para evitar ter que lidar com a angústia, uma vez que esta ausência de palavra sugere a hipótese de um processo de luto não resolvido, de sentimentos excessivamente intensos. Graficamente e verbalmente comunica um desejo de corte com o pai talvez como mecanismo de defesa para lidar com a perda e o abandono emocional vivenciado.

Através da exploração do significado do símbolo (fogo) conseguimos compreender a relação com o objeto ausente. Para a M. o fogo é algo que *“faz mal...faz feridas e dói”*. Quando há uma perda, é possível conservar a imagem do objeto perdido e elaborar o luto, porém se a ausência se prolonga até que se desvaneça a imagem, o objeto pode tornar-se mau por estar indisponível (Winnicott, 1971). Neste caso, o vazio pode tornar-se a única coisa real e a representação do vazio pode transformar-se no centro da vida psicológica, sendo que, nas situações mais graves, pode funcionar como um buraco negro que atrai e destrói o pensamento (Greco, 2006). O pai é rejeitado, como se nele estivesse concentrado o mal da família, sendo projetadas nele todas as insatisfações e frustrações. Esta rejeição é graficamente representada pela colocação no espaço e também pelo facto de o ter identificado através do primeiro nome, revelando a negação de uma ligação de parentesco.

Depois de desenhar o pai inclui, dentro do seu mundo relacional, familiares que fazem parte do seu núcleo familiar e de ambas as estirpes paternas: a madrinha (M.); a mãe; a tia A. M. (irmã da mãe) com quem convive muito raramente; uma prima do lado da mãe; o primo R. (do lado da mãe); prima C.; a tia Lulu (não sabe a qual das estirpes pertence); padrinho (G.-irmão do pai) e filhos (não sabe os nomes); tios e primos do lado da mãe, “lado da mãe”, cujos nomes não se recorda; avós paternos; avós maternos; e pessoas do lado do pai, “lado do pai”, cujos nomes não se recorda. Estes foram os elementos desenhados espontaneamente. Quando colocada a quarta instrução, sobre os elementos ausentes, desenhou um símbolo para representar a vizinha que supostamente sempre foi sentida como uma pessoa muito importante. Pouco aprofundou sobre os relacionamentos.

Apesar da presença significativa de elementos, evidencia-se, nas primeiras impressões, que o desenho parece um conjunto de *ilhas*, que não se aprecia uma família ou grupo, mas um aglomerado de círculos desconexos, já que, em vez de envolver vários membros no mesmo círculo, quando colocada a instrução três, o que faz é envolver cada pessoa em separado ou,

em alguns casos, engloba no mesmo círculo pessoas sobre as quais tem pouca informação e os avós. Não se envolveu espontaneamente em nenhum dos círculos, sendo que quando confrontada com isso envolveu-se num círculo independente. Desta forma, na análise das fronteiras familiares, relativas à distância entre a pessoa e uma ou mais famílias, verifica-se o desconhecimento a um contexto familiar como se não pertencesse a nenhuma família. A dificuldades de se enquadrar numa família traduz-se num isolamento e sentido de desvinculação acompanhado de um conflito de pertença familiar, observado nesta modalidade gráfica onde não parece ser possível incluir várias pessoas no mesmo espaço.

Cada pessoa corresponde a uma família, em que não há sentido de unidade e coesão, também evidenciada pela existência de um desconhecimento dos outros. A M. sabe pouco sobre as suas raízes (sobretudo paternas). Não sabe os nomes da maioria dos familiares e revelou muita confusão quando questionada sobre os graus de parentesco. Este desconhecimento resultou em frustração traduzida num elevado tom de voz e recusa em tornar conscientes os conflitos e a falta de pertença vivenciada. Assim, constata-se ao nível das fronteiras intrasistémicas, distância entre a família nuclear e as estirpes, um corte com o passado, uma falta de conexão com as raízes familiares. Esta hipótese também se fundamenta no discurso da mãe (em sessões anteriores) que revelam um sentido de solidão em relação à sua família de origem que não a apoiou durante o processo de divórcio, culminando no desenvolvimento de fronteiras desligadas e centrífugas entre a família (Minuchin, 1982).

Deparamo-nos com um mundo relacional repleto de *presenças ausentes e vazios emocionais*. Na análise das fronteiras sistémicas verifica-se, nas fronteiras individuais, uma tendência ao isolamento traduzida pelos aspetos supramencionados, pela ausência de pessoas pertencentes ao seu contexto social (e.g. grupo de pares; professores; entre outros) e o paradoxo entre sentimentos de solidão e revolta face aos abandonos emocionais e, um desejo desesperado de proteção e de pertença. A aparente necessidade/desejo de ligação, de se sentir unida a alguém, parece ser manifestada/comunicada graficamente pela colocação dos símbolos de forma a criarem um círculo de proteção à volta do símbolo que a representa, pelo facto de ter feito questão em incluir todas estas pessoas dentro do seu mundo relacional (mesmo aquelas das quais não se recorda), bem como através da negação da real distância física e emocional existente. Poderíamos considerar este desejo de ligação, ainda que inconsciente, como um aspeto positivo a potenciar no futuro.

A revolta é comunicada graficamente através das cores utilizadas: utilizou o preto para rodear os elementos da estirpe paterna justificando a escolha pelo facto de não gostar da cor. As relações que identificou como sendo mais fortes foi a relação com a madrinha (com quem

está raramente - fala via *facebook*), a mãe, a prima C. (com quem está às vezes) e a vizinha (que não foi desenhada espontaneamente). Contudo é curioso reparar que, por exemplo, a mãe é uma das pessoas que se encontra mais longe de si.

Relativamente às fronteiras intersistémicas, distância entre família nuclear e família alargada, e entre família nuclear e sociedade, verifica-se pobreza na relação com elementos externos traduzida pela ausência de elementos do contexto extrafamiliar. Colocou a vizinha muito longe de si, após a quarta instrução relativa aos elementos ausentes, pintando o símbolo de preto (a cor que não gosta). Ao longo da aplicação foram ausentes referências à realidade externa da família.

A sensação de desagregação e a ambivalência emocional entre a revolta pelos abandonos e a necessidade de ligação tornou-se ainda mais manifesta quando colocada a última instrução que abre espaço à expressão do desejo e dos projetos para o futuro. Começou por revelar dificuldade em refletir sobre como poderia utilizar a *varinha mágica*, referindo que a usaria para “*tirar o barulho*”: as discussões e os problemas. Colocou o símbolo representativo dos avós paternos fora do retângulo verbalizando o desejo de os colocar “*mais longe*” de si. A este respeito as fronteiras entre o interior e o exterior do parecem significar separação e não a base de distinção/intercâmbio com o mundo extrafamiliar.

De acordo com a mãe, o contacto da M. com os membros da família paterna é inconstante e pautado por vários *cortes* ao longo do ano, na medida em que é comum a procura de contacto apenas nas épocas festivas (e.g. no seu aniversário; no Natal; passagem de ano). Quando se refere aos avós não fala sobre estes de forma positiva ou negativa e tem dificuldade em recordar-se da última vez que esteve com os mesmos (tal como aconteceu com os outros familiares representados). Pintou o símbolo com as cores do fogo e comunicou a sua tristeza em relação ao abandono por parte destes avós: “*não me procuram...não querem saber de mim*”. Eventualmente assumiu o desejo de ligação com os mesmos. Isto sugere tratar-se de outra ausência sensível que talvez não esteja bem integrada e, assim, a presença psicológica devastadora de algumas figuras ausentes. A sua tendência ao isolamento parece relacionada com uma falta de diferenciação e cortes emocionais realizados ao longo da história familiar.

Terminou dizendo que não queria fazer mais nada para “*guardar os poderes*” e utilizá-los no futuro. Quando questionada sobre o que faria, não conseguiu desenvolver. Aparece aqui uma dificuldade de projeção no futuro, de criar expectativas que motivem e orientem o provir. Depreende-se que as fronteiras espaciais rígidas também estão presentes em forma de fronteiras temporais impermeáveis, como se a família vivesse presa num presente contínuo sem conexões com o passado ou com o futuro, sem uma narrativa própria que ajude a M. na

sua compreensão e na formação de uma identidade familiar. Parece revelar uma ausência de sonhos potencialmente associada ao corte com o passado e atuais conflitos que impedem a integração da sua história familiar complexa. Decorrente dos últimos acontecimentos familiares a M. parece ter regredido para a inicial dificuldade em entrar em diálogo com o passado familiar (e mesmo presente) assumindo uma posição *crystalizada* no tempo que a impede de perspetivar um futuro diferente.

Acompanhamento da família T.

Sessão: 1ª

Data do atendimento: 11 de novembro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

Após a sessão de avaliação diagnóstica, decorreu a primeira sessão individual com o P. A psicóloga procedeu à recolha de informação sobre os eventos da última semana (na escola e em casa), no entanto, o P. adotou uma postura muito reservada. Face a esta resposta, questionou-o sobre os testes escolares realizados e as respetivas notas (teve negativas a três disciplinas e Satisfaz Bom a Português), bem como sobre os motivos que o levam a faltar e a chegar atrasado à escola. O P. justificou as faltas e os atrasos com a sua desmotivação para “ouvir coisas que não lhe interessam”, sendo que a psicóloga validou as suas emoções, alertando para a importância e a necessidade de frequentar as aulas e ser assíduo.

Posteriormente, solicitou-se o preenchimento do Questionário de Autoavaliação (YSR). Enquanto o P. preenchia o questionário, a psicóloga ausentou-se da sala deixando à responsabilidade da estagiária o apoio e orientação à realização da tarefa.

Em casa, têm surgido discussões com a mãe, devido à desmotivação e resistência de P. para cumprir e aderir aos pedidos da mãe. Outra informação importante surgiu do telefonema realizado pela mãe. Esta referiu sentir melhorias comportamentais por parte da figura paterna e, que desde essa altura, o P. tornou-se mais agressivo para com ela através de ameaças e chantagem emocional para obter o que pretende. A mãe sente-se intimidada com o seu olhar agressivo, acrescentando sentir ambivalência por parte do filho que oscila entre comportamentos agressivos e carinhosos. É importante ter em conta a proximidade cronológica, referida pela mãe, entre a redução de agressividade por parte do pai e o início dos comportamentos agressivos do P. O início ou aumento dos comportamentos agressivos do P. podem ser considerados como estratégia para a manutenção do equilíbrio do grupo ou

como forma de responder e de enfrentar a transformação e a mudança que surgiu do desaparecimento de um dos membros da família (a figura paterna) e do funcionamento habitual. O P. aparece, agora, como o bode expiatório da família “causador” de desorganização e “porta-voz” da dificuldade familiar. A permanência de um ambiente conflituoso e desorganizado ao longo do tempo (mesmo após a separação) mantém o desenvolvimento de uma homeostase rígida que intensifica a violência e o afastamento emocional entre os membros que, conseqüentemente, impedem a mudança necessária ao alcance do novo equilíbrio. A agressividade do P. pode surgir como função compensatória (Papero, 1989).

Os significados e as representações que a criança vai construindo medeiam fortemente o impacto da experiência (Machado & Gonçalves, 2002). A violência a que a criança está exposta constitui uma ameaça que influencia o seu sentido de predição do meio e o seu sentimento de acolhimento na família, preocupando-a e fazendo sentir-se emocionalmente *stressada* (Machado & Gonçalves, 2002). Devido à sua exposição ao conflito intraparental, é possível que o P. tenha vindo a racionalizar o uso da violência como necessária em condições de *stress*, admitindo-a como uma estratégia útil na resolução dos seus conflitos, de obter poder e controlo sobre os outros, essencialmente sobre a mãe (Machado & Gonçalves, 2002).

A mãe também partilhou que, na semana passada, o pai ligou-lhe aos berros a dizer que não ia buscá-lo mais, acontecimento que fez despoletar, automaticamente, os seus medos excessivos (e.g. dificuldade em tomar banho sozinho). Este acontecimento mostra que o P. continua a ser envolvido no conflito parental e, assim, a permanência de uma separação parental disfuncional que convoca, constantemente, o filho para a realidade conjugal (alienação parental). É também pertinente refletir sobre a vinculação que o P. terá desenvolvido, dada a referida oscilação entre comportamentos agressivos e carinhosos. Em termos sócio-emocionais, o P. apresenta um padrão de vinculação inseguro e desorganizado/desorientado, em que o medo e a desconfiança face aos outros e a auto-desvalorização marcam o desenvolvimento das suas relações interpessoais. Este estilo de vinculação reflete-se na sua relação com os pais, na medida em que demonstra o conflito de aproximação - evitamento. Bowen (1998) desenvolveu o conceito de corte *emocional* para descrever casos extremos de distância emocional, sendo um dos limites mais baixos da diferenciação. Este limite é marcado pela falta de pertença e por uma negação da intensidade emocional dos vínculos não resolvidos em relação aos seus próprios pais, derivado de um contexto familiar inseguro e violento. Esta distância emocional e física entre pai e filho manifesta-se no paradoxo de sentir, por um lado, uma necessidade imperiosa de proximidade

afetiva e, por outro, rejeição e agressividade às relações mais próximas (Bowen, 1998).

A mãe partilhou um acontecimento ilustrativo deste aspeto: No sábado passado, deixou o filho ao cuidado de uma amiga, tendo o P. interpretado esta atitude como um abandono (dirigiu-se à mãe e disse “Vai e não voltes, desaparece”). A amiga da mãe contou que quando o P. chegou à sua casa, encontrava-se a chorar muito e a dizer que a mãe o tinha abandonado. Sem o conhecimento dessa amiga, o P. voltou à sua casa e desarrumou a casa toda, destruindo um baú da progenitora que continha trabalhos manuais desde a sua infância. No entanto, um dos desenhos foi salvaguardado: não destruiu um desenho com a palavra “Adoro-te”, colocando-o à porta de casa para a mãe ver quando chegasse. Salienta-se ainda outro aspeto ilustrativo da distância emocional entre o P. e o pai. Quando o segundo percebeu o impacto do telefonema referido anteriormente, ofereceu-lhe um telemóvel.

A análise mais detalhada sobre as vivências e dinâmicas (de interação, relação e comunicação) familiares tem sido possível através do contacto com a mãe (embora apenas via telefone), a qual partilha espontaneamente os temas de preocupação, permitindo a contextualização mais completa e detalhada da problemática.

Sessão: 2ª

Data do atendimento: 18 de novembro de 2014

Presença: P., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão o P. adotou uma postura mais colaborante e recetiva, partilhando espontaneamente vivências do quotidiano. Relatou um episódio que ocorreu no dia anterior. A mãe teve um ataque de pânico (a segunda vez) e esteve presente nessa situação. Ambos encontravam-se num local público e como o P. estava cansado de lá estar chateou muito a mãe. O P. sente-se responsável pelo sucedido porque chateou muito a mãe, manifestando sentimentos de culpa. Durante o episódio, o P. ficou ao cuidado do filho de uma amiga da mãe que lhe tapou os olhos para não ver o que a primeira estava a fazer à sua mãe, no entanto, apercebeu-se que a “senhora” lhe pôs uma cruz. O P. demonstra *insight* acerca do seu comportamento ambivalente (que oscila entre comportamentos agressivos e dóceis), bem como a sua dificuldade de autocontrolo quando se encontra perante situações nas quais é contrariado (adota respostas de confronto).

Uma vez que o P. manifestou desmotivação em relação à atividade proposta (aplicação de um questionário), foi proposta a realização de um jogo de cartas (UNO) à qual aderiu positivamente. A partir desse momento, o desenrolar da sessão tornou-se mais dinâmico e alegre. O P. aparenta ter melhorado ao nível do seu envolvimento no processo terapêutico.

Sessão: 3^a

Data do atendimento: 25 de novembro de 2014

Presença: P., a mãe, a psicóloga responsável e a estagiária

Esta consistiu numa consulta dividida: a psicóloga ficou com a mãe e a estagiária ficou com o P. O P. chegou à consulta adotando uma postura de resistência e pouco colaborante face às atividades definidas pela psicóloga (partilha de episódios do quotidiano e preenchimento do questionário *Zelazosca*). Na fase inicial, esteve muito inquieto e ansioso (olhou várias vezes para a porta e balançou na cadeira). Manifestou ansiedade de separação em relação à progenitora, evidenciada pelo comportamento supracitado, pelas repetidas questões que colocou sobre o paradeiro da mãe e o motivo pelo qual não podiam estar juntos na mesma sala. Disse duas vezes que continuaria a frequentar as sessões caso a mãe também estivesse presente, evidenciando dificuldade em estar sozinho.

Perante a sua postura e estado emocional, o objetivo consistiu na construção de um espaço *contentor* das suas angústias. Contou que as coisas em casa não andam mais calmas, devido a um episódio que ocorreu no passado fim de semana. Não partilhou espontaneamente o sucedido, justificando o seu silêncio com o facto da mãe não estar ao pé dele. Apenas contou que o episódio incluiu o pai. Antes de se referir à figura paterna como “pai”, identificou-o como uma pessoa que faz “mais ou menos” parte da família, evidenciando confusão no que concerne à nova reorganização familiar.

A mãe relatou em pormenor este episódio: o pai ligou ao P. e este tinha o telemóvel desligado. O pai acabou por ligar para a mãe, responsabilizando-a pela situação e ameaçando que iria recorrer ao tribunal para pedir a guarda do filho. Perante esta ameaça, a mãe reagiu de forma assertiva dizendo ao pai que não necessitava de passar por esse processo e que caso estivesse interessado podia ir buscar o P. naquele mesmo dia. O P. presenciou essa situação e quando falou com o pai conseguiu-lhe transmitir que preferia viver com a mãe. Apesar de ter sido positiva a resposta assertiva da mãe face ao episódio, há alguns aspetos a ter em conta. Este episódio reflete que o P. continua preso no triângulo parental, o qual é manipulador e perverso (Papero, 1989): a mãe continua a ser ameaçada de morte pelo ex-marido. Nesta situação em específico, o P. tornou-se, mais uma vez, no *braço armado* da raiva e ressentimentos antigos, sendo tratado como uma *pacote* transportado pelos pais (Andolfi, 2013). Esta dinâmica coloca-o numa situação em que tende para um lado e para o outro numa situação angústia por perceber que ao agradar um dos progenitores poderá desagradar o outro. Os ex-cônjuges encontram-se de tal forma envolvidos na sua incapacidade de *ser* adultos e na problemática da não elaboração da separação (Andolfi, 2013), que continuam a criar um

ambiente familiar *stressante*, suscitando reações de *stress*, tristeza, confusão e insegurança.

Gradualmente, o P. foi adotando uma postura mais colaborante e recetiva. Relatou um episódio relacionado com as idas à catequese. No passado fim de semana, foi à catequese obrigado pela mãe, sendo que embora tenha insistido para se irem embora teve que ficar até ao fim. Reconheceu que o seu comportamento é instável perante situações nas quais é contrariado e associou as idas à catequese ao interesse da mãe em estar com as amigas, bem como ao facto de não gostar dele. A mãe também relatou este episódio junto da psicóloga: o P. não queria ir à catequese e como a mãe o obrigou ele tornou-se muito agressivo verbalmente fazendo chantagem emocional (da mesma forma que o pai fazia) e destruindo alguns objetos. Acabou por ir à catequese e no final a mãe falou com a catequista para a informar que o filho não iria mais. Posto isto, a catequista conversou com P. e este comprometeu-se com ela que iria continuar a ir, pois ele tinha uma atitude muito dinâmica e participativa na catequese.

O P. referiu que a mãe só pensava em dinheiro e que não passavam tempo juntos, expressando verbalmente o desejo de passar mais tempo com a mesma (e.g. andar de bicicleta, passear e estarem juntos em casa). Verificou-se que tem dificuldade em compreender as razões que levam a progenitora a passar muito tempo fora de casa (devido à sua vida profissional), na medida em que associou a sua ausência ao facto de não gostar dele. Manifestou também instabilidade emocional, na medida em que o seu discurso oscilou entre ameaças de fuga (para viver sozinho) e medo de perder a ligação com os progenitores. Aqui tornou-se novamente manifesto o padrão de vinculação inseguro e desorganizado/desorientado, em que o medo do abandono e a desconfiança marcam o desenvolvimento das suas relações (Alarcão, 2002). Este estilo de vinculação decorrente das mudanças familiares que criam um contexto no qual são mantidos dois mundos e se vive ausência de unicidade (Ferraris, 2002), reflete-se na sua relação com os pais, na medida em que demonstra o conflito de aproximação - evitamento, manifestado no paradoxo de sentir, por um lado, uma necessidade imperiosa de proximidade afetiva e, por outro, rejeição e agressividade às relações mais próximas (Bowen, 1998). A situação vivenciada (aquando o telefonema do pai) contribui para a manutenção deste estilo de vinculação.

Juntamente com o P. desenhou-se um esquema representativo do triângulo das relações familiares (pai, mãe e filho) no sentido de identificarmos as mudanças que ocorreram na família desde a separação dos pais, bem como refletir sobre o facto de separação conjugal não definir o fim da família, especificamente, a relação pais-filhos. O P. adotou, automaticamente, uma postura de maior interesse. Denota-se que se encontra em sofrimento e num estado de

confusão em relação às mudanças vivenciadas após a separação conjugal e a nova reorganização familiar, levando-o a questionar a própria continuidade da sua relação com ambos os pais. Se o casamento dos pais acaba, o que é seguro? não poderá acontecer o mesmo à sua relação com o pai ou a mãe?. Tal como apontam Raposo e colaboradores (2011), a separação conjugal pode resultar numa reapreciação, pelas crianças, da sua relação com os pais e, de facto, no questionamento de todas as relações sociais.

O P. expressou verbalmente o seu desinteresse em continuar a frequentar as consultas de Psicologia, porque acredita que os psicólogos são para malucos. De acordo com a mãe, esta ideia é alimentada pelo pai indicando que a figura paterna não se apresenta como um aliado terapêutico. Quando a estagiária procedeu à desconstrução desta crença, o P. mostrou-se interessado no tema, bem como em conhecer a APAC. Apesar de mais calmo e alegre, continuou a perguntar pela mãe. A mãe também referiu que o pai critica o P. por chorar, alimentando a sua agressividade. A este respeito, a transmissão transgeracional é entendida como a travessia de uma geração a outra em termos de rituais, legados e tradições, sendo que esta transmissão pode ser consciente ou inconsciente (Baptista & Teodoro, 2012). Esta permite dar continuidade à identidade de uma família através de um legado de mitos e ritos. É neste contexto que, a força do legado transgeracional, frequentemente, impulsiona a repetição do padrão aprendido. De acordo com Everstine e Everstine (2007) os pais que maltratam os filhos carecem de modelos de identificação saudáveis e de flexibilização no desenvolvimento de estratégias de solução perante os problemas com os quais se deparam, devido, sobretudo, à aprendizagem disfuncional que vivenciaram nas suas famílias de origem. Constatou-se que as crianças que vivem ou viveram em contextos nos quais a violência esteve presente tendem a acreditar que essa é a única forma de socialização, repetindo os padrões aprendidos na vida adulta e contribuir, assim para a manutenção da violência através das gerações (Baptista & Teodoro, 2012). O episódio supracitado (o P. não queria ir à catequese e como a mãe o obrigou ele tornou-se muito agressivo verbalmente fazendo chantagem emocional e destruindo alguns objetos) reflete estes aspetos.

Sessão: 4ª

Data do atendimento: 2 de dezembro de 2014

Presença: a mãe do P., a psicóloga responsável e a estagiária

A quarta sessão foi realizada junto da mãe, a pedido da mesma, no sentido de se proporcionar um espaço de partilha das suas preocupações e angústias. Esta verbalizou sentimentos de alívio e apoio decorrentes da sessão da semana passada. Sente-se menos

sozinha, manifestando esperança e compromisso face ao processo terapêutico. O desenrolar da sessão foi dinâmico, tendo sido partilhados episódios familiares do presente e do passado, as suas preocupações atuais, bem como as mudanças emocionais e comportamentais do P. ao longo dos últimos tempos.

Referiu que, durante a semana passada, o filho andou “melindrado” manifestando dependência em relação à progenitora e medo relativamente ao possível aparecimento do pai. A progenitora associa o estado emocional do filho ao episódio vivenciado há uma semana (no sábado), relativo ao telefonema realizado pela figura paterna, considerando que o medo não está relacionado com o medo de perda/abandono, mas com as possíveis atitudes violentas do pai para com a progenitora. Após o telefonema, o pai não ligou mais e também não manifestou interesse em contactar o P. A mãe partilhou o seu ponto de vista com o filho, explicando-lhe que os comportamentos do pai para com ele são semelhantes àqueles que adotava para consigo (resolve as situações de conflito culpabilizando os outros). No sábado passado, o pai ligou novamente ao P. e disse-lhe que tinha de ser mais responsável com o telefone, evidenciando uma postura ativa no que concerne ao seu papel de educador. A partir deste telefonema, foi estabelecido um acordo entre pai e filho: a partir de agora será o segundo a tomar a iniciativa de ligar. A mãe presenciou a situação e referiu ter ouvido o P. a pedir desculpa. Apesar de não ter compreendido o contexto do pedido de desculpa, supõe que tenha derivado do facto de não ter atendido o primeiro telefonema. A mãe considera que a partir daí, o filho tem estado mais calmo, manifestando interesse e desejo em ligar ao progenitor.

Na sessão anterior, o P. verbalizou medo de perder a ligação com os progenitores, sobretudo com o pai. Assim, embora possa sentir medo em relação aos comportamentos violentos do pai é inquestionável que o facto de andar mais ansioso e dependente estão associados ao receio de perda da relação com a figura paterna (neste caso, porque não atendeu o telefonema do pai, deixando-o furioso). A ambivalência de sentimentos em relação ao ofensor e à vítima é frequentemente experienciada por estas crianças, pelo que tanto podem sentir a falta deste e preocupação com o seu bem-estar, como medo. Coloca-se a hipótese da mãe estar a projetar no filho a sua fragilidade (medo do ex-marido), manifestando dificuldade em reconhecer e aceitar esta dinâmica e as reais angústias do filho.

A sua preocupação atual prende-se com o perfil do filho, que oscila entre comportamentos dóceis e de agressividade. Esta preocupação surge das atitudes adotadas pelo P. quando presencia situações de violência psicológica (e.g. quando o pai chama nomes à mãe), na medida em que se ri, reforçando e concordando com as atitudes do pai. Também

referiu estar preocupada com as estratégias adotadas na resolução de problemas: ameaça adotar comportamentos agressivos ou chamar o pai para o fazer. Assim, a figura paterna aparece como defesa em situações de confronto. Também partilhou sentir que o filho acha que ela deve ser mais como o pai e, assim, a presença de idolatração em relação à figura paterna. Após ter sido incentivada uma reflexão sobre a positiva capacidade de análise do P. e, assim, de reconhecer a ambivalência dos seus comportamentos e emoções, a manifestação de arrependimento e de, distinguir o certo do errado, a mãe concordou e reconheceu que é a ela a quem o P. se dirige para conversar ou compreender situações do quotidiano. Quer a vítima direta quer o ofensor são pessoas com as quais a criança tende a identificar-se e a querer como figuras de suporte.

Relatou um episódio desta semana: o Pedro ficou chateado quando soube que o Diretor de turma tinha conhecimento do acompanhamento psicológico na APAC, evidenciando vergonha e medo de ser exposto perante os colegas. Especificamente, a mãe referiu que o filho tem vergonha que os colegas saibam que a mãe foi vítima de violência doméstica. De facto, muitos dos problemas emocionais destas crianças sobrevêm, também, por referência aos outros e ao que este poderão pensar, dizer ou fazer. Este aspeto também está associado ao próprio estigma da APAC, interiorizado pelo P., de que a instituição é apenas dirigida para pessoas com deficiência. Ainda não compreendeu qual o papel das psicólogas na sua vida e de que forma o podem ajudar, aspeto que deve ser tido em conta na intervenção.

Também relatou episódios de violência vivenciados antes de terem saído de casa. Alguns já foram explorados nas sessões anteriores, no entanto, partilhou uma situação nova: após a figura paterna ter agredido a mãe, fugiram de casa e ligaram à tia (irmã mais nova da progenitora) para os ir buscar. O ex-marido perseguiu-os persistentemente, sendo que quando deparados com a necessidade de parar (devido aos semáforos), este chamou o P. para a carrinha, o qual acatou automaticamente a ordem. A mãe decidiu continuar a fugir com a irmã dirigindo-se para a esquadra na qual realizou a primeira queixa. Nesta fase, a tia aparece como uma figura de apoio, tendo a mãe referido que o P. mantém uma relação de proximidade e de apoio com esta. Recorria frequentemente à tia para conversar sobre as vivências familiares.

Também partilhou que, nos últimos 8 meses, o ex-marido fazia longas viagens devido à sua profissão (motorista de longo curso), sendo épocas de bem-estar familiar e individual, na medida em que recuperava o seu espaço pessoal e, assim, a sua individualidade. A mãe manifestou admiração pelo filho, considerando-o um “herói” que percebeu o percurso familiar disfuncional (e.g. as fugas, as mudanças de habitação) como uma “aventura”.

Relatou também dois episódios que ocorreram há dois anos atrás (o P. tinha 8 anos): o pai tentou suicidar-se duas vezes através da ingestão de medicamentos, tendo sido hospitalizado. O P. não presenciou as situações, mas apercebeu-se do sucedido porque a mãe tomou a iniciativa de lhe contar.

Sessão: 5ª

Data do atendimento: 9 de dezembro de 2014

Presença: P., a psicóloga responsável e a estagiária

O P. chegou a sessão adotando uma postura mais colaborante e bem disposta. Desde a última semana, as coisas têm andado calmas em casa e na escola. Passou o fim de semana com a mãe porque o pai encontra-se numa viagem de longo curso. Já não estão juntos há duas semanas, mas têm mantido contacto via telefone. O P. expôs o episódio do telefonema do pai (relatado detalhadamente pela progenitora). Relatou que resolveram as coisas e que, atualmente, ambos tomam a iniciativa de ligar um ao outro (embora a mãe tenha referido que tinha sido estabelecido o acordo de que, a partir daquele dia, seria o P. a tomar a iniciativa).

Procedeu-se à aplicação do Questionário *Zelazosca*, com a finalidade de avaliar/explorar a dinâmica das relações familiares, atitudes e sentimentos do P. para com a sua família e auto-percepção na constelação familiar. O P. adotou uma postura recetiva perante a tarefa, manifestando disponibilidade e facilidade em exteriorizar os seus pensamentos e sentimentos em relação a cada frase do questionário. De forma global, as respostas vieram confirmar as hipóteses levantadas ao longo das sessões, nomeadamente: o estabelecimento de uma relação de maior proximidade com a mãe; o desenvolvimento de um padrão de vinculação inseguro em que o medo de abandono ou perda marcam a relação com os progenitores; a existência de um perfil dócil, além da agressividade recorrentemente manifestada; elevada preocupação com o bem-estar/felicidade dos progenitores e com o futuro das relações familiares; necessidade excessiva de estar com a mãe; ausência de um sentimento de pertença na constelação familiar; e desmotivação escolar.

A aplicação do questionário também veio acrescentar informações sobre as mudanças vivenciadas por esta família. O P. verbalizou a presença de suspeita de gravidez da nova namorada do pai, manifestando alegria em relação à entrada do novo elemento na família. Quando o grupo familiar se modifica, desaparecem e podem surgir novos pais, parentes, crianças, histórias, sistemas de valores, papéis e lugares. Quando na nova família entram outras pessoas alteram-se e/ou perdem-se espaços, posições (e.g. na frateria), podem surgir novos modelos de comportamento, novos hábitos e, ainda, interferência entre as velhas e

novas alianças (Ferraris, 2002). Todas estas mudanças, além de exigirem a criação de novas alianças, terão um impacto no *lugar* que o P. sempre ocupou na família: com a entrada de um bebé na família, deixará de ser o filho único e, assim, o único foco de atenção do subsistema parental. Tendo em conta o seu padrão de vinculação insegura e ausência de sentido de pertença, esta vivência poderá constituir um fator de crescimento ou, por outro lado, de estagnação. É essencial ajudar o P. a ligar o passado ao presente, a repensar a sua história familiar e sentimentos associados e, assim, a elaborar o luto pela perda do estilo de vida anterior: da presença quotidiana do progenitor, bem como da sua atenção integral porque entraram novas pessoas na sua vida (namorada e um filho).

Sessão: 6^a

Data do atendimento: 23 de dezembro de 2014

Presença: P., a psicóloga responsável e a estagiária

O P. chegou 15 minutos atrasado. Adotou uma postura de resistência, bem como uma expressão facial marcada por negativismo. Disse que ia passar o Natal só com a mãe porque ele e o pai chatearam-se: o pai ligou ao filho e este tinha novamente o telemóvel desligado. Não descreveu detalhadamente o episódio. Relativamente à suspeita de gravidez da namorada do Pai, confirma-se que esta está grávida de uma menina. Quando explorámos os seus sentimentos associados à entrada deste novo elemento na família, o P. disse que “*não queria saber*”. Salienta-se que na sessão anterior, manifestou alegria em relação à possibilidade de vir a ter um irmão. Esta mudança de atitude parece dever-se ao desentendimento com o pai.

Expressou, novamente, desinteresse em continuar a frequentar as consultas de Psicologia, afirmando que “*não é maluco*”, nem tem “*problemas de cabeça*”, evidenciando a permanência de crenças erróneas acerca da Psicologia e do papel do psicólogo. Esta resistência em se envolver no processo terapêutico pode estar ainda associada ao facto do próprio pai alimentar a ideia de que os psicólogos são “*para malucos*”. Assim, o P. continua a perceber as sessões de Psicologia como uma obrigação e um “*fardo*”. Posto isto, procedeu-se a uma reflexão sobre a sua situação e história de vida, bem como sobre o papel e a importância da psicologia na sua vida (presente e futura).

Sessão: 7^a

Data do atendimento: 6 de janeiro de 2015

Presença: P., a mãe e a estagiária

A sétima sessão coincidiu com o dia de aniversário do P. (fez 11 anos), tendo sido a

sessão organizada e levada a cabo pela estagiária. Logo que entrámos no gabinete notou-se uma postura de resistência por parte do P., bem como uma expressão facial marcada por negativismo e fraco contacto ocular. Procedeu-se à exploração do seu estado de ânimo, tendo a mãe referido que o filho estava chateado porque não o deixou faltar às aulas. O P. referiu que queria passar o seu dia de anos com a mãe, mostrando-se chateado pelo facto de estar na APAC e ter de ir à escola. Em conjunto, refletimos sobre a importância da dimensão da responsabilidade e compromisso face à escola e, de seguida, sobre como poderiam utilizar o restante tempo livre.

De seguida, procedemos à exploração do período de festas. Na sessão anterior, o P. tinha referido que ia passar o Natal com a mãe porque se tinha chateado com o pai: o pai ligou ao filho e este tinha o telemóvel desligado. A mãe referiu que o filho e o ex-marido resolveram o conflito. Passou o dia 24 e 25 em casa da avó materna com a mãe, avós maternos, tios e primos, tendo ambos referido que “correu tudo bem”. No dia 25, ao final da tarde, foi para casa do Pai, onde permaneceu até dia 1 de Janeiro. Disse que gostou de estar lá, no entanto, a mãe fez referência a uma situação que aconteceu antes da sua ida para casa do pai. O P. começou a chorar, na presença de todos os membros da família materna, porque não queria ir para casa do pai.

Procedeu-se à exploração desta experiência, no sentido de alcançar uma reflexão sobre a situação em si, mas sobretudo de trazer à superfície elementos da dinâmica relacional entre pai e filho que tem surgido como uma espécie de *tabu*. O P. recusou-se a falar, dando a palavra à mãe. A mãe considera que o filho sentiu medo de ir para casa do pai, por um lado, por receio que alguma coisa lhe acontecesse e, por outro lado, porque ia deixar a mãe sozinha. O P. disse que não sentiu medo, mas que, naquele momento, preferia estar com os primos e com a mãe. Contudo, a experiência de medo em relação ao pai acabou por ser exteriorizada, pelo próprio, num momento posterior da sessão. Quando refletíamos sobre a possibilidade de envolver o pai no processo terapêutico, manifestou choro fácil: disse que não queria que convidássemos o pai porque ele ia ficar chateado. Nesse momento, exteriorizou o seu medo em relação à figura paterna, “*ele ainda me vai bater*”, evidenciando um padrão de emoções contraditórias. Por um lado, manifesta o desejo de proximidade e alegria em estar com o pai, por outro lado, permanece o medo resultante das vivências familiares passadas. Perante isto, considerou-se importante respeitar o seu *tempo* e adiar o convite ao pai.

Outro dos aspetos trabalhados prendeu-se, novamente, com a sua perceção acerca do processo terapêutico, uma vez que verbalizou que queria ir embora, que “não tinha nada para falar” e que geria bem os seus problemas sozinho (fala com um amigo sobre as suas

experiências). O P. adotou uma postura de contradição dizendo à mãe: “*tu fazes-me mal em meter-me aqui...e o pai, não tem nada a dizer? Ele também manda em mim*”. A mãe respondeu que ela é a detentora da sua guarda e, portanto, toma as decisões tendo em conta o seu bem-estar. Partilhou também que tudo seria mais fácil se ela e o ex-marido mantivessem uma relação na qual fosse possível comunicar e tomar decisões em conjunto, manifestando o desejo de desenvolvimento de fronteiras nítidas entre o subsistema conjugal e o parental.

A mãe referiu ainda que a nova namorada do pai é psicóloga, aspeto que a tranquiliza na medida em que criou expectativas de que a profissão da mesma constituiria um elemento protetor do filho: alguém com quem poderia conversar. Face a esta partilha, o P. colocou a seguinte questão à mãe: “*Vou falar a ela do Pai para depois ela ir contar tudo?*”. De certa forma, o silêncio do P. sobre aquilo que o preocupa, as suas ansiedades e tensões foi *quebrado*, podendo a questão colocada ser interpretada como um *pedido de ajuda*, talvez inconsciente, da necessidade de um espaço *contentor* dos seus medos, tensões e angústias associados à figura paterna e, no geral, à sua história familiar complexa.

Sessão: 8ª

Data do atendimento: 13 de janeiro de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável a estagiária

O P. chegou novamente à sessão com uma postura de resistência e desinteresse. Tendo isto em conta, a psicóloga planeou uma atividade lúdica, sem no entanto, perder de vista os objetivos terapêuticos. Procedeu-se à leitura do livro “*O diário do um Banana...e o Meu*”. Este livro consiste num inovador diário interativo, baseado no próprio diário de Greg Heffley, que permite às crianças e jovens expressarem-se de uma nova forma lúdica. Repleto de ilustrações originais, este diário contém páginas pautadas e balões de diálogo vazios para os jovens poderem criar as suas próprias histórias e bandas desenhadas, fazer o registo das coisas preferidas e menos preferidas e escreverem as suas memórias.

O P. tornou-se muito colaborante e recetivo face à atividade, talvez por prever que não iríamos explorar as suas relações e experiências familiares. No entanto, acabaram por emergir temas associados à sua realidade familiar. Identificou como o pior pesadelo a separação dos seus pais, contudo teve dificuldade em aprofundar o tema manifestando inquietude. Foi a primeira vez que mencionou espontaneamente este evento familiar. Noutra tarefa, sobre os seus sonhos, partilhou que queria ser feliz com os pais, mas que não queria que os pais estivessem juntos devido às experiências de violência. Tendo isto em conta, não parece estar presente a fantasia e o desejo de que os pais possam estar novamente juntos devido aos

problemas de violência doméstica. Também não se denota uma ambivalência afetiva face à nova união do pai, até porque refere manter uma relação positiva com a namorada do pai.

Apontou como o melhor momento com os seus amigos fazer asneiras, especificamente, partir vidros e atirar pedras contra as casas. Ao longo das últimas sessões, tem-se verificado que é frequente o seu envolvimento em comportamentos delinquentes. O P. traz consigo, na sua *bagagem* psíquica, marcas de uma história de desamparo e violência, pelo que os seus comportamentos delinquentes podem representar a procura de uma estrutura, de um espaço de pertença e *contenção*. A ausência de um sentimento de pertença e de uma estrutura familiar, podem estar na base destes comportamentos de forma inconsciente e indireta (Minuchin, 1982), tornando evidente fragilidade ao nível da sua organização psíquica interna.

Sessão: 9^a

Data do atendimento: 20 de janeiro de 2015

Presença: P., a mãe, a psicóloga responsável e a estagiária

O P. chegou à consulta muito bem disposto, adotando uma postura colaborante e recetiva. O envolvimento da mãe tem vindo a promover maior motivação, disponibilidade emocional e sentido de compromisso por parte do mesmo.

No início da sessão, procedemos à realização de mais algumas atividades integrantes do livro “O diário do um Banana...e o Meu”. Uma das tarefas consistiu na elaboração conjunta da árvore genealógica que, de certa forma, consistiu na *porta de entrada* para a aplicação do Genograma e, assim, dar resposta aos objetivos do programa de intervenção delineado. Uma vez que chegaram muito atrasados à sessão, foi apenas possível começar a traçar a estrutura familiar. Interpretaram a atividade como uma tarefa conjunta: a mãe desenhou e o P. escreveu os nomes das pessoas. Mantiveram-se muito próximos um do outro, sendo notável a preocupação da mãe em promover a integração ativa do filho na tarefa. Nesta fase, ainda inicial, emergiram breves comentários que levaram à reflexão sobre a qualidade das relações entre o P. e dois primos mais velhos, com quem mantém relações de proximidade e apoio. Salienta-se que o P. foi fazendo referência a fotografias de família, pelo que solicitámos que trouxessem, para a próxima sessão, fotografias da família úteis na reconstrução da história familiar e testemunha de aspetos fundadores das vivências e significados atribuídos às mesmas (Andolfi, 2013).

A mãe relatou um episódio de automutilação. O pai ligou ao P. mas este não atendeu porque esquece-se do PIN. O pai ligou à mãe para falar com o filho e, inicialmente, não acreditou na justificação do filho. O P. sentindo-se revoltado cortou o braço com uma tesoura.

A mãe acrescentou que quando o P. era mais novo também chegou a cortar-se algumas vezes. Estes episódios de automutilação poderão ter aqui como significado uma escapatória, uma forma de alívio e de liberdade face a todas as dificuldades que vive e viveu (Andolfi & Mascellani, 2010). O sintoma também pode aparecer como uma forma do P. sentir o poder nas suas relações instáveis e, portanto, se sentir seguro. A este nível, é importante referir que estes episódios tendem a ocorrer em momentos nos quais o P. sente uma maior insegurança, especificamente, quando entra em conflito com o pai.

Sessão: 10^a

Data do atendimento: 27 de janeiro de 2015

Presença: P., a mãe, a psicóloga responsável a estagiária

Nesta sessão, foi dada continuidade à aplicação do Genograma. No início da sessão, denotou-se alguma tensão entre o P. e a mãe, devido a uma situação de conflito que ocorrera algumas horas antes: a mãe deu um par de sapatilhas do P. (porque estavam rotas) sem o seu consentimento. Ajudámos o P. e a mãe a refletirem sobre a situação através da partilha dos pontos de vista de ambos, tendo a tensão diminuído. O P. trouxe dois álbuns de família, os quais utilizámos como recurso para conhecer os vários membros da família, continuar a desenhar a estrutura da família, bem como refletir sobre algumas vivências e relações familiares. Denotou-se uma postura dócil, de maior abertura e disponibilidade emocional para refletir sobre as pessoas e a qualidade das suas relações, pelo que a introdução destes temas já não parecem invadir de forma tão significativa o seu espaço pessoal.

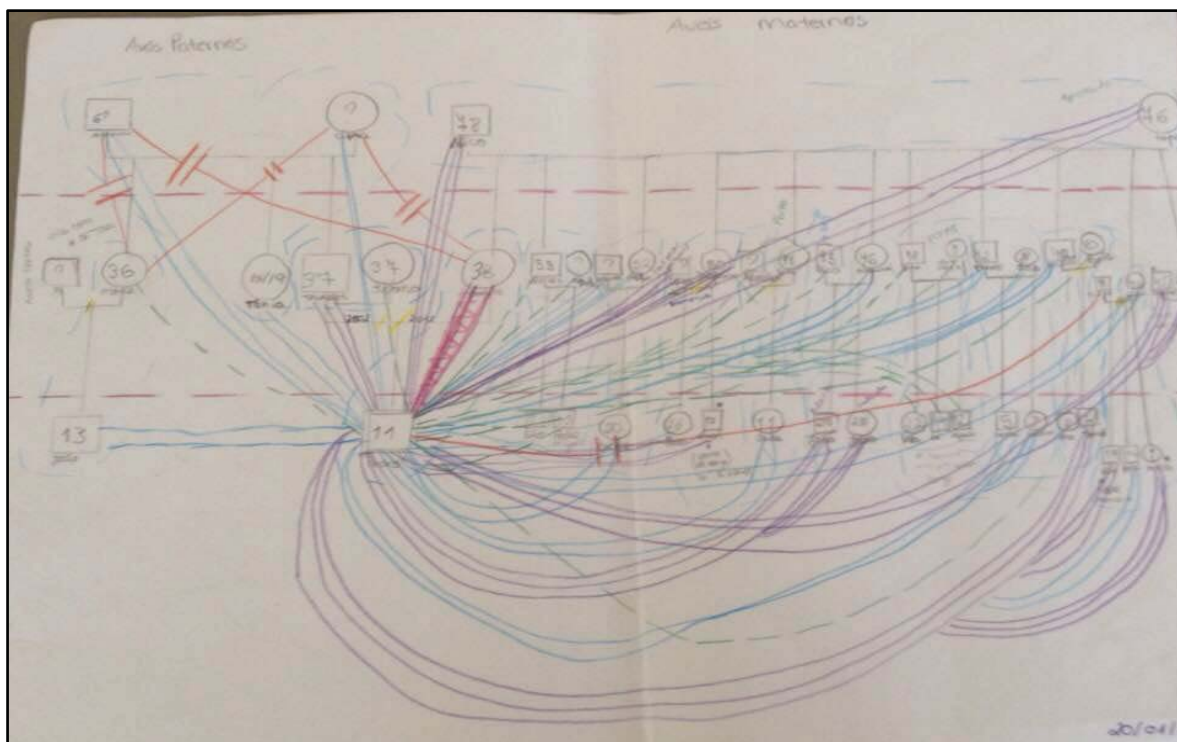
Sessão: 11^a e 12^a

Data do atendimento: 3 de fevereiro de 2015 e 10 de fevereiro de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável a estagiária

Nesta décima primeira e segunda sessão, foi dada continuidade à aplicação do *Genograma*. A mãe partilhou uma situação relativa ao comportamento do P. no contexto escolar. Têm surgido queixas por parte de alguns pais, os quais alegam que o P. tem adotado uma conduta hostil e agressiva para com os colegas. Apesar de alguma resistência em falar sobre o assunto, é importante ressaltar que este demonstra algum *insight* acerca da sua conduta. A mãe vai à escola falar com o diretor de turma.

Ao longo destas sessões explorámos e refletimos, junto do P., sobre a qualidade das suas relações familiares, sendo notável uma maior abertura para partilhar vivências familiares e refletir sobre as suas relações.



O P. é o único filho nascido do casamento dos progenitores (J. e P.) que culminou no divórcio, em Dezembro de 2012, devido a maus-tratos e violência doméstica do pai para com a mãe. O P. sempre esteve presente e assistiu a esses episódios, mantendo sempre uma atitude protetora para com a mãe. Em Agosto de 2012, mãe e filho fugiram para uma Casa Abrigo, na qual permaneceram até Junho de 2013 (altura em que se autonomizaram). Atualmente a guarda do P. é da mãe, com quem vive, e ocorrem visitas quinzenais por parte do pai. O pai é camionista, profissão que exige viagens de longo curso, sendo que quando ainda casados a mãe e o P. acompanhavam-no nas viagens.

J. (mãe) cresceu no seio de uma família numerosa, composta pelos progenitores e 11 filhos. O ambiente familiar e as relações entre todos são descritas como muito positivas e próximas. Desde pequenos, todos os filhos ajudavam nos negócios da família (supermercado e loja de eletrodomésticos). Quando J. tinha 18 anos o pai (concebido como um herói) sofreu um derrame cerebral que desorganizou o funcionamento familiar, levando a que a esposa passasse a assumir a responsabilidade pelos negócios, sempre com a ajuda dos filhos. Por sua vez, o pai do P. cresceu num agregado familiar composto pelos progenitores e duas irmãs mais novas (M. e T.), cuja dinâmica relacional sempre foi caracterizada pelo conflito, pela distância interpessoal e estilos comunicacionais abusivos por parte da figura paterna para com a esposa e os filhos. Atualmente a irmã mais nova do pai não tem contacto com a família origem, por ter ajudado o P. e a mãe a fugir. Por conseguinte, foi realizado um corte

emocional entre a mãe do P. e a família de origem do ex-marido, o qual é sentido pelo P. como difícil, trazendo algum receio de perder a ligação com a estirpe paterna. Qualificou a relação com os elementos da estirpe paterna como próxima. O pai tem uma namorada, com quem o P. estabelece uma relação afastada, apesar de se dar bem com esta.

Já antes do casamento dos pais do P., imperava na relação de casal a violência física e psicológica. O P. foi vítima de mau trato psicológico, na medida em que no seio familiar não houve um ambiente de tranquilidade, bem estar emocional e afetivo, mas um clima de terror e de medo (Machado & Gonçalves, 2002). O seu contexto familiar nuclear assumiu-se como um *lugar* de perigo, criando um mundo confuso e pouco seguro (Machado & Gonçalves, 2002). Ao longo dos anos a violência constituiu um *segredo* por vergonha, sobre o qual apenas tinha conhecimento a irmã mais nova da mãe (S.) e a sua cunhada (T.), concebidas como os seus pilares. Contudo, quando a família de origem da mãe teve conhecimento, tornou-se um recurso fundamental para a díade mãe-filho.

De forma global, observamos uma qualidade relacional positiva entre o P. e a maioria dos familiares, notando-se no seu discurso que a família constitui algo muito importante na sua vida. Atualmente, vive com a mãe com quem tem uma relação muito ambivalente, caracterizada por abruptas oscilações emocionais entre afetividade e agressividade, semelhante àquela vivenciada pelos progenitores. Tal como se verifica no Genograma, o P. qualificou a relação com a progenitora como próxima e de conflito. A este nível verifica-se a repetição de um padrão relacional marcado pela proximidade e pelo conflito em ambas as gerações (mãe-filho e mãe-pai). No entanto, denota-se que a mãe é o seu “porto de referência”, manifestando em algumas situações, ansiedade de separação da mesma e uma vinculação insegura (medo de perda). Quanto ao pai, apesar de mostrar agrado em estar com este, a relação é marcada por alguma tensão e medo, na medida em que o P. tem atitudes e comportamentos na presença deste, que são altamente condicionados pela forma como o considera que o pai as irá interpretar/aceitar. O P. não consegue manifestar os seus sentimentos de desagrado/discordância de algumas situações, por temer a reação deste. Ao longo do acompanhamento verificou-se uma alteração significativa na forma como se referia ao pai, mostrando por um lado, grande admiração e uma necessidade de proteção da figura paterna, sendo esta imagem gradualmente alterada para manifestações de medo. A sua perceção da relação com o pai como extremamente positiva e próxima parece refletir uma ausência emocional significativa acompanhada de um desejo de relação e proximidade refletida na qualidade relacional desenhada (uma relação muito íntima).

Cessada a aplicação do *Genograma* perspetiva-se aprofundar os aspetos que emergiram

junto do P. e a mãe, no sentido de trabalharmos sobre a sua história relacional que claramente se encontra no pano de fundo das suas dificuldades comportamentais e emocionais. No âmbito do modelo relacional estes instrumentos apresentam-se como meios de intervenção e não apenas de avaliação. Contudo, devido à divergência de modelos de intervenção não foi possível levar a cabo este tipo de trabalho e continuar a trabalhar sob esta perspetiva.

Sessão: 13^a

Data do atendimento: 24 de fevereiro de 2015

Presença: mãe, a psicóloga responsável a estagiária

A décima terceira sessão foi realizada apenas com a mãe, a seu pedido, devido a um conflito que ocorreu entre pai e filho. Iniciámos a sessão com a partilha de um episódio em que o pai ligou ao P. tendo sido o conteúdo da conversa marcado por ameaças e cobranças por parte do primeiro para com o segundo. De acordo com o discurso da mãe (e o conteúdo do telefonema disponibilizado em gravação), o ex-marido culpabilizou o filho de não entrar em contacto consigo e, assim, do afastamento entre os dois durante um mês. O pai disse ao P. que a relação deles tinha terminado e para considerá-lo como “*morto*”. Este telefonema também culminou em ameaças contra a mãe e o P., tendo o pai referido que iria tornar a vida deles “*num inferno*”. O telefonema culminou numa grande instabilidade emocional por parte do P., o qual desenvolveu, nos dias posteriores, um grande sentimento de medo em relação a possíveis atitudes do pai. Arrepentido, o pai ligou novamente pedindo desculpa ao P. pelo que havia dito e foi buscá-lo. De acordo com a mãe o encontro correu bem.

Face à partilha da mãe, refletimos sobre o facto das dificuldades do P. terem crescido e continuarem a afirmar-se num determinado contexto, um contexto marcado pela instabilidade e a insegurança decorrentes da qualidade da relação entre pai e filho (distante a um nível físico e emocional). A própria mãe refletiu sobre a repetição geracional associada ao perfil do P. que oscila entre uma postura dócil e agressiva, o qual sempre foi patente no pai. Além disso, a mãe reconheceu que o padrão interacional, relacional e comunicacional entre pai e filho é semelhante àquele anteriormente desenvolvido pelo casal, referindo que o P. tende a assumir uma postura de submissão perante o pai, tal como ela assumiu durante muitos anos.

Outro aspeto importante que emergiu nesta sessão foi a ausência de regras no que concerne aos fins de semana em que o P. fica ao cuidado do pai. Segundo a mãe, quando o ex-marido vai buscar o filho não é estabelecido o período da estadia, ou seja, nem a mãe ou o P. sabem quando este voltará a casa e quanto tempo ficará fora. Esta ausência de estrutura parece estar associada à ausência de comunicação entre o casal, sendo que inevitavelmente alimenta

a instabilidade vivenciada. Quando aprofundamos com a mãe a forma como ela gere a sua vida, tendo em conta esta dinâmica, esta referiu viver em função do filho, tornando-se evidente a ausência da sua individualidade que continua patente mesmo após o divórcio.

Por fim, a mãe partilhou que está a considerar emigrar com o P., sendo as motivações questões económicas e o bem-estar do P. A este respeito é importante ter em conta dois aspetos. Por um lado, poderá ser uma oportunidade para alcançarem uma melhoria ao nível da qualidade de vida, bem como maior estabilidade emocional. Contudo, é preciso ter em conta que a emigração implicará o corte relacional entre pai e filho e, portanto, as implicações que tal corte poderá ter na sua vida presente e futura.

Sessão: 14ª

Data do atendimento: 3 de março de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável a estagiária

Nesta sessão procedeu-se à aplicação do instrumento Roberts Apperception Test for Children (RATC). O RATC é um teste projetivo que avalia a perceção que a criança ou adolescente tem do seu mundo interpessoal. Este foi criado para avaliar o desenvolvimento psicológico de crianças e adolescentes entre os 6 e os 15 anos (McArthur & Roberts, 1994). Consiste na apresentação de 16 cartões com desenhos de diferentes situações temáticas interpessoais, solicitando-se à criança que conte histórias a partir dos cartões. Por conseguinte, a interpretação do teste é baseada na hipótese projetiva de que quando são apresentadas às crianças imagens ambíguas de crianças e adultos em interações diárias, estas projetarão os seus pensamentos, preocupações, conflitos e estilos de confronto nas histórias que criam (McArthur & Roberts, 1994).

Verificou-se a projeção da sua própria história e experiências familiares na interpretação dos cartões. Em todos os cartões ilustrativos de interações entre o subsistema parental o P. trouxe a lume a dinâmica relacional vivenciada pelo subsistema parental, na qual a mãe adotava uma postura de submissão perante o marido agressor: *“são os pais a discutirem à frente dos filhos, porque a mãe queria fazer o quarto deles de uma forma e o pai de outra...os filhos estavam a chorar.”*; *“...um homem enervado e a destruir a mobília porque as coisas não foram à maneira dele...”*; *“Um senhor a ver a esposa a tomar banho e viu que ela estava triste porque tinham discutido muito”*. Destacou-se que quando emergiu o tema do conflito parental, o P. atribuiu sempre a vivência de tristeza aos filhos. Da interpretação sobre o segundo e décimo quarto cartão, o P. projetou a relação estabelecida com a mãe, nomeadamente, uma relação ambivalente caracterizada por oscilações emocionais e

comportamentais, no entanto, a figura materna surge como o seu “porto de referência e apoio”: “...uma mãe a abraçar o filho porque o filho tem andado mal...e a mãe está a dar-lhe apoio”; “...uma mãe contente e chateada ao mesmo tempo porque o filho pintou as mãos e sujou a parede...”. No décimo sexto cartão, o P. parece ter projetado o desejo de uma maior proximidade emocional com o pai, sobretudo tendo em conta que no último mês a relação entre ambos tem sido pautada por diversos conflitos e afastamento: “O pai a ver o desenho do filho e a dizer-lhe que estava muito bonito e que tinha muito gosto nele porque tinha sido a primeira obra de arte do filho.”.

Outro aspeto que se destacou foi a transformação familiar que esta família está a viver, com a entrada de um novo elemento na família. A namorada do pai está grávida. O P. tem manifestado alegria em relação à entrada de um bebé na família, sendo que na interpretação do décimo cartão esta experiência emocional tornou-se novamente manifesta: “É uma mãe e um filho felizes por ter nascido um bebé perfeito e muito bonito.”. Esta mudança familiar, além de exigir a criação de novas alianças, terão um impacto no *lugar* que o P. sempre ocupou na família: com a entrada de um bebé na família, deixará de ser o filho único e, assim, o único foco de atenção do subsistema parental. Tendo em conta o seu padrão de vinculação inseguro e ausência de sentido de pertença, esta vivência poderá constituir um fator de crescimento ou, por outro lado, de estagnação. Seria importante refletir com o P. sobre o significado desta transformação familiar.

Nos cartões que faziam alusão à interação conflituosa entre pares, o P. salientou mais a experiência daqueles que se encontravam a ser agredidos (fisicamente ou psicologicamente), destacando mais as dimensões de apoio, proteção, medo e tristeza. Este aspeto parece refletir o seu próprio estado emocional atual decorrente das recentes vivências com a figura paterna que, efetivamente, têm despoletado sentimentos de tristeza e medo e, simultaneamente, a necessidade de proteção e *contenção*.

Sessão: 15^a

Data do atendimento: 17 de março de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável a estagiária

Num primeiro momento da sessão, o trabalho versou sobre a possibilidade do P. participar no programa de intervenção em grupo “Leões Fortes”, tendo sido esclarecidos os objetivos e refletida a pertinência e importância da sua integração considerando a sua história familiar. A mãe mostrou-se muito interessada e espontaneamente questionou o filho sobre o seu ponto de vista. O P. mostrou-se pouco flexível e disponível face à proposta, alegando

sentir vergonha de se expor a si e à sua história familiar no seio de um grupo. O sentimento de vergonha e o silêncio são duas dimensões frequentemente associadas à experiência da violência, fazendo parte do conjunto complexo de sentimentos desenvolvidos pelas vítimas (diretas e/ou indiretas). Deste modo, refletimos com o P. sobre o facto do grupo oferecer uma oportunidade para a partilha e reconhecimento das suas vivências, emoções, pensamentos, preocupações, dúvidas e esperanças e, assim, um espaço de segurança, confiança e de transição no qual cada membro irá interagir em função das representações trazidas pelo grupo. Enfatizou-se o facto de proporcionar o contacto com pessoas que vivem ou viveram experiências e sentimentos semelhantes, bem como a liberdade de partilharem apenas aquilo que desejarem e conseguirem. O P. continuou a mostrar pouca abertura à proposta, contudo combinámos que até à sexta-feira seguinte a mãe iria contactar a APAC a confirmar a sua participação. Assim, o P. terá tempo para refletir sobre a proposta.

Nesta sessão também foi introduzido, pela psicóloga, o jogo “*Eu e os outros*”, com a finalidade de trabalhar sobre as competências sociais do P. Este jogo destina-se a crianças entre os 7 e os 12 anos com dificuldades nas relações sociais, permitindo promover a competência social e de comunicação. Permite tornar a informação social (situações, regras e pistas) mais explícita e aprender de forma lúdica comportamentos sociais adaptativos, promovendo as competências sociais. O P. adotou uma postura muito colaborante e disponível face à atividade, trazendo a lume comportamentos ajustados e desajustados no seio do grupo de pares. Os últimos, reportam à sua ambivalência comportamental e emocional que resultam na dificuldade de autocontrolo quando os pares o contrariam. Contudo, demonstrou *insight* acerca do seu comportamento ambivalente e, em conjunto, refletimos sobre estratégias que o ajudem a descobrir e a desenvolver novas formas de interpretar as situações, bem como de resolver os seus conflitos (e.g. através do diálogo). O seu perfil dócil tornou-se manifesto quando o mesmo relatou algumas situações nas quais interviu para defender alguns colegas que tendem a ser “*gozados*”. Foram exploradas e reforçadas as suas estratégias de proteção para com os outros (fala com os colegas que estão a gozar, questionando-os se gostavam que também gozassem com eles).

Sessão: 16^a

Data do atendimento: 24 de março de 2015

Presença: P., a mãe e a estagiária

Na sessão anterior, foi proposto ao P. a sua participação no programa de intervenção em grupo. A mãe contactou a APAC a confirmar a participação do filho. No dia da primeira

sessão, o P. chegou muito transtornado manifestando um sentimento de raiva, revolta e aversão em integrar o grupo. Estes sentimentos traduziram-se em choro fácil, alguma agressividade e a constante verbalização de ameaças físicas e psicológicas contra a mãe. A mãe confirmou a participação do P. sem o conhecimento deste, tendo sido a técnica do ATL a levá-lo à APAC. Recusou-se a participar na intervenção, tendo ficado com a psicóloga durante o horário da sessão de grupo.

Tendo isto em conta, os objetivos da presente sessão, organizada e conduzida pela estagiária, versaram sobre a exploração/reflexão do significado deste conflito gerado em torno da participação no grupo. Ambos chegaram à sessão manifestando cansaço e tensão, mantiveram-se em silêncio durante algum tempo transmitindo uma sensação de bloqueio na relação. Ambos se recusaram a falar, atribuindo ao outro o papel de contar o sucedido, alimentando o padrão de comunicação rígido que parece vir a intensificar-se ao longo do tempo. Face a esta dinâmica comunicacional pretendeu-se tornar a tensão numa tensão interativa e introduzir a complexidade, através da seguinte proposta: *“Eu tenho um problema, e não acredito que possa ajudá-los se vocês não me ajudarem primeiro. Acho que durante o fim de semana vocês não conversaram um com o outro, não sei o que aconteceu...têm de me ajudar a perceber”*. Com esta intervenção, ambos foram forçados a abandonar o papel de espectadores passivos, impotentes e a tornarem-se protagonistas numa situação que os obrigou a exporem-se pessoalmente e, não menos importante, a partilhar as suas angústias junto um do outro. A mãe explicou que tinha confirmado a participação do P. sem o seu conhecimento porque sabia que de outra forma não participaria. Partilhou sentir-se cansada, sem forças, verbalizando a falta de expectativas de futuro e esperança de mudança. No sentido de quebrar o bloqueio de comunicação mãe-filho, devolveu-se a angústia sentida por ambos: *“ Sinto que a mãe está realmente cansada, parece que quer desistir...o P. também me parece cansado, mas também traído”*. O P. expressou o sentimento de traição e revolta pelo facto da mãe ter tomado a decisão sabendo daquilo que o assustava em participar no grupo.

A partir daqui, ambos partilharam a sua experiência em relação ao sucedido, culminando numa reflexão sobre o real significado deste conflito. O P. descreveu a atitude da mãe como um ataque a si próprio, uma forma de o atingir *“fazendo coisas nas suas costas”* e de se livrar do papel de mãe *“que deve cuidar e proteger”*. Por sua vez, a mãe interpretou a sua atitude como uma obrigação do seu papel enquanto mãe que já não *“sabe mais o que fazer para o ajudar”*. Solicitou-se que ambos se colocassem no lugar do outro e expressassem aquilo que estavam a sentir em relação ao outro. Este exercício foi realizado através da própria troca de lugares no *setting*. Colocando-se no lugar da mãe, o P. referiu que a mãe o

quer mandar embora para casa do pai porque continuamente o questiona sobre isso, que já não quer ser mãe dele porque acha que ele é “*maluco*” e por isso faz coisas “*nas suas costas*”. Assim, trouxemos a lume e refletimos sobre o sentimento de exclusão e insegurança na relação com a mãe, a qual sempre foi concebida e sentida como o principal porto de abrigo onde encontra estabilidade e segurança. A mãe, perplexa e adotando uma postura defensiva, questionou o filho: “...*estás sempre a dizer que somos pobres e que eu não te dou nada...se calhar eras mais feliz com o pai*”, resultando em choro fácil e revolta por parte do P.: “...*porque é que estás sempre a dizer isso?*”. Perante a questão: “...*como se sentiria se a sua mãe, a única pessoa com quem vive, lhe dissesse que seria melhor ir viver com o pai ou para outro lugar qualquer?*”, a mãe referiu que se sentiria abandonada, desiludida e “*sem chão*”. A mãe reconheceu o sentimento de traição e exclusão sentido pelo filho, afirmando: “...*eu faço tudo por ele, eu só quero o bem dele mas ele usa o pai para me atingir...eras mais feliz com o pai?*”, ao que o P. respondeu “...*és sempre a santinha...queres me virar contra o pai, já não bastou me afastares da família do pai*”. A partir desta partilha refletimos sobre o significado atribuído ao afastamento familiar que, em sessões anteriores, foi refletido como resultado da situação de violência e do conseqüente corte relacional vivenciado entre a progenitora e a família do ex-marido.

O P. culpa a mãe pelo afastamento, pelo que tornou-se importante ajudá-lo a aproximar-se da experiência da mãe na altura da violência e refletir sobre a relação entre a história familiar e as dinâmicas relacionais atuais entre os diferentes membros da família. Assim, terminámos a sessão com uma reflexão mais aprofundada sobre os sentimentos da mãe aquando a violência familiar - sofrimento, solidão, medo e desamparo - os quais foram reconhecidos como presentes na dinâmica relacional atual entre mãe e filho. Esta discussão foi muito importante para conseguirmos aproximar o P. do sofrimento e das angústias da mãe (e vice-versa) e, sobretudo, descentralizar a sua função enquanto *paciente identificado*.

Sessão: 17^a

Data do atendimento: 5 de maio de 2015

Presença: P., a mãe, a psicóloga responsável e a estagiária

Esta consistiu numa consulta dividida em que a Mãe ficou com a Psicóloga e o P. ficou com a Psicóloga Estagiária. O P. chegou à consulta adotando uma postura muito resistente e de desafio. A partir do *Genograma*, perspectivava-se refletir com o P. sobre as suas relações familiares, especificamente, sobre as angústias que o têm acompanhado na relação com a mãe e o pai. Contudo, não se mostrou disponível para aprofundar sobre as diferentes propostas de

reflexão. Permaneceu deitado sobre a mesa, fazendo comentários hostis sobre o que poderia estar a acontecer na sala onde se encontrava mãe: “...só podem estar a falar mal de mim”. Ao longo do tempo tem-se verificado a negação da relação terapêutica, comunicada através de uma postura hostil e de desafio para com as psicólogas e a própria mãe. Quando são realizadas sessões conjuntas, torna-se mais disponível para refletir sobre temas que remontam à sua história familiar.

Sessão: 18^a

Data do atendimento: 12 de maio de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável e a estagiária

O P. chegou à consulta adotando uma postura de menor resistência e desafio. Iniciámos com a exploração do percurso escolar. Já iniciada a fase de testes, manifestou confiança em relação ao seu desempenho, mas alguma preocupação perante a possibilidade de reprovar. A sua principal dificuldade e preocupação versa sobre a disciplina de Matemática, contudo considera-se capaz de alcançar uma nota positiva se estudar. O P. revela ter consciência de que os resultados negativos não derivam de dificuldades associadas à não compreensão dos conteúdos lecionados, mas à dedicação e empenho investidos. Contudo, ainda não começou a estudar para os testes da próxima semana.

Atendendo à verificada negação da relação terapêutica e a pobre disponibilidade emocional para exteriorizar/partilhar experiências familiares, a psicóloga optou pela introdução de uma atividade congruente com o seu interesse e estado emocional: o jogo “*Eu e os outros*”. Os temas associados à história e atualidade familiar parecem, novamente, invadir de forma significativa o espaço pessoal do P., pelo que com esta abordagem a psicóloga pretendeu alcançar um maior envolvimento na relação terapêutica e desconstruir a perceção desta relação como um espaço controlador e repressivo. Adotou uma postura muito colaborante perante a atividade, interagindo positivamente.

Sessão: 19^a

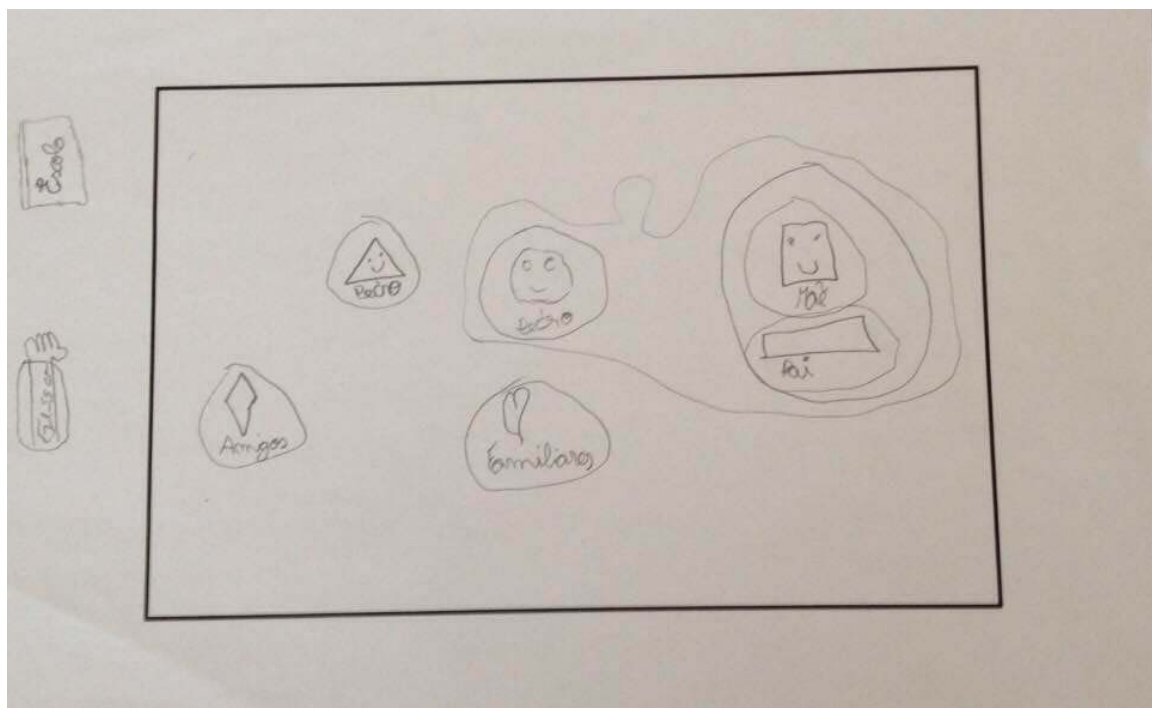
Data do atendimento: 19 de maio de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão, organizada e conduzida pela estagiária, procedeu-se à aplicação da *Dupla Lua*, no sentido de aprofundar as fronteiras, pertenças e ausências dentro da família e conhecer os polos de conflito atuais. O P. mostrou-se muito recetivo e disponível. Apesar de revelar alguma dificuldade em refletir sobre os aspetos que emergiram no desenho, confirma-

se a vivência de um conflito de pertença e ambivalência emocional no que concerne às suas principais relações, que o próprio associa à emigração que se aproxima. Em Agosto o P. e a mãe vão viver para a Suíça (para casa de uma irmã da mãe – tia S.). O pai autorizou com a condição de virem a Portugal, pelo menos, uma vez por ano. Pela primeira vez em muito tempo, os pais conseguiram conversar sem emergir conflito o que deixou o P. muito feliz.

O P. já não está com o pai desde a Páscoa devido às viagens laborais de longo curso mantendo contacto via telefone. Estes temas emergiram espontaneamente durante a aplicação, pelo que refletimos sobre o significado desta mudança familiar, a qual se encontra estritamente associada à sua identidade familiar.



Síntese dos resultados

Depois de se desenhar a si próprio, o P. desenhou, em segundo lugar, um amigo mais velho (P.); depois desenhou a mãe, o pai e finalizou desenhando a escola no espaço exterior ao retângulo. Estes foram os elementos desenhados espontaneamente. Quando colocada a quarta instrução, sobre os elementos ausentes, desenhou um símbolo para representar todos os familiares da estirpe materna e paterna, bem como outro símbolo para representar os amigos. Deparamo-nos com quatro símbolos desconexos e uma ausência de relações significativas que assegurem a construção da própria identidade. Acrescentou, no espaço exterior ao retângulo, um braço partido (partiu o braço a andar de bicicleta na casa dos avós maternos).

Na análise das diferentes fronteiras sistémicas verifica-se, nas fronteiras individuais,

uma tendência ao isolamento traduzida na ausência de pessoas significativas desenhadas espontaneamente e no seu discurso, bem como no facto de ter rodeado cada membro separado, como se não fosse possível incluir várias pessoas no mesmo espaço. Antes da quinta instrução, relativa ao campo do desejo, coloca as pessoas como se cada membro formasse uma família separada. O espaço externo ao retângulo foi preenchido por duas experiências negativas (ir para a escola e ter o braço partido). Os limites do retângulo parecem significar separação e não a base de distinção/intercâmbio com o mundo extrafamiliar.

Verifica-se uma modalidade gráfica não integrativa em que cada pessoa corresponde a uma família, em que não há sentido de unidade e coesão. Apesar de partilharem o mesmo espaço na folha os elementos não mantêm conexões entre si. Aparentemente, o P. não se reconhece na pertença a nenhum contexto familiar. Afirmou que não tem uma família por ter pais separados. A sua conceção de família é associada ao modelo tradicional familiar, revelando a não integração da organização familiar e da sua história no presente. Verbalizou sentir-se diferente das outras famílias. A dificuldade de se enquadrar numa família traduz-se num grande isolamento e num sentido de desvinculação por não conseguir satisfazer a dupla pertença. Foi evidente o evitamento em posicionar-se a favor de um ou outro polo familiar (progenitores), parecendo existir uma ação de evitamento do conflito, ficando reforçada a ideia da solidão e inadequação sentidas. Considera a mãe e o amigo P. como “*portos de abrigo*” a quem recorre para obter apoio emocional. Continua a negar, consciente ou inconscientemente, a complexidade/fragilidade subjacente à relação com o pai, descrita como muito íntima e próxima talvez como forma de proteger a relação idealizada.

Destacou-se a inicial exclusão da linhagem materna e paterna, apresentando-se um problema na construção das fronteiras intersistémicas entre a família nuclear e as diferentes origens familiares. Tal como explorado e refletido na aplicação do *Genograma*, o triângulo conflituoso entre a figura materna e a família de origem do ex-marido (decorrentes das experiências de violência) e consequente corte relacional culminou num afastamento do P. em relação à família alargada, o qual é vivenciado com tristeza e concebido como uma ausência significativa. A mudança de localidade à qual a díade mãe-filho se viu obrigada, para fugir da figura paterna, é concebida como a motivação desse afastamento familiar. No *Genograma* familiar observamos uma qualidade relacional positiva entre o P. e a maioria dos familiares, contudo devido às experiências familiares complexas e a emigração que se aproxima, o P. sente e teme o aumento do afastamento físico e emocional: “...já quase nem estou com eles e cada vez vou estar menos...mas posso pô-los aqui”. Este aspeto é representado graficamente, pois englobou os familiares todos no mesmo símbolo sem diferenciar posições, papéis ou

proximidades. Através da exploração do significado relacional da sua hesitação em incluir a família alargada no espaço relacional, verificou-se falta de esperança na manutenção das relações. Para o P., a emigração engloba um complexo de sentimentos e emoções que refletem ambivalência emocional e insegurança individual e familiar. Por um lado, verbaliza o desejo de ir para a Suíça para que a mãe possa viver melhor financeiramente, afirmando que não se quer separar desta e perspetivando a diminuição dos conflitos. Por outro lado, além de se sentir inseguro perante um país diferente, o futuro, reconhece que sentirá falta do pai e do resto da família. O P. viveu muitos *cortes* e uma “infância nómada” (viagens com o pai), o que poderá influenciar a sua perceção de “não pertença” a nenhum *lugar/história*. Pode-se colocar a hipótese da emigração reativar toda esta experiência não elaborada e integrada.

A família nuclear pode caminhar para um grau de diferenciação onde predominará um espaço de organização e funcionamento da diferenciação através do afastamento físico relativamente à figura paterna, concebido como espaço de segurança que evita o conflito e a instabilidade (Elkaim, 1989). A confusão ao nível dos papéis familiares que têm subjacente a ambiguidade e pouca firmeza das fronteiras individuais e geracionais é observável no desenho através da colocação dos símbolos: parece que estão todos no mesmo plano.

A dificuldade de aceitação e integração da sua história e realidade familiar tornou-se evidente quando foi colocada a última instrução que abre espaço à expressão do desejo e dos projetos para o futuro. Começou por recusar utilizar a *varinha* mágica, revelando ausência de sonhos e dificuldade de projeção no futuro, de criar expectativas que orientem e motivem o presente. Posteriormente, envolveu o pai e a mãe no mesmo círculo e, de seguida, incluiu-se no mesmo círculo verbalizando o desejo de ter uma família (através da união dos pais). Levanta-se a hipótese de um luto não elaborado em relação ao divórcio, refletido no desejo desesperado de união que implica necessariamente a união do ex-casal e que continua a dificultar a formação da sua identidade familiar. Esta hipótese fundamenta-se no conteúdo verbal supramencionado e no conteúdo gráfico. No desenho, verifica-se proximidade entre os símbolos dos progenitores. O P. coloca todas as suas expectativas futuras em ver os pais unidos, levando-nos ao tema que faz referência à dimensão temporal, à relação entre passado, presente e futuro. O P. continua a revelar pouca disponibilidade emocional para entrar em diálogo com o passado assumindo uma posição *crystalizada* no tempo, impedindo a atribuição de novos significados à sua história e relações familiares e, portanto, de perspetivar um futuro diferente.

Sessão: 20^a

Data do atendimento: 26 de maio de 2015

Presença: P., a psicóloga responsável e a estagiária

Cessado o período de estágio, esta foi a última sessão na presença da estagiária. Tendo em conta os temas que emergiram durante a aplicação da Dupla Lua e a mudança que se aproxima, os objetivos versaram sobre a exploração/reflexão acerca das suas expectativas e possíveis receios subjacentes ao novo projeto de vida: a ida para a Suíça (em Agosto). O P. adotou uma postura colaborante e disponibilidade para refletir sobre o tema.

Quando teve conhecimento da emigração ficou “*espantado*” identificando como primeira e principal preocupação a reação do pai. Reconhece que a primeira reação foi negativa, a qual culminou em insultos à mãe e chantagem emocional para consigo: “...*tu queres ir...já não gostas de mim?*”. O pai acabou por concordar, tendo o P. salientado novamente o desejo do pai em estar com ele, pelo menos, uma vez por ano durante 15 dias. Esta exigência parece ter um significado importante para o P., na medida em que apesar da tensão e medo ainda sentidos em relação às atitudes e comportamentos do primeiro, continua a mostrar agrado em estar com o pai e manter uma relação de proximidade. Talvez inconscientemente, o P. mostrou-se menos defensivo em tornar manifesta essa ambivalência emocional, aspeto fundamental para o alcance de uma visão mais realista sobre as relações familiares e, conseqüentemente, as expectativas futuras (desejo de reunificação dos pais). Outra situação que fundamenta esta dinâmica relacional foi partilhada pela mãe na sala de espera. O P. passou o fim de semana com o pai e correu bem, contudo manifestou receio perante uma possível tentativa de rapto por parte do pai.

Solicitou-se a partilha dos aspetos positivos e menos positivos/mais difíceis que o P. associa a esta mudança. Identificou como aspetos positivos a entrada numa cultura diferente e a oportunidade de conhecer pessoas novas. Identificou como aspeto menos positivo a mudança de escola, considerando que a língua estrangeira poderá complicar a sua aprendizagem. Apesar de não ter introduzido a família na reflexão, revelou o desejo em manter contacto com a família e amigos (via telemóvel e *skype*). Refletimos sobre a mudança como ponto de viragem e uma oportunidade de crescimento que não implicará o *corte* com as origens. O P. destacou, para além do pai, os avós (maternos) e o amigo P. como os elementos mais importantes que o ligam a Portugal. Não se verifica, subjacente à emigração, o desejo de *corte* com a sua história apoiando-se na ideia, transmitida pelo pai, de que perante dificuldades de adaptação pode voltar para Portugal e viver com o pai.

As verbalizações e exigências do pai parecem promover um sentido de segurança na

relação com o pai, talvez pelo facto do P. interpretá-las como o desejo do primeiro em estar com ele e que o próprio pai não concebe o afastamento físico como obstáculo à relação.

Nota reflexiva

No decorrer do acompanhamento as sessões aconteceram, maioritariamente, num registo individual com foco na mudança comportamental e não em todo o sistema. Este tipo de intervenção carece de uma exploração dos significados e funções que a violência comporta no sistema familiar. Enquanto psicólogos relacionais, devemos ser capazes de ir para além do comportamento aparente e captar o pedido que os utentes exprimem implicitamente através da agressão e da violência (Andolfi, 2013). Torna-se premente refletir sobre o significado destes comportamentos, o que o P. comunica através destes e o que está por detrás deste impasse/bloqueio na própria relação de ajuda. A sua história e situação familiar é marcada pela repetição de padrões relacionais e comunicativos abusivos entre diferentes díades, bem como pela oscilação entre presença e ausência de uma das suas figuras de referência, a figura paterna, resultando numa constante insegurança relacional e receio pelo abandono. Quando encontramos uma criança que manifesta um comportamento agressivo, deparamo-nos com a necessidade de compreender quanta desta agressividade pertence a ele e quanta vem do seu contexto afetivo (Andolfi, 2013). Compreendendo o sintoma como algo que adquire um significado dentro do contexto mais amplo das principais relações do indivíduo, estes comportamentos marcados pela hostilidade e agressividade revelam um sofrimento psíquico intenso: um desejo de relação exasperado de relação e de contacto, a expressão de uma necessidade intensa de ligação e amparo (Andolfi, 2013).

Apesar de teoricamente existir, entre os profissionais, o reconhecimento da importância da integração de todos os elementos da família no percurso terapêutico, grande parte dos programas de intervenção propostos atendem apenas às necessidades individuais, não respondendo deste modo às exigências de todo o sistema familiar. Atualmente, impera um trabalho mais centrado na eliminação dos aspetos comportamentais entendidos como desadequados do que na exploração dos recursos da família. Evidentemente, esta atitude é movida pelo desejo de apoiar a família e ajudá-la a ultrapassar as suas dificuldades. Contudo, tendo em conta o presente impasse e o desenrolar do processo terapêutico, a abordagem adotada além de não levar à eliminação temporária das dificuldades/sintomas da família, torna mais difícil a verdadeira mudança centrada nos recursos de todo o sistema (Raguso, 2007).

Quando nos deparamos com este tipo de problemáticas familiares, onde existe uma pobreza relacional significativa regida pela instabilidade e agressividade, os objetivos de

intervenção devem passar pela compreensão das transmissões intergeracionais e a sua influência na construção do modelo familiar. Ou seja, observar/explorar o tipo de comunicação entre os membros e a qualidade das relações familiares para a garantia da negociação face à diferença (de género/geração/linhagem) e gestão de situações de risco (Togliati, 2010). Só assim será possível sair deste impasse.

Partindo de uma chave de leitura que vê o paciente como a única fonte de dificuldade e o sintoma comportamental como o foco de trabalho, faz com que o próprio profissional se coloque na mesma posição do *paciente identificado*, isolado dos outros no sistema (Andolfi, Angelo, Menghi & Nicolò-Corigliano, 1989), alimentando o bloqueio do utente e da relação de ajuda que, neste caso, não permite dar resposta às reais necessidades de todo o sistema familiar. Atendendo a este tipo de história relacional, é natural que o P. apresente dificuldades no estabelecimento e manutenção de relações estáveis, sendo esta dificuldade experienciada na relação terapêutica a qual, durante muito tempo, foi sentida como um espaço controlador, onde imperou um sentimento de desconfiança e distância emocional. De acordo com o seu discurso, por vezes, define-se como “*maluco*” ou acusa os outros de o considerarem assim, sendo perceptível a identificação com o papel que lhe foi atribuído: o de *paciente identificado* que absorve a raiva e a sensação de impotência que caracterizam a vivência da família.

Numa perspetiva relacional, a relação estabelecida entre psicólogo e utente poderá ser compreendida como um espaço de reorganização dos significados associados a relações da vida do utente. Numa lógica relacional, uma vez compreendidas as funções e significados dos sintomas do P., o nosso papel deve passar por ajudar a família a alcançar essa mesma compreensão e, numa segunda fase, considerando os seus recursos, passará pela reorganização dos significados do sintoma, ou seja, passa pelo auxílio à família no encontro de outras formas de desenvolvimento das funções, dos papéis que até aqui o sintoma cumpriu (Raguso, 2007): o *recontar a história familiar* (Andolfi, 2003). Este trabalho de compreensão e integração pode ser elaborado a partir do Genograma já construído.

Através da organização de mais sessões familiares que contem, no mínimo, com a presença do P. e da mãe, a relação terapêutica poderia aparecer como um modelo comunicacional, auxiliando, deste modo, a relacionarem-se com as pessoas que constituem o seu espaço vital de forma mais funcional e adequada às características da própria relação (Andolfi, 2003), contrastando com a qualidade das relações significativas até aqui estabelecidas. Este aspeto torna-se fundamental sobretudo se tivermos em conta o tipo de relação entre os dois: uma relação ambivalente que oscila entre momentos de exagerada proximidade/afeto e momentos de agressividade e violência. O problema é como redistribuir

esta agressividade e impotência dentro da família, aligeirando o P. da sua centralidade patológica e restaurando um contacto, uma partilha entre a díade conflitual. Parece de extrema importância estabelecer pontos de ligação entre o mal-estar do P. e o sofrimento da mãe, devolvendo um valor relacional aos seus sintomas e, assim, tornar manifesta a função relacional dos mesmos. O primeiro ponto a partir do qual poderíamos começar é conceber a violência como uma força que, mesmo tendo assumido uma direção negativa tem um determinado valor, sendo necessário utilizar esta força provocando-lhe uma mudança de direção (Andolfi, 2013). Isto significa pensar que, em vez de reduzir força para eliminar a violência, através de intervenções educativas, é necessário utilizar a força que existe na agressividade tornando-a positiva. Esta viragem pode ser realizada com o P. e a mãe através da introdução da dimensão histórica de forma a alargar o quadro.

Acompanhamento com a J.

Sessão: 1ª

Data do atendimento: 5 de novembro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

Na primeira sessão individual, a psicóloga solicitou a elaboração do seu autorretrato através do desenho, bem como a resposta a algumas questões. Esta atividade teve como objetivos, a exploração da sua autoimagem, autoconceito, autoestima, interesses pessoais, medos, relações familiares e extrafamiliares, bem como as suas fantasias e desejos futuros. A J. adotou uma postura de grande abertura e colaboração na realização da atividade, mantendo um contacto ocular positivo. O desenrolar da avaliação foi dinâmico e descontraído.

A J. desenhou-se a si mesma e, no pano de fundo, um jardim com flores, bem como um céu azul (com nuvens e sol). Pintou o desenho, utilizando cores vivas e alegres. Posteriormente, descreveu-se fisicamente (e.g. cor de cabelo; cor de olhos) e psicologicamente, considerando-se uma menina simpática, divertida, resmungona e apaixonada. Referiu que os amigos e a sua mãe também a percebem dessa forma. Estas informações, parecem indicar o desenvolvimento de uma autoestima e autoconceito positivos. O recurso ao humor, por parte da psicóloga, foi um dos ingredientes base para construir um contexto terapêutico produtivo, bem como para o desenvolvimento de uma sensação de confiança e segurança, por parte da J., que a permitiram partilhar espontaneamente as suas ideias.

Na sessão seguinte, serão exploradas as outras dimensões supracitadas.

Sessão: 2ª

Data do atendimento: 19 de novembro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A J. partilhou espontaneamente algumas dificuldades escolares, sobretudo em relação à disciplina de E.V., especificamente, na realização da ficha de avaliação. Referiu que a professora não disponibilizou o manual da disciplina, antecipando resultados negativos. Para além disso, continua a ter dificuldade em dormir sozinha (dorme com a mãe) e a vivenciar medos excessivos. Os medos que a J. refere são: bonecas de porcelana antigas; medo de ser raptada; estar sozinha em casa, morrer, bem como perder pessoas significativas. Estes medos têm repercussões na relação conjugal dos progenitores, na medida em que a mãe nunca dorme com o companheiro (padrasto de Jéssica), dificultando a vivência da intimidade entre o casal.

Nesta sessão, foi dada continuidade à elaboração do seu autorretrato. A J. referiu que mudava tudo em si, indicando sentimentos de auto-desvalorização e baixa autoimagem sobretudo no que concerne à sua imagem corporal. Salientou que mudaria quase tudo em si (a cor dos olhos, do cabelo, o nome e gostava de emagrecer). É importante ter em conta que a J. referiu que a mãe o padrasto verbalizam, algumas vezes, que é “gordinha”. Desde os primeiros anos de vida, a criança recebe informação dos seus contextos mais próximos, formando gradualmente uma imagem de si própria e do mundo circundante. Este é um aspeto que deve ser tido em conta na intervenção, especificamente, explorar as expectativas parentais e o seu conseqüente impacto no funcionamento psíquico da J.

Quanto à sua personalidade, a J. referiu que mudava alguns aspetos, nomeadamente, “ser menos resmungona e vingativa”. Quando questionada sobre os seus sonhos, contou que gostava de ser bailarina (*ballet*), manifestando um grau de compromisso adequado em relação à possibilidade de frequentar uma escola de ballet. De seguida, verificou-se alguma dificuldade em nomear dois aspetos positivos sobre si, exigindo reforço externo. No final da sessão, foi solicitada a elaboração de um desenho e descrição sobre o seu medo (no contexto de casa). Pretende-se que a J. identifique e descreva os seus medos.

Sessão: 3ª

Data do atendimento: 3 de dezembro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

No final da sessão anterior, foi solicitada a elaboração de um desenho e descrição sobre o medo com a finalidade da J. identificar, representar e explorar o mesmo. Porém, esqueceu-se de trazer para a sessão.

Procedeu-se à realização de um medidor de medos - o *medómetro*: na sequência da identificação dos medos anteriormente identificados (medo de galos; de ser raptada; de bonecas antigas de porcelana; de estar sozinha em casa; de dormir sozinha; de morrer; de perder os seus familiares - mãe, avós, padrasto, mãe do padrasto; de perder as melhores amigas - Ana Beatriz e Francisca), a J. deve quantificar a severidade/intensidade do seu medo. Foi também elaborada a categorização destes:

3. Medo de bonecas de porcelana (100%)
6. Medo de morrer (90%)
2. Medo de ser assaltada/raptada (80%)
4. Medo de dormir sozinha (70%)
5. Medo de estar sozinha (60%)
7. Medo que os seus familiares e amigos morram (60%)
1. medo de galos (40%)

A função destas estratégias é adquirir uma avaliação subjetiva dos medos através da representação da sua intensidade nesta fase da sua vida, bem como permitir que a J. perceba que o medo não a domina sempre com a mesma intensidade e que, à medida que vai vencendo os seus medos, a intensidade destes também vai diminuindo (Gonçalves & Henriques, 2005). Posteriormente, a psicóloga solicitou a realização da descrição detalhada de cada medo (quando, como, com quem e porquê), começando pelo medo mais intenso e aparentemente precipitante do seu estado instável: o medo das bonecas de porcelana (100%):

- Quando: “Nas férias, quando tinha 10 anos (5º ano)”;
- Como: “Estava no computador e vi um vídeo de uma boneca antiga amaldiçoada”;
- Com quem: “Estava sozinha”;
- Fatores de manutenção: as duas bonecas que estão em cima do armário no quarto da mãe.

Também foi refletida a natureza universal do medo, com o objetivo de desenvolver com a J. a ideia de que toda a gente tem medos (Gonçalves & Henriques, 2005). Ajudámos a J. a compreender que ela não é a única a ter problemas com os seus medos, que outras pessoas também os têm, mas que se pode aprender a dominá-los. Assim, cada uma teve de enunciar um medo. De seguida, deu-se início ao trabalho de externalização do medo, com a finalidade de explicitar a importância da J. conhecer o medo e as suas estratégias de atuação, para que seja mais fácil começar a dominá-lo. Um dos exemplos remeteu para a questão: “O que é que o medo das bonecas te impede de fazer?”, à qual a J. respondeu que não consegue estar sozinha no seu quarto porque tem medo que as bonecas caminhem até si.

No decorrer da consulta, a J. relatou um episódio em que um colega seu colocou um

filme com bonecas antigas. A J. ficou assustada e tapou os olhos. Tal situação conduziu J. à recordação e posterior descrição do filme de terror impulsionador do atual medo das bonecas de porcelana: A mãe ofereceu uma boneca de trapos (Annabelle), que vinha de um museu antigo, à filha...a menina tinha um amigo que sonhou que a boneca estava a andar. A J. não conseguiu continuar a contar a história, manifestando inquietação e ansiedade elevada. Apesar do desenrolar da sessão ter sido dinâmico e a J. ter adotado uma postura colaborante e bem disposta, verifica-se alguma resistência e, assim, dificuldade em falar sobre os seus medos.

Sessão: 4ª

Data do atendimento: 17 de dezembro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A J. já consegue dormir no quarto da mãe, porque as bonecas foram retiradas de lá (agora estão na casa da avó). Já não dorme no sofá da sala, mas continua a ter dificuldade em dormir sozinha. Dorme com a mãe e o padrasto dorme sozinho. Nos últimos quinze dias, experienciou elevada ansiedade com consequência psicossomática (prisão de ventre) associada aos resultados dos testes de avaliação. Perante o medo de obter resultados baixos, desenvolveu um comportamento de fuga para lidar com o mesmo: recusa escolar. A J. foi à escola com a mãe para falar com o Diretor de Turma, teve dificuldade de entrar sozinha (foi com a mãe), referindo que sentiu vergonha de se expor perante os colegas (medo do julgamento alheio). Relativamente aos resultados escolares a J. obteve: 45% a Matemática; 55% a Português; 49% a História; 78% a E.V.; 82% a E.T;60% a Ciências; 68% a Moral; 72% a Música; 69% a resistência física e 65% a velocidade - Educação Física.

Foi dada continuidade à elaboração do seu autorretrato. O que a deixa mais feliz é estar com a família, sobretudo com a mãe. O que a deixa mais triste é perder as pessoas de quem gosta, especificamente, o pai (faleceu) e o padrinho (divorciou-se da tia). Com quem gosta mais de estar é com a mãe porque lhe dá “miminhos”, com o avô porque “lhe dá tudo” e com a avó porque “dá carinho”. Não há ninguém com quem goste menos de estar. Não se acha bonita e a melhor prenda que poderia receber é um cachorro. Os seus três desejos são: viver numa casa maior; ganhar o euromilhões para comprar a casa; e ter o pai consigo. Qualifica as suas relações com os familiares e amigos como positivas. Quando a psicóloga solicitou a descrição de um momento bom referiu: o natal passado em família. Apontou como momento mau, situações de conflito entre a mãe e o padrasto.

Sessão: 5ª

Data do atendimento: 28 de janeiro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A J. alcançou um dos objetivos principais do processo de intervenção: nos últimos quinze dias conseguiu dormir sozinha no seu quarto. Para além disso, a mãe referiu que a J. já consegue permanecer no quarto a brincar sozinha.

Procedeu-se a uma reflexão sobre as consequências positivas e negativas de dormir sozinha e acompanhada através de uma ilustração da “balança”, em que J. identificou como consequências positivas de dormir sozinha: ter mais espaço; permitir que a mãe durma com o padrasto; ter enfrentado um dos seus maiores medos; e ver televisão com o volume mais alto. Relativamente às consequências negativas, referiu que ainda sente alguma dificuldade em adormecer sozinha por sentir-se insegura.

Destacou como consequências positivas de dormir acompanhada: o aumento do sentimento de segurança, porém como consequências negativas referiu: ter menos espaço; prejudicar o sono e a intimidade da mãe, bem como aumentar o sentimento de medo. O título dado pela J. a esta atividade foi: “o medo de dormir sozinha foi para o lixo”. Paralelamente, recorreu-se ao reforço positivo pelo sucesso no alcance do objetivo.

Sessão: 6ª

Data do atendimento: 25 de fevereiro de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A J. alcançou mais um dos objetivos do processo de intervenção. Durante o último mês ficou doente, situação que a impediu de ir às aulas durante alguns dias. Contudo, conseguiu voltar à escola, ultrapassando o sentimento de vergonha de se expor perante os colegas (medo do julgamento alheio). Para além disso, conseguiu permanecer na sala de espera sozinha. Recorreu-se ao reforço positivo pelo sucesso no alcance dos objetivos e à reflexão sobre as estratégias utilizadas.

Posteriormente, procedeu-se à elaboração do “*Diário dos meus medos*” (material previamente construído), sendo um meio através do qual a J. poderá escrever o seu próprio livro, documentando os progressos realizados. Procedeu-se à revisão dos seus medos e do medómetro, com a finalidade da J. atualiza-lo com base nos objetivos alcançados. Deste modo, atualizou a intensidade do seu medo, trazendo a lume as seguintes alterações:

3. Medo das bonecas (80%)

1. Galos (30%)

4. Estar sozinha (10%)

5. Dormir sozinha (0%)

A intencionalidade desta tarefa foi adquirir uma avaliação subjetiva dos medos através da representação da sua intensidade nesta fase da sua vida, bem como reforçar a ideia de que o medo não a domina sempre com a mesma intensidade e que, à medida que vai vencendo os seus medos, a intensidade destes também vai diminuindo. Paralelamente, foram reforçados os objetivos alcançados e refletidas as estratégias utilizadas pela J. para vencer o medo: lutar contra o medo; deitar fora; contrariar o medo; dizer ao medo que eu é que mando nos meus pensamentos e que naquele momento poderia estar com medo mas que depois me ia habituar.

Nesta sessão, foi dada continuidade ao processo de exteriorização do medo através do uso de linguagem e alguns exercícios externalizadores que permitiram a materialização do medo (dinâmica da corda, o desenho - rasgar e deitar ao lixo e dar murros e pontapés). Pretende-se ajudar a J. a compreender o medo como estando fora de si e, assim, possibilitar a compreensão das estratégias que o medo utiliza para ter poder, evitar que a sua identidade se confunda com o medo e facilitar a mudança. Paralelamente, foi explicada a personificação do medo e a importância da J. conhecer bem os seus medos para os conseguir dominar.

Sessão: 7ª

Data do atendimento: 11 de março de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

Relativamente aos resultados escolares a J. obteve: 51% e Insuficiente a Matemática no primeiro e segundo teste respetivamente; 42% a Português (1º teste); 57% a História; 57% a E.V.; 59% a Ciências; 59% a Inglês. A J. manifestou tristeza relativamente aos resultados negativos (Português e Matemática). Os testes com resultado negativo correspondem às disciplinas nas quais considera ter mais dificuldade ou para as quais não estudou o suficiente. As suas principais dificuldades versam sobre a disciplina de Matemática, na medida em que relata não compreender alguns dos conteúdos lecionados. Porém, passará a ter explicações fora do contexto escolar.

Esponaneamente partilhou que o medo dos Galos tinha perdido a sua influência, procedendo-se ao registo de mais um objetivo alcançado no “Diários dos meus medos”. Deste modo, atualizou a intensidade do seu medo, revelando a seguinte alteração: Galos (0%). Recorreu-se ao reforço positivo pelo sucesso no alcance dos objetivos e à reflexão sobre as estratégias utilizadas. De seguida, foi dada continuidade à atividade iniciada na sessão anterior, procedendo-se à recordação das situações em que a J. dominou o medo (de dormir e

estar sozinha, bem como das bonecas) e, conseqüentemente, à reflexão sobre os seus sentimentos associados aos objetivos alcançados. A J. referiu sentir-se orgulhosa, feliz e entusiasmada, associando estes sentimentos ao facto de ter conseguido “*derrotar*” e “*mandar embora*” o medo, bem como às mudanças positivas que ocorrerem na sua vida pessoal e familiar. De ressaltar que a J. adotou uma postura muito recetiva perante a tarefa, manifestando disponibilidade e facilidade em exteriorizar os seus pensamentos e sentimentos através da escrita e colagens. Este trabalho é fundamental para facilitar cenários alternativos à história saturada pelo medo, bem como na construção de uma narrativa alternativa.

Uma vez que os utentes não existem num vazio relacional e que as suas dificuldades nascem e afirmam-se num determinado contexto familiar e social, procedeu-se à exploração e reflexão sobre as pessoas significativas que a têm ajudado a *vencer* o medo. A J. identificou e registou a mãe, o padrasto, as psicólogas e a avó como os seus *aliados contra o medo* que a ajudaram a conhecer, compreender e desenvolver estratégias e novas interpretações. Esta atividade destacou-se por ter permitido uma reflexão mais aprofundada sobre o seu contexto familiar e relacional, e de que forma os membros familiar se apresentam (ou não) como *aliados terapêuticos*. Referiu que o avô não era um “*aliado contra o medo*” porque não a ajudou. A J. passa frequentemente os fins de semana com os avós maternos verificando-se alguma ambivalência na relação com o avô, do qual refere gostar porque dá “*as coisas*” que ela pede, mas concebendo-o como uma pessoa que “*não é simpática*” e pouco acessível. Por outro lado, transmitiu vivenciar uma relação de maior proximidade emocional com a avó. De acordo com o seu discurso, a relação entre os avós parece ser pautada pelo conflito e ausência de uma comunicação saudável, conflitos que a J. considera serem impulsionados pelo avô. Esta dinâmica relacional culmina em sentimentos de tristeza e desconforto por parte da J.. Quando explorámos o espaço de desejo de mudança, a J. disse que gostava que o avô fosse mais simpático.

Paralelamente, manifestou tristeza pelo facto de passar pouco tempo com a mãe e o padrasto, por exemplo a passear, associando esta ausência de momentos passados em conjunto ao facto da mãe do padrasto (agora com 90 anos de idade) passar os fins de semana na sua casa. Deste modo, a família encontra-se perante uma fase vital familiar bastante exigente, na medida em que existe um papel parental bem assumido e o papel de prestação de cuidados da geração ascendente (Scabini & Cigoli, 2006). Assim, vêm-se perante a necessidade de responder às necessidades da geração seguinte e às necessidades da geração antecedente, para além das necessidades da própria relação conjugal. Posto isto, parece pertinente incluir nos objetivos do programa de intervenção a exploração/reflexão sobre o seu

mundo relacional e familiar.

Sessão: 8ª

Data do atendimento: 25 de março de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

Começamos por explorar momentos de encontro com o medo durante os últimos quinze dias. A J. identificou uma situação durante a qual se confrontou com o medo, especificamente, na casa dos avós. Não conseguiu dormir sozinha, sendo o fator de manutenção a boneca que está no quarto de hóspedes. Tendo em conta a supramencionada situação, procedeu-se à exploração dos argumentos utilizados pelo medo para convencer a J. a fazer aquilo que não quer e, conseqüentemente, à reflexão sobre os efeitos emocionais e cognitivos deste resultado único e anteriores. Para facilitar a atividade, realizamos um *brainstorming* em relação aos pensamentos que o medo impõe. A J. identificou os seguintes pensamentos: “...*que a boneca me mate*” (cortar o pescoço); “...*que vai andar até mim*”; “...*que alguém vai entrar em minha casa para me fazer mal*”(raptar e matar); “...*que a minha família vai morrer*”. Refletimos sobre as diferenças entre a experiência de medo perante uma ameaça real ou imaginária, de forma a ajudar a J. a compreender que o medo das bonecas não se relaciona com situações/ameaças reais (reestruturação cognitiva).

Posteriormente, identificou os seguintes efeitos emocionais: tristeza, assustada e zangada (porque o medo não quer ir embora). A exploração destes sentimentos associados ao episódio também teve como objetivo identificar e valorizar outras emoções/sentimentos experienciados pela J. em situações nas quais conseguiu dominar o medo, ou seja, explorar a diversidade emocional que a J. vive durante momentos diferentes e utilizar sentimentos e emoções alternativos a projetar na nova narrativa.

Finalmente, exploramos como é que medo quer que seja a vida da J., tendo referido: “*que me cubra com os cobertores até cima*”; “*que durma com a minha mãe*”; “*que vá com a minha mãe sempre que ela sai de casa*”. No final da sessão, procedemos à exploração dos contra-argumentos para o medo, ou seja, ajudamos a J. a identificar argumentos mais fortes do que os do medo (estratégias para dominar o medo). Este objetivo foi alcançado através de um *role play*, em que a psicóloga estagiária interpretou o papel do medo. A J. identificou e representou os seguintes contra-argumentos e estratégias: “*dizer ao medo para ir embora*”; “*dizer que ele não me assusta mais e que é um burro*”; “*contrariar o medo*”; e “*não acreditar nas suas mentiras*”.

Sessão: 9ª

Data do atendimento: 8 de abril de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A psicóloga iniciou a sessão por questionar a J. sobre como tinham sido as férias da Páscoa, tentando perceber com quem passou as férias e celebrou a Páscoa. De seguida, procedemos à exploração dos momentos de encontro com o medo desde a última sessão, através da identificação de situações em que a J. ficou dominada pelo medo e situações nas quais conseguiu enfrentá-lo (ainda que parcialmente). De acordo com o seu discurso, continua a ter facilidade em dormir sozinha e ficar sozinha em casa, contudo as bonecas continuam a constituir um fator de manutenção do medo. Assim, procedemos à revisão dos pensamentos que o medo impõe e sobre as diferenças entre a experiência de medo perante uma ameaça real ou imaginária, de forma a ajudar a J. a compreender que o medo das bonecas não se relaciona com situações/ameaças reais.

Espontaneamente, a J. identificou uma situação durante a qual se confrontou com o medo: foi sozinha à padaria comprar pão. A situação foi interpretada pela J. como um momento no qual venceu o medo. Contudo, após serem colocadas questões de aprofundamento e exploração dos efeitos emocionais, cognitivos e interpessoais, concluímos que a J. ainda sente muita insegurança perante situações que exijam sair de casa na ausência de um adulto ou alguém mais velho que a possa proteger. Referiu ter conseguido vencer o medo porque tinha conhecimento de que estavam duas amigas da mãe na padaria. Através da exploração dos pensamentos desenvolvidos quando a mãe solicitou que fosse à padaria, “...*pensei que alguém me poderia raptar ou assaltar*”, descobrimos e refletimos com a J. sobre a aparente relação entre a dificuldade de sair de casa sozinha ou com pessoas mais novas ou da sua idade, e o medo de ser raptada/assaltada.

A reflexão culminou na exploração do significado desse medo. Referiu que quando era mais nova, vivia um sem-abrigo perto da sua casa sobre quem eram contadas histórias que o envolviam em raptos/assaltos de crianças. Atualmente, vive com um familiar. A partir desta partilha, ajudámos a J. a desenvolver uma leitura mais realista através da reformulação dos factos referidos e da reflexão sobre esse medo enquanto um medo universal, que através do recurso às suas estratégias contra o medo, pode adquirir um cariz de proteção. Deste modo, ajudámos a J. a compreender que, em certas situações, o medo pode ser uma experiência positiva, tendo sido trabalhada a diferenciação dos medos que protegem e aqueles que a dominam com um impacto significativo no seu quotidiano.

Sessão: 10^a

Data do atendimento: 22 de abril de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

Iniciou-se a sessão com a exploração dos momentos de encontro com o medo desde a última sessão. A J. identificou uma situação durante a qual se confrontou com o medo e o venceu usando as estratégias apreendidas: *“Estava sozinha no meu quarto a ver vídeos quando ouvi um barulho, o medo apareceu e disse-me que estava alguém no meu quarto...levantei-me e fui ver o que era...vi que era só um telemóvel”*. Procedemos à revisão das estratégias de domínio que, neste caso, versaram sobre a confirmação dos pensamentos criados pelo medo, bem como da temperatura do medo quando apareceu (70%) e após a J. ter colocado em prática as suas estratégias (0%). Foi introduzida a necessidade de realizarmos uma lista onde, a partir de agora, iremos registar as situações que correspondem aos resultados únicos, tendo a J. manifestado interesse pela tarefa.

De seguida, demos início à leitura do livro *“Pôr o Medo a Fugir: As Aventuras da Joana contra o Medo”*. A J. quis ler, mostrando-se motivada e muito interessada em conhecer a história. Identificando-se com a experiência da Joana, a J. identificou a situação na qual viu o vídeo *“Annabelle”* como o momento em que o medo cresceu e começou a ficar cada vez maior. Partindo dos diversos medos da Joana solicitou-se a identificação de possíveis pensamentos e mentiras que o medo poderia contar à Joana para sustentar esses medos. Através deste exercício pretendeu-se reforçar a ideia de que uma das estratégias do domínio do medo prende-se com a criação de pensamentos *“mentirosos”* e/ou exagerados e que a J. identificasse quais os pensamentos *“mentirosos”* criados pelo seu medo.

Demos continuidade à exploração da existência de medos adaptativos de forma a facilitar a compreensão de que o medo não é necessariamente uma influência nefasta e que existem medos adequados. Contudo, voltando à reflexão anterior sobre os medos da Joana, especificamente, o medo de separação da mãe, a J. introduziu um tema novo que culminou numa reflexão sobre a família. Contou um episódio recente partilhando um pensamento associado à família: *“Estava no carro e pensei que preferia ter o meu pai comigo do que a minha mãe...mas depois penso que se tivesse o pai comigo...preferia ter a mãe”*. Teve dificuldade em contextualizar e aprofundar esta ventilação que parece separar o subsistema parental em dois mundos separados, num espaço onde apenas um pode existir. Partilhou situações (do passado e presente) que trouxeram à superfície emoções e experiências associadas ao falecimento do pai, revelando alguma instabilidade e confusão emocional. Referiu que nas últimas semanas tem pensado muito sobre o pai, sendo que quando está triste

recorre à fotografia do casamento dos pais. Deste modo, a J. comunicou um sentimento de ausência em relação à figura paterna. Partilhou também que a relação entre a mãe e o companheiro tem sido pautada por algum conflito nos últimos dias.

Antes de terminarmos a sessão, a J. referiu que a boneca ainda está no quarto dela identificando-a como um fator de manutenção do medo. Devido ao significado emocional da boneca (prenda da madrinha), não contou à mãe com medo da sua reação. No final da sessão, foi dado espaço para mãe e filha conversarem e juntas encontrarem a solução. A mãe manifestou tristeza pelo facto da J. não ter partilhado o seu medo, dizendo-lhe para falar consigo “*para o bem e para o mal*”. Juntas decidiram dar a boneca aos mais desfavorecidos.

Sessão: 11^a

Data do atendimento: 6 de maio de 2015

Presença: J, a psicóloga responsável e a estagiária

A mãe retirou a boneca do quarto da J., identificada pela mesma como um fator de manutenção do medo. Iniciamos a sessão com a exploração dos momentos de encontro com o medo desde a última sessão. A J. identificou uma situação durante a qual se confrontou com o medo e o venceu usando as estratégias exploradas apreendidas: “*Estava a dormir...e senti uma coisa na perna como se fosse uma mãe a passar...mas depois vi que não era nada*”. Procedemos à revisão das estratégias de domínio que, neste caso, versaram sobre a confirmação dos pensamentos criados pelo medo. Espontaneamente referiu que, nos últimos tempos, tem visualizado alguns filmes no *youtube* de cariz mais assustador, cujas temáticas versam sobre o conteúdo dos seus medos (e.g. bonecas e/ou peluches com vida; perseguições; raptos; entre outros). Deste modo, procedeu-se a uma reflexão cuidada sobre o impacto desta atividade no trabalho que temos vindo a desenvolver e no seu bem-estar. A J. reconheceu-a como um obstáculo aos objetivos pretendidos para a sua vida, denotando-se que esta forma de ocupar os seus tempos livres encontra-se também associada à influência do grupo de pares.

Procedemos a uma avaliação global da situação dos medos, concluindo-se que aqueles que persistem com uma percentagem elevada (acima de 50%) remontam para o tema da perda e morte (medo de morrer; perder familiares e amigos; ser raptada/assaltada). No decurso desta avaliação/exploração refletimos junto da J. sobre a eventual relação entre estes medos e as perdas significativas vivenciadas no seio da sua família: falecimento do pai e do avô paterno. A J. manifestou curiosidade relacional, especificamente, acerca de quem era o seu avô paterno concebido por algumas pessoas como “*mau*”. Ao longo das últimas sessões emergiram, frequentemente, por iniciativa da J., reflexões e questões sobre a sua história e situação atual

familiar que nos alertam para a pertinência de um trabalho sob um prisma mais relacional.

Refletindo sob um prisma relacional, um medo infantil é sempre uma espécie de fragmento dos medos dos adultos ao tornarem-se uma família (Andolfi, 2013). Não existe uma criança que tem medo, mas uma criança a quem foi transmitido o medo. Se nos permitirmos alargar o campo de observação, daremos conta, na realidade, de tantos outros medos provenientes das histórias dos adultos (Andolfi, 2013). Parece necessário encontrar os nexos entre os medos da J. e os medos antigos de outros familiares ao longo das diferentes fases do ciclo vital e das experiências inesperadas vivenciadas. Este trabalho poderia ser iniciado, por exemplo, através da aplicação do instrumento *Genograma* com a família.

Esta foi a última sessão em que a estagiária esteve presente, uma vez cessado o período de estágio. Contudo, este último aspeto foi refletido junto da psicóloga responsável pelo caso, perspetivando-se que esta dê continuidade ao trabalho considerado como relevante tendo em conta a análise supramencionada.

Acompanhamento com a D.

Sessão: 1ª

Data do atendimento: 12 de outubro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

A primeira sessão teve como principais objetivos explorar os diferentes domínios de vida da D., reunindo informação fulcral ao estabelecimento da relação terapêutica. Para tal, a psicóloga aplicou a Entrevista Clínica semiestruturada para crianças e Adolescentes (SCICA), durante a qual foram recolhidas informações acerca do funcionamento em algumas áreas gerais. De acordo com o discurso da D., tal como nos anos anteriores, parece ter vivenciado uma boa integração no contexto escolar, na medida em que esteve subjacente ao seu discurso acerca dos professores e grupo de pares (manifestou alegria e conforto relativamente a esses temas). Apesar de ainda não ter sido realizada uma exploração aprofundada do seu contexto familiar, foi possível observar que a D. revela sentimentos de pertença e segurança relativamente à sua família, na medida em que descreveu a sua relação com os pais e irmão como positiva. Através do relatório e de acordo com a exploração em consulta foi possível verificar que o seu irmão recebeu diagnóstico de Depressão quando era mais novo, sendo este um fator a ter em conta ao longo do acompanhamento, pois o sofrimento de um membro da família torna-se o “sofrimento de toda a família”, tendo repercussões na organização, dinâmica e funcionamento de cada elemento individualmente e de todo o sistema. No

relatório supracitado e de acordo com a exploração realizada na consulta de avaliação também constava alguma tensão entre mãe e filha devido a alguns fracassos escolares de Diana.

Os momentos durante os quais foi possível notar algum desconforto e tristeza prenderam-se com aqueles destinados à reflexão sobre o seu desempenho de nos testes. Contudo, no geral manteve-se relaxada, demonstrando motivação e empenho para integrar o processo terapêutico.

Sessão: 2ª

Data do atendimento: 27 de outubro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão foi dada continuidade à aplicação da Entrevista Clínica Semiestruturada para Jovens e Adolescentes (SCICA). Antes de iniciar a aplicação, a psicóloga procedeu à recolha de informação sobre os eventos da última semana. A D. referiu ter iniciado os testes, manifestando uma postura positiva e confiante em relação às disciplinas de Filosofia e Português. Num futuro próximo terá teste de Inglês e Físico-química, verificando-se ansiedade elevada em relação ao seu desempenho nestas disciplinas, sobretudo a Físico-química (manifestou baixa autoconfiança). A este respeito, foram explorados os seus sentimentos e pensamentos em relação aos testes que se aproximam, bem como as estratégias desenvolvidas, nos últimos testes, para lidar com a ansiedade subjacente. Parece motivada para melhorar os resultados e demonstrou reconhecer a necessidade de perceber as suas dificuldades como um desafio. Foram também lembrados os fatores fundamentais para o sucesso escolar: o estudo, a autoconfiança e reduzida ansiedade.

Quando retomada a aplicação da entrevista, foram explorados mais alguns aspetos sobre os seguintes domínios: amigos e relações familiares. A D. não tem dificuldades de relacionamento com os outros, sendo que quando se depara com o conflito parece ter facilidade em resolvê-lo (através do diálogo). Tal como se verificou na sessão anterior, no contexto escolar encontra-se integrada num grupo de pares coeso: não se sente sozinha ou excluída pelos pares e quando se depara com alguma dificuldade recebe apoio por parte dos mesmos e dos professores. A adolescência é um período de grandes mudanças em que todos se tornam, de alguma forma, uma novidade para os restantes. A D. parece integrar-se num grupo de pares marcado pela compreensão mútua, na medida em que tem facilidade em expressar as suas opiniões, mesmo quando os outros têm opiniões diferentes.

Relativamente às relações íntimas, não tem namorado, tendo-se verificado uma percepção ajustada e funcional sobre o namoro, na medida em que considerou as relações de

namoro como algo positivo quando não influenciam negativamente os outros domínios de vida (e.g. desempenho escolar; relações familiares; relações com os pares) salientando como fatores fundamentais para a relação Eu-Tu: a amizade, a compreensão e o respeito. Neste contexto, incentivou-se a reflexão sobre as dimensões básicas da relação Eu-Tu e sobre a forma como o “eu” e o “tu” se tornam o “nós”. O casal engloba três partes - tu eu e nós - duas pessoas, três partes, cada uma delas significativa, cada uma delas com vida própria, sendo que cada parte torna mais possível a outra. (Alarcão, 2002). O Eu e Tu correspondem a cada um dos indivíduos: aos seus desejos, necessidades, valores, atitudes, expectativas, comportamentos, aprendizagens, características físicas, cognitivas, emocionais e morais (Alarcão, 2002). O nós engloba o par e diz respeito ao projeto e ao processo de casal. A criação do modelo conjugal é a representação funcional destas três partes, sendo a relação possível quando cada uma delas tem um espaço próprio sem interferências (Alarcão, 2002). Neste sentido, a formação do casal implica alguma perda de individualidade e um ganho ao nível de um sentimento de pertença e em complementaridade, o que não significa, a perda do respeito pelo outro ou pelas suas opiniões.

Foi possível verificar experiência de desconforto e ansiedade elevada no que concerne a idas a festas, devido às suas dificuldades motoras (receio do julgamento alheio). Ao longo do tempo, a D. parece ter desenvolvido comportamentos de segurança para lidar com o desconforto social - evita as saídas com colegas restringindo-se às saídas em família e ao contacto com os pares durante o período de aulas - sendo um fator a ter em conta na intervenção, no sentido de facilitar o envolvimento de D. na dinâmica de vida do grupo de pares. A este respeito, a família apresenta-se como fator protetor, na medida em que a Mãe incentiva o envolvimento de D. nos diferentes eventos sociais.

Viver a adolescência dos filhos é uma das fases críticas do ciclo vital familiar, pois em pleno processo de tentativa de separação adolescente, é exigida à família uma reabertura ao exterior, uma redefinição de papéis e regras e uma reconstituição importante das relações. Mais do que em qualquer outra etapa é fundamental o alargamento dos espaços individuais no seio familiar, e assim: facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade; estabelecimento de interesses pós-parentais; permitir a separação e o "lançamento" dos filhos no exterior, com rituais e assistência adequada; e a manutenção de uma base de suporte familiar (Relvas, 1996). De acordo com as informações supracitadas, a família parece executar adequadamente as suas funções, na medida em que promove a individuação e socialização dos filhos, permitindo-lhes a assunção de papéis adultos e responsabilidade em consonância com intimidade e proximidade pais-filhos. Esta família parece ter desenvolvido

fronteiras flexíveis em relação ao exterior que impede o desenvolvimento de uma relação excessivamente protetora, potencialmente impeditiva do seu processo de individuação.

A tensão mãe-filha em relação aos resultados escolares da segunda (referenciada no relatório e na sessão de avaliação diagnóstica), apresenta-se um fator a considerar no sentido de compreender o ajustamento das expectativas da primeira à realidade (às próprias capacidades e dificuldades da filha) e o seu impacto no funcionamento global da filha. O diagnóstico desencadeia, na família, um processo semelhante ao luto, significando a perda do filho desejado, saudável, perfeito, o filho sonhado e implicando a destruição de alguns projetos e expectativas devido à nova realidade. Parece importante refletir sobre a possível presença de expectativas e sentimentos parentais irrealistas que podem derivar da não vivência do luto da perda do filho idealizado.

Sessão: 3^a

Data do atendimento: 10 de novembro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

Na terceira sessão a psicóloga continuou a aplicação da entrevista. Antes de iniciar a aplicação, a psicóloga procedeu à recolha de informação sobre os eventos da última semana. A D. adotou uma postura adequada, cooperante e motivada em colaborar com as tarefas propostas, partilhando espontaneamente os acontecimentos da última semana. Recebeu os resultados de avaliação de algumas disciplinas, sendo que apesar de ter obtido duas negativas (à disciplina de Inglês e Físicoquímica), adotou uma atitude positiva em relação ao futuro e, assim, motivação para melhorar o seu desempenho. Foram explorados e validados as suas emoções e sentimentos, bem como reforçado o seu desempenho positivo nas disciplinas de Português e Filosofia (11 valores e 14 valores, respetivamente).

A D. referiu ter festejado o seu aniversário no Sábado, ou seja, duas semanas após o seu aniversário, com a finalidade da festa coincidir com a chegada do pai a Portugal. É reconhecido que toda a família está sujeita a dois tipos de pressão: a interna e a externa (Minuchin, 1982). Enquanto que a primeira resulta das mudanças inerentes ao desenvolvimento dos seus membros e dos seus subsistemas, a pressão externa está relacionada com as exigências de adaptação dos mesmos às instituições que sobre eles têm influência. Esta fonte de *stress* com origem no contacto, por parte de toda a família, com uma fonte de stress extrafamiliar (Minuchin, 1982) - a depressão económica - fez com que a família visse as suas economias ameaçadas e se deparasse com a emigração da figura paterna.

De acordo com o seu discurso, a vida familiar é caracterizada por relações positivas

entre todos os elementos, identificando a família como um lugar de pertença e segurança e, a figura materna como o elemento com quem mantém uma relação de maior proximidade (“*qualquer coisa é com ela que vou falar*”). Apesar da D. ter referido que ambos os pais são exigentes e ter qualificado o papel do pai como a figura de autoridade na família, posteriormente considerou a mãe como o líder da família que dita as regras no quotidiano e todo o funcionamento familiar, concebendo o pai como um elemento mais passivo no que concerne às regras do dia a dia, aspeto justificado pela distância geográfica que separa fisicamente os membros da família. Tendo em conta que descreveu o pai como sendo mais afetivo do que a mãe (pobre manifestação de carinho e afeto), este parece ser um seio familiar, no qual a mãe tem a seu cargo o papel de “líder” do sistema familiar, o elemento que cuida, toma decisões, organiza e garante o funcionamento da família, tendo maioritariamente a seu cargo o polo ético (expressa-se através das normas, regras e valores) e, por outro lado, o marido contribui, atualmente, com um comportamento mais passivo (no dia a dia), no que concerne à dimensão ética, tendo maioritariamente a seu cargo o polo afetivo (inclui as várias formas expressivas da relação, como a vida emocional, o afeto). D. qualificou a relação com o pai como positiva, no entanto, também referiu dificuldade de comunicação com o mesmo, devido à sua passividade (“falamos com ele e ele não fala...é muito passivo”), o que pode indicar o desenvolvimento de fronteiras desligadas entre a figura paterna e os restantes elementos do sistema familiar, ao longo do tempo, na medida em que foi descrita vivência de distância interpessoal e dificuldades de comunicação. A distância interpessoal e a passividade, ao nível da comunicação, também pode ser justificada pelo corte emocional de carácter real e físico (quando as pessoas vivem a quilómetros de distância) derivado da situação de emigração da figura paterna. Enquanto foram refletidas estas questões familiares, a D. considerou a Madrinha (também Tia) como sendo um elemento significativo (viveu na casa de D. até aos seus 10 anos).

Foi possível alcançar uma maior compreensão acerca das expectativas parentais em relação ao futuro dos filhos: destes dois filhos é esperado que aos 18 anos sejam independentes e “sigam a vida deles”. Considerando a situação atual da sociedade, estas expectativas podem constituir um fator de *stress* para os elementos da família, refletindo-se na vivência de ansiedade elevada, por parte da D., quando está perante situações de avaliação escolar. Para os progenitores, eventualmente, por sentirem a *pressão* de uma meta que se aproxima, mas que poderá não ser realizada (independência dos filhos aos 18 anos).

Outro aspeto a ter em conta, prende-se com o facto da Diana ter referido que aquilo que mudaria em si seria “ser menos ansiosa” e, que a maioria dos elementos da sua família são

ansiosos, concretamente, a sua mãe, irmão mais velho (tendo sido diagnosticado com uma Depressão no ano passado) e a sua Madrinha/Tia. Numa dada família, cada geração recebe o legado de um determinado nível de ansiedade crónica que lhe é deixado pela geração que a precede, sendo que o seu eventual aumento ou diminuição no espaço, nessa nova geração, dependerá dos esforços das pessoas envolvidas e dos desafios funcionais enfrentados por este grupo (Papero, 1989). Considerando a experiência de ansiedade elevada por parte dos membros supracitados, podemos estar perante um processo de projeção familiar (diz respeito ao modo pelo qual o grau de diferenciação atingido pelos pais se transmite aos filhos) (Papero 1989), na medida em que a vivência de ansiedade está presente nas duas gerações. Este processo faz com que os filhos levem consigo um modo de perceber e interpretar o mundo, a si próprios e o comportamento dos demais (que desenvolveram com os seus pais), bem como um conjunto de comportamentos emocionais associados ao complexo formado por sensibilidade, percepção e interpretação (Papero, 1989). Este aspeto pode justificar a baixa autoconfiança e ansiedade vivenciada pela D. em relação aos testes e/ou outras situações de desafio. No final da sessão, a psicóloga solicitou a partilha de três desejos, tendo a D. referido: acabar o ano com média de 16; sair o euromilhões aos meus pais e morrer aos 100 anos. Também estes desejos refletem o *stress* relacionado com o seu desempenho escolar e as condições económicas da família.

Coloca-se a hipótese da relatada tensão vivenciada entre mãe-filha, o perfeccionismo da D. e consequente experiência de ansiedade estejam associados a este aspeto, pois à medida que a sociedade muda a família e os seus membros também se transformam: ao nível da sua estrutura, funcionamento, organização, interação, interpretação de si e do contexto envolvente, ao nível das suas prioridades e preocupações. Com a nossa situação económica atual, verifica-se cada vez mais que os filhos crescem atentos e conscientes das preocupações e desafios económicos vivenciados pelos adultos, o que naturalmente tem impacto no seu processo de crescimento e, assim, nas percepções que vão criando sobre si e as expectativas familiares. Um contexto familiar como o da D. onde parece ser constante o diálogo sobre estas questões, torna-se um *terreno fácil* para o desenvolvimento de expectativas demasiado rígidas em relação ao próprio desempenho e ao seu futuro profissional.

Sessão: 4^a

Data do atendimento: 24 de novembro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

O desenrolar da sessão foi dinâmico, tendo a D. adotado uma postura colaborante e

recetiva. Relatou um episódio que ocorreu no passado fim de semana. A D. foi à festa de uma prima na qual estiveram presentes familiares e amigos, sendo que foi com a sua família. Classificou o evento como uma experiência positiva no que concerne à sensação de bem-estar e alegria. Foi perceptível no seu discurso, que a família constituiu um fator protetor no que diz respeito à sua adaptação à situação (não experienciou desconforto nem ansiedade).

Relativamente à escola, relatou um episódio da semana passada, relacionado com a elaboração do teste de Biologia. Quando se deparou com uma questão mais difícil, desenvolveu automaticamente pensamentos negativos (“não vou conseguir” e “vou tirar negativa”), bem como elevada ansiedade, focalizando a sua atenção nessa questão, em detrimento das outras. Verifica-se que a D. continua a experienciar elevada ansiedade e a desenvolver pensamentos negativos quando se encontra em situações de avaliação. O seu discurso é marcado por negativismo quando antecipa os resultados (ansiedade antecipatória).

A D. tirou 11,7 no teste, porém comparou a sua nota com a dos colegas (a maioria tirou 15/16), desvalorizando o seu resultado. Procedeu-se à exploração dos seus pensamentos automáticos, emoções e respostas face à situação supracitada, através do registo de monitorização, bem como de algumas estratégias promotoras alternativo de uma resposta mais adaptativa (respiração diafragmática, pedir ajuda à professora, paragem dos pensamentos negativos, avançar nas perguntas e ter pensamentos positivos - reestruturação cognitiva). A psicóloga reforçou o resultado positivo obtido no teste de Biologia.

No âmbito do modelo cognitivo, a psicóloga realizou uma breve explicação sobre a relação entre os seus comportamentos, pensamentos e emoções, e de que forma, estes são influenciados pela forma como interpreta as diferentes situações do quotidiano. Neste momento, acredita que estas estratégias vão resultar (50%). A D. manifestou facilidade em identificar e reconhecer os seus pensamentos negativos, bem como o impacto dos mesmos no seu desempenho. No final, foi solicitada a realização de uma tarefa em casa, sendo esta a construção de uma lista dos pensamentos negativos, à qual a D. aderiu positivamente.

De seguida foi retomada a aplicação da Entrevista Clínica. A D. descreveu-se como sendo uma rapariga normal, ansiosa, alegre e teimosa (sobretudo em casa). Considera que o que a deixa mais zangada é que a contrariem. No que concerne ao relacionamento com os outros, evidenciou um padrão de relacionamento de acordo com o grau de confiança. O que a faz mais feliz é comer e dormir e não sabe o que a deixa mais triste. O que lhe faz mais falta é o pai (emigrado), aspeto mencionado no relatório anterior. O seu maior medo é morrer e perder a sua autonomia intelectual e motora. A D. associou estes medos ao seu diagnóstico e ao constante contacto com o contexto hospitalar. Indica ter estes pensamentos uma vez por

semana, sendo um aspeto a ter em conta na intervenção. Expressou verbalmente aceitação quanto ao seu diagnóstico e partilhou espontaneamente uma situação relativa à sua condição de saúde atual: descontrolo hormonal que se repercute na emergência da menstruação durante longos períodos de tempo (durante meses). O seu diagnóstico e o estilo de vida daí consequente (frequentes idas a hospitais) têm impacto ao nível das suas projeções e aspirações futuras, na medida em que associou o seu sonho de ser enfermeira ao facto de poder ajudar os outros. Este aspeto reflete a sua resiliência, na medida em que interpreta a sua experiência e dificuldades como oportunidade de crescimento e de definir o seu percurso profissional. Salienta-se que, na sessão anterior, um dos desejos apontados pela D. foi acabar o ano com média de 16, estando este associado às suas aspirações profissionais (ser enfermeira). Quando questionada sobre a opinião da mãe sobre o seu sonho profissional, respondeu que a mãe gostava que ela seguisse a carreira de psicóloga, mas que sentiu apoio para investir nas suas decisões. A incongruência e o simultâneo apoio parental relativamente às suas aspirações profissionais, reflete a presença de um contexto que promove a individuação da D., ou seja, a oportunidade de investir nos seus próprios interesses, desejos e escolhas profissionais.

Sessão: 5ª

Data do atendimento: 15 de dezembro de 2014

Presença: D., psicóloga responsável e a estagiária

O desenrolar da sessão foi dinâmico, tendo a D. adotado uma postura colaborante e recetiva. D. relata que, há três semanas atrás, esteve doente com gripe e uma gastroenterite, pelo que não pôde realizar os testes nas datas previstas. Elaborou os testes todos numa semana, exceto o teste de Filosofia. Obteve os seguintes resultados: 8,5 a Inglês; 8,8 a Matemática; 10 no teste prático de Físico-química e 5,7 no teste teórico; 11 a Biologia; e 10,5 a Português. A D. manifestou tristeza e frustração relativamente aos resultados, na medida em que considera que não está a conseguir alcançar os resultados necessários para obter a média final esperada (média de 16). Os testes com resultado negativo, correspondem às disciplinas nas quais considera ter mais dificuldade, sendo a sua principal dificuldade: a aplicação do conhecimento nos exercícios.

A psicóloga reforçou os resultados positivos e explorou as suas estratégias de estudo. A D. estuda todos os dias, mesmo quando não está em períodos de avaliação. Porém, passará a ter explicações fora do contexto escolar (não tem apoio especializado). No que concerne à sua condição de saúde (descontrolo hormonal), esta encontra-se estabilizada: está a tomar a

pílula e foi-lhe aplicado um aparelho contraceptivo no braço.

De seguida, procedeu-se à aplicação do Questionário *Zelazosca*, que tem como finalidade avaliar e explorar a dinâmica das relações familiares, atitudes e sentimentos em relação à família e auto-percepção na constelação familiar. A D. adotou uma postura recetiva perante a tarefa, manifestando disponibilidade e facilidade em exteriorizar os seus pensamentos e sentimentos através da escrita.

Devido a uma alteração no horário de consulta da D., não foi possível continuar a observar o acompanhamento.

Acompanhamento com o G.

Sessão: 1^a

Data do atendimento: 5 de novembro de 2014

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

Na primeira sessão, após a avaliação diagnóstica, a psicóloga solicitou ao G. a elaboração do desenho da sua família. No entanto, o G. adotou uma postura de resistência face à proposta, afirmando ausência de conhecimento acerca de desenhar uma família de pessoas. Face a esta resposta, a psicóloga sugeriu o desenho de qualquer tipo de família, proposta à qual aderiu sem hesitação: desenhou e coloriu uma família de elefantes composta por cinco elementos (pai, mãe e três filhos) e, no pano de fundo, montanhas e uma estrada. Enquanto o G. desenhava manteve contacto ocular frequente com a psicóloga e a estagiária e, alertava ou questionava sobre os elementos que ia desenhando. Assim, manifestou alguma necessidade de confirmação externa face aos elementos desenhados, o que de certa forma parece fundamentar insegurança e necessidade de aprovação externa sentidas pelo pai. Quando terminou o desenho, a psicóloga colocou questões relativas às características de cada elemento da família (e.g. Esta é uma família feliz ou triste?; Quem é o mais simpático?; Quem é o mais zangado?), às quais o G. respondeu: É uma família feliz, o mais simpático é o Filipe (irmão mais novo), ninguém é o mais zangado, o Pai é o mais feliz porque é o maior, quem anda mais triste é o Eduardo (irmão do meio), o mais brincalhão é o Luís (irmãos mais velho) e quem chora mais é o Filipe porque é o mais bebé.

Numa primeira análise, há alguns aspetos a ter em conta. Desenhou um agregado familiar diferente do seu (o G. é filho único), tornando mais difícil a associação entre esta família de elefantes e a sua própria família. Um aspeto interessante prende-se com a não atribuição de qualquer característica à mãe elefante, como se, apesar da sua presença física no

desenho, fosse um elemento ausente na família. Talvez seja um fator a ter em conta nas sessões posteriores, sobretudo considerando que a nível observável tem sido possível identificar uma maior presença da figura paterna na vida do G. (é o pai que o acompanha em todas as sessões e parece ser o membro ao qual G. tende a recorrer com mais frequência quando necessita). Além disso, de acordo com a sua professora há realmente um maior envolvimento do pai na vida do filho, tendo a mãe um papel mais periférico.

Entre os elementos da frateria parece pertinente explorar, com qual dos irmãos elefantes o G. se poderia identificar, a fim de compreendermos como percebe o seu papel no próprio contexto familiar. Este objetivo pode ser alcançado através do uso de questões relacionais que permitem explorar as modalidades de relação do sistema e, assim, compreender o seu funcionamento. Uma hipótese de intervenção poderia ser o uso de questões “como se” (perguntas metafóricas), por exemplo: “Se este elefante pudesse falar, o que nos diria?” ou “Sentes-te mais como o elefante mais velho, o do meio ou o mais novo?” “Se não fosses como esse, qual gostarias de ser?”. Este tipo de perguntas permite uma interpretação mais ampla, simbólica e contextual que acede a uma área intermédia entre a realidade e a fantasia. No sentido de compreender melhor a estrutura e o funcionamento da família, também seria pertinente realizar este tipo de atividade na presença de mais elementos da família, com a finalidade de explorar o passado e o presente desta família, dinâmicas relacionais, funcionamento e estrutura.

Tendo em conta que o G. se encontra, atualmente, numa fase de transição (entrada para a escola) poderia ser atribuída essa vivência a um dos filhos elefantes e colocar questões que permitissem a recolha dos sentimentos, emoções, dúvidas e dificuldades sentidas pelo próprio G. em relação a esta fase de vida. O mesmo se aplicaria ao evento de falecimento do avô que ocorreu no passado Agosto.

Comparativamente com a primeira sessão, o G. adotou uma postura de maior abertura e colaboração, mantendo um discurso e contacto ocular positivos.

Sessão: 2^a

Data do atendimento: 19 de novembro de 2014

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

O início da sessão debruçou-se sobre a exploração dos eventos da última semana, tendo sido partilhado pelo G. as suas últimas aprendizagens na escola (aprendeu quatro consoantes e a contar até 5). Comparativamente com a sessão anterior, manifestou maior abertura ao diálogo. O resto da sessão foi dedicada à elaboração de um puzzle com a orientação e apoio

da estagiária. Devido ao seu retraimento nos primeiros contactos com os outros, esta atividade realizada em conjunto foi uma forma de ir ao encontro dos interesses do G., bem como de motivar o seu envolvimento no processo terapêutico. Durante a realização da atividade, adotou uma postura de colaboração.

Sessão: 3^a

Data do atendimento: 26 de novembro de 2014

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

No início da sessão, a psicóloga precedeu à exploração da questão relativa à enurese, verificando-se uma diminuição (também referida pelo pai). Será proposto o registo de auto-monitorização com a finalidade de identificar os dias nos quais tende a ocorrer (e.g. se ocorrem sempre no mesmo dia ou não) e possível associação com algum aspeto emocional. Nesta sessão, foi realizado um jogo de estratégia e raciocínio espacial (*Rush Hour*). Durante o jogo, adotou uma postura concentrada e persistente em terminar cada um dos níveis, manifestando facilidade em lidar com a frustração. Adotou uma postura colaborante, bem disposta e manteve contacto ocular positivo. Uma vez que os objetivos delineados para três meses foram cumpridos com sucesso (manter contacto ocular, partilhar espontaneamente eventos do quotidiano e colaborar com as atividades propostas), estes serão reformulados. Os objetivos delineados pela psicóloga são: identificar diferentes estilos de comportamento; identificar o seu estilo de comportamento no quotidiano; identificar a atitude assertiva na resolução de determinadas situações e adotar um padrão de comportamento assertivo.

Sessão: 4^a

Data do atendimento: 4 de dezembro de 2014

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

Uma vez presente a suspeita de Síndrome de Asperger (fundamentada pelos dados obtidos na sessão de avaliação diagnóstica), esta sessão foi realizada no Ginásio, com a finalidade de compreender de que forma o G. reage perante um *setting* menos estruturando. O síndrome de Asperger é caracterizado por alterações nas interações sociais recíprocas e padrões de interesses e atividades restritos e repetitivos (APA, 2002). Difere do Autismo na medida em que não ocorre qualquer atraso no desenvolvimento da linguagem ou no desenvolvimento intelectual (APA, 2002).

Com recurso ao material do ginásio (e.g. argolas de diferentes tamanhos, cones, paus, prancha com rodas, sacos pequenos para colocar na cabeça) foi construído um percurso com

diferentes provas. Em cada fase do percurso, o G. teve de cumprir determinadas regras e objetivos. Adotou uma postura muito colaborante, mostrando-se muito motivado, seguro e aberto ao diálogo. Realizou o percurso, três vezes, sem qualquer dificuldade. Mostrou-se também muito flexível à mudança das regras e objetivos, lidou bem com a frustração e situações de exclusão (e.g. quando a psicóloga e a estagiária passavam a bola apenas entre as duas), adotando sempre uma postura muito persistente na realização das diferentes atividades. Assim, foi excluída a hipótese de Síndrome de Asperger pela psicóloga responsável.

Sessão: 5^a

Data do atendimento: 10 de dezembro de 2014

Presença: G., J.V, psicóloga responsável e a estagiária

A sessão foi novamente realizada no ginásio, com a finalidade de trabalhar o jogo simbólico através do uso dos materiais disponíveis.

Uma vez que a mãe do J. V. (utente da sessão anterior) não o foi buscar a horas, a sessão com o G. foi realizada na presença de ambos. O G. lidou muito bem com a entrada de um novo elemento na sessão, tendo sido a interação entre ambos muito positiva (o G. explicou ao J. V. o percurso realizado na sessão anterior e incentivou a sua participação em todas as atividades). O J. V. adotou uma postura de maior inibição. Por sua vez, o G. adotou uma postura colaborante e ativa. Recordou-se do percurso construído na sessão anterior, bem como das regras definidas pela psicóloga. Assumindo um papel ativo, construiu o percurso com a ajuda da estagiária. Quando a estagiária anunciou que o objetivo da sessão seria concretizar as diferentes tarefas e, simultaneamente, criar uma história, lidou muito bem com a mudança adotando uma postura de motivação e empenho. O percurso foi realizado três vezes com os mesmos materiais, sendo que na terceira vez, a pedido do G., o percurso foi realizado com as regras da sessão anterior.

O G. demonstrou facilidade em associar os materiais do ginásio a situações imaginárias, atribuindo-lhes diferentes significados. No entanto, foi necessária a ajuda da estagiária para manter uma sequência lógica da história, sobretudo na fase inicial. O jogo simbólico é a representação corporal do imaginário, sendo que apesar de predominar a fantasia e a imaginação, a atividade psicomotora exercida acaba por prender a criança à realidade. Neste sentido, por vezes, o G. tendia a focar-se na realidade concreta.

Na segunda ronda, a estagiária solicitou a ambos que realizassem o percurso “como se” fossem uma família. O G. adotou o papel de líder, criando a seguinte história: Era uma vez uma família de elefantes (o pai é o chefe e vai à frente, a mãe vai atrás para tomar

conta)...que estavam a passear numa grande montanha. Encontraram um rio cheio de crocodilos e por isso atravessaram-no por cima de pedras...no fim do rio saltaram todos o grande tronco e encontraram três passarinhos bebés. A família pegou nos passarinhos e levaram-no ao ninho onde estava a mãe. Depois, chegaram a um lago com muita lama e um de cada vez usou a prancha de surf e o skate (o pai ia sempre à frente e a mãe sempre atrás a tomar conta dos dois irmãos elefantes - o G. e o J. V.). Através desta atividade, pretendeu-se estimular a imaginação e fantasia, favorecendo a interpretação e ressignificação do mundo real. Foi possível recolher alguma informação sobre a forma como ambos concebem os papéis dos diferentes membros da família: o pai como o líder que orienta e guia o sistema familiar e a mãe com um papel mais associado à proteção dos filhos. Salienta-se que o J.V. participou em todas as rondas, adotando um papel mais passivo.

Sessão: 6ª

Data do atendimento: 17 de dezembro de 2014

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

Nesta sessão, foi explorado o seu relacionamento com o grupo de pares. O G. gosta de ir para a escola e de estar com os colegas de turma. Referiu que, no recreio, costuma brincar com os colegas, mas às vezes também brinca sozinho com os brinquedos que leva para a escola (carros e berlindes). O facto de passar alguns intervalos a brincar sozinho resulta da exclusão por parte dos seus colegas que, por vezes, não o incluem nas brincadeiras. Justificou a exclusão pelo facto de não conseguir “fazer algumas coisas” que os colegas fazem. No entanto, relatou algumas situações em que demonstra uma atitude assertiva na forma como resolve os seus problemas, defendendo-se de agressões e assumindo a sua posição perante os colegas mais manipuladores. Assim, foi propiciado um espaço de reflexão sobre a sua experiência na escola e no seio do grupo de pares.

No final da sessão, a psicóloga introduziu um jogo que permitiu verificar que o G. lida bem com a frustração e é persistente no desempenho das tarefas.

Sessão: 7ª

Data do atendimento: 7 de janeiro de 2015

Presença: G., psicóloga responsável e a estagiária

Esta consistiu numa consulta dividida: a psicóloga ficou com o pai e a estagiária ficou com o G. na sala das Novas Tecnologias. O Pai manifestou novamente a sua preocupação com o fascínio do filho por objetos rotativos, especificamente, canetas. Na sala das

Tecnologias, o G. realizou um jogo de língua portuguesa. Não foi possível realizar outro tipo de atividade, uma vez que a presente dinâmica da sessão ocorreu sem aviso prévio.

Sessões: 8 e 9ª

Data dos atendimentos: 14 e 28 de janeiro de 2015

Presença: G. e a estagiária

Na sétima e oitava sessões procedeu-se a uma avaliação cognitiva, nomeadamente, a aplicação da WISC-III, pela estagiária. No decurso da aplicação, o G. adotou sempre uma muito colaborante, contudo revelou alguma ansiedade perante o seu desempenho em algumas provas.

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

O G. foi avaliado através da ***Escala de Inteligência para Crianças de Wechsler (3ª Edição) – WISC-III***, que permite avaliar cognitivamente, o desempenho de uma criança. Trata-se de uma escala composta por vários subtestes, que avaliam diferentes parâmetros da inteligência. O resultado destes subtestes permite subdividi-los em três medidas compostas: QI verbal, QI de realização e QI global.

COMPORTAMENTO DURANTE A AVALIAÇÃO

O G. durante a realização dos vários subtestes adotou uma postura colaborante e disponível. Denotou-se uma atitude um pouco insegura e alguma impulsividade relacionada com o facto de gostar de realizar as tarefas de forma rápida.

Manifestou momentos de ansiedade, pela necessidade constante de obter feedback imediato quanto ao seu desempenho. Revelou motivação e investimento na realização de todas as provas; no entanto, o seu estado emocional condiciona a sua performance.

INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise quantitativa dos resultados comprova que o G. apresenta uma capacidade cognitiva e intelectual que se situa dentro da média esperada para a sua idade. Revelou um desempenho com um nível de significância de 99%, superior nas provas de carácter de realização comparativamente com as verbais.

Na análise dos índices fatoriais, também se verificou heterogeneidade na sua performance. A organização perceptiva e a velocidade de processamento situam-se nos limites da média superior esperada para a sua idade, enquanto a área da compreensão verbal se situa nos limites da média inferior.

Através de uma comparação intra-individual detetaram-se alguns pontos fortes e algumas áreas mais sensíveis, no que concerne ao seu nível de desempenho.

Comparativamente com a população em geral, o G. apresenta como áreas fortes, o raciocínio lógico-matemático, o cálculo mental, a capacidade de reter e diferenciar os detalhes essenciais dos não-essenciais de uma situação e uma boa velocidade no processamento da informação. Na análise intra-individual, destacaram-se como áreas fortes a organização perceptiva, a orientação espacial e a integração visuo-motora.

Como áreas mais sensíveis, quer numa análise intra-individual quer ao nível da população em geral, o Gabriel apresentou dificuldades ligeiras na capacidade de formação de conceitos abstratos assim como no desenvolvimento da linguagem expressiva e concetualização verbal.

CONCLUSÃO

Da análise dos resultados da WISC-III podemos concluir que G. apresenta uma capacidade cognitiva e intelectual que se situa dentro da média esperada para a sua idade. Revelou um desempenho significativamente superior nas provas de carácter de realização comparativamente com as verbais, o que poderá ser indicador de que o Gabriel está mais voltado para a ação do que para a reflexão.

Estes resultados apontam para uma capacidade de aprendizagem flexível na adaptação a novos estímulos. Uma das dificuldades mais sentidas pelo Gabriel ao longo da avaliação, foi ao nível da expressão e concetualização verbal.

No desenrolar das várias provas, denotou-se que o seu perfil ansioso pode condicionar de forma negativa a sua performance. O G. é muito perspicaz ao nível do raciocínio lógico; no entanto, perante a realização de tarefas que impliquem algum tempo de análise e reflexão, este torna-se impulsivo, respondendo de forma precipitada o que origina situações de insucesso.

Perante o exposto, podemos concluir que as suas dificuldades apontam para um funcionamento baseado maioritariamente no concreto. Neste sentido, considera-se pertinente a continuidade do acompanhamento psicológico de forma a reduzir a sintomatologia ansiosa e impulsiva que poderá condicionar o seu desempenho académico.

Sessões: 10^a e 11^a

Data dos atendimentos: 11 e 25 de fevereiro de 2015

Presença: G., psicóloga e a estagiária

Na nona e décima sessões procedeu-se à realização de um jogo de tabuleiro, perspetivando-se a estimulação cognitiva e ajudar o G. a desenvolver estratégias face à ansiedade experienciada associada à preocupação acerca do seu desempenho nas tarefas.

Sessão: 12^a

Data do atendimento: 4 de março de 2015

Presença: G. e a estagiária

A décima primeira sessão foi organizada e implementada pela estagiária sob um prisma mais relacional. Foi utilizada a dinâmica do jogo livre, com o objetivo de aceder ao mundo

interno e relacional do G., dado que o contexto e a história familiar não tem sido o foco de atenção no programa de intervenção delineado. O material consistiu na caixa lúdica utilizada no programa de intervenção “Leões Fortes”. Estes materiais funcionam como estímulos que proporcionam a oportunidade de autoexpressão, tendo-se procedido à exploração e reflexão daquilo que ia acontecendo, com a finalidade de aprofundar as modalidades de relação do sistema e, assim, compreender o seu funcionamento (Andolfi, 2003). Esta dinâmica permitiu a passagem de uma interpretação redutora com base apenas na representação dos cenários, para uma interpretação mais ampla, simbólica e contextual (Andolfi, 2003).

A orientação dada foi que estava perante uma caixa com brinquedos que poderia utilizar da forma que quisesse, durante o tempo estabelecido de quarenta e cinco minutos. Os materiais permaneceram na caixa, i.e., não foi previamente construído um cenário, sendo o objetivo que o G. se expressasse simbolicamente através da interação livre com os materiais.

O G. começou por explorar a caixa lúdica. Inicialmente, retirou as mobílias representativas das diferentes divisões da casa (cozinha, quartos e sala de jantar) para construir o interior de uma casa. Representou-a de forma muito arrumada e organizada nas suas diferentes divisões, partilhando simultaneamente as semelhanças da casa construída com a sua própria casa. Atendendo às estimulações, verbalizou que se tratava de uma casa que tinha de estar sempre muito arrumada. De seguida, retirou da caixa os seguintes bonecos: o pai, um filho e o avô. Colocou o avô e o filho na cozinha, explicando que se encontravam a conversar sobre futebol e a lanchar, e o pai na sala junto à mesa de jantar: *“o pai está na sala mas já vem lanchar com o filho e o pai”*. Apesar de ter retirado um boneco representativo de uma figura feminina adulta (a qual identificou como a mãe) deixou-a fora do cenário familiar. Quando questionado sobre os elementos que viviam na casa, respondeu que o avô estava de visita (colocando-o em cima de um carro) e introduziu a mãe no cenário, especificadamente, numa divisão separada daquela onde se encontrava o filho e o pai.

De seguida, começou a brincar e a refletir sobre diferentes momentos vivenciados entre pai e filho (e.g. estão os dois no computador a jogar um jogo; estão a jantar e a comer fruta; estão a tomar o pequeno almoço; o pai vai levar o filho à escola; o pai está a ajudar o filho a fazer os trabalhos de casa). A figura materna permaneceu como um elemento presente, mas apenas num nível físico e estático. Com a finalidade de explorar e refletir sobre o papel da mãe na família, questionou-se: *“O que é que a mãe está a fazer durante o tempo em que o filho e o pai estão a comer, a jogar ou a fazer os trabalhos de casa?”*. O G., manifestando alguma tristeza, respondeu que a mãe estava a arranjar-se para trabalhar: *“a mãe está a vestir-se e depois está no trabalho”* ao mesmo tempo que colocou no pescoço dela uma câmara

fotográfica retirando-a rapidamente do cenário familiar. Perante a proposta de reflexão “*Parece-me que este pai e filho são muito unidos*”, o G. partilhou que o pai era pessoa de quem o filho mais gostava aproximando os dois bonecos e que também gostava da mãe, mas menos porque como “*está sempre a trabalhar não tem tempo para brincar*”. De forma a facilitar a projeção dos seus sentimentos em relação à ausência da figura materna, refletimos sobre os sentimentos do boneco representativo do filho. Manifestando alguma ansiedade, o G. respondeu que o filho sentia-se triste e com saudades. Após esta reflexão, abandonou o cenário familiar e começou a brincar com outros materiais (animais e carros).

O G. explorou a caixa lúdica e comunicou as suas vivências reais e psíquicas com vivacidade, através do *seu brincar*. Inicialmente, simbolizou o seu lar e trouxe a lume relações de proximidade emocional e interacional entre diferentes gerações, especificamente, entre os elementos masculinos de três gerações (avô, pai, mãe e filho). Ao longo de toda a sessão, comunicou a relação com o pai permeada de união e proximidade, retratando uma maior presença da figura paterna na sua vida (quer a um nível físico como emocional) e a sua principal figura de referência. Por outro lado, comunicou e simbolizou a relação com a mãe enquanto uma relação caracterizada por desencontros e pelo distanciamento físico e emocional (devido ao contexto profissional) transmitindo a sua experiência de ausência em relação à mãe, o desejo de estar com esta, bem como alguma ambivalência, na medida em que comunicou sentir amor pela mãe e, simultaneamente, identificou-a como alguém de quem gosta menos porque tem saudades. Mãe e filho estiveram sempre separados pelas diferentes divisões da casa, trazendo à superfície a dinâmica relacional entre o G. e a mãe onde parece destacar-se a experiência de ausência.

Através dos brinquedos, o G. estruturou e comunicou as suas modalidades de relação no seio familiar, bem como as suas angústias e problemas internos, permitindo o aparecimento de uma perspectiva ampla a respeito da si e do seu funcionamento familiar.

Sessão: 13^a

Data do atendimento: 11 de março de 2015

Presença: G., psicóloga e a estagiária

Esta sessão foi realizada na sala das Tecnologias, tendo a intervenção versado sobre exercícios de estimulação cognitiva através do recurso à Mesa Educativa E-blocks. Foram trabalhados conteúdos como a orientação espacial, semelhanças e a classificação. O G. mostrou-se muito persistente na realização dos vários exercícios e manifestou preocupação com o seu desempenho. Denotou-se alguma impulsividade e ansiedade quando se deparava

com dificuldades, no entanto persistiu sempre nas tarefas.

De ressaltar que o G. mostrou-se muito flexível e recetivo à mudança do *setting* terapêutico, mesmo após ter manifestado interesse em desenvolver outro tipo de atividade.

Sessão: 14^a

Data do atendimento: 18 de março de 2015

Presença: G., psicóloga e a estagiária

A sessão decorreu na sala das Tecnologias, tendo sido dada continuidade ao trabalho iniciado na sessão anteriores: exercícios de estimulação cognitiva através do recurso à Mesa Educativa E-blocks. As atividades versaram sobre conteúdos como o cálculo mental e o raciocínio lógico-matemático.

O G. continua a adotar uma postura muito persistente, destacando-se a sua perspicácia na realização das diferentes atividades e, concomitantemente, menor ansiedade em relação ao seu desempenho.

Sessão: 15^a

Data do atendimento: 8 de Abril de 2015

Presença: G., psicóloga e a estagiária

A sessão decorreu na sala das Tecnologias, tendo sido dada continuidade ao trabalho iniciado nas sessões anteriores: exercícios de estimulação cognitiva através do recurso à Mesa Educativa E-blocks. As atividades versaram sobre conteúdos como o cálculo mental e o raciocínio lógico-matemático. Apesar de manifestar uma postura colaborante, denotou-se algum cansaço e desmotivação por parte do G. traduzidos num tempo de resposta mais lento e menor perspicácia na realização das atividades, possivelmente associados a cansaço escolar.

Sessão: 16^a

Data do atendimento: 22 de Abril de 2015

Presença: G., psicóloga e a estagiária

A presente sessão foi realizada no Ginásio. Recorrendo a diferentes materiais foi construído um percurso com diferentes provas, tendo o G. adotado um papel muito ativo na construção do mesmo. Em cada fase do percurso teve de cumprir determinadas regras e objetivos. O G. adotou uma postura muito colaborante e flexível perante a mudança de regras e objetivos a alcançar. Quando se deparou com alguma dificuldade persistiu nas tarefas até alcançar sucesso, não desistindo perante o falhanço e o aumento da complexidade das provas.

Numa fase final da sessão os objetivos a alcançar incluíram o fator tempo, ou seja, o G. teve que realizar o percurso dentro de um determinado período de tempo. Perante o fator tempo denotou-se uma postura um pouco ansiosa traduzida numa maior impulsividade.

Após ter sido avaliado pelo serviço de Psicomotricidade, revelou necessidade de acompanhamento a esse nível. Algumas dificuldades psicomotoras podem estar subjacentes à ansiedade experienciada quando se encontra perante situações de avaliação da sua performance. Assim, a psicóloga deu como terminado o acompanhamento psicológico.

Anexo F: Relatórios de intervenção em contexto de intervenção de atendimento individual

Acompanhamento da família M.

Sessão: 1^a

Data do atendimento: 4 de dezembro de 2014

Presença: D., psicóloga e a estagiária

Na primeira sessão, a D. adotou uma postura colaborante e bem disposta, manifestando interesse e motivação para se envolver no processo terapêutico. Descreve-se como uma pessoa preocupada: está sempre preocupada com os pais e com o irmão, associando essa preocupação ao facto de, quando vivia com a mãe, via sempre a mãe muito preocupada (com as frequentes visitas de assistentes do serviço social decorrentes do seu problema com o álcool). Numa dada família, cada geração recebe o legado de um determinado nível de ansiedade crónica que lhe é deixado pela geração que a precede (Papero, 1989). Considerando a experiência de ansiedade elevada por parte desta família, podemos estar perante um processo de projeção familiar (Papero 1989), na medida em que a vivência de ansiedade/preocupação está presente nas duas gerações. Este processo faz com que a D. leve consigo um modo de perceber e interpretar o mundo, a si própria e o comportamento dos demais (que desenvolveu com os seus pais), bem como um conjunto de comportamentos emocionais associados ao complexo formado por sensibilidade, perceção e interpretação (Papero, 1989).

Partilhou que, recentemente, tentou fugir da escola para ir ter com a mãe porque tinha saudades dela, tendo sido impedida por uma funcionária que a viu. O pai teve conhecimento da situação e falou com a escola para proibir as saídas.

Segundo a D., os pais discutem muito devido a questões relacionadas à guarda parental, difamando-se reciprocamente na sua presença. Manifestou tristeza em relação à dinâmica relacional entre os pais e verbalizou sentir dificuldades em expressar os seus sentimentos junto dos progenitores, por medo de causar mais conflito. Atualmente, não tem memórias de quando os pais ainda estavam juntos, o que pode evidenciar o recalçamento devido ao sofrimento decorrente da separação dos pais.

No final da sessão, a psicóloga procedeu à aplicação do questionário YSR.

Sessão: 2ª**Data do atendimento:** 18 de dezembro de 2014**Presença:** D., psicóloga e a estagiária

A D. trouxe uma história escrita por si (A I. e uma rasteira da vida), baseada na experiência de uma colega de turma, transmitindo a seguinte mensagem: devemos dar valor ao que temos porque, a qualquer momento, a vida prega-nos uma partida. Costuma escrever muitas histórias baseadas em experiências de vida de outras pessoas, mas tem dificuldade em escrever sobre si própria.

Foi dada continuidade ao preenchimento do questionário YSR. Após preencher todos os itens de carácter quantitativo, respondeu à última questão relativa à descrição dos seus sentimentos, comportamento e interesses. Revelou tristeza e raiva em relação à avó paterna e uma das tias paternas, devido às “...*coisas más que lhe dizem...*”. Partilhou duas situações suscitadoras dessas emoções: no verão, a avó disse-lhe que ela era a “*vergonha da família*” porque saiu de casa com uma saia e umas botas; a madrinha ralhou muito com ela porque a D. vestiu uma camisola sua.

A psicóloga questionou se a D. usava as orelheiras de pelo (que trouxe consigo) no Verão. Referiu que as orelheiras não serviam apenas para o frio, mas para não ouvir os que as pessoas dizem. Quando está triste coloca as orelheiras e fica mais calma e contente. Assim, as orelheiras parecem funcionar como um objeto protetor que “*faz sair as coisas más e guardar as coisas boas*”. Através deste objeto, mais uma vez, a D. expressou espontaneamente o seu sofrimento em relação ao contexto familiar.

Sessão: 3ª**Data do atendimento:** 8 de janeiro de 2015**Presença:** D. e a estagiária

A partir da terceira sessão passou a ser da responsabilidade da estagiária a organização e condução das sessões. Os objetivos da sessão versaram sobre a aplicação do instrumento *Dupla Lua* (Greco, 2006), perspetivando: compreender a estrutura relacional e o mundo representacional do sistema familiar; refletir com a D. sobre a qualidade das relações familiares; aprofundar as fronteiras, pertenças e ausências dentro da família; conhecer os polos de conflitos familiares; e facilitar a expressão/partilha das emoções e sentimentos associados ao seu contexto e vivências familiares.

Apesar de ser a terceira sessão, considerou-se importante refletir com a D. a forma como percebeu o espaço terapêutico, no sentido de tornar claro os papéis, bem como fomentar

um sentido de confiança e segurança. Neste sentido, sensibilizou-se para o facto do papel da psicóloga não incluir as soluções para todos os seus problemas, angústias e medos, mas antes alguém que, em conjunto com ela, a ajudará a refletir e a compreender esses mesmos aspetos. Também conversámos sobre os aspetos da confidencialidade, no sentido da D. sentir este espaço como um *lugar* no qual pode, livremente, partilhar as suas experiências.

Posteriormente, procedeu-se à exploração da época festiva (Natal). Uma tia paterna veio da Suíça para passar o Natal, tendo sido uma surpresa muito boa na sua perspetiva. Gosta muito da tia, evidenciando que a relação é pautada pelo carinho e apoio emocional. Passou o Natal com o pai, o irmão e mais familiares da estirpe paterna. Partilhou duas situações de conflito com uma tia paterna que culminaram em reações agressivas por parte desta. A relação entre as duas parece ser marcada pelo conflito e ausência de proximidade. Considera que a tia era “*boazinha*” antes da filha nascer, manifestando carência de atenção por parte da família: “*antes dela nascer toda a gente me dava atenção, agora não dão*”. O nascimento da prima, teve impacto na posição que a D. sempre ocupou na família e na própria visão que tem de si mesma: deixou de ser o elemento mais novo e o principal foco de atenção. Denota-se alguma dificuldade em compreender e gerir esta mudança familiar. O pai ficou alcoolizado na noite de Natal. Passou a passagem de ano com a Mãe e gostou muito.

Procedeu-se à aplicação do instrumento *Dupla Lupa*.

Sessão: 4^a

Data do atendimento: 15 de janeiro de 2015

Presença: D. e a estagiária

Na quarta sessão demos continuidade à aplicação do instrumento *Dupla Lupa*. A D. tem revelado abertura e capacidade para realizar comentários, explicações e associações livres a partir daquilo que emerge do desenho. Trouxe mais uma história escrita por si. Geralmente, estas histórias são baseadas em experiências reais de pessoas conhecidas, através das quais acaba por inconscientemente transmitir as suas próprias angústias, preocupações e vivências.

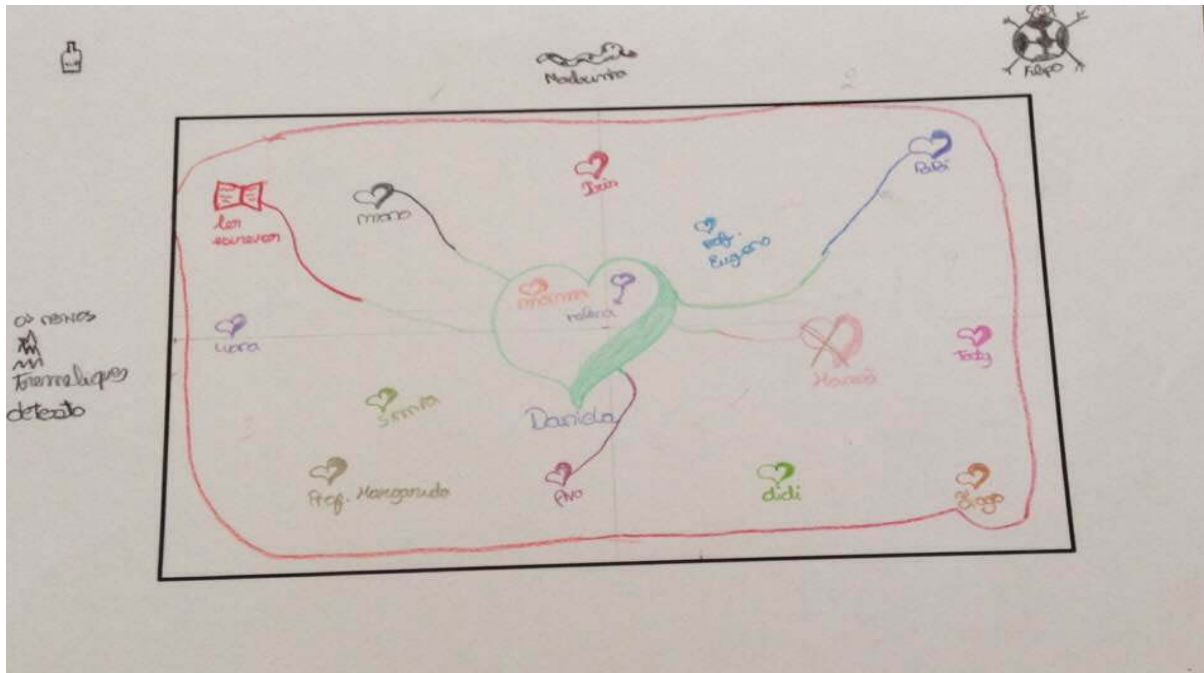
Sessão: 5ª

Data do atendimento: 22 de janeiro de 2015

Presença: D. e a estagiária

Finalização da aplicação do instrumento Dupla Lua.

Análise dos resultados



Nos últimos três encontros começámos a compreender a estrutura relacional e o mundo representacional do seu sistema familiar. Assim, demos início à reflexão sobre a sua história, a qualidade das suas relações familiares, bem como sobre as pertenças e ausências dentro da família. Apesar da aplicação ter sido efetuada apenas com um elemento da família nuclear, a D., foi possível conhecer e refletir sobre estes aspetos, devido à sua capacidade para realizar comentários, explicações e associações livres a partir daquilo que ia emergindo do desenho. Mas sobretudo, à sua capacidade e disponibilidade emocional para se situar e entrar em diálogo com o passado (Sousa, 2005).

O título que demos ao desenho foi *o mundo de naufragos*, uma vez que numa primeira impressão, observamos um conjunto de *naufragos* que parecem *flutuar* num imenso oceano. A dimensão do símbolo com o qual se representou a si é o elemento mais saliente, surgindo como o símbolo maior semelhante a um navio que tenta *resgatar* os *naufragos* que a rodeiam.

Começou por se desenhar a si própria, para passar logo a desenhar a sua prima L., a sua mãe, o pai e o irmão; depois desenhou a Professora M., o Didi (gato), o Simba (cão) e a Íris (um gato que fugiu). Em décimo lugar desenhou o T. (primo do lado da mãe) e, de seguida, a

T. (prima do lado do pai), a Professora E., a garrafa de vinho, a madrinha (Tia paterna), o seu interesse em ler e escrever, a colega F. (com a qual mantém, atualmente, uma relação de conflito) e a sua experiência de elevada ansiedade. Estes foram os elementos que desenhou espontaneamente. Só depois de ser colocada a 4ª instrução relativa às ausências, é que desenhou o avô paterno, abaixo do seu símbolo e a amiga Helena (com a qual não mantém uma relação atualmente) no interior do símbolo representativo de si própria.

Nesta família sucedem-se no tempo uma série de eventos críticos não normativos (Scabini & Iafrate, 2003). Todas as famílias vivem momentos chave, em que se produzem transições decorrentes de eventos críticos normativos ou previsíveis, marcados pela entrada ou saída de membros, como, por exemplo, a formação do casal ou o nascimento de um filho. Contudo, também podem decorrer de eventos críticos não normativos ou dificilmente previsíveis, como o divórcio, a adoção ou o acolhimento de uma criança, o abandono ou a morte prematura de um membro, uma doença grave, a emigração e consequente ausência familiar ou a criação de uma família reconstituída (Greco, 2006). Alguns desses eventos, que foram marcando a história desta família, são a vivência de múltiplos divórcios (da Tia/Madrinha, dos pais da D. e dos Tios maternos, pais do Tiago), as mortes prematuras de cinco irmãos da mãe (devido a negligência parental - morreram à fome e um deles morreu queimado no fogão), episódios recorrentes de violência doméstica na relação entre os avós maternos, o abuso de álcool do avô materno e da mãe da D. e, ainda, a emigração de vários elementos da família: o pai emigrou durante sete anos e atualmente a maioria dos Tios (do lado materno e paterno) estão emigrados no estrangeiro. O fenómeno da transmissão familiar refere-se aos padrões familiares que se repetem de uma geração para a outra, os quais são definidos a partir dos legados, valores, crenças, segredos, ritos e mitos que se perpetuam e fazem parte da história da família (Wagner, 2005). Verifica-se a repetição de relações conjugais instáveis e que tendem a culminar no divórcio, bem como problemas com o álcool em pelo menos duas gerações.

As situações familiares complexas, que têm a sua origem em eventos críticos não normativos, estão frequentemente marcadas por experiências de perda. Neste caso, estas perdas aconteceram no plano da realidade, devido à morte dos membros familiares supracitados, bem como no campo psicológico que pode variar da lembrança ao lamento, da simbolização à negação ou ao evitamento (Greco & Comelli, 2008), como veremos de seguida. A família encontra-se comprometida em todo o seu ciclo de vida, num processo de redefinição das fronteiras, que se dilatam ou retraem em função dos eventos críticos vividos.

A ambiguidade das fronteiras familiares pode ser motivo de insegurança e confusão nas

relações familiares, que podem tender a ser vividas como incertas (Greco & Comelli, 2008), como parece ser o caso da D. Através do desenho, observamos um aglomerado de pessoas dispersas no espaço, que não se aprecia a uma família ou grupo, mas um aglomerado de elementos desconexos e flutuantes, já que envolveu todos no mesmo círculo, misturando elementos que pertencem ao seu contexto familiar e extrafamiliar (dois professores e uma amiga – H.). Verbalizou que todas essas pessoas “fazem parte da família”, pelo que quanto às fronteiras intersistêmicas, ou seja, as que marcam a distância entre a família nuclear e a sociedade, poder-se-ia dizer que são difusas para a D., evidenciando dificuldade em distinguir o seu espaço familiar do espaço extrafamiliar (Minuchin, 1982). O espaço externo ao retângulo foi preenchido pelas pessoas com quem mantém relações de conflito (F. e a madrinha) e experiências negativas (a garrafa de vinho representativa do alcoolismo da mãe e a sua ansiedade), interpretando este espaço externo como “o lugar das coisas más”. Este aspeto também é evidenciado pelas cores utilizadas: o preto para representar experiências negativas e pessoas com quem mantém relações de conflito. Por outro lado, utilizou cores vivas e do seu agrado para representar as pessoas importantes.

Na análise das fronteiras individuais que fazem referência à distância entre a pessoa e os outros, parece existir uma tendência para o isolamento em relação ao grupo de pares, uma vez que se verifica a ausência de pessoas significativas a esse nível. Embora, em sessões anteriores, a D. tenha mencionado três amigas com quem passa algum tempo na escola (B. H. e B.), não as considerou como parte do seu mundo, mesmo após ter sido colocada a 4ª instrução relativa às ausências. Apenas incluiu, no espaço exterior ao retângulo, uma colega (F.) com a qual mantém uma relação pautada por algum conflito. De acordo com o seu discurso, costuma conviver com raparigas mais velhas (amigas do irmão) com quem “conversa muito” e que lhe dão “muitos beijinhos e carinho”. Apesar destas não terem sido incluídas no desenho, aparecem como um grupo importante na sua vida provedor de proximidade e afeto sentidos como ausentes nas relações com os familiares, inclusive na relação com o pai.

Desde o final de 2012, a D. vive com o pai (35 anos de idade) e com o irmão M. (17 anos de idade). Até essa data, e na sequência do divórcio dos progenitores há 8 anos, ficaram aos cuidados da mãe (o pai esteve em Inglaterra durante 7 anos). Dado que a mãe teve um problema de alcoolismo, a guarda foi atribuída ao pai, sendo que o conflito parental parece persistir até hoje. Estes eventos críticos não normativos provocaram, na família, crises sucessivas de desorganização estrutural, relacional e comunicacional.

Em relação ao divórcio, a separação consistiu numa incisão no ciclo da vida familiar,

onde as tarefas *normais* que a família experienciava foram interrompidas e modificadas, avançando com maior complexidade. A relação entre os pais continuou a ser marcada pelo conflito que recai, maioritariamente, sobre o desacordo em relação à guarda da D.. Neste sentido, a D. continua a ser exposta ao conflito interparental, na medida em que cada um dos progenitores difama o outro na sua presença. Este aspeto evidencia que a separação não foi vivenciada de forma adequada pelo subsistema parental, na medida em que o casal continuou a enfrentar a crise do vínculo convocando as gerações descendentes para a nova realidade da separação (Cigoli, 2002) e, assim o desenvolvimento de fronteiras pouco claras e pouco permeáveis entre o subsistema conjugal e o subsistema parental (Minuchin, 1982).

Atualmente, a D. revela dificuldade em manifestar o seu sofrimento e sentimentos associados às vivências familiares junto dos pais (sobretudo com o pai), devido ao receio de causar conflito: “os meus pais não gostam um do outro e discutem por minha causa”. Não é a separação conjugal, em si, a fonte das dificuldades, mas o conflito entre os pais no que se refere à sua intensidade, persistência ao longo do tempo e à ausência de uma comunicação saudável entre o subsistema parental (Simon et al., 2010). Neste caso, foi sendo incluída no conflito, ficando triangulada de uma forma maligna, tendendo para um lado e para o outro numa situação de sofrimento e angústia por perceber que ao agradar um dos progenitores poderia desagradar ou magoar o outro. Coloca-se a hipótese de um conflito de lealdade. Quando falamos de *conflito de lealdade*, referimo-nos a um conflito intrapsíquico, que se produz nas instâncias do sujeito e não na qualidade das relações mais ou menos positivas entre cada elemento da família (Boszormenyi Nagy & Spark, 1973). O conflito de lealdade é um conceito que aparece ligado às fronteiras intrasistémicas, referindo-se principalmente a um problema intrapsíquico. Quando as fronteiras são rígidas, transformam-se em excludentes, obrigando as pessoas com duplas pertenças a posicionarem-se de um lado ou do outro, impossibilitando a integração.

A presente dinâmica criou, ao longo do tempo, um ambiente familiar *stressante* suscitando reações de *stress*, tristeza, preocupação e insegurança (Simon et al., 2010) que continuam a dificultar a adaptação da D. à nova realidade familiar (Andolfi, 2013) e o encontro de um contexto de pertença. O desenho elaborado e o seu discurso, chamam a atenção para a ausência de um sistema de pertença e de unicidade familiar, transmitindo a sensação de que vive em dois mundos separados (Ferraris, 2002). Quando questionada sobre como se sente no interior da sua família, afirmou sentir-se bem na casa da mãe e mal na casa do pai: porque na casa da mãe ela e o irmão “são os tesouros” e na casa do pai “os primos é que são os tesouros da família”. A D. sente pertencer em simultâneo a dois contextos

familiares e, portanto, vive um possível *conflito de pertença* (Greco, 2006). O *trauma* do divórcio, uma vez enfrentado é capaz de abrir novos espaços afetivos e éticos, produzir transformações na identidade, provocar reestruturações e até transformações relacionais (Cigoli, 2002). Contudo, há sempre um luto que deve ser realizado, pelo progenitor desaparecido, uma aceitação que tem que ser elaborada, relativamente aos elementos que entram de novo, bem como a construção nova que tem que ser edificada: a dos padrões transacionais e das regras do novo sistema (Alarcão, 2002).

Apesar da separação conjugal ter acontecido há já oito anos, levanta-se a hipótese de um luto não elaborado em relação ao divórcio por parte da D., refletido no seu desejo e fantasia de que os pais possam estar novamente juntos. Esta hipótese fundamenta-se no conteúdo verbal e gráfico. Antes da D. ter alterado a posição do símbolo representativo da mãe para dentro do símbolo representativo de si própria, os símbolos representativos dos pais e as linhas que os ligam à D. estão muito próximos. Além disso, quando foi colocada a instrução 5 relativa ao espaço do desejo, referiu que “gostava de ser feliz e que os pais vivessem juntos”. A sua conceção de felicidade parece encontrar-se estritamente associada à união dos pais. No decurso desta reflexão, a D. referiu que a mãe lhe contou que se separou do pai porque já não era feliz e que era o melhor para todos, questionando: “*porque é que os pais não se podem unir através dos filhos?*”. Esta última questão, coloca-nos também a refletir sobre a ausência de reconhecimento do espaço que diferencia e *separa* o subsistema conjugal do subsistema parental. Atualmente, não tem memórias de quando os pais ainda estavam juntos, o que pode evidenciar o recalçamento devido ao sofrimento decorrente da separação dos pais, o qual é ainda muito presente.

Encontramo-nos perante uma família na qual a figura materna tem a seu cargo o polo afetivo, que inclui as várias formas expressivas da relação (a vida emocional, o afeto, o aconchego), e a figura paterna, mais passiva no que concerne à dimensão afetiva, tendo a seu cargo o polo ético que se expressa através das normas, das regras e dos valores, bem como de um sentido de responsabilidade e compromisso (Scabini & Cigoli, 2006). Esta organização do subsistema paterno pode ter decorrido dos eventos não normativos vivenciados por esta família, como sejam a experiência de alcoolismo da figura materna, o divórcio e a emigração da figura paterna durante sete anos (após a separação conjugal). A família é a primeira vítima do consumo excessivo de álcool, sofrendo as consequências diretas na dinâmica relacional, tornando-se o lar simultaneamente patológico e patogénico, sobretudo para os filhos, desde as dificuldades e carências materiais, até às perturbações relacionais e à desagregação familiar (Alves, 2003). Para que a família responda às suas necessidades e, para que o ex-casal e o

sistema familiar consiga alcançar novos limites, novas dinâmicas de relação, comunicação e interação, é fundamental a redefinição de papéis, fronteiras, relações, regras e das rotinas/hábitos que guiavam a sua estrutura e funcionamento (Emery, 1999). No entanto, a presente família parece ter alcançado um estado de estagnação ou bloqueio, tendo no seu pano de fundo uma dinâmica relacional que varia entre relações com tendência à simbiose e relações rígidas marcadas pela distância interpessoal e comunicação disfuncional.

O pai da D. emigrou para o estrangeiro durante 7 anos (raramente vinha a Portugal, apenas em épocas festivas), levando ao desenvolvimento de uma relação pai-filhos marcada pela distância interpessoal e a que, atualmente, este assume uma posição periférica ao nível emocional. Ou seja, pode-se dizer que é uma ausência paterna decorrente da distância emocional/falta de afeto, que acontece mesmo estando o pai fisicamente presente. O discurso da D. reflete esta ausência afetiva, na medida em que verbalizou sentir ausência de proximidade, atenção e diálogo (“está sempre a trabalhar...sempre irritado por causa do trabalho, uma pessoa fala com ele e ele responde logo mal...”). Este aspeto também é observável graficamente, na medida em que a D. colocou o símbolo do pai no canto superior direito do retângulo e, assim, acima e distante do seu. Deste modo, esta relação parece ser pautada por fronteiras rígidas e desligadas caracterizada por distância interpessoal, impedindo a comunicação funcional e não garantindo as funções de acolhimento (Minuchin, 1982).

A mãe, pelo contrário, traz para a relação a dimensão afetiva. A D. descreveu a relação com a figura materna como sendo positiva e pautada por muita proximidade e afeto: “dá-me muitos miminhos e conversamos muito...contamos tudo uma à outra”, verificando-se que é na relação mãe-filha que encontra, atualmente, um espaço de conforto que contém a sua carência e necessidade de proximidade emocional. No entanto, durante os 7 anos em que os filhos ficaram ao cuidado da progenitora, a família careceu de uma estrutura coesa no que se refere às normas e regras, mas sobretudo à dimensão da responsabilidade, compromisso e proteção (Scabini & Cigoli, 2006). Inclusivamente, a D. contou que dormia, repetidamente, em casa de uma senhora devido ao problema de alcoolismo da mãe. Parece ter ocorrido uma inversão de papéis, decorrente do comprometimento das funções parentais, já que a D. partilhou que tomava conta da mãe e estava sempre preocupada com ela. A este respeito, no primeiro encontro a D. descreveu-se como sendo uma pessoa preocupada: está sempre preocupada com os pais e com o irmão, associando essa preocupação ao facto de, quando vivia com a mãe, via sempre a mãe muito preocupada (com as frequentes visitas de assistentes do serviço social decorrentes do seu problema com o álcool). Numa dada família, cada geração recebe o legado de um determinado nível de ansiedade crónica que lhe é deixado pela

geração que a precede (Bowen, 1998). Este processo faz com que a D. tenha desenvolvido um modo de perceber e interpretar o mundo, a si própria e o comportamento dos demais (que desenvolveu com os seus pais), bem como um conjunto de comportamentos emocionais associados ao complexo formado por sensibilidade, percepção e interpretação (Bowen, 1998).

No que concerne à relação mãe-filha poder-se-ia falar de uma relação igualitária com tendência para a fusão. Este aspeto é observável no desenho: num primeiro momento o símbolo da mãe encontra-se ao lado da D. e, num segundo momento, está dentro do próprio símbolo que a representa. Justificou essa mudança pelo facto de serem muito próximas, “a minha mãe faz parte do mundo do mundo...nós não temos uma relação de mãe e filha, a minha mãe diz que somos amigas inseparáveis...contamos tudo uma à outra”, evidenciando o desenvolvimento de uma relação marcada pela fusão ou simbiose. Assim, relativamente às fronteiras geracionais, aparecem na relação mãe-filha fronteiras difusas e excessivamente permeáveis, que dificultam a assunção de papéis próprios de cada geração.

Verifica-se nas fronteiras individuais uma tendência para a fusão, evidenciada pela modalidade gráfica não integrativa e pelo conteúdo verbal. A tendência para a dependência física e emocional e, conseqüente dificuldade em gerir a distância e a proximidade não se verifica apenas na relação com a progenitora, mas em todas as suas relações, inclusive com o pai. Quando colocada a quinta instrução relativa ao espaço do desejo, a D. disse: “gostava que os meus pais ganhassem o euromilhões para estarem sempre comigo”. Esta dinâmica relacional também é evidente na sua relação com a Tia/Madrinha, a avó materna (não foi incluída no desenho) e o irmão. Em relação à Tia/Madrinha, a D. qualificou a relação como sendo negativa “porque não passa tempo nenhum comigo...antes até dormíamos juntas...agora não sou nada para ela, só sirvo para tomar conta da L.”. Assim, considera que a relação passou a ser negativa após o nascimento da prima, pois deixou de ser o único foco de toda a atenção: “...antes dela nascer, toda a gente me dava atenção...agora não dão”. A este respeito poder-se-ia falar de uma possível parentalização ou inversão de papéis, em que a D. assume o papel de cuidadora da sua prima L.. A ordem em que desenhou as diferentes pessoas é muito significativa a este nível, pois desenhou em segundo lugar a Luana, antes dos próprios pais, num possível gesto de proteção e parentificação. Esta ideia fundamenta-se no seu discurso, ao longo das sessões, que reflete a sua assunção de um papel de cuidadora da prima.

Em relação à avó materna (com a qual convive várias vezes) disse “...que ela era fixe quando vivia sozinha...agora vive com a Y. (prima) e eu acho que ela já não gosta de mim como eu gosto dela...não me dá tantos beijinhos e abraços”. Mesmo após ter sido colocada a quarta instrução relativa às ausências não incluiu a avó materna, nem a avó paterna. Salienta-se

que os avós paternos vivem na casa ao lado da sua, sendo que durante a semana, quando o pai está a trabalhar, a D. e o irmão ficam aos seus cuidados. Como referido anteriormente, a D. diz sentir-se mal na casa do pai porque lá “os primos é que são os tesouros da família”, contrariamente ao que acontece na casa da mãe onde ela e o irmão são os únicos focos de toda a atenção e carinho. Relativamente à relação com o irmão, descreve-a como sendo muito positiva, contudo, manifestou choro fácil e ansiedade pelo facto deste completar 18 anos num futuro próximo: “...ele devia ficar com 17 ou 10 anos para sempre, assim estávamos sempre juntos...não o imagino a viver fora de casa com outra pessoa”, evidenciando o desejo de simbiose com o mesmo.

É reconhecido que à medida que o tempo vai passando as relações vão-se organizando de forma diferente, sendo que ao longo das diferentes transições do ciclo vital familiar, surgem novos lugares e papéis implicando a necessidade de uma reorganização relacional, de papéis e funções até então desempenhadas. O baixo grau de diferenciação da D. é refletido na sua dificuldade em vivenciar relações positivas através de um equilíbrio entre proximidade e distância (Bowen, 1998), repercutindo-se na atual dificuldade em compreender, integrar e vivenciar de forma adaptativa as transições do ciclo vital familiar (passadas, atuais e futuras), sem sentir insegurança e um sentimento de abandono nas suas relações. Parece ter interiorizado que as relações só podem ser positivas e mantidas quando há presença real (física), necessitando de consecutivas confirmações de afeto e carinho físico para se sentir segura e amada nas suas relações. Este aspeto é refletido graficamente, na medida em que não incluiu como fazendo parte do seu mundo algumas Tias e Tios porque vivem no estrangeiro: “eu dou-me bem com alguns...mas eles vêm poucas vezes cá, por isso não vou por desenho”.

É ainda importante destacar que o seu baixo grau de diferenciação não se revela apenas a um nível relacional, mas também emocional. A indiferenciação emocional é clara se tivermos em conta as histórias escritas pela Daniela e, assim, a forma como as experiências que vêm de fora a afetam profundamente. As histórias são baseada em experiências reais de pessoas conhecidas, através das quais representa conscientemente o sofrimento dos outros e, inconscientemente, as suas próprias angústias, preocupações e vivências.

Atendendo às linhas que *ligam* a D. à família nuclear e ao avô paterno, vemos que estas começam num tom verde e terminam noutra cor. Esta particularidade parece representar a supracitada ausência de um sistema de pertença, bem como a carência de proximidade e afeto sentidos como insuficientes na suas relações, à exceção da relação com a mãe.

Sessão: 6^a

Data do atendimento: 5 de fevereiro de 2015

Presença: D. e a estagiária

Inicialmente, procedemos à reflexão sobre o percurso realizado até ao momento para revermos a finalidade da atividade realizada e o tipo de trabalho a realizar, em conjunto, durante os próximos encontros. Solicitou-se a partilha das suas expectativas em relação ao processo terapêutico através da questão: “O que achas que vai acontecer durante as próximas sessões?”. A D. verbalizou que achava que íamos “conversar sobre os seus problemas familiares”, evidenciando reconhecer os objetivos do acompanhamento. Em conjunto, clarificamos os objetivos de intervenção e refletimos sobre a importância de ligar o passado, presente e futuro, compreendermos a relação entre as suas dificuldades atuais e a sua história de vida, bem como de atribuímos novos significados às suas experiências e relações.

Refletimos sobre o desenho através da metáfora “*o mundo de náufragos*”, no sentido de devolver e refletirmos sobre os aspetos que emergiram da exploração da sua história de vida e do seu contexto relacional. A D. identificou-se com o título comparando-se a um “grande barco que puxa as pessoas para perto de si” porque as suas vivências familiares levaram ao desenvolvimento do sentimento de perda e insegurança nas suas relações.

De seguida, os objetivos versaram sobre a exploração e compreensão do espaço que diferencia e *separa* os diferentes subsistemas familiares, dando especial ênfase ao espaço entre o subsistema parental e o conjugal como *ponto de partida* para a elaboração do luto do divórcio e compreensão da atual organização familiar.

Através da metáfora “*bolha de sabão*”, a D. identificou a família como uma bolha de sabão de grande dimensão que engloba, no seu interior, mais duas bolhas de sabão de menor dimensão: os filhos e os pais. Perante a proposta de reflexão “*Vamos descobrir como é que a família começa...*”, respondeu, impulsivamente, que a família começa quando os filhos nascem, tendo voltado atrás com o seu comentário dizendo: “*a família começa quando um homem e uma mulher se apaixonam e casam...depois quando os filhos nascem passam a ser pai e mãe*”. Procedeu-se à identificação das particularidades e funções que diferenciam cada subgrupo familiar. Relativamente ao subgrupo casal, os aspetos mencionados foram o amor, o carinho, o respeito, a partilha, o companheirismo e a intimidade. Dentro do subgrupo pais, a mencionou os aspetos supramencionados evidenciando o não reconhecimento entre o espaço que diferencia o subsistema parental do subsistema conjugal. Esta hipótese também foi manifestada pelo seu discurso quando se questionou a D. sobre o que acontecia à “*bolha de sabão casal*” após o nascimento dos filhos. Manifestando alguma confusão, referiu que a

“*bolha de sabão casal*” desaparece ou passam a estar três pessoas dentro desse subgrupo (casal - o pai, a mãe e o filho), refletindo a triangulação desenvolvida entre os pais e a D., que leva a que esta permaneça incluída no conflito conjugal.

Ajudou-se a D. a compreender as fronteiras entre os diferentes subsistemas familiares, através da identificação dos papéis assumidos pelos diferentes membros e as dimensões subjacentes ao subsistema parental (e.g. educação e proteção dos filhos; partilha e complementaridade nas suas funções parentais), enfatizando a diferença entre este e o subsistema conjugal. Também refletimos sobre o subgrupo dos irmãos, tendo sido os aspetos mencionados pela D.: o respeito, o amor, o carinho e a amizade. Verbalizou espontaneamente que este subgrupo, tal como o subsistema parental, não engloba a intimidade presente no sistema conjugal, demonstrando reconhecer a diferença entre os subsistemas familiares.

Procedemos à leitura e interpretação da história “*A Carlota e a separação dos pais*”, cujo conteúdo se centra na separação dos pais de uma criança que desenvolve (tal como a D.) o desejo e a fantasia de ter os pais novamente unidos. A intencionalidade desta atividade prendeu-se com a promoção da reflexão sobre a sua realidade a partir de uma experiência semelhante, promover a integração dos temas refletidos anteriormente (o espaço que diferencia os diferentes subsistemas) e, sobretudo, proceder a ressignificação do seu conceito de felicidade (estritamente associado à hipotética união dos pais) e da situação de divórcio.

Verbalizou que a história retrata uma experiência de vida com algumas diferenças e semelhanças com a sua: “*os pais decidem separar-se porque já não gostam um do outro e a Carlota sente-se triste e aflita porque estava habituada a viver com a família toda junta...já não vai poder estar tanto tempo com os pais...a ideia da Rita foi muito gira mas os pais já não eram felizes juntos, por isso se ficassem juntos iam discutir muito e a Carlota ia estar triste na mesma*”. Solicitou-se a reflexão sobre a sua realidade começando com uma discussão sobre o conceito de divórcio e os motivos subjacentes ao mesmo. A D. descreveu o divórcio como um acontecimento que acontece quando “*uma ou duas pessoas já não gostam tanto uma da outra como antes e, por isso o amor, a união, o respeito, o carinho e o apoio já não são tão frequentes...*”. Identificou os seguintes motivos possíveis da separação: quando os pais discutem e não conseguem dar-se bem; quando tentam resolver os problemas mas não conseguem; ou quando se apaixonam por outra pessoa. Na sua perspetiva, os seus pais separaram-se porque deixaram de se amar, não conseguiram resolver os seus problemas e porque o pai estava longe (o pai já tinha emigrado antes do divórcio), evidenciando compreender o divórcio como resultado de problemas inerentes ao subsistema conjugal. Partindo da experiência emocional da personagem principal da história, identificou os seus

sentimentos associados à separação dos pais: solidão, confusão, tristeza e medo.

Através da proposta de reflexão “*o que aconteceria se os pais da Carlota ficassem juntos porque ela pediu?*”, criamos uma relação com a questão colocada pela D. na sessão anterior: “*e os meus pais não se podem unir através de nós?*”. Reconheceu que se os seus pais voltassem a estar juntos por causa dela e do irmão, ninguém iria ser feliz porque os pais já não se amam. Clarificou-se que o fim da relação de casal não significa o fim da relação entre pais e filhos, mesmo quando o tempo despendido com o progenitor com o qual não se vive (neste caso, a mãe) é reduzido. Espontaneamente partilhou vivências positivas com cada um dos progenitores, sendo elucidada sobre os aspetos positivos que vigoram na família.

Apesar da sua capacidade e disponibilidade emocional para se situar e entrar em diálogo com o passado, nalgumas sessões denotou-se que o tema do divórcio dos pais aparecia como um tema causador de elevada ansiedade traduzida por suores e tremores ligeiros. Contudo, nesta sessão este tema não parece ter invadido de forma tão significativa o seu espaço pessoal e interno, já que manifestou sempre uma postura bastante recetiva e entusiasmada com as descobertas que fomos alcançando ao longo da sessão. É possível que a leitura e análise da história pré-construída como recurso para elaborar e atribuir novos significados tenha tornado este processo menos doloroso. O tema do divórcio não parece invadir de forma tão significativa o seu espaço pessoal, já que manifestou sempre uma postura bastante recetiva e entusiasmada sem experienciar a habitual ansiedade.

Propôs-se a seguinte tarefa para casa: escrever uma carta à *Carlota* para ajudá-la a compreender o que está a acontecer na sua vida. Pretende-se que a D. exteriorize a sua experiência e conseqüentes mudanças familiares. Na próxima sessão iremos ler a carta em conjunto, como *porta de entrada* para começarmos a refletir sobre as mudanças estruturais e relacionais que foram acontecendo no seio da sua família.

Sessão: 7^a

Data do atendimento: 19 de fevereiro de 2015

Presença: D. e a estagiária

A D. esqueceu-se de trazer o material solicitado na sessão anterior. Inicialmente questionou-se a D. acerca daquilo que a tem acompanhado ao longo deste percurso e durante o espaço de tempo entre cada sessão, tendo referido que são os “*porquês de tudo*” e as nossas reflexões sobre a atual relação com o pai (caracterizada por fronteiras rígidas e distância emocional) e a sua história relacional. Tornou-se evidente a necessidade em narrar a sua própria história, de falar de temas tabus e tentar dar sentido aos problemas que têm acontecido

na sua vida. Apareceram, nesta sessão, narrações e reflexões relacionadas com as suas origens e com as ausências e conflitos familiares que experimentou.

Partindo da informação fornecida na sessão anterior, de que um dos motivos subjacente ao divórcio dos pais prende-se com a emigração da figura paterna, refletimos sobre os principais eventos críticos não normativos (a emigração paterna e o problema de alcoolismo da mãe) vivenciados no passado e as consequentes mudanças relacionais e estruturais, promovendo a conexão com o seu passado. Quando questionada sobre os conteúdos da suas reflexões acerca da relação com o pai, referiu que o afastamento emocional patente na relação poderá estar associado ao afastamento físico e emocional desde a sua tenra idade (antes do divórcio). O diálogo começou a situar-se no passado.

Através de perguntas relacionais (Andolfi, 2003) procedeu-se à exploração do funcionamento e organização familiar, bem como da qualidade das suas relações. Iniciámos com a introdução da *questão intergeracional* “*Do que temos vindo a conversar, fazes-me entender que te sentes sozinha e com medo.*”, sendo que no sentido de ligar os seus sentimentos atuais à sua história de vida, acrescentou-se: “*Durante a tua infância, algum dos teus pais e/ou o teu irmão sentiu-se sozinho e com medo?*”, tendo a D. apontado a mãe (porque o pai estava a trabalhar fora). As suas recordações da figura paterna remontam para uma figura ausente. Recordava-se da relação conjugal como sendo marcada pelo conflito e permanentes cobranças acerca da divisão de tarefas parentais e domésticas, geradoras de um sentimento de solidão que trespassa as gerações. Reconheceu que a relação com o pai é caracterizada por um estilo de comunicação que versa maioritariamente sobre tarefas domésticas: “*é o pai a ralhar comigo porque não arrumei as coisas...não lavei a loiça...não arrumei a sala...mas ele também não faz nada, eu e o meu irmão é que cozinhámos*”. Através da devolução desta repetição, trouxemos a lume a repetição de um padrão relacional que os tem vindo a afastar emocionalmente, permitindo começar a desconstruir a idealização inicial da relação, descrita como próxima.

Face à dificuldade comunicativa, ajudou-se a D. a colocar-se *em relação* com o pai, através da seguinte *questão heterorreflexiva* (Andolfi, 2003): “*o que achas que o pai sentiu quando esteve longe de vocês?*”. Referiu que o pai deve ter-se sentido sozinho e triste, questionando: “*...todos nos sentíamos sozinhos?...eu ainda me sinto sozinha e tenho medo, odeio o escuro, quando o meu pai desliga a luz fico em pânico...*”. O *escuro* significa o medo, a raiva, a solidão e a tristeza vivenciados quando a mãe bebia. Partilhou inúmeros episódios de violência por parte da mãe (o irmão chegou a ser hospitalizado), associando-os ao consumo de álcool e concebendo o vinho como o *bode expiatório* das dificuldades

familiares. Paradoxalmente, a desagregação familiar está aliada a uma necessidade de defender os vínculos e proteger o núcleo familiar. Esta defesa dos vínculos está patente na união dos irmãos numa tentativa de sobrevivência perante o abandono emocional da geração anterior e na conseqüente inversão dos papéis, devido à deterioração das funções parentais, por um lado, pela inconsistência conjugal e, por outro, pela dispersão das figuras parentais.

Perante a questão “*Quem cuidava de quem?*”, a Daniela referiu que ela e o irmão tomavam conta um do outro e da mãe: “*eu e o Mário cuidávamos um do outro, da casa...quando a mãe nos batia limpávamo-nos um ao outro com toalhas...mas eu nunca desisti da minha mãe eu sabia que ela não era assim...eu nunca desisti dela*”. Na sequência desta reflexão, partilhou considerar que a atual relação entre a mãe e o irmão, marcada pelo distanciamento emocional e o conflito, deve-se a estas experiências do passado. No que concerne à sua relação com a mãe, devolveu uma metáfora construída numa das sessões iniciais “*...eu tenho uma relação diferente com a minha mãe, hoje somos muito próximas porque eu nunca parei de regar a planta*”. Também refletimos brevemente sobre a relação entre as funções parentais assumidas pelo irmão e a atual relação de dependência da Daniela para com o mesmo. Considera que a relação entre a mãe e o irmão, marcada pelo distanciamento emocional e o conflito, deve-se às experiências supramencionadas.

Continuando a utilizar o *escuro* como ponto de referência do seu passado, mencionou que quando está muito contente o escuro torna-se mais pequeno e quando está triste torna-se maior, acrescentando que quando está no escuro sente-se parada no tempo. Devolveu-se os resultados que emergiram da *Dupla Lua*, através dos quais refletimos sobre este sentimento de cristalização no tempo, traduzida pela excessiva necessidade de ser cuidada e de ser o centro da realidade, que aparentemente se encontra associado à uma infância que nunca viveu diretamente devido à sua história de vida. Face à questão “*como podes deixar de estar parada?*”, respondeu que tem de “*arrumar o monte dos porquês*”. Questionámos se achava que poderíamos ajudá-la a “*arrumar os porquês*”, tendo verbalizado que alguns *porquês já estão a ser arrumados*.

No final da sessão, propôs-se a escolha de objetos que representem as suas relações familiares para que, na próxima sessão, possamos continuar a refletir e a trabalhar sobre a sua história e as suas relações. Os objetos metafóricos utilizados na relação assumem um enorme valor evocativo e mostram, através de elementos reais, sentimentos e emoções próprios do mundo do(s) utente(s), um código à sua medida, com um significado simbólico que se liga a um nível mais profundo (Andolfi, 2003). Assim, demos como terminada a sessão, sendo de salientar que a D. manifestou alguma dificuldade em despedir-se e sair do gabinete.

Sessão: 8ª

Data do atendimento: 12 de março de 2015

Presença: D. e a estagiária

A D. não trouxe o(s) objeto(s) solicitado(s). Dedicou-se à representação da relação pai-filha através do desenho de uma paisagem, mas não trouxe porque “*ficou feio*”. Refletimos sobre a intencionalidade deste tipo de tarefas que ultrapassam o espaço da sessão, enquanto meios através dos quais podemos refletir sobre a sua história e relações de um modo diferente. Espontaneamente, a D. solicitou que essas tarefas fossem realizadas nas próprias sessões. Parece que estas tarefas, que exigem a dedicação e reflexão sobre a sua história relacional fora do contexto de gabinete, são demasiado dolorosas. Atendendo ao facto da D. ter tentado realizar a tarefa focando-se na relação com o pai, continuámos a refletir sobre a experiência do pai na altura “*do escuro*” para que a D. possa partilhar as suas angústias em contexto de sessão (também junto do pai) e permitir desconstruir a idealização inicial da relação descrita como uma relação muito próxima.

Utilizando o *escuro* como ponto de referência da sua história e o sentimento de solidão que todos experienciaram, manifestou confusão e dúvida sobre a experiência do pai: “*...não sei bem se ele se sentia sozinho...às tantas estava nas mil maravilhas e não queria saber de nós...ele sabia o que estava acontecer, porque é que ele ficou lá?...nós precisávamos*”. Trouxe a lume a insegurança emocional e física vivenciada: “*eu precisava de uma base, de um trampolim que me segurasse e ele não estava lá* “. Devolveu-se: “*fazes-me entender que nessa altura te sentias sem chão, insegura, abandonada pelo pai e que percebes a sua ausência como uma escolha dele...*”, tendo a Daniela manifestado confusão e dúvida porque o pai diz que estava fora a trabalhar, por outro lado, a mãe diz que “*ele andava nas mil maravilhas*”. Este sentimento de confusão e incerteza, que parecem resultar em desconfiança e instabilidade na relação com pai parecem surgir do desenvolvimento de fronteiras pouco permeáveis entre o subsistema conjugal e o subsistema parental, fazendo com que se sinta presa na lealdade para com os progenitores e aquilo que lhe é transmitido sobre a sua infância. Por outro lado, revela que tem tentado refletir junto dos pais sobre a história familiar.

Face à proposta de reflexão “*Mas agora o pai está aqui...*”, a D. identificou a mãe e o irmão como as suas principais figuras de referência, os seus “*pilares*”, apesar do irmão ser “*um pilar mais antigo*”. Desta forma, conseguiu identificar e refletir sobre as mudanças relacionais e sentimentos associados. Atualmente não concebe o pai como um “*pilar*”, na medida em que apesar de estar fisicamente presente não têm o hábito de partilhar e conversar, alimentando o vazio emocional e relacional. Apesar de sentir uma diminuição dos conflitos,

associa-a ao facto de ambos passarem menos tempo em casa (o pai fica até mais tarde no café e a D. vai estudar para a casa de uma colega). O afastamento físico parece ser um meio de segurança que os protege da ameaça e do conflito. Esta dinâmica relacional, a longo prazo, poderá resultar num grau de diferenciação em relação à figura paterna no qual vingam um espaço de organização e funcionamento da diferenciação através do afastamento emocional e físico. Daí a necessidade de intervir ao nível da aproximação emocional e experiencial e, conseqüentemente, incluir o pai em algum momento da intervenção.

No que concerne ao irmão, é reconhecido que neste tipo de famílias multiproblemáticas o subsistema fraterno vê-se frequentemente condicionado no cumprimento das suas funções, já que, muitas vezes, os filhos mais velhos têm que assumir as funções parentais e entre eles reproduzem frequentemente relações extremas de agressividade, afastamento ou dependência (Sousa, 2005). Nesta relação verifica-se que, em momentos difíceis, os irmãos tendem a agrupar-se para se defenderem contra terceiros, porém, ultrapassado o apuro, a relação tende a girar em torno de algum conflito e dependência por parte da D. Diferenciando positivamente a sua percepção e sentimentos dos do irmão, conseguimos atribuir novos significados à relação. A D. demonstra reconhecer a inversão de papéis que exigiu a assunção de funções parentais por parte do irmão e eventuais sentimentos de abandono e solidão do irmão.

No final da sessão, partilhou dois momentos em família em que conversou com o pai e o irmão sobre um rapaz de quem esta gosta, tendo sido o discurso marcado pelo sentido de humor e alegria. Apesar do afastamento sentido, existe diálogo entre os elementos, o qual é sentido pela D. como importante e reconfortante.

Sessão: 9ª

Data do atendimento: 16 de abril de 2015

Presença: D. e a estagiária

Tendo em conta a suspensão do acompanhamento individual durante duas semanas, considerou-se importante explorar a percepção da D. acerca do processo terapêutico e a sua experiência no programa de intervenção “*Leões Fortes*”. A D. comparou o processo terapêutico à construção de um *puzzle*: cada peça do *puzzle* simboliza diferentes acontecimentos da sua história, algumas peças estão desaparecidas e outras não sabe onde *encaixá-las*. Um aspeto destacado foi o papel que assumiu na família ao longo do tempo. Atualmente reconhece-o como um papel de “*várias caras*”: “...quando era pequenina não sabia qual era o meu papel...agora sei que não foi de filha...foi mais o de mãe da minha mãe, mas também tinha medo...agora sinto que tenho finalmente o papel de filha graças aos

trolhas, apesar de ser uma filha pombo correio”.

Relativamente à experiência do grupo, considera-a positiva interpretando-a como um espaço onde *recebe* e pode *dar* aos outros usando a sua história familiar. De salientar que nas sessões de grupo emergiram dois novos temas, a violência conjugal e o envolvimento do pai em relações extraconjugais, que levaram a que a D. questionasse a integridade do progenitor enquanto *pai e pessoa*: “...*como é que um homem pode bater numa mulher? ...eu pensei que tinha um pai...um pai normal...que tipo de pessoa trai e bate na mulher”.*

Devolveu-se a sua angústia e, de forma a aprofundar o significado relacional destes acontecimentos, propôs-se que refletíssemos sobre o que significa ser “*um pai normal*”, trazendo a lume o sentimento de ausência e desconfiança que marca a relação devido a estas vivências. “*Um pai normal é aquele que cuida de nós sempre...que é um trampolim a tempo inteiro...*”. No seguimento de uma confrontação (Andolfi et al., 1989), “...*mas a tua mãe também nem sempre foi um trampolim e, no entanto, sentes que ela é um pilar na tua vida e a melhor mãe do mundo...*”, a D. reconheceu a oportunidade que não teve de ser cuidada nas suas necessidades físicas e emocionais durante a sua infância por ambos os progenitores (não apenas o pai), acrescentando “...*mas eu sempre acreditei e confiei na mãe...como posso confiar numa pessoa que fez estas coisas más?”.* Pretendeu-se ajudar a D. a passar de uma interpretação da relação conflituosa e de afastamento como resultado do afastamento físico (emigração) e dos atuais conflitos imediatos, para uma interpretação relacional que engloba um complexo de sentimentos associados à sua história relacional e, assim, descobrir o significado relacional dos seus sentimentos de raiva, injustiça e desconfiança.

Espontaneamente, partilhou que a relação com alguns familiares (pai, madrinha e avó paterna) tem melhorado. Inicialmente atribuiu aos outros a responsabilidade pela mudança, excluindo-se de qualquer esforço perante a proximidade familiar. Eventualmente reconheceu a sua contribuição manifestando dificuldade em explicar o quê. Neste sentido, solicitou-se que mostrasse da forma que quisesse. Levantou-se da cadeira, pegou nos materiais que estavam em cima da mesa (e.g. cadernos e folhas) e alinhou-os separando a mesa em duas partes. Colocou um lápis de um do lado da mesa representativo de si própria. Descreveu o cenário como o muro dos “*porquês da minha história*”: “...*este é o muro dos porquês que me fazem sentir presa...cada porquê tem a sua forma de pegar e ver.*”. Cuidadosamente, retirou do cenário uma folha e um caderno abrindo um buraco através do qual pode passar: “...*foi isto que eu fiz, já consegui destruir um pouco do muro porque arrumei alguns porquês...percebi e comecei a ver algumas coisas de forma diferente sem ser só pelo que os outros me contam”.*

Através desta metáfora, a D. parece comunicar o seu conflito interno que deriva de uma

história que *prende* e da dificuldade em definir o seu destino emocional através do próprio sistema emocional. Comunicou o desenvolvimento de novos pontos de vista, a compreensão e a interiorização do seu papel na família, sentindo uma reaproximação afetiva com alguns familiares, antigamente considerados como “*os trolhas maus*”. Referiu que aquele era o muro sobre o qual trabalham *trolhas bons* (aqueles que ajudaram a mãe a curar-se e a apoiaram) e *os trolhas maus* (os familiares que, em algum momento, foram “*maus*” para a mãe aquando o seu problema com o álcool) que “*deixaram marcas no coração dela*”. Pela primeira vez, refletimos sobre a sua dificuldade em distinguir *o seu sentir do sentir da mãe* que ainda reflete, a um nível consciente, com alguma relutância. A D. cresceu absorvendo as experiências da mãe como suas, sendo que o destino das suas relações parece ter-se desenvolvido sobre este registo relacional.

Considerou-se importante explorar que aspetos continuam a fortalecer o “*muro dos porquês*”, tendo a D. identificando aspetos que claramente remontam à sua história e envolvem as diferentes gerações da família: “*porque é que o pai batia e traiu a mãe*”; “*porque é que a mãe bebia?*”; “*porque é que os dois avós bebem?*”; “*nesta família vai tudo morrer do vinho?*”; “*porque é que os avós se dão tão mal?*”.

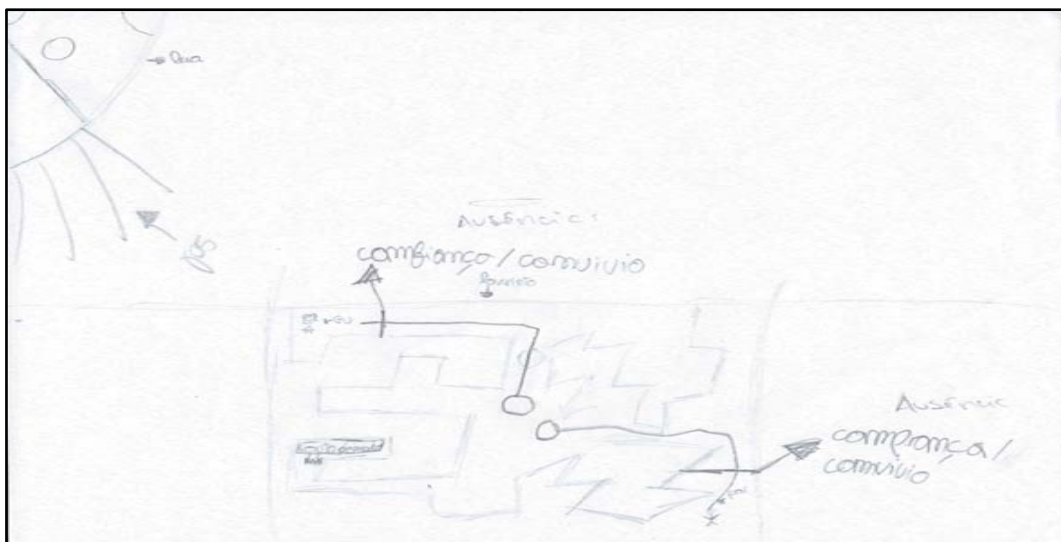
Finalizámos com a construção da imagem representativa da relação com o pai, com a finalidade de explorarmos de forma mais profunda a forma como percebe a relação e quais as suas expectativas a respeito desta relação.

Sessão: 10^a

Data do atendimento: 23 de abril de 2015

Presença: D. e a estagiária

Nesta sessão procedemos à análise do desenho representativo da relação com o pai.



Desenhou uma lua e em baixo um labirinto. Desenhou-se a si própria e ao pai dentro do labirinto, relativamente afastados, identificando o local do ponto de encontro. Perante a proposta de reflexão *“O que é que esta imagem nos conta sobre a vossa relação”* a D. comparou a relação a um labirinto que os mantém afastados, reconhecendo-a como uma relação afastada. Considera-se mais próxima do ponto de encontro do que o pai porque se esforça mais para chegar ao mesmo e que aquilo que poderá facilitar a aproximação emocional é a disponibilidade da figura paterna para conversar, compreender as suas angústias e conviver com os filhos. A lua significa a escuridão que marca a relação, mesmo quando há momentos em que o sol aparece. A partir da exploração do significado relacional deste símbolo concebido como um obstáculo ao *ponto de encontro*, compreende-se que a D. associa-o à avó paterna e à madrinha.

É importante ter em conta que a D. vive com alguns elementos da família alargada, inclusive com a madrinha e a avó paterna. De acordo com o seu discurso, as fronteiras entre os diferentes subsistemas parecem difusas, já que esta retrata interferências que causam conflitos nas relações. *Os trolhas bons* são a Tia Carminda (tia materna) e a avó materna, as quais tiveram um papel de proteção e apoio durante o problema de alcoolismo da mãe. Partilhou momentos positivos com a avó e a tia, especificamente, situações em que ajudaram a mãe e cuidaram dela e do irmão. Descreveu detalhadamente momentos vivenciados em conjunto, no entanto desde que foi viver com os primos não passam muito tempo juntas. Refletimos em conjunto de que forma a Daniela poderia partilhar a ausência junto da avó.

Quando se devolveu à D. uma observação acerca do desenho, *“o caminho que tens de percorrer parece ser mais fácil, enquanto o do teu pai é mais turbulento e complicado”*, identificou-se com a observação referindo: *“...porque o pai não está a ter acompanhamento, se tivesse conseguia andar melhor, porque os “porquês” também fazem parte deste labirinto não é?”*. Metaforicamente a D. comunicou que os *“porquês”*, os trechos mais complexos da história familiar estão ligados à relação pai-filha e dinâmicas desenvolvidas. Reconheceu a necessidade de incluir o pai no processo terapêutico para alcançar a relação desejada, contudo mostra-se ainda reticente. Por um lado, é perceptível o desejo de mudança da relação com o pai concebida como uma prioridade, contudo o padrão comunicacional rígido faz emergir insegurança e receio face às suas atitudes e partilhas.

Outro aspeto estritamente associado às dificuldades subjacentes à relação, prende-se com a ambivalência emocional em relação à nova namorada do pai (ainda não a conheceu). Por um lado, sente-se feliz por ver o pai mais bem disposto, contudo teme a substituição do

seu papel enquanto “mulher da casa”. Quando confrontada com o facto de viverem mais mulheres em sua casa (elementos da família alargada), identificou o que realmente a assusta: o desejo de ser “a única mulher na vida do pai” e o receio de ser uma “mulher má”. A entrada de uma figura feminina na constelação familiar é concebida como um obstáculo ao ponto de encontro pai-filha devido à própria fragilidade da relação. Procedeu-se à identificação dos aspetos positivos da relação desde que moram juntos. Um dos aspetos que se destaca pelo facto de revelar maior facilidade e disponibilidade emocional para partilhar as suas angústias, é a sua preocupação com as dificuldades financeiras. Na semana passada, apercebeu-se de tais dificuldades e temeu uma nova emigração. Conversou com o pai, o qual tendo tranquilizou a filha através da clarificação da situação e da exploração dos seus sentimentos face a uma possível emigração. Referiu que há um mês atrás não teria abordado o pai sobre o assunto por receio da reação dele e de não obter a verdade.

Sessão: 11^a

Data do atendimento: 30 de abril de 2015

Presença: D. e a estagiária

Os objetivos incidiram sob as suas expectativas em relação ao futuro familiar através da representação simbólica (material utilizado na intervenção em grupo). A D. chegou à sessão um pouco perturbada devido à repentina saída de casa do irmão: foi viver com a mãe na quarta-feira. O trabalho sob esta questão correlacionou-se com os objetivos delineados.

Esta mudança sentida como imprevisível coloca a família num período de desorganização, um momento concebido pela mesma como “*assustador*” no que concerne ao futuro das relações familiares e estrutura familiar. Através do material lúdico refletimos sobre o significado deste acontecimento que, inconscientemente, une pai e filha num sofrimento comum. Inicialmente relativizou a situação, declinando para outros assuntos. Contudo, conseguimos entrar em profundidade culminando em choro fácil e constantes verbalizações de medo, confusão e insegurança. Simbolizou os seus sentimentos e os do pai colocado os figurinos muito próximos a chorar. Comunicou a aproximação emocional vivenciada nestes últimos dias decorrente da supramencionada perda. Perante a proposta de reflexão “...*porque é que o pai chora?*” a D. aproximou-se do sofrimento do pai considerando que, com a saída de casa do irmão, o pai perdeu o seu “*braço direito*”. Quanto à sua experiência emocional verifica-se ambivalência que se traduz num sentimento de felicidade por achar que o irmão está mais feliz e, simultaneamente, um sentimento de abandono.

Esta mudança tem resultado em conflitos entre a D. e a família alargada. As tias

paternas e a avó paterna verbalizam constantemente, na sua presença, sentimentos de ódio e atribuições negativas à mãe concebendo a saída da casa do M. como um ataque da figura materna contra eles. Por sua vez, a D. concebe as atitudes da família paterna como um ataque a si mesma. Este aspeto vai de encontro ao seu grau de diferenciação em relação à figura materna e às vivências emocionais da mesma: *toma as dores* ou os *fantasmas* da mãe como seus. O corte relacional vivenciado entre a família paterna e a mãe, levam a que a D. fique *triangulada* nesse mesmo conflito. Manifestou revolta contra a avó e as tias por não acreditarem na mudança da mãe e não terem em conta os seus sentimentos quando falam mal da mãe, bem como um sentimento de desilusão em relação ao pai por não intervir em sua defesa: “...o pai só fala comigo e aconchega-me quando estamos sozinhos...à frente delas deixa-me a chorar porque não tem coragem de as enfrentar pelos filhos... tem medo de dizer as coisas...sempre foi assim.”. Esta partilha emergiu como porta de entrada à reflexão acerca da relação entre o pai e a sua família de origem. Compreende-se que o padrão de comunicação rígido e abusivo trespassa as gerações. Do pouco que conhece sobre a infância do pai, partilhou que também ele foi maltratado pelos progenitores e que nunca expressa as suas opiniões e sentimentos com as irmãs e pais. Quando era adolescente fugiu de casa duas vezes. No decurso desta reflexão, expressou o desespero por sentir-se “presa” no triângulo colocando a hipótese de fugir de casa como forma de comunicar o seu sofrimento e alcançar mudanças na relação com a família alargada (paterna): “...não aguento e qualquer dia vou fartar-me e fujo de casa como o pai já fez...até eles repararem o mal que me fazem”. Refletimos sobre esta forma de comunicar o seu sofrimento. Apesar de reconhecer que não alcançará os resultados pretendidos, sente-se impotente dentro deste triângulo.

Também se tornou manifesto o conflito de lealdade vivenciado devido ao conflito indireto entre os pais. Com a saída do irmão, sente-se responsável pela não desagregação familiar, “eu sei que se viver com o pai vou por a mãe triste, mas se for viver com a mãe ele vai para Inglaterra encontrar a felicidade...já não vai ter nada que o prenda aqui”, culminando em extrema confusão e medo de perder as figuras de referência. Nos últimos dias pai e filha têm passado mais tempo juntos, verificando-se a maior proximidade emocional desejada. Contudo, o corte relacional entre os pais faz com que a D. sinta que para estar com um dos pais tem de abandonar ou magoar o outro.

Além disso, esta situação parecer ter culminado numa presença ausente dos *fantasmas* decorrentes da altura do *escuro*: “...estou cheia de medo que aconteça alguma coisa ao meu pai...que ele se suicide como já fez a minha mãe...que volte a altura do escuro mas diferente...”. Explorámos o significado da verbalização “*escuro mas diferente*”, tendo a

Daniela diferenciando a sua vivência emocional da do pai. Na sua perspectiva, o pai perdeu o seu braço direito temendo não conseguir recuperá-lo. Por sua vez, ela tem medo de “*tudo*”: “...tenho medo que fique tudo desorganizado como dantes...todos se zangarem uns com os outros...que a mãe beba mas não me vai bater...que o pai vá embora”. Este acontecimento familiar faz com que a Daniela sinta estar a reviver emoções e sentimentos experienciados no passado. Terminámos a sessão com algumas questões sobre as quais refletir.

Sessão: 12^a

Data do atendimento: 7 de maio de 2015

Presença: D. e a estagiária

A presente sessão teve como objetivos continuar a refletir com a D. sobre o significado da recente mudança familiar (saída do casa do irmão) e as suas repercussões no papel que esta assume dentro da família: o *elo de ligação* entre as duas estirpes (materna e paterna). Introduziu-se um objeto metafórico - um baralho de cartas - para facilitar a representação de comportamentos, relações e interações da família perante a mudança, permitindo o *insight* sobre o seu papel que encontra subjacente um conflito de pertença em relação ao futuro relacional com os progenitores e família largada. Foi efetuada a seguinte proposta: a construção de uma torre de cartas. Pacientemente, tentámos construir a torre que continuamente caía devido à fragilidade das cartas. Após dez minutos, enquanto a D. continuava a tentar manter as cartas levantadas, mostrando persistência e muita tolerância, sugeriu a construção de duas pequenas torres para facilitar a tarefa. Quando conseguia manter uma torre em pé a outra caía e assim consequentemente durante mais 15 minutos, até desistir.

Num primeiro momento, compreendeu-se que a construção de uma única torre era difícil, tal como parece difícil a união de ambas as estirpes familiares devido à fragilidade das relações entre os respetivos membros da família. Associou os dois pilares de cartas à família alargada paterna e materna que apenas consegue estar unida através de duas cartas, colocadas no centro como uma ponte: ela e o irmão. Demonstrando *isight*, verbalizou que tem sido esse o seu lugar/papel na família.

Perante o comentário da D. “...quando tento construir as duas separadas também é difícil...vê bem... quando consigo levantar uma a outra cai e vice-versa”, introduziu-se uma proposta de reflexão que permitiu fazer a ponte entre o objeto metafórico e a realidade: “...parece que para manteres uma em pé tens de libertar a outra e deixá-la cair...”. A partir daqui refletimos sobre o conflito interno em relação aos progenitores e sair do discurso no qual parecia, por vezes, negar este “*peso*” que a faz entrar num impasse entre o seu conceito

de felicidade - viver com a mãe - e a desejada união familiar e proximidade emocional com o pai. Sente-se responsável pelo futuro da união familiar e, concretamente, das mudanças relacionais que podem advir do seu desejo de ir viver com a mãe. Referiu que para ser feliz tem de ir viver com a mãe, contudo seguir esse sonho implicará o afastamento da figura paterna que, na sua perceção, só está em Portugal pelos filhos. Considera que se também ela sair de casa, o pai irá embora porque não tem nada que o “prenda” a Portugal. Reconheceu a rigidez relacional e o papel que ela e o irmão assumiram devido às fronteiras ambivalentes entre os subsistemas parental e de casal.

Por conseguinte, aquilo que permitirá a felicidade exige que os irmãos vivam separados. Revelou sentimentos de tristeza e solidão em relação ao papel que assume, atualmente concebido como “solitário” e “cansativo”. Por conseguinte, a saída de casa do irmão e consequente afastamento físico e emocional pai-filho parece ter desorganizado o único “plano” concebido como possível para a felicidade da família: “...eu quero que os meus pais sejam felizes...só isso...eu ia viver com a minha mãe e o meu irmão ficava com o meu pai, agora já não sei...”. Através da devolução das suas partilhas, pretendeu-se promover uma leitura mais realista sobre a rigidez subjacente ao seu conceito de felicidade que implica, inconscientemente, que os irmãos vivam separados. A D. manteve-se em silêncio ampliando, de seguida, o seu conceito de felicidade: “...só queria que os meus pais fossem amigos...só pedia isso...assim eu era feliz e eles também”. Em torno desta reflexão a D. colocou a questão “...o que é que achas que acontecia à minha família se eu desaparecesse?...”, propondo-se que ficaríamos a refletir sobre isso até à próxima sessão.

Ao longo da sessão, notou-se que a D. olhava frequentemente para o desenho representativo da relação com o pai. De forma discreta colocou-se o desenho em cima da mesa com um lápis por perto. Após uns minutos, a D. perguntou se podia pegar no desenho. Apagou metade da lua que simboliza a escuridão na relação e desenhou raios de sol. Deslocou os bonecos representativo de si mesma e do pai para um local mais próximo do ponto de encontro e escreveu no caminho que ficou para trás “falta de confiança e convívio”. Desta forma, comunicou as mudanças positivas sentidas na relação com o pai, alegando que confiam mais um no outro. A Daniela mostrou-se finalmente receptiva e preparada para continuarmos o nosso trabalho junto do pai, verbalizando o desejo de descobrirmos como era a vida do pai na infância.

Sessão: 13^a

Data do atendimento: 21 de maio de 2015

Presença: D. e a estagiária

No dia 11 de Maio (dia do seu aniversário) decorreu uma sessão no Tribunal para a alteração da regulação da guarda parental. Foi atribuída a guarda partilhada, pelo que pelo atualmente a D. fica entregue à guarda e cuidados da mãe e do pai. Está com o pai durante uma semana, sendo entregue à mãe às 20h de Domingo e, assim, alternadamente com a mãe que a terá de entregar às 20h do Domingo subsequente.

Os objetivos da sessão incidiram na exploração/reflexão sobre o significado desta mudança. Inicialmente manifestou felicidade em relação à mudança, já que agora tem a oportunidade de passar mais tempo com a mãe, como sempre desejou. Contudo, no desenrolar da sessão manifestou choro fácil exteriorizando o seu sofrimento associado à excessiva preocupação com o pai que lhe diz: “...és a única coisa que me falta perder”. Desde a saída de casa do irmão, a D. tem assumido, para si mesma, a responsabilidade de preencher o vazio deixado pelo “braço direito” do pai. Com a atual alteração da guarda a ambivalência emocional parece mais forte. Por um lado, vai estar mais tempo com a mãe, por outro lado, o pai vai estar sozinho e poderá ir embora: “...é que eu antes só queria sair de casa do pai...agora quero que ele esteja perto de mim...”. Refletimos sobre o peso que sente ao assumir a responsabilidade de preencher o vazio relacional do pai e a dificuldade em partilhar junto do pai a sua angústia para o proteger e *conter* o seu sofrimento.

Parece presente uma potencial parentificação, talvez inconsciente no seio da díade, em que a proteção, função primária do progenitor, é exercitada pela D. através de uma inversão de papéis. É importante que o circuito da proteção seja caracterizado por uma reciprocidade social que permita também aos filhos, durante o seu processo de crescimento, desenvolver a capacidade para tomar conta, para cuidar (Andolfi, 2013). Contudo, tendo em conta o supramencionado, esta dinâmica leva a que a D. não consiga partilhar as suas angústias, opiniões e pontos de vista junto do pai por receio de causar mais sofrimento, que o pai pense que já não gosta dele e se vá embora para Inglaterra.

Torna-se perentório compreender se este vazio vivenciado pelo pai se refere apenas à saída de casa do pai ou se, eventualmente, a D. assume o papel de preencher o vazio relacional do pai em relação à própria família de origem e/ou a um luto não resolvido (relação de casal), ou seja, compreender os pedidos mais ou menos explícitos solicitados. Este aspeto é fundamental, no sentido de acedermos ao que está por detrás da inversão de papéis: *são-lhe solicitados esses pedidos? terá a Daniela dificuldade em abandonar a função de proteção*

que sente assumiu desde a sua infância em relação aos outros?. O excesso de preocupação e cuidado em relação à mãe parece ser desviado para o pai decorrente das recentes mudanças e da própria aproximação afetiva pai-filha alcançada. As triangulações conflituosas familiares fazem com que a D. continue a construir uma imagem de si, uma identidade, definindo-se como “*quem deve proteger constantemente o/a pai/mãe, se não...*” para manter a união.

Contando que as próximas sessões serão realizadas na presença do pai, perspectiva-se que a D., a longo prazo, consiga libertar-se desta função e, assim, reapropriar-se de si própria e sentir-se mais autêntica.

Sessão: 14^a

Data do atendimento: 25 de maio de 2015

Presença: D., o pai e a estagiária

Os objetivos incidiram sobre a integração do pai no processo terapêutico e refletir sobre as recentes mudanças familiares como recurso para uni-los numa experiência comum. Deu-se a conhecer o cariz relacional da intervenção e procedeu-se à exploração da percepção do pai acerca das dificuldades da filha. Muito entusiasmada, a D. recorreu à metáfora do “*puzzle*” explicando-lhe que cada peça do *puzzle* simboliza um dos seus “*porquês*” sendo o nosso objetivo encontrá-los e *encaixá-los*. O pai compreendeu que os “*porquês*” estão associados à história familiar e partilhou junto da filha a sua curiosidade em conhecer cada um deles. A D. solicitou um lápis e uma caneta e começou a desenhar uma peça de um *puzzle* com a questão “*porque é que a relva é verde?*”, manifestando algum nervosismo perante o desenrolar do diálogo e resistência em aprofundar o conteúdo concreto dos “*porquês*”.

No sentido de respeitar o ritmo da Daniela, introduziu-se o tema das recentes mudanças familiares. O pai começou por expressar, de forma subtil, desagrado em relação à guarda alternada por não acreditar que as pessoas podem mudar (referindo-se à mãe). Manifestando alguma tristeza, a Daniela entrevistou “*...mas tu mudas-te, agora estás aqui conosco*”, culminando num breve momento de silêncio. Através de uma folha com imagens de diferentes emoções e sentimentos, solicitou-se que ambos se colocassem no lugar do outro e descrevessem a experiência emocional do outro em relação às mudanças vivenciadas. Ambos escolheram as mesmas emoções: tristeza, confusão e medo. Resumidamente, a D. partilhou sentir o pai triste com a saída de casa do irmão e confuso porque não sabe se vai voltar e o que poderá acontecer. Por sua vez, o pai sente a D. triste devido à permanência do conflito conjugal (associado à questão da guarda), triste e assustada devido à instabilidade vivenciada. Este momento culminou na partilha da figura paterna de um sentimento de impotência perante

o conflito com o filho, por não compreender o motivo que o levou a sair de casa, bem como um sentido de injustiça associado ao facto de alguns elementos da família o culpabilizarem pelo alcoolismo da ex-parceira e dificuldades consequentes. Durante a partilha emocionou-se, enquanto a filha o fixava e ouvia atentamente.

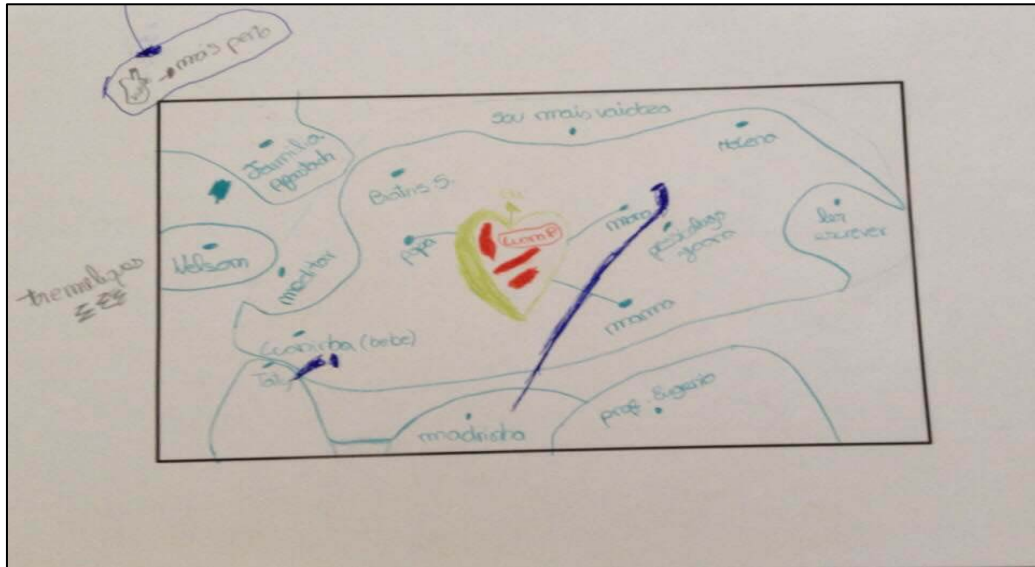
A D. quis partilhar o desenho representativo da relação pai-filha e a forma como sente e percebe essa relação: uma relação inicial de afastamento decorrente da ausência sentida ao nível da convivência e confiança que tem vindo, gradualmente, a torna-se mais próxima. Começou por questionar o pai sobre o que ele via na imagem. Este começou por identificar dados mais objetivos (e.g. labirinto; duas pessoas) questionando a filha sobre quem eram as pessoas dentro do labirinto. A D. partilhou junto do pai a forma como sente e percebe a relação: uma relação inicial de afastamento decorrente da ausência sentida ao nível da convivência e confiança que tem vindo, gradualmente, a torna-se mais próxima. Quando a Daniela explicou que os caminhos no interior do labirinto simbolizavam os “*porquês*”, o pai voltou a questioná-la sobre o seu significado. Em silêncio, a D. desenhou uma mulher com uma garrafa de vinho e, de seguida, um rapaz sozinho, questionando: “*...porque é que a mãe bebia? Como é que eras quando tinhas a minha idade?*”. O pai, surpreso, respondeu que não conseguia responder à primeira, possivelmente porque também será um *porquê* seu. Finalizamos a sessão através da devolução deste aspeto sobre o qual poderiam refletir.

Sessão: 15ª

Data do atendimento: 4 de junho de 2015

Presença: D. e a estagiária

Nesta sessão procedeu-se à aplicação da Dupla Lua, com a finalidade de observar a evolução das modalidades complementares do conflito sobre os laços entre as pessoas presentes e ausentes, bem como da representação dos limites familiares.



Começou por se desenhar a si própria, para passar logo a desenhar a sua amiga L., a sua mãe, o pai e o irmão; depois desenhou a H. (amiga), a B. (amiga), a L. (prima mais nova), a T. (prima), a madrinha (Tia paterna), a garrafa de vinho, o seu interesse em ler escrever e meditar, uma característica própria (vaidosa), a experiência de ansiedade, e finalmente o professor E. e a psicóloga J. Estes foram os elementos que representou espontaneamente. Só depois de ser colocada a instrução relativa às ausências, é que desenhou o namorado da mãe e os restantes familiares (família afastada) incluindo-os no mesmo símbolo.

Comparativamente com a primeira aplicação, verifica-se uma maior reconhecimento daquilo que distingue o seu espaço familiar do espaço extrafamiliar. Em vez de envolver todos no mesmo círculo, considerando todos como família, distinguiu espaços e lugares, revelando melhoria ao nível da diferenciação estrutural. Representou a família nuclear identificando os pais e o irmão como as pessoas mais importantes da família através da união dos respetivos símbolos ao símbolo que a representa (linhas). Considerou também como parte da sua família três amigas e a psicóloga, por serem pessoas em quem confia. O seu conceito de família está associado à dimensão da confiança e à importância que as pessoas têm na sua vida neste momento. A este respeito, revela uma alteração nas fronteiras individuais onde

existia isolamento em relação ao grupo de pares. Atualmente encontra no grupo de pares relações positivas marcadas pela proximidade e confiança, destacando o papel das amigas como “confidentes”. Apesar de ter incluído estes elementos no seu espaço familiar, não podemos descurar que a D. é uma pré-adolescente, encontrando-se numa fase do ciclo vital em que ocorre um processo de transformação dos vínculos, o encontro de um novo equilíbrio entre distância e proximidade, no qual o adolescente se individualiza, descobrindo-se a si próprio, dentro e fora do contexto familiar (Minuchin, 1982).

Esta abertura ao exterior deve ser encarada como positiva enquanto facilitadora do seu processo de individuação. Não deve ser concebido como processo de rutura em relação aos pais, mas como processo de alargamento de figuras significativas que respondem às suas necessidades. As relações com as amigas são concebidas como contexto de conforto e apoio psicológico muito valorizado pela D. Embora se assista a um movimento desenvolvimental em direção aos pares, de acordo com o conteúdo gráfico e verbal, a D. continua a procurar apoio parental, mas também procuram libertar-se da sua vigilância, entrando numa nova dinâmica relacional, entre necessidades de vinculação e de exploração, no âmbito da qual os pais continuam a desempenhar o papel de base segura.

Verbalizou que, ultimamente, aprecia e sente mais necessidade de ter o seu espaço, momentos sozinha de reflexão, justificando o facto de ter colocado a mãe fora do seu símbolo com a seguinte afirmação: *“eu adoro estar com elas, mas agora também gosto de passar tempo comigo própria”*. Assim, parece desenvolver um afastamento positivo essencial ao alcançar da sua individuação. Neste ponto é importante salientar a inclusão de uma pessoa nova no seu mundo relacional, o namorado da mãe (N.). Referiu que não o colocou porque ainda esteve com ele apenas uma vez. Concebe a nova relação da mãe como positiva por sentir que a mãe está feliz, demonstrando reconhecer uma alteração ao nível dos espaços individuais. Considerou-se importante refletir com a D. sobre esta nova fase e as implicações que poderá ter no lugar que ocupa na vida da mãe.

Outro aspeto que se destacou foi a inclusão da madrinha no interior do seu mundo relacional. Esta pessoa, antes concebida como uma “cobra” da qual não gostava porque não lhe dava atenção desde o nascimento da prima, já faz parte do seu mundo revelando maior facilidade em gerir a distância normativa vivenciada. Não a incluiu no círculo que envolve a família porque considera que ela poderia ser mais meiga, contudo denota-se uma diminuição da qualidade negativa no que se refere às suas relações.

Destacou-se a exclusão da maioria da linhagem materna e paterna, apresentando-se um problema na construção das fronteiras inter-sistémicas entre a família nuclear e as diferentes

origens familiares. Esta questão aparece estritamente associado aos conflitos entre as famílias de origem que, de certa forma, sempre causaram confusão e constituíram um obstáculo ao estabelecimento de relações estáveis e positivas com esses elementos. Este aspecto é representado graficamente quando englobou os familiares todos no mesmo símbolo sem diferenciar posições, papéis ou proximidades. Através da exploração do significado relacional da sua hesitação, a D. não quis aprofundar verbalizando que são pessoas das famílias mas decorrente da história familiar, não consegue considerá-los como estando no mesmo patamar da família nuclear e das pessoas em quem mais confia. Denotou-se, a partir da sua postura, um certo desejo de afastamento dos conflitos alheios como forma de se proteger.

Outro aspecto importante é a maior proximidade entre o símbolo que a representa e o símbolo do pai, refletindo o salto de qualidade relacional.

No espaço exterior incluiu a garrafa de vinho e a experiência de ansiedade (associada aos testes e aos conflitos familiares). Propositadamente desenhou a garrafa de vinho mais próxima do limite externo do retângulo referindo que ainda é algo que considera como uma experiência negativa, mas que é parte da sua história revelando compreender o consumo de álcool como uma especificidade da sua história. A partir da instrução relativa ao espaço do desejo, verifica-se uma evolução muito positiva no que concerne à sua forma de se colocar perante o futuro familiar e a sua concepção de felicidade, anteriormente associada ao desejo de reunificação dos pais. Expressou o desejo de inclusão da madrinha e da prima (T.) dentro do círculo maior representativo da família mais próxima, revelando esperança na melhoria da qualidade das relações e desejo de proximidade. Aproximava o pai e o irmão, cujo conflito ainda permanece e perspectiva que o Nelson (namorado da mãe) venha a fazer parte da sua família. Quando confrontada com o desejo de reunificação dos pais evidenciado na primeira aplicação, referiu que a união dos pais não traria felicidade à família expressando, contudo, o desejo que os pais se deem bem. O divórcio já não é sentido como obstáculo à felicidade individual e familiar.

Sessão: 16^a

Data do atendimento: 8 de junho de 2015

Presença: D., o pai e a estagiária

Os objetivos incidiram sobre a introdução da história de desenvolvimento do pai, ou seja, abrir a experiências novas que associem pai e filha a uma história através da qual podem descobrir semelhanças e proximidades que os unem, ativando um processo de recíproca curiosidade que poderá revitalizar a relação numa perspectiva positiva (Andolfi, 2013).

O pai cresceu no meio rural, no seio de uma família marcada pela distância interpessoal caracterizada pela estrutura designada por pai *periférico*. Apesar de fisicamente presente, o pai recorda o progenitor como uma figura totalmente ausente e agressivo para com a mãe. Quando a D. questionou o pai acerca de como ele era na infância, este respondeu que era “muito solitário” refletindo o distanciamento vivenciado não apenas em relação ao pai mas à família no geral. Enquanto irmão mais velho assumiu desde novo responsabilidades associadas ao cuidado da casa para ajudar a mãe. Saiu de casa aos 14 anos para estudar (em Braga) e voltou no final do curso, quando já tinha 17 anos. Após 1 ano e meio casou-se com a mãe da D., tendo sido o casamento motivado pela primeira gravidez.

A D. entrevistou questionando-o sobre como reagia perante o avô, destacando a relação de afastamento atual entre os dois. O pai partilhou a ausência dolorosa que sempre sentiu em relação ao seu pai que passava a maior parte do tempo no café. Num ato de extrema cumplicidade a D. partilhou junto do pai a solidão que também sentiu quando o pai esteve a trabalhar no estrangeiro, partilha esta que causou bastante impacto no pai. Este destacou que sempre lutou para ser um pai diferente do seu, um pai presente, e reforçou várias vezes o facto de se considerar como o elemento mais afastado da sua família de origem. Reconhece que a partir da adolescência esta distância foi incentivada por si mesmo, como um espaço de proteção em relação aos conflitos e de garantir a construção do seu próprio “eu”.

As partilhas do pai culminaram num processo de identificação: “*então também te sentias muitas vezes triste como eu?*”. O pai respondeu afirmativamente e caracterizou a sua infância como muito solitária. Totalmente envolvida na história do pai, questionou-se se também sentia medo. O pai, surpreendido, devolveu-lhe a questão culminado numa reflexão sobre a altura do “*escuro*”. Explicou o pai o significado subjacente ao “*escuro*” e expressou o medo e a solidão que sentiu durante o tempo em que viveu com a mãe. Aproximando a sua cadeira da filha, devolveu-lhe que também ele se sentiu confuso e com medo pelos filhos, daí ter voltado para Portugal.

Pela primeira vez, pai e filha falaram abertamente sobre esta fase do ciclo vital familiar. Após um breve momento de silêncio o pai contou à filha o momento que mais o entristeceu na vida: quando estava emigrado e veio a primeira vez a Portugal, tinha a Daniela 2 anos, a filha não o reconheceu. A D. abraçou o pai recorrendo ao humor para aliviar a tensão: “*...mas eu agora sou muito espera, reconheço-te sempre pelo teu cabelo despenteado*”.

Terminámos a sessão com algumas questões sobre as quais refletir e o significado que estas duas sessões conjuntas tiverem para cada um. Esta sessão tornou-se num momento de recíproca partilha e compreensão que os aproximou através da descoberta de semelhanças,

mas também de diferenças que permitiram a descoberta de novos aspetos sobre o outro (Andolfi, 2013). Foi importante este espaço de partilha dos “*porquês*” do pai, considerado pela D. como um voto de confiança em si e vice-versa.

Sessão: 17^a

Data do atendimento: 18 de junho de 2015

Presença: D., a estagiária e a psicóloga Dra. Marta

O último encontro foi dedicado à passagem do caso para a Dra. Marta através da partilha, por parte da D., das atividades desenvolvidas e da realização do balanço do que foi conseguido durante o percurso. Procedeu-se à devolução das evoluções sentidas a partir da aplicação repetida do instrumento *Dupla Lua* e à exploração dos seus receios perante a saída da estagiária. A passagem do caso, revelou ser uma mudança muito complexa para a D. Os seus receios versaram sobre o estabelecimento de uma relação igualmente empática e ter que “começar tudo do início”. É reconhecido que a relação que é criada no espaço terapêutico é um dos principais instrumentos que permitem alcançar o crescimento e a mudança, senão o mais importante, pelo que a sua rutura é uma experiência dolorosa. É neste sentido que se tornou crucial para a D. ter este momento de transição e reflexão conjunta entre as três, para evitar o desenvolvimento de sentimentos de abandono e desesperança no futuro.